EMMA V. LEECH

DAMAS OUSADAS - LIVRO 1



DESAFIANDO UM DUQUE

Leabhar

DAMAS OUSADAS - LIVRO 1

DESAFIANDO UM DUQUE

EMMA V. LEECH

1ª Edição



Leabhar
Ribeirão Preto
2020

Direitos Autorais

Título original: The Scoundrel's Lover
The Notorious Flynns Livro 2
Copyright © Jesse Petersen, 2015
Copyright da tradução©2020 Leabhar Books Editora Ltda.

Editor: Tereza Rocca
Tradução: Hamireths Costa
Revisão: D. Marquezi
Diagramação: Jaime Silveira
Capa: Luis Cavichiolo

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
FICHA CARTOGRÁFICA

LE111lbe

Leech, Emma V.
Título: Desafiando um Duque (recurso eletrônico)
Tradução de: To Dare a Duke
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-990198-4-5

1. Romance histórico. 2.Série I. Costa, Hamireths. II. Título

CDD 82-32
80754 CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com
www.leabharbooks.com

Sumário

Direitos Autorais
Membros do Clube do Livro das Senhoritas Peculiares
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
Leia em Roubando Um Beijo
Sobre Autora
Próximo lançamento
Conheça outros Títulos da editora
Informações Leabhar Books®

Desafiando um Duque

Damas Ousadas - Livro 1

EMMA V. LEECH

Edição 1

Leabhar
Ribeirão Preto
2020

Membros do Clube do Livro das Senhoritas Peculiares PRUNELLA CHUFFINGTON-SMYTHE – Primeiro membro das Senhoritas Peculiares e secretamente Miss Terry, autora de "*A História Sombria de um Duque Maldito*".

ALICE DOWDING – Tímida demais para conversar com qualquer pessoa em público e, às vezes, insignificante demais para ser notada.

LUCIA DE FERIA – Uma beldade, estrangeira.

RUTH STONE – Herdeira e filha de um comerciante rico.

MATILDA HUNT – Loira e linda, e arruinada num escândalo do qual não tivera culpa.

BONNIE CAMPBELL – Franca demais e sempre em apuros.

JEMIMA FERNSIDE – Bonita e sem um tostão.

KITTY CONNOLLY – Quieta e vigilante, até que não esteja.

HARRIET STANHOPE – Séria, estudiosa, inteligente, puritana e usa óculos.

1

Minha querida Alice,

O fatídico dia da nossa partida se aproxima como uma nuvem negra no horizonte, soprando as rendas, os babados e a inanidade em nossa direção. Está tão infeliz quanto eu com essa perspectiva? Oh, Senhor, como vou tolerar? Agradeço aos céus por tê-las. Vamos suportar e sobreviver a mais uma temporada. A alta sociedade não vai nos esmagar. Nós vamos superar! Juntas.

- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe para a Srta. Alice Dowding.

1 de abril de 1814. Otford, Kent.

O Duque atravessou o salão de baile, alto e bonito, olhos escuros e perversos, com fúria enquanto todos à volta seguravam a respiração...

Prue olhou para os dedos manchados de tinta e franziu a testa. Algo estava faltando, alguma coisa... ela tamborilou a ponta da pena no queixo, os lábios contraídos.

Ah, sim.

O Duque ~~atravessou~~ epreitava o salão de baile, alto e bonito, olhos escuros e perversos, com fúria enquanto todos à volta seguravam a respiração...

Ela sorriu, satisfeita com a alteração. Um homem depravado e de coração frio como seu Duque certamente espreitaria. Isso fazia com que ela lembrasse das criaturas noturnas que perseguiam suas presas, seus dentes à mostra prontos para atacar. A excitação que atravessou seu corpo com a ideia era agradável e seus leitores certamente concordariam.

Prue deu um pulo quando uma batida forte na porta do quarto forçou o Duque perverso para fora de sua cabeça e a trouxe de volta para a realidade.

— Prue! Mamãe quer saber se já está pronta — o tom agudo da sua prima Minerva não escondia sua irritação de ter sido enviada para buscar Prue. Sem dúvida, ela estava se preparando para aquela noite desde o momento em que saiu da cama pela manhã.

Maldição.

— Er... sim — respondeu Prue, mentindo descaradamente. Ela olhou para cima, notando com o coração apertado que o céu tinha escurecido e que havia virado noite sem que ela percebesse.

— Bom, é melhor que esteja mesmo, partimos em quinze minutos.

Prue praguejou um pouco e se apressou para guardar as folhas de papel. Uma tábua solta no chão do quarto provara ser um esconderijo ideal para coisas que ela precisava manter em segredo e longe dos olhos intrometidos de Minerva. A jovem não gostava da companhia de Prunella e se divertia bastante causando seu agravamento. Prue suportava a presença de Minerva com a coragem de quem não tinha opção, mas não segurava a língua com a frequência que deveria. Nos momentos menos prudentes, as duas brigavam como cão e gato.

Muito apressada e com muita pouca habilidade, Prue passou uma escova pelos cabelos e o

prendeu num estilo mais casual do que a moda ditava, antes mesmo de tentar se enfiar dentro do vestido. Ela olhou em volta enquanto a criada, que fazia tudo, entrou correndo pela porta e revirou os olhos.

— Eu sabia — a mulher murmurou, puxando-a e se posicionando para prender as costas do vestido.

Prue respirou fundo e deu um sorriso carinhoso para a criada por cima do ombro. — Obrigada, Sally. Não sei o que eu faria sem você.

— A senhorita irritaria um pouco mais a sra. Butler, mais do que já irrita, como se já não fosse o suficiente — replicou Sally estridente enquanto balançava a cabeça em negativa sobre o estado do penteado de Prue. — Ela não vai gostar nada disso, eu posso garantir.

— Ora, e quem se importa? — Prue respondeu com um encolher de ombros. — Quanto pior eu parecer, mais a sua adorável Minerva poderá brilhar.

Sally fez uma careta. Prue arquejou antes de se inclinar para dar um beijo na bochecha da criada. Ela era uma mulher de rosto rosado com proporções generosas e um coração igualmente caloroso, que rapidamente se tornara a salvadora de Prue. Sally era uma aliada na batalha por sua sanidade.

Prue olhou ao redor em busca das suas luvas e praguejou baixinho, parecia ter um problema com elas, pois nunca estavam onde pensava tê-las deixado. A criada respirou fundo.

— Eu as encontrei na entrada perto do portão principal, para sua sorte as lavei, estão lá embaixo no corredor.

Prue mordeu o lábio e tentou parecer arrependida pelos seus pecados. Ela sabia que havia falhado. — É um anjo, sabe disso, não sabe?

Com um rolar de olhos, Sally a conduziu para fora do quarto.

— Tenha uma noite boa e tranquila sem nós na casa, Sally — disse Prue enquanto se dirigia para as escadas. — Não tem ideia do quanto a invejo — acrescentou em voz baixa.

— Ah sim? A senhorita pode polir a prata então, vou separá-las para a senhorita.

Prue deu uma gargalhada, sabendo que Sally não acreditaria nela se ela protestasse dizendo que de fato a sua noite seria melhor, mesmo se ela realmente pensasse que não.

Pelo menos a festa espalhafatosa estava sendo oferecida por Charles Adolphus, Barão Fitzwalter, que residia na casa grande e detinha uma posição de autoridade e respeito. O senhor já de idade era um homem bom, não era como as pessoas que povoavam o resto da pequena vila onde morava. Assim, era possível que eles talvez pudessem ter uma conversa interessante se ela conseguisse monopolizá-lo dos outros convidados. Por motivos conhecidos, apenas por ele, o Barão parecia gostar dela, apesar do seu constrangimento em situações sociais e de seu total desinteresse em melhorar esse constrangimento, como sua tia constantemente implorava para que fizesse.

Quanto mais cedo tia Phyllis desistisse da ideia de que ela se casasse e deixasse de ser um fardo para todos, melhor. Não que Prue fosse um fardo. A contribuição dela para a casa fazia uma diferença significativa para a tia viúva e sua filha única, Minerva, que estavam sempre flertando com o limite da já desgastada respeitabilidade refinada. Tia Phyllis não era sua tia de verdade, mas prima da sua falecida mãe, e chamá-la de tia Phyllis sempre pareceu ser mais fácil do que explicar os meandros de seu relacionamento para os outros.

A intenção de Prue sempre foi a de sair da casa da tia o quanto antes, mas ter que se casar para fazer isso não era parte dos seus planos. De forma alguma. Prue pretendia ser uma mulher independente, e ela estava a caminho de conquistar tal propósito. Se sua tia suspeitasse dos seus planos escandalosos e, pior ainda, como pretendia cumpri-los, provavelmente teria uma

apoplexia.

— Oh, aí está — disse a tia, emergindo da sala em meio a uma nuvem agressiva de perfume. — Honestamente, Prunella. É pedir muito que esteja pronta na hora marcada? Eu a acompanho nesses eventos com toda a bondade do meu coração mesmo tendo o futuro da minha própria filha para pensar. Seria difícil encontrar uma criatura mais ingrata do que você.

Como isso era inteiramente verdade, Prue abriu a boca para dizer alguma coisa que acalmasse os ânimos da tia, mas, em vez disso, deu um espirro violento.

A boca de Phyllis se comprimiu numa linha fina e seus olhos azuis desbotados se arregalaram em desespero quando a mão de Prue se levantou para cobrir a boca e o nariz.

— Veja o estado das suas mãos! — Ela exclamou. — O que estava fazendo e onde estão suas luvas?

Prue empalideceu e correu para cobrir os dedos manchados de tinta.

— Eu nem vou comentar sobre o estado do seu cabelo —, continuou tia Phyllis com uma fungada de desaprovação, embora depois contradissesse essa afirmação fazendo exatamente isso pelos próximos minutos, e em detalhes, enquanto se dirigiam para casa mais grandiosa da vila.

Era uma bela construção de tijolos vermelhos, tão sólida e impressionante quanto o próprio Barão, que também tinha o aspecto alinhado. Apesar da idade avançada, ainda era um homem grande, ele cumprimentou sua tia e Minerva com uma atenção graciosa, embora Prue estivesse ciente de que ele não as suportava. Os modos insinuantes de sua tia o irritavam, e ele suspeitava que Minerva não era muito melhor.

Era uma das razões pelas quais se davam tão bem.

— Ah, srta. Chuffington-Smythe — disse o Barão, virando-se para Prue com um sorriso largo. — Como está? Recuperada da sua recente crise de saúde, espero?

Os olhos do velho brilharam com uma alegria conspiratória, como se soubesse que ela andara contando mentiras. Ela lhe lançou um olhar, os olhos meio brilhantes e meio entretidos porque ele a descobrira. Era verdade: Prue havia declinado um jantar recente alegando estar de cama com uma enxaqueca terrível. Prue nunca havia sofrido uma enxaqueca em toda a sua vida, mas era sempre uma desculpa útil quando o próximo evento social no calendário lhe parecesse insustentável, ou quando o próximo capítulo de seu romance não pudesse esperar.

— Muito bem recuperada, obrigada — disse ela, dando-lhe um sorriso doce.

— E como está seu sobrinho, *o Duque*, milorde? — Perguntou sua tia, com um ar tão pessoal que qualquer observador casual poderia supor que ela conhecia o homem muito bem. O Barão, perfeitamente acostumado a essas táticas, respondeu com pouco mais do que um movimento de seus lábios, despercebido por todos, exceto por Prue.

— Desde a última vez que tive notícias, Sua Graça estava muito bem, senhora. Agradeço a gentileza da pergunta — ele voltou-se para Prue, estendendo o braço. — Srta. Chuffington-Smythe, pergunto-me se posso roubar-lhe por um minuto? Recentemente, adquiri uma cópia maravilhosa da *Variae Historiae* de Claudius Aelianus. É uma coleção intrigante de trechos e histórias de natureza moralizante, e eu gostaria da sua opinião. Sei que gosta de livros e tenho certeza de que apreciará a qualidade da encadernação.

Prue olhou para ele, tentando manter a expressão séria.

— De fato, milorde —, disse ela, o tom um pouco mais sério para que seu contentamento não fosse visível. — Ficaria muito contente em poder vê-lo.

— Não tenho certeza se é correto uma jovem se interessar por livros velhos e empoeirados, milorde —, disse tia Phyllis, antes que o Barão pudesse levar Prue à biblioteca que havia sido transformada num salão de jogos para entretenimento daquela noite. — Quero dizer, minha

Minerva nunca leu um livro em sua vida e olhe para ela.

Prue se engasgou quando o Barão olhou para a bela moça loira ao lado da sua tia. Minerva olhou para ele com o que Prue supôs ser uma expressão que poderia ser descrita como olhos docemente tímidos. Aos olhos de Prue, a verdade é que os sapatos pareciam estar machucando os pés dela, ela conhecia Minerva bem o suficiente para ser enganada.

— Bem, sim... de fato — disse o Barão, uma resposta evasiva que tia Phyllis parecia ter entendido como aprovação.

— Pronto, viu só Prunella? Até sua senhoria não aprova.

A expressão de Prue era algo entre um sorriso e uma careta, então decidiu que era melhor ficar de boca fechada. Ocasionalmente, ela pensava antes de falar. Era raro, mas ainda assim.

— Se nos derem licença, sra. Butler, srta. Butler.

Ela deu um suspiro de alívio quando o Barão a levou embora.

— Claudius Aelianus? — ela perguntou, olhando para sua companhia.

Ele encolheu os ombros impenitente. — Foi tudo que eu consegui pensar. Minha querida, como aguenta isso? Está além de qualquer coisa. Sabe que realmente precisamos casá-la imediatamente.

Prue soltou um som de desaprovação impaciente e balançou a cabeça. — Por favor, milorde, não comece novamente com esse caminho sem esperança. Minha tia é muito gentil, e sua vulgaridade deriva apenas de um desejo de ver a mim e Minerva bem estabelecidas. Quanto ao casamento, sabe muito bem que não tenho fortuna, nem beleza, nem talento para tarefas domésticas, além do mais não tenho nenhum interesse em me tornar a escrava de um homem — ela riu do suspiro pesado que o Barão deu com esse comentário e virou-se para ele com um tom impaciente, pois já haviam discutido sobre esse assunto diversas vezes. — Sendo adicionado a uma lista de pertences, a minha pessoa subsumida aos direitos do meu marido? Não, agradeço-lhe. Guardarei as chaves do meu destino como Cerberus guarda os portões do inferno.

O Barão olhou para ela com um olhar indulgente. — Uma metáfora bastante violenta, não acha?

Por um momento, Prue permitiu que seus pensamentos voltassem à infância, e o fantasma de um homem que deveria ser o protetor dela e da mãe. — Sim, é. Acho bastante adequada.

Ela sentiu o olhar do velho sobre ela e o evitou.

— Agora, então, qual é o assunto do momento? — Prue perguntou, mudando de assunto e afastando os fantasmas do passado, preparando-se para desfrutar de uma conversa confortável com sua fonte favorita de notícias e intrigas.

Após terem discutido sobre todos os assuntos da vila e quando estavam satisfeitos, o Barão se afastou para se misturar aos seus convidados. Prue encontrou um livro que ainda não havia lido – o Barão lhe dera carta branca para sua biblioteca há algum tempo – e se aconchegou em um canto silencioso da biblioteca. Ela mal tinha lido a primeira linha quando uma voz a chamou.

— Prunella?

Prue olhou para cima, surpresa por ter sido chamada com um entusiasmo tão óbvio.

— Oh, *é você*!

Uma jovem mulher correu em sua direção. Uma ruiva esbelta, tão frágil e delicada quanto uma boneca de porcelana.

— Alice! — Prue exclamou, e ficou de pé com tanta pressa que seu livro quase caiu no chão. Ela o pegou antes que ele pudesse cair sobre o tapete e depois se endireitou e encontrou Alice rindo dela.

— Eu deveria saber que a encontraria escondida num canto com um livro nas mãos — ela

disse, sorrindo com tanto carinho que ficava claro que não havia críticas nas suas palavras.

— Eu não estava me esCondendo — Prue replicou com uma fungada. — Eu só estava...

Ela parou quando Alice arqueou uma sobrancelha ruiva e elegante. — Ora, muito bem, sim. Eu estava me esCondendo, mas sinceramente Alice, o que mais há para se fazer?

— Evitar minha mãe? — a jovem sugeriu com um brilho nos olhos.

Prue arquejou e alcançou o braço da amiga. — Ah, isso é óbvio, mas me diga, por que está aqui? Eu não sabia que viria.

— Nem eu — respondeu Alice quando Prue largou o livro e elas saíram para dar uma volta pela casa. — Meu tio mora em Dunton Green e a esposa dele ficou doente. Mamãe me trouxe para ajudar com as crianças por alguns dias até que ela se sinta melhor. Foi tudo coisa de último minuto, portanto não tive tempo de escrever para te contar.

— Mas, se esse é o caso, por que está aqui hoje?

Alice revirou os olhos, sacudindo desesperadamente a cabeça. — Mamãe fez um estardalhaço para o meu tio sobre a dificuldade de me casar adequadamente, e ele teve pena dela. Estou aqui com amigos da família, eles têm um filho... — ela fez uma careta.

— Oh, Senhor — disse Prue, com sincera simpatia. — Ele é horrível?

— Dentes tortos, mau hálito e é gago — disse Alice num suspiro só. — Quero dizer, de verdade, eu tento não ser muito exigente, mas...

— Mas?

— Mas tem alguma coisa nele, Prue — disse Alice, abaixando a voz — ele... ele é muito atencioso, mas ele me... — Alice estremeceu e Prue agarrou sua mão.

— O quê?

— Ele me assusta um pouco.

— Por Deus, Alice — Prue exclamou, virando-se para encará-la horrorizada — existe o exigente e existe o... — Era sua vez de ficar sem palavras, sem saber o que poderia induzir a amiga a considerar a ideia nem que fosse por um momento. A ideia da adorável Alice casada com um homem que pode ser só um pouco parecido como seu pai, a fez fechar os olhos. — Não pode estar considerando uma união dessas, Alice, sinceramente. Não pode se casar com um homem que a assusta. Não é como se precisasse de dinheiro ou estivesse correndo risco de pobreza. Certamente, não está tão desesperada para sair das garras da sua mãe, está?

— Não tão desesperada — Alice concordou, parecendo completamente desesperada.

Prue suspirou. — Ora, bem. A temporada está quase começando e poderá procurar o marido de acordo com o seu coração.

Alice olhou para ela. — Ah, sim, porque eu fiz muito sucesso na última temporada.

— Foi seu primeiro ano — disse Prue com uma arquejada. — Tem um pouco mais de experiência agora, sabe o que esperar, então nada mais será um choque ou novidade.

Seus olhos se encontraram e ambas deram um suspiro pesado. Sim. Elas de fato sabiam o que as esperava, e Prue sabia muito bem o que Alice temia tanto quanto ela.

2

Querida Prunella,

Oh céus. Não são apenas os dentes tortos, o mau hálito e a gagueira. Ele acha que as mulheres não deveriam ler para que não tenham opiniões. Eu tive a briga mais terrível com mamãe por causa disso, ela concorda bastante com ele. Infelizmente, ele é obscenamente rico e é o filho mais novo de um Conde, o que é naturalmente a única coisa com a qual ela se importa. Eu não vou fazer isso, Prue. Não vou. Ainda temos mais uma temporada. Eu não vou desistir. Ainda não.

- Trecho de uma carta da Srta. Alice Dowding para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

5 de abril de 1814. Otford, Kent.

Prue pegou outra linguiça e ignorou a cara de nojo de Minerva. Sua prima havia passado os últimos dez minutos mordiscando um pedaço de torrada como um passarinho delicado. Bem, se ela queria morrer de fome para parecer frágil e esbelta, era um problema inteiramente dela. Prue não conseguia pensar com o estômago vazio, e como muitas vezes se esquecia de almoçar quando as palavras fluíam bem, um café da manhã completo era uma necessidade.

— Oh, olhe para esta aqui — exclamou a tia, virando o último exemplar da The Lady's Weekly para mostrar para Minerva uma das estampas da moda. — Não é linda?

Minerva deixou a torrada cair com um pequeno grito de alegria e Prue revirou os olhos.

— A renda sozinha parece custar uma fortuna — observou Prue, ciente do pouco dinheiro da tia e da sua propensão em desperdiçá-lo com itens inúteis que mal podiam pagar.

— Não estava perguntando — retrucou a tia, olhando por baixo do chapéu extravagante de renda que comprara no dia anterior e que provava o seu ponto de vista.

Ainda assim, sua tia estava certa. Não era problema dela. Uma vez que tivesse dinheiro suficiente guardado, e, se tudo desse certo, uma comissão para escrever outro romance, ela estaria livre para ir embora. Se fosse cuidadosa, calculava que estaria segura para partir até o fim do ano. A imagem de uma pequena cabana preencheu sua mente, um lugar próximo das suas amigas onde ela pudesse visitá-las com frequência. Ora, elas poderiam até mesmo ficar com ela.

Essa ideia era mais do que um pouco problemática, pois uma mulher que morasse sozinha causaria um escândalo. Prue esperava convencer uma ou mais amigas a se juntarem a ela para benefício mútuo e para diminuir os custos, mas sabia que isso seria pedir muito. Poucas mulheres aceitariam tal situação. Ela, no entanto, era uma delas. Faria qualquer coisa por sua liberdade, sua independência. A ideia a fez sorrir, mas suprimiu o sorriso assim que notou que Minerva a observava.

— Por que está parecendo estar tão satisfeita consigo mesma? — Sua prima perguntou. — Eu sei que me acha boba, mas preciso de vestidos novos para a temporada, sabe que eu preciso. Não deixarei que me impeça de comprá-los, não desta vez.

Prue apertou os lábios e segurou a resposta que estava se formando ali. Isso apenas causaria uma briga que retardaria sua ida para o quarto de volta para o Duque de Bedsin. Se Phyllis tinha o cérebro do tamanho de uma ervilha a ponto de colocá-las em dívida, por que ela deveria se

importar? No entanto, apesar da sua impaciência com as duas criaturas frívolas, sua tia a tinha acolhido quando mais ninguém o fez. Prue devia muito a ela por isso. Era grata e tentava ajudar como podia.

— Não faço isso para estragar sua diversão, Minerva — ela disse, tentando seu melhor para parecer razoável, em vez de irritada. — Apenas quero garantir que tenhamos o suficiente para pagar o aluguel e colocar comida na mesa. Todas nós temos fundos limitados e deveria saber que um vestido assim precisaria de cada centavo que sua mãe economizou e muito mais, o que não é viável.

O temperamento de Minerva entrou em erupção com um flash de fúria e ela se levantou, sua cadeira tombando para trás com um estrondo. — Está com ciúmes, só isso! Talvez eu não seja tão esperta quanto você, mas vou conseguir um Duque, sua velha e miserável Prune — ela disse, usando o apelido infantil com o qual selara Prue anos atrás. — Então, não importa quanto gastamos porque quando eu fisgar um, ele pagará por tudo. Ele vai implorar para fazer isso.

Prue olhou para ela e depois se virou para a tia, esperando que ela reprimisse os devaneios idiotas da filha, mas Phyllis apenas deu uma risadinha nervosa.

— Oh, Min, querida. Dissemos que não falaríamos disso com ninguém, não é?

Minerva arquejou de desgosto. — É apenas Prune, não é como se ela fosse alguém importante. Além disso, ela saberá em breve.

Prue piscou, imaginando que tipo de loucura as possuíra dessa vez. Ela sempre esteve ciente de que Phyllis tinha esperanças de que sua adorável filha fisgasse um título, e ela era adorável – mas não tinha um tostão e nem conexões – mas um Duque?

Um calafrio desagradável percorreu sua espinha e ela se virou para encarar Minerva.

— Qual Duque? — ela exigiu.

Minerva endireitou a cadeira fazendo um espetáculo para alisar as saias e sentou-se novamente, um pequeno sorriso repousando sobre sua boca em forma de arco.

— O Duque de Bedwin.

Prue ofegou e olhou para Phyllis, que teve a graça de corar um pouco e não olhar nos olhos de dela.

— Teria ouvido a notícia se não tivesse passado a noite inteira sentada num canto com o nariz enfiado num livro — continuou Minerva, voltando a atenção para Prue, sua voz doce, mas cheia de arsênico. — Sua Graça está à procura de uma nova Duquesa.

A ideia era terrível o suficiente para deixar Prue boquiaberta. Seu olhar voou mais uma vez para sua tia.

— Não pode estar falando sério! Gostaria que Minerva se casasse com... com um homem assim?

Tia Phyllis levantou o queixo. — Ele é um Duque.

Como se essa fosse toda a resposta necessária.

— Tia Phyllis — continuou Prue com o coração batendo forte no peito. — A senhora conhece os rumores tão bem quanto eu. Ele é um libertino, um depravado! Meu Deus, dizem que ele matou a própria esposa!

Phyllis fez um movimento com a mão, afastando a discussão. — Pelo amor de Deus, Prunella, você mesma disse que não deveríamos dar atenção a essas histórias escandalosas. Me disse isso — ela acrescentou balançando um dedo.

Prue assentiu, incapaz de negar. Apesar de todas as histórias que circulavam sobre Sua Graça, ela não acreditava na da morte prematura da esposa. No entanto, a sociedade havia circulado amplamente histórias o suficiente de que ele era um libertino e canalha, e elas eram um

conhecimento tão comum que tinha que haver alguma verdade nelas. De fato, qualquer pessoa que vislumbrasse o homem teria dificuldade em não ter a mesma conclusão sem sequer tê-las ouvido antes.

Prue engoliu um suspiro ao se lembrar da última vez que o viu. Ele parecia um pecado numa noite sem luar, todo misterioso e ameaçador e cheio de prazeres invisíveis.

— No entanto, tia, ele pode arruinar Minerva e, mesmo que esteja procurando por uma esposa, certamente escolheria...

— Eu disse que ela ficaria com ciúme — disse Minerva à mãe antes que Prue pudesse terminar a frase. — Está com ciúme, Prue, porque é feia, chata e sem graça, e nenhum homem jamais vai querê-la.

A garganta de Prue deu um nó por causa daquelas palavras, o que era uma tolice. Ela já deveria estar acostumada com essas explosões de sua prima e, além disso, sabia que tudo que dissera era verdade. Feia pode ter sido um pouco demais, mas ela realmente não podia negar isso, e embora não se considerasse chata ou sem graça, também não podia fingir que sentia prazer nas coisas nas quais a maioria das jovens pareciam se interessar.

— Ora, ora, Minerva, chega — disse tia Phyllis, franzindo a testa um pouco. — Isso foi desnecessário.

— Não — disse Prue, seu sorriso era forçado, mas não fazia sentido fingir o contrário sobre coisas que eram verdadeiras. — Minerva está certa, e é por isso que não tenho intenção de me casar.

As duas mulheres ficaram boquiabertas com a declaração.

— Bem, não pense que vai viver da minha caridade pelo resto da sua vida — retrucou Phyllis, parecendo ofendida.

— Eu não vivo dela agora — Prue apontou secamente. — Eu pago pelo meu quarto e pela moradia, e nunca pedi um centavo para minha manutenção.

O rosto da tia Phyllis ensombreceu e Prue respirou fundo. — Não dou palpites sobre como gasta seu dinheiro ou quais planos faz para seu futuro. É inteiramente da sua conta e não da minha. Se Bedwin é o que quer, desejo todo o sucesso com ele.

Minerva devolveu um sorriso deslumbrante e um pouco irritante. — Ora, não se preocupe, Prune. Serei Duquesa antes do final do ano, e assegurarei que Sua Graça encontre um chalé em algum lugar para você. Poderia criar gatos — ela acrescentou, e embora tivesse conseguido reprimir um sorriso malicioso, Prue podia ouvi-lo alto e claro.

— Sim, isso parece ideal — respondeu Prue, entretida por Minerva achar esse um destino assustador. A expressão da jovem vacilou um pouco, um olhar curioso em seus olhos quando Prue se levantou. — Se me derem licença.

— Maldição!

Robert Adolphus, o Duque de Bedwin, jogou de lado com fúria o último exemplar da The Lady's Weekly. Helena, sua irmã, apenas sorriu e encolheu os ombros enquanto passava geleia na torrada.

— Eu sei que é horrível — ela disse com a voz cheia de simpatia. — Mas também é muito bom.

Robert se virou para encará-la e ela corou, dando-lhe um sorriso sentido. — Bem, é sim e sabe. Quero dizer, se alguém deve ser considerado um vilão, é melhor ser do tipo que faz as mulheres desmaiarem e desejarem ser defloradas...

— Helena!

Como sua irmã de dezoito anos sabia tal palavra. Santo Deus, ele era um péssimo irmão. A terrível criatura deu uma gargalhada impenitente. — Bem, sério, Robert. Fez muito pouco para desiludir as pessoas dessa noção. Muito pelo contrário, não posso deixar de pensar, na verdade, gosta dessa reputação terrível.

Robert lançou um olhar sombrio em sua direção que sugeria que ela fechasse a boca. Tão aterradora quanto sua reputação pudesse estar diante da alta sociedade, no entanto, sua irmãzinha não estava nem um pouco impressionada.

— Oh, por favor. Olhe feio o quanto quiser, em parte tudo isso é sua própria culpa e sabe disso.

Ele cruzou os braços, fervendo, pois sabia que havia verdade nas palavras dela. Ela estendeu a mão e deu um tapinha no braço dele para acalmar seu temperamento espinhoso.

— Eu sei que Lavínia fez uma bagunça terrível, querido, e eu sei que isso o assombra, mas mais cedo ou mais tarde terá que recomeçar. Está na hora, não acha? Já existem rumores de que está em busca de uma esposa. Por que não os torna verdadeiros?

Robert não disse nada. Sua irmã era madura demais para sua idade, principalmente por causa das suas ações idiotas quando mais novo. Ele sabia que ela sofrera com o comportamento dele, não que ela já tivesse reclamado. O fato de ela ter lhe dado bons conselhos agora era ruim o bastante. Ele deveria tê-la protegido, mas, no entanto, tudo o que fez foi transformar tudo em um buraco negro.

Maldição.

O dia começara mal. Ele estava de mau humor e não queria ser razoável sobre nada naquele momento. Se ele não detestasse passar o dia sem fazer nada, voltaria para a cama e acabaria logo com isso. No entanto, isso seria improdutivo e era, pelo menos, uma manhã gloriosa de primavera. Ele só teria que encontrar algo para fazer que tirasse essas coisas da sua cabeça.

— Escreverei para eles — disse ele, animando-se com a ideia. — Direi que irei processá-los se não tirarem essa história de circulação.

Helena deu uma arquejada impaciente. — Honestamente, Robert, pode muito bem admitir que o Duque de Bedsin é você e levantar as mãos assumindo a responsabilidade. É o que todo mundo já está pensando.

— Então, eu devo simplesmente deixar que esse autor anônimo lunático destrua meu caráter e escreva tamanho... absurdo sem noção?

Sua irmã deu de ombros e deu outra mordida na torrada, mastigando com o ar de alguém que tinha algo a dizer. — Se não quiser que as coisas piorem, sim — ela disse pegando seu chá. — Isso tudo só vai durar até aparecer outra pessoa que se torne o centro das atenções, então todos vão te esquecer. A menos que cause um escândalo maior, assim levará anos para os boatos serem esquecidos e todos vão acreditar que realmente está esCondendo alguma coisa.

— Todo mundo já pensa isso agora! — Ele ficou furioso, frustrado com sua incapacidade de agir.

Helena sorriu, seus olhos verdes, da mesma tonalidade que os dele e da mãe, calorosos cheios de amor. — Não, eles não pensam, nem todos. Não são as pessoas que importam. Se alguma coisa boa veio de todo esse caso desastroso, foi que pelo menos descobrimos quem são nossos amigos de verdade.

Robert arfou. — Ah, sim, isso foi maravilhoso — ele disse ironicamente. Ele pegou o periódico novamente, e o balançou no rosto da irmã. — Eu não me importaria tanto se não fosse tão absurdo. Escute isso...

Ele pigarreou e abriu na página ofensiva.

—Lydia tremeu na escuridão quando percebeu que fora enganada. Ela nunca deveria ter vindo, nunca deveria ter escapado do baile e das luzes em busca das sombras. Ela nunca deveria ter sido tentada pela noite de veludo, suave e quente com a promessa, mas agora não tinha como voltar atrás. Ele estava lá diante dela, cheio de maldade e prazer sombrio. Ela perdera o fôlego.

Robert deu um olhar de "*eu não disse*" para a sua irmã, mas nos olhos dela encontrou nada além de uma concentração extasiada. — Ora, pelo amor de Deus. É uma porcaria completa!

Helena deu um suspiro pesado, sorrindo um pouco.

— Eu acho romântico.

— Romântico? — Robert balbuciou, lançando um olhar horrorizado. — O maldito homem está destinado a arruinar uma moça inocente e, sem dúvida, matá-la também se eles seguirem a história até sua conclusão lógica. Em que mundo perverso pode acreditar que isso é romântico? E — ele acrescentou completamente inquieto — está proibida de sair desta casa! Só Deus sabe o que posso descobrir sobre você. Romântico, de fato!

Helena retornou um olhar ameaçador. — Eu gostaria de vê-lo tentar!

— E — continuou Robert, irritado demais para parar — isso deveria ser sobre mim. Eu sou seu irmão, pelo amor de Deus!

— O que é uma pena — murmurou Helena antes de dar uma bufada emburrecida quando ele a encarou. — Ora, pelo amor de Deus, Robert. A alta sociedade pode achar que é o Duque de Bedsin, mas eu sei que não é. Posso garantir que meu vilão não se parece nem um pouco contigo — acrescentou com um sorriso sonhador.

— Quão terrivelmente tranquilizador.

Ela sorriu para ele e Robert suspirou, alcançando sua mão.

— Desculpe — ele se desculpou, sentindo-se um idiota. Helena era sua aliada mais firme e ela não se divertia. Sua primeira esposa, Lavínia, tinha manchado sua reputação, assim como a dele, e Helena era totalmente inocente de uma maneira que ele não era. Para coroar toda sua aparição em sociedade fora adiada pela morte da mãe deles, cuja presença amável e amorosa ambos sentiam muita falta.

Pelo menos ela havia parado de usar o preto do período de luto e agora estava em meio luto, e o lavanda pálido que usava hoje a deixava com uma aparência encantadora.

— Idiota — ela disse, dando-lhe um sorriso doce enquanto seus olhos brilhavam de alegria. Ela gostava de insultá-lo. Ele arquejou e tentou puxar o periódico da sua mão, mas, para sua surpresa, ela continuou segurando firme. — Mas agora, sério, Robert. É hora de deixar o passado para trás. Começar de novo. Precisa voltar a frequentar a sociedade, deixar que eles vejam que não é o monstro que eles pintaram.

Robert hesitou. — E se eu for?

Helena apertou a mão dele com mais força. — Nisso, eu nunca vou acreditar. Permitiu que a escuridão da vida o engolisse por um tempo, só isso, mas me prometeu que aquela parte da sua vida acabou, e eu acredito em você.

Ele franziu o cenho, olhando para a mesa, sem vontade de encontrar os olhos dela. Deus, ele era um desgraçado por tê-la colocado nisso.

— Deve voltar para lá, Robert, e deve conhecer pessoas, fazer amigos e... se apaixonar.

Robert deu um salto e puxou sua mão. — Isso é o que acontece quando se lê tanta besteira — ele disse revoltado com a ideia. — Como se eu fosse passar por isso de novo depois da bagunça

que fiz da primeira vez?

Sua irmã suspirou, sua expressão cheia de pena e pronta para confortá-lo. — Eu sei que está com medo, mas...

— Medo? — ele rosnou. — Não, Helena. Não tenho medo. Eu fui educado, tutorado pelo melhor professor que eu poderia ter. Aconteceu exatamente como papai disse que poderia acontecer, mas fui um idiota por não ter dado ouvidos a ele. O amor não é para gente como nós. Além do mais, eu não quero!

— Isso é mentira, Robert — ela respondeu, sua voz suave e cheia de pesar. —Todos nós queremos ser amados.

— Não eu — ele disse com firmeza, sua expressão dura e implacável. — É a última maldita coisa que eu quero no mundo. Eu não vou aceitar isso. A preço nenhum.

O silêncio pairou entre eles por um bom momento, mas sua irmã era muito persistente. — E o título?

Ele se virou e deu-lhe um olhar medido, forçando seu temperamento a se acalmar, sabendo que ela, de todas as pessoas, não merecia receber a explosão escaldante da sua frustração e fúria. — Vou garantir o título. Assim como papai queria, como é esperado de mim.

— Então irá se casar — ela afirmou, sorrindo um pouco.

— Sim — ele concordou. — Eu devo. Eu já disse que vou procurar uma esposa, não disse?

Ela segurou o olhar dele, sem piscar. Ele deixou que ela olhasse, desejando que pudesse ver a extensão do dano causado por alguém que ele pensara ter amado. Se Helena pudesse apenas ver, nunca mais lhe diria aquelas coisas.

— E não vai se importar com ela, Robert? Ela não vai compartilhar da sua vida?

— Papai e mamãe compartilharam a vida um do outro? — ele perguntou contundente.

— Eles gostavam um do outro, pelo menos — ela respondeu, apesar de não olhar para ele.

Ela não era boba. Certamente sabia que o amor era um conto de fadas, uma mentira contada para enganar as pessoas para que elas fizessem coisas tolas. No entanto, se fosse real, se fosse algo possível, ele gostaria que ela encontrasse o amor. De todas as pessoas, ela merecia, era digna dele.

— Bom, talvez eu encontre alguém de quem eu goste também.

Helena franziu a testa, seu rosto pronto para sorrir, aberto demais e honesto para o seu próprio bem. — Isso será suficiente? Isso vai fazê-lo feliz?

Robert arfou e balançou a cabeça. — Não tente consertar o que está quebrado, minha querida. Está além do reparo, o dano já está causado. Não viso a felicidade, mas serei feliz o suficiente, e minha Duquesa também, prometo. Ela terá tudo o que poderia desejar.

O olhar da sua irmã era inabalável, enervante.

— Exceto você — ela disse tristemente.

Robert se levantou, não queria continuar explorando aquela conversa. O que estava feito, estava feito, não tinha como desfazer nem voltar atrás. Mas Helena estava certa sobre uma coisa. Era hora de seguir em frente, e era exatamente isso que ele iria fazer.

3

E então começou...
Coragem, querida.
- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe para a Srta. Alice Dowding.

9 de abril de 1814. Otford, Kent.

Robert sorriu com o choque no rosto de seu tio quando o mordomo o acompanhou até seu escritório.

— Robert!

— Olá, tio Charles — ele cumprimentou. — Me parece bem.

O homem bufou e retornou um olhar sombrio. — Se por bem quer dizer velho e gordo, sim, sobrinho, eu terei que concordar.

— Bobagem — respondeu Robert. — O senhor ainda possui uma bela figura. Espero parecer tão bem quanto o senhor quando alcançar a sua idade.

— Quanta tolice — respondeu Charles com um sorriso, embora parecesse satisfeito o suficiente por aquelas palavras. — Bem, e o que o traz por essas partes? Não há nada errado, espero? — Ele perguntou, ficando sério e ao mesmo tempo sentando-se um pouco mais reto.

— Não, não, senhor, nada disso — disse Robert, sorrindo. — Vim pedir alguns conselhos.

— Mesmo? — Charles franziu a testa, sua expressão tão cética que Robert não pôde deixar de rir.

— Isso é tão difícil de acreditar?

Seu tio retornou com um olhar que o teria deixado tremendo se fosse mais jovem. Como era, ainda o fazia sentir como se tivesse oito anos de idade e acabado de ser pego roubando tortas na cozinha.

— Bem, é verdade — ele disse defensivamente, sabendo que nunca havia ouvido o conselho de seu tio antes. Tolo.

Contudo, seu tio sorriu, pois era impossível ficar irritado com ele. Robert sentiu uma onda de carinho. Seu próprio pai fora do tipo decente o suficiente, embora um pouco remoto, mas seu tio fora quem o mimara e fizera mais drama. Charles o ensinara a cavalgar e a atirar, e se orgulhava de suas realizações, as quais seu pai simplesmente aceitava como devidas. Para seu pai, Robert era o herdeiro de um ducado, e nada menos que excelência era considerado um fracasso. No entanto, nunca fora espancado ou maltratado, e ocasionalmente, seu pai se prestava a dizer que estava orgulhoso dele. Comparado a muitos outros pais, ele tivera sorte.

— Bem, estou lisonjeado — disse Charles cruzando os braços e encarando Robert com afeto. — Então, o que pode ser tão delicado para que se sinta obrigado a me ver pessoalmente?

Robert respirou fundo, repentinamente relutante em dizer o motivo em voz alta, mas não tinha como escapar.

— Eu pretendo me casar.

Por um momento, seu tio olhou para ele surpreso, depois soltou um suspiro e sorriu. — Fico feliz em ouvir isso. Eu ouvi os rumores ultimamente, é claro, mas devo admitir que temi que....

mas não se preocupe — ele acrescentou, deixando de lado o que quer que ele queria dizer. — Que notícia maravilhosa! Devemos comemorar.

Ele se levantou rapidamente e pegou a licoreira para servir ambos com uma dose generosa.

— Agora, meu jovem — ele disse sorrindo para Robert enquanto lhe entregava uma taça. — Quem é a sortuda?

Robert pigarreou, um pouco desconfortável enquanto retornava um sorriso pesaroso. — Eu... er, eu ainda não sei. Eu esperava que pudesse me ajudar a escolher alguém.

Charles ficou boquiaberto, a taça suspensa a meio caminho da boca.

— Olha — começou Robert, decidindo que era melhor ser franco —, não vou negar que estraguei tudo na primeira vez, e todos pagamos o preço por isso. Eu não o escutei, nem a meu pai, ou... ou ninguém — disse ele, desejando que aquela humilhação dissipasse com o passar do tempo e tendo certeza de que nunca iria.

— Estava apaixonado — disse Charles tristemente, dando-lhe um sorriso.

Robert bufou de desgosto. — Essa é a palavra correta para o que foi — disse ele sombriamente. — De qualquer forma, não tenho intenção de cometer o mesmo erro duas vezes. Preciso de uma Duquesa, uma jovem sensata, sem noções românticas sobre nossa união. Eu preciso de um herdeiro. Além disso, ela estará livre para viver sua própria vida. Tudo o que quero é alguém que fique longe dos holofotes, alguém que desfrute de uma vida tranquila no campo com qualquer criança que possamos ter. Uma mulher que não anseie por emoção e notoriedade ou pela alta sociedade em grande escala. Desta vez, não vou permitir que nosso nome seja arrastado pela lama, tio.

Ele observou o tio franzir a testa e encarar a bebida, girando o líquido âmbar dentro da taça.

— Bem? — Robert perguntou quando o homem não demonstrou nenhum sinal de resposta. — Não é pedir muito, é? Não estou pedindo por uma beldade, na verdade, ficaria muito satisfeito se ela não fosse. Desejo apenas uma jovem comum de boa educação que esteja disposta a ser minha esposa e mãe do futuro Duque, e que não cause escândalo toda vez que colocar os pés para fora de casa.

Charles mordeu o lábio, sua expressão pensativa. Robert sentou-se à frente da sua cadeira.

— Tem alguém em mente?

— Talvez — admitiu seu tio, embora sua expressão fosse séria. — Na verdade, acho... — ele se virou e olhou para Robert, um leve sorriso puxando o canto da boca — sim. Eu acho que ela combina contigo.

— Sim? — Robert perguntou. Algo no tom de seu tio o enervou um pouco. — Tem certeza?

Charles sorriu e deu um aceno decisivo. — Eu acho que ela é perfeita — disse, parecendo tão certo que Robert sentiu um peso sair dos seus ombros.

— Excelente. Ela é local? Podemos visitá-la amanhã? Eu preferiria ajeitar as coisas o mais rápido possível.

Charles olhou para ele horrorizado. — Santo Deus, não espera conhecê-la um dia e propor casamento no outro, não é?

Robert deu de ombros. Ele esperava conhecê-la e propor casamento o mais rápido possível, se não antes. Qual era a importância? Ele só precisava acabar logo com isso.

— Não, não — disse seu tio, sua expressão desaprovadora. — Além disso, não é tão fácil.

— Por que não? — Perguntou Robert. Charles suspirou e levantou uma sobrancelha.

— Para começar, Duque ou não, sua reputação faria qualquer moça sensata parar e pensar antes de mais nada.

Robert corou, incapaz de negar aquilo. Qualquer moça sensata correria quilômetros na direção

oposta. — Eu sei disso — disse ele, conciso. — Foi por isso que vim até o senhor. Imaginei que, se conhecesse a moça, se ela confiasse na sua opinião, poderia falar com ela. Explicar.

— Bem, é claro que vou falar com ela — respondeu Charles impaciente. — Se eu contar para ela a verdade sobre seu caráter, acho que ela acreditará em mim, mesmo que seja minha palavra contra anos de boatos e especulações, mas não acredito que esse seja o maior problema.

— Bem, o que é então? — Robert exigiu espinhosamente. Por Deus, ele sabia que não estava oferecendo um amor verdadeiro, nem nada ao menos romântico, mas ele era um Duque pelo amor de Deus, certamente isso contava como alguma coisa?

— Só que a moça professou um desejo de nunca se casar. Ela pretende manter sua independência e não tem intenção de pertencer a nenhum homem.

Robert piscou. — O quê?

— Ela não quer ser propriedade sua ou de nenhum homem, Robert.

Robert lançou as mãos para o alto. — Bem, ela será minha Duquesa, pelo amor de Deus. Acabei de dizer que ela pode viver independentemente de mim. De fato, seria uma parte inegociável do acordo.

Charles assentiu, sua expressão séria, embora houvesse algo em seus olhos que Robert não conseguia interpretar. — Precisamente. Nesse caso, deve apresentar um argumento irresistível para a sua futura, er... companheira.

— Hmmm — disse Robert, desejando poder apontar o que quer que fosse que estivesse deixando escapar.

— Maravilha — disse Charles, sorrindo para ele.

— Maravilha — ele concordou, esperando que realmente fosse. Ainda assim, seu tio não podia fazer um estrago maior do que ele próprio fez na primeira vez. Devia ter fé. — Então, podemos visitá-la amanhã?

Para sua frustração, Charles balançou a cabeça em negativa. — Elas partiram esta manhã para Londres.

Robert rangeu os dentes. Ele esperava ter tudo muito bem arranjado para poder evitar completamente o ambiente social.

— Muito bem, agora, Robert. Está na hora de mostrar seu rosto na sociedade novamente. Precisa encarar as fofocas e mostrar que estão todas equivocadas, não concorda?

Ele reprimiu o desejo de arquejar. A sociedade podia estar equivocada uma vez ou outra, mas ele há muito tempo decidiu que poderia ser retratado como um lobo em pele de cordeiro e viver de acordo com sua reputação sombria. Seu tio considerou sua expressão sardônica como uma resposta menos do que entusiasta.

— Não foi uma sugestão, Robert. Se você quiser minha ajuda nesse assunto, ouvirá os meus conselhos. Caso contrário, lavarei minhas mãos de todo o caso. Está na hora de você voltar à sociedade e parar de se comportar como uma ovelha negra. É um Bedwin, pelo amor de Deus. Isso deve valer alguma coisa.

Robert soltou um suspiro carrancudo, mas sabendo que tinha pouca escolha, a menos que quisesse passar as próximas semanas procurando uma noiva em potencial. A ideia o encheu de horror.

— Muito bem. Mandarei mensagem para que a casa esteja pronta.

Charles esfregou as mãos, parecendo bem satisfeito consigo mesmo. — Excelente, excelente. Suponho que Helena vá debutar este ano?

Robert assentiu. — Sim. Ela vai sair do luto na próxima semana e vai para a cidade ainda este mês, embora tia Agatha a esteja acompanhando. Eu não sou um acompanhante exatamente

adequado. Na verdade, pretendo me manter discreto para distanciar minha reputação da dela.

Seu tio bufou, indicando que para tal esforço uma distância um pouco maior que toda a Inglaterra, Escócia e País de Gales seria necessária. Por mais deprimente que fosse reconhecer, Robert não podia refutá-lo.

Charles se levantou e caminhou até ele, carregando a licoreira para preencher suas taças. — Um brinde então, Robert? Para que você e sua irmã sejam fisgados com sucesso.

Robert olhou com raiva para a taça, tentando encontrar algum entusiasmo naquela ideia.

— Como diz, tio — disse ele, forçando os lábios a se curvarem num sorriso, em vez de fazer uma careta. — Como diz.

12 de abril de 1814. Londres. Baile do Conde e da Condessa March.

Prue se mexeu na cadeira, tentando encontrar uma posição mais confortável sobre a madeira áspera. Já que aquela fileira de cadeiras num canto discreto do salão fora reservada para as acanhadas, achava que talvez o organizador poderia ter lhes dado algo um pouco mais confortável. Afinal, elas provavelmente ficariam sentadas imóveis a maior parte da noite, o que já era tortura suficiente, era totalmente desnecessário ficar se esfregando.

— Não consegue vê-lo, consegue?

Prue esticou o pescoço, vasculhando a multidão em busca de um certo filho de um Conde, gago e com dentes tortos. — Não — ela disse, voltando-se para sorrir para Alice. — Acredito que esteja segura no momento.

Alice suspirou, mas não parecia muito mais feliz. Bonnie Campbell, sentada à esquerda de Prue, inclinou-se para a frente e sorriu para ela.

— Aponte-o para mim — pediu para Alice, os olhos brilhando com diversão. — Podemos comparar se ele é mais repulsivo do que meu primo Gordon.

As duas moças se viraram para encarar Bonnie. Ela era tutelada do Conde de Morven, um escocês mau humorado que queria se livrar da sua dependente o mais rápido possível. Ele ameaçara casá-la com seu primo Gordon Anderson se ela não achasse um casamento. A cada ano, as descrições de Bonnie sobre Gordon se tornavam cada vez mais desagradáveis.

— Ele é tão horrível assim? — Alice perguntou franzindo o nariz.

Bonnie assentiu, sua expressão ficando sombria. — Pior — ela murmurou, chutando a perna da cadeira. — E o maldito Morven me disse que esta é minha última chance. Ou encontro um casamento este ano, ou vou me casar com o Gordon maldito Anderson e será o fim da minha vida.

Prue e Alice a encararam, ambas impressionadas e um pouco horrorizadas com a facilidade com que ela maldizia as coisas e as pessoas.

— Bem, nunca se sabe, pode encontrar um bom partido esse ano. A temporada está apenas começando.

As três jovens se viraram para olhar para quem havia falado.

À primeira vista, Matilda Hunt não parecia se encaixar entre as abandonadas acanhadas De fato, a descrição não poderia ter sido menos apropriada. Matilda era uma beldade loira, provavelmente a mulher mais bonita do baile, mas estava manchada por um escândalo, apelidada de A Caçadora, e, portanto, encontrara seu lugar entre as indesejadas e não casáveis. Ela se adaptou ao papel com surpreendente boa graça.

A princípio, o resto do pequeno grupo a olhava com reverência e sem nenhuma suspeita, mas logo descobriram que, beldade ou não, ela era uma jovem de natureza doce e uma boa amiga.

— Não se preocupe — Bonnie encerrou a conversa, uma luz conspiratória brilhando em seus olhos. — Quem tem acompanhado *A História Sombria de um Duque Maldito*?

Gritos de alegria acompanharam essa pergunta e, de repente, as cadeiras foram sendo puxadas para mais próximo uma das outras enquanto mais isoladas se amontoavam, todas ansiosas para compartilhar da conversa.

— Leram o capítulo da semana passada? — Alice perguntou, alcançando Prue e agarrando o braço de Bonnie.

Bonnie assentiu e fechou os olhos. — Ele estava lá diante dela, cheio de maldade e prazer sombrio — ela murmurou mais do que falou as palavras, o sotaque escocês que ela reprimia implacavelmente rastejou na sua voz e suavizou a linha, tornando-a de alguma forma mais sedutora.

Um suspiro coletivo murmurou no ar e Prue mordeu o lábio contra o desejo de cantar de alegria. Ninguém sabia que ela era a autora daquela peça escandalosa. Ela nunca ousou compartilhar seu segredo, não porque não confiasse nas meninas, ela confiava. Elas eram suas amigas mais próximas, suas aliadas, mas saber sobre sua identidade secreta seria um fardo para elas. O que ela fez era perigoso. O Duque de Bedwin era um homem poderoso e tão sombrio quanto seu caráter pouco disfarçado. Se ele soubesse quem era o responsável pela história obscena, o puniria.

Era um risco que Prue assumiria em seu próprio nome, e ela não envolveria mais ninguém em seus planos malucos.

O capítulo que discutiam havia saído há três dias.

Prue havia conseguido adiar o envio da sua história para o The Lady Weekly's. Havia sido um risco, pois o periódico era muitas vezes publicamente mordaz das submissões que rejeitava. Prue pelo menos teve a presença de espírito de publicar sob um pseudônimo, mas ainda assim a rejeição teria sido destruidora. No entanto, eles publicaram.

Encorajada, ela enviou outra, e outra, cada uma recebida com mais entusiasmo do que a anterior, até que o editor do periódico escreveu para ela pessoalmente, encomendando uma história completa para ser publicada semanalmente durante oito semanas. Foi um tremendo sucesso, com os leitores clamando por mais, o que culminou em *A História Sombria de um Duque Maldito*, sua peça mais longa e ambiciosa até o dia de hoje.

Prue enviou uma sinopse e os três primeiros capítulos. Eles haviam publicado o primeiro capítulo antes mesmo de responderem à carta dela, concordando com todos os seus termos na íntegra. O público a amava, ou pelo menos amavam a Miss Terry: o pseudônimo misterioso, bobo e falso que criara.

Miss Terry era o assunto da alta sociedade.

O único problema era que, devido à ânsia da revista em agradar seu público, ela ainda não havia completado a história antes da publicação. Com isso, estava apenas duas semanas à frente da data de publicação. Isso já lhe causara algumas noites sem dormir e só pioraria agora que a temporada estava começando. Seu tempo para escrever seria seriamente reduzido. Ainda assim, ela daria conta.

Sorrindo para si mesma, Prue voltou sua atenção para a conversa que estava ficando animada. Ela adorava isso, e não apenas o fato de estarem discutindo o seu trabalho com tanto entusiasmo. Esses encontros com suas amigas era a única parte boa da temporada. Se elas ao menos pudessem fazer isso sem ficarem de lado em todo evento luxuoso, sentindo-se tolas. Se elas

pudessem fazer isso apenas por diversão, pela conversa, a camaradagem, a amizade.

— Deveríamos começar um clube do livro — ela disse impulsivamente — assim poderíamos discutir essas coisas sem... — Prue acenou com a mão para o grande ambiente e torceu o nariz.

— Um clube do livro é uma ótima ideia — disse a srta. Jemima Fernside, pulando na cadeira com entusiasmo.

— Eu concordo — disse Matilda entusiasmada, seus belos olhos azuis arregalados — mas apenas se discutirmos *O Maldito Duque* primeiro.

Esta condição foi recebida com um coro de aprovação até que uma voz hesitante e bastante grave acrescentou:

— Deveríamos nos concentrar primeiro numa obra tão frívola? Quero dizer, talvez algum livro mais conhecido? Shakespeare, talvez? Eu sempre achei que *A Megera*...

Todas se viraram para encarar Harriet Stanhope, que se encolheu na cadeira com as bochechas ruborizadas.

— Podem vir à minha casa, se quiserem. Papai não vai se importar — disse outra voz animada

Nesse momento todas olharam para srta. Stone.

Entre os homens, seu pai era a criatura mais repreensível: um Cit. Um cidadão comum da classe dos comerciantes que havia ganho uma grande fortuna com seu trabalho, arrastando-o e sua família para dentro da alta sociedade pela porta dos fundos. Muito rico para ser ignorado, muito inferior para fazer parte. Cavalheiros não trabalhavam, e a família da srta. Stone não possuía nenhum tipo de estirpe para combinar com sua riqueza. Eles não eram peixe nem carne. Ruth Stone era uma herdeira rica e, embora não fosse uma beldade, era bastante agradável na aparência e nos modos. No entanto, apenas os desesperados empobrecidos da alta sociedade a tocariam, e somente se nenhuma outra opção se apresentasse. Ela era nova na sociedade naquele ano e Prue só falara com ela brevemente, mas parecia uma jovem alegre.

— Seria maravilhoso, srta. Stone, obrigada — disse Prue, apressando-se para preencher o silêncio enquanto todo mundo se perguntava o que dizer. Ela não duvidava que algumas entre elas teriam dificuldade em obter permissão para visitar a família, mas aquelas que quisessem o suficiente encontrariam uma maneira.

A jovem sorriu, parecendo emocionada por ter seu convite aceito. — Oh! Encantador. Podemos marcar para depois de amanhã?

Essa data foi considerada aceitável e o encontro seria realizado.

4

Eu sei que ele deveria ser o vilão perverso, mas há algo em Bedsin que faz meu coração palpitar. Se ao menos ele pudesse ser redimido.

- Trecho de uma carta da Srta. Bonnie Campbell para a Srta. Alice Dowding.

12 de abril de 1814, Londres. Baile do Conde e da Condessa March.

Robert rangia os dentes enquanto as ruas de Londres passavam pela janela da carruagem. Fazia tempo desde que ele mostrara seu rosto em eventos da alta sociedade como o que o aguardava. Uma inquietação percorreu sua espinha. Para o inferno. Para o inferno com tudo. Ele faria isso, conheceria a moça a acabaria logo com essa agonia.

Seu tio olhou para ele e fez um som de desaprovação enquanto a carruagem se aproximava da impressionante residência londrina do Conde e da Condessa March.

— Se tem a intenção de agir assim, mandará qualquer jovem que tenha um mínimo de juízo para longe aos gritos.

Robert bufou — e elas deveriam correr mesmo — ele murmurou.

Se ao menos uma pequena parcela dos boatos sobre ele fossem verdade, elas seriam loucas de se aproximarem dele.

No entanto, um ducado era, aparentemente, motivação suficiente para ignorar estas indiscrições.

Crueldade, violência, adultério...

Até assassinato.

Antes de Lavínia entrar em sua vida, ninguém teria acreditado em tais fofocas escandalosas sobre ele. Nem por um momento. Mas Lavínia o enredou em sua teia e o empurrou para perto do abismo da loucura tanto quanto qualquer homem em posse da sua faculdade teria o direito de ir. Se, de fato, ele ainda pudesse ser considerado um homem são. Ele encarou a escuridão e fez sua moradia lá, e isso acabou por destruí-lo.

Lavínia pode não ter morrido por suas mãos, mas isso não o absolve de uma verdade assustadora: ele chegou quase perto de desejar que ela tivesse.

— Robert — disse seu tio severamente, — a srta. Chuffington-Smythe é uma jovem que fora criada de forma nobre. Ela não é do tipo com quem os homens flertam livremente e também não é do tipo propensa a ter ataques dos nervos e histeria. No entanto, isso não quer dizer que ela irá se encontrar com o *Duque Maldito* sem um pouco de apreensão, independentemente da minha aprovação.

Robert se encolheu com o nome que os fofoqueiros e boateiros lhe deram, mas Charles não tinha terminado.

— Irá usar ao menos um pouco daquele seu charme lendário, está me ouvindo? Arraste-o de qualquer cova obscura onde ele esteja apodrecendo e faça bom uso dele.

— Sim, tio — Robert olhou furioso pela janela, refletindo sobre seu tio que nunca se deixara ficar nem um pouco impressionado com seu título imponente e ainda falava com ele como se ele fosse um garoto gordinho com dentes separados, implorando por um cachorrinho. Ele soltou uma

pequena gargalhada com a ideia. Bem, graças a Deus por isso.

Quando eles entraram no salão de baile, uma onda de choque percorreu a multidão, os olhos arregalando-se, os leques batendo com crescente vigor enquanto as mulheres se curvavam para sussurrar por trás deles.

— Coragem, Robert, e sorria, droga — Charles resmungou urgentemente no seu ouvido.

Por um instante, Robert fez um esforço com a ideia, imaginando como poderia suavizar seus traços rígidos com algo que se aproximasse da tal expressão. Então ele ouviu o primeiro murmurinho sobre *O Duque Maldito*, seguido de risadinhas e *O Duque Maldito de Bedsin*, seu maldito alter ego nessa história deplorável.

Maldição.

Com a alta sociedade abrindo caminho diante deles como seda contra uma lâmina de barbear, eles atravessaram o salão.

— Ela está aqui? — Robert perguntou exigente. Quanto mais cedo essa provação terminasse, mais feliz ele ficaria.

Observou enquanto seu tio examinava a multidão com um sorriso de notável afeição aparecendo em seus lábios enquanto seu olhar se instalara no canto da sala, entre as solteironas. Bom, isso era um bom sinal, pelo menos. Lavínia preferia morrer a ter que se aproximar da ala das invisíveis.

— Ela está — respondeu Charles, inclinando um pouco a cabeça.

Cada cadeira no fundo do salão estava ocupada por uma moça. Jovens de óculos, com espinhas, cheinhas, com estrabismo, com má reputação, com famílias assustadoras, gagas ou incapazes de falar com um homem sem ficarem ruborizadas.

— Entre a tutelada de Morven e a srta. Dowding, a ruiva de aparência frágil — orientou seu tio.

Robert examinou a fileira, encontrando a tutelada problemática de cabelos escuros do Conde e depois a pequena e frágil ruiva que parecia como se pudesse ser partida ao meio com uma forte rajada de vento. Entre elas estava a srta. Prunella Chuffington-Smythe, sua futura Duquesa.

Ela não era exatamente loira, seu cabelo tinha um tom entre a cor dourada mais clara e um marrom médio. Parecia que ela tinha o número correto de braços, pernas, olhos etc., e um nariz perfeitamente reto sob um rosto angular. As maçãs do rosto muito altas esculpiam um semblante severo, o que deu a Robert um momento de pausa.

— Tem certeza? — ele perguntou a Charles — ela parece um pouco... severa.

— Séria — Charles corrigiu, virando-se para olhá-lo — o qual acredito ser o seu desejo? Embora isso não signifique que ela não tenha senso de humor, longe disso. Eu a acho uma companhia muito agradável, embora deva admitir que é um tanto... incomum. Ela é inteligente, espirituosa e franca, mais leal que o necessário.

Mais leal que o necessário.

As palavras soaram através dele, aliviando o fio de tensão que esteve sempre presente desde o momento que decidira se casar novamente.

Não havia mais nada que ele precisasse saber.

— Me apresentará, então, tio?

Charles sorriu e apertou seu braço — com prazer, meu garoto. Com prazer.

Eles se aproximaram das mulheres e Robert soube o momento exato em que elas o viram. Uma a uma, suas posturas mudaram, rígidas em alerta e vontade de fugir. Os olhos se arregalaram e as bocas se abriram em choque e as bochechas empalideceram. Todas, exceto a mulher que deveria ser sua esposa. Ela estava conversando profundamente com a jovem Morven.

Então ela olhou para cima.

Mesmo comparada ao horror da outra moça, sua reação foi um pouco surpreendente. Sua pele já pálida ficou tão branca que ele achou que talvez ela fosse desmaiar, depois duas manchas ruborizadas queimaram forte em suas bochechas. Seus lábios se abriram, o peito subiu e desceu, e ela agarrou a ponta da cadeira como se estivesse se forçando a se manter calma. Ela parecia que ia vomitar a qualquer instante.

Robert parou.

— Tio — mas Charles já tinha diminuído a distância entre eles.

— Aí está — ele disse em saudação, alegre demais enquanto estendia as mãos para ela — minha jovem favorita.

A moça forçou um olhar aterrorizado primeiro nele e depois em Charles, e Robert pôde perceber seu esforço para dar um sorriso amarelo.

— L-Lorde Fitzwalter — ela gaguejou, levantando-se e aceitando as mãos do seu tio enquanto Charles a cumprimentava com tanto calor como se ela fosse sua adorada neta. — Eu não tinha ideia de que o senhor estava na cidade, nunca me disse...

— Eu sei, eu sei — disse Charles, habilmente afastando-a um pouco das outras moças que estavam boquiabertas. — Mas meu sobrinho desejava minha companhia, e há muito não passávamos um tempo juntos. Ah, mas onde estão meus modos? Bedwin, por favor, permita-me apresentá-lo a srta. Chuffington-Smythe.

Por um momento, Robert se perguntou se ela faria o que ele temia e vomitaria. Deus, isso daria munição aos fofoqueiros. Ele já podia visualizar a manchete.

Duque Maldito aterroriza jovem tímida e a faz esvaziar o estômago.

Houve um longo silêncio no qual a moça apenas o observou consternadamente muda, e depois ela se recompôs com um visível endireitamento de sua coluna, o qual ele apenas admirou. Ela fez uma reverência. De uma forma bastante desagradável com certeza, mas melhor do que vomitar nas suas botas.

— Sua Graça — ela o cumprimentou evitando seus olhos.

— Srta. Chuffington-Smythe — ele disse, fazendo o possível para não parecer um vilão que devorava jovens tímidas no café da manhã. Pelo pânico nos olhos dela, achou que talvez fosse melhor se esforçar mais. — Prazer em conhecê-la.

— Bem, agora, se os jovens me derem licença. Eu vejo um velho amigo com quem preciso conversar. Preciso me apressar. Na minha idade, os amigos se vão num piscar dos olhos — Charles acrescentou alegremente.

Tanto ele quanto sua futura e confusa Duquesa olharam para Charles com pânico nos olhos, que o Barão alegremente ignorou. Antes de se ausentar, ele se inclinou sobre a moça e sussurrou algo em seu ouvido que Robert não conseguiu entender. Fosse o que fosse, seus olhos se arregalaram ainda mais, tanto que Robert temeu que eles pudessem saltar do rosto dela. Santo Deus, que desastre isso vai ser.

E então eles estavam sozinhos sob o olhar examinador da alta sociedade.

Prue não conseguia respirar.

Deus do céu, ela estava exposta. Arruinada. *O Duque Maldito* em pessoa estava caminhando em sua direção, aqueles olhos verdes frios dos quais ela escrevera tantas vezes estavam totalmente focados nela.

Seu coração estava trovejando, suas mãos estavam úmidas enquanto se agarravam na cadeira

na qual estava sentada. Bem, ela sabia que esse era o risco, só teria que enfrentá-lo.

O desejo de fugir era tão forte que ela teve que segurar a cadeira cada vez mais forte para manter-se imóvel.

Coragem, Prunella, murmurou para si mesma.

— Meu Deus, Prue, ele a está olhando diretamente — murmurou Bonnie enquanto Prue se perguntava se estava ficando enjoada. Parecia uma possibilidade distinta.

No entanto, lá estava o Barão Fitzwilliam, à frente do Duque, e parecendo ansioso para cumprimentá-la. Ela sabia, é claro, que ele era tio de Bedwin, embora raramente falasse sobre seu sobrinho e ela era educada o suficiente para não ficar perguntando, apesar da curiosidade. Sempre presumira que sua reticência derivava da vergonha pelos atos sombrios do seu parente, mas ele parecia, no momento, ter um ótimo relacionamento com dito parente. O que diabos estava acontecendo?

— Aí está — disse o Barão, sua voz alegre e estridente claramente sobrepondo o som da orquestra. — Minha jovem favorita.

Prue gaguejou algo em resposta, ela não tinha muita certeza o que, estava focada demais na figura carrancuda que estava há alguns passos do Barão.

Espreitando.

Bem, naturalmente ele espreitava. Era exatamente isso o que os vilões faziam. A única pergunta era: por que ele a estava espreitando? Seu estômago se contorceu.

— Meu sobrinho desejava minha companhia — disse o Barão, forçando-a a desviar a atenção do imponente Duque para ele. — E há muito que não passávamos um tempo juntos. Ah, mas onde estão meus modos? Bedwin, por favor, permita-me apresentá-lo a srta. Chuffington-Smythe.

Oh, Deus do céu. Ele os estava apresentando!

Prue congelou. Uma coisa era escrever sobre um vilão, um homem desprezível que nunca conheceu e não tinha vontade nenhuma de conhecer. Outra coisa era encará-lo. Sua respiração estava ficando pesada e rápida, ela se sentiu um pouco tonta. Pouco tempo depois ela percebeu que o estava encarando. *Controle-se*, ordenou a si mesma.

Foi ela quem provocou isso. Conhecia os riscos e os havia assumido. Este Duque também tomou suas próprias decisões, e ali estavam os dois.

Prue duvidava que ele fosse tão sombrio quanto era retratado, mas ele nunca tentou refutar as fofocas, então só podia presumir que ele desfrutava de sua notoriedade. Bem, ele pode não ser totalmente sombrio, e ela pode não ser totalmente inocente. Isso parecia justo. Endurecendo a coluna, Prue fez uma reverência estranha. Pelo menos ela não tinha desmaiado.

— Sua Graça.

Ele murmurou uma saudação educada, embora sem entusiasmo, e Prue se perguntou mais uma vez o que diabos estava acontecendo. Então o Barão começou a dar desculpas para deixá-los sozinhos e Prue entrou em pânico. Pelo o horror indisfarçado nos olhos do Duque, ele compartilhava do mesmo pensamento.

Antes que Prue pudesse traçar uma maneira de fazer o homem ficar, ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Dê uma chance para ele, minha querida. Pelo bem de um velho amigo.

Prue encarou o Barão, achando que pudesse tê-lo ouvido mal, mas não havia nada que ela pudesse fazer ou dizer em protesto. Estava sozinha com o *Duque Maldito* e tinha que fazer o melhor possível.

Os dois se entreolharam, e soube que ele estava tão consciente quanto ela dos olhares sobre

eles, vidrados de fascinação, ansiosos para o que poderia acontecer em seguida.

A mandíbula do Duque enrijeceu, sua feição dura ficando cada vez mais séria. Ele odiava isso, ela percebeu. Isso era uma surpresa, ela sempre acreditou que ele pudesse se divertir com sua infâmia.

Espere.

Isso foi um golpe de sorte. Se ele quisesse expô-la, ele já teria feito, o que significava que ele não sabia.

Ele não sabia!

O coração de Prue pulou um pouco enquanto se perguntava se era corajosa o suficiente, mas... que melhor maneira de entrar na cabeça do seu *Duque Maldito*, de entendê-lo, de desenhar seu caráter, de expressar suas motivações, do que através do próprio homem em questão?

Era uma oportunidade de ouro.

Ela poderia explorar o caráter desse homem sombrio e complexo. Esta seria uma pesquisa em primeira mão do tipo que não aparecia todos os dias. Ela não desperdiçaria a chance por ser muito tímida para conversar com ele.

— Espero que não tenha cometido um erro? — ela se aventurou, ousando falar com a figura carrancuda à sua frente.

— Um erro? — Ele repetiu, seu cenho se aprofundando quando suas sobrancelhas escuras e angulares se uniram.

Deus, ele ficava sinistro quando fazia aquilo. Prue suprimiu um arrepio estranho que não era inteiramente de medo.

— Bem, não posso deixar de supor que seria a minha prima que o senhor desejava ser apresentado. A ela pertence a beleza em nossa família.

Aqueles olhos verdes a observaram, e ela se sentiu como se fosse uma mercadoria em exposição. Prue limpou a garganta.

— Srta. Minerva Butler — ela continuou apontando para o outro lado do salão onde Minerva, que a olhava fixamente, dançava com um jovem tímido.

O olhar do Duque seguiu sua direção, fixando-se na loira vivaz, cuja expressão instantaneamente se transformou em algo tímido e atraente que, de alguma forma, sutilmente, flertava ao mesmo tempo. Meu Deus, Minerva era boa nisso. Prue não conseguiria fazer aquele olhar nem que praticasse no espelho todo dia por uma década.

Ela voltou a olhar para Bedwin, que estremeceu quase imperceptivelmente e se virou. Prue piscou com espanto.

— Não há erro algum — ele disse firmemente e determinado, da mesma forma como um homem forçado a lidar com uma aranha gigante, ele estendeu a mão para ela. — Posso ter a honra desta dança, srta. Chuffington-Smythe?

Prue ficou boquiaberta.

— O senhor não pode estar falando sério.

As palavras saíram antes que ela pudesse pensar melhor nelas, mas realmente, não se podia passar três temporadas como uma invisível e esperar que um Duque a chamasse para dançar sem pensar que alguma coisa estivesse acontecendo.

— Isso é uma recusa? — ele perguntou ofendido.

— Er... não — ela disse, forçando-se a lembrar que aquilo era uma pesquisa. — Não, não é, mas o senhor não pode esperar que eu não me pergunte o porquê.

— Não posso? — Ele perguntou frustrado. — A maioria das moças atropelariam suas amigas pela oportunidade de dançar com um Duque.

Prue considerou aquilo. — A maioria das moças, com a maioria dos Duques — refutou.

Algo acendeu nos olhos dele e ela se encolheu um pouco, sem saber se aquilo era raiva ou não. — Mas eu não sou a maioria dos Duques.

Prue deu de ombros. — E eu não sou a maioria das moças.

Eles se entreolharam por um longo e desconfortável momento.

— Bem — ela disse, um pouco exasperada —não é como se nós dois não soubéssemos disso.

O Duque a encarou por mais um momento. — Se eu prometer que não vou matá-la antes que a música termine, a senhorita dança comigo?

Havia algo divertido na sua pergunta, embora seu tom fosse muito impaciente e sinistro demais para ela ter certeza. Infelizmente, Prue sempre caía nas lábias de um senso de humor distorcido e percebeu um sorriso aparecendo no canto da sua boca.

— Eu nunca acreditei naquela história, sabe — ela disse, colocando a mão na dele.

Ele inclinou a cabeça um pouco, considerando-a, mas não dando nenhuma indicação de que ela estava certa.

— Meu tio estava certo — ele disse franzindo a testa. — A senhorita é incomum.

— Não tenho certeza de que isso seja um elogio, mas devo aceitá-lo como um — respondeu Prue.

Incomum pode não ser uma coisa boa de se ver sob os olhos julgadores da alta sociedade, mas como escritora... sim, ela aceitaria essa descrição.

— Vossa Senhoria também é um Duque incomum — ele olhou para ela surpreso e seus lábios se curvaram. — Bom, achei que devesse retribuir o elogio.

— Se é que posso considerá-lo um elogio — ele murmurou, as palavras um estrondo seco.

Prue bufou, motivo pelo qual sua tia a teria repreendido profundamente. O Duque apenas levantou uma sobrancelha. — Bem, se não foi, eu devolvi seu insulto. Parece justo, não acha?

Ela achou que talvez tivesse visto seus lábios se contraindo um pouco.

— Eminentemente — ele respondeu, atraindo-a para ele quando Prue percebeu com um sobressalto que a próxima dança seria uma valsa.

Os olhos dela voaram para ele quando a música começou, e a mão dele pousou em sua cintura.

Deus do céu.

Ele era assustador o suficiente para ser encarado. Ela precisou de todo seu autodomínio para conversar com ele, recusando-se a deixá-lo intimidá-la. No entanto, ele era intimidador, tão alto e grande, e poderoso, com olhos verdes e pálpebras pesadas, aquele olhar gelado e arrogante a avaliava. Ainda assim, ela se sustentou. Uma mão dele sob sua cintura e a dela desaparecendo na outra mão quente, firme e grande dele e, de repente, ela corria o risco de se transformar num desastre trêmulo novamente.

Pensar que algumas mulheres poderiam até mesmo invejá-la.

Elas eram loucas.

Pare com isso. É uma mulher sensata, Prunella. Isso é pesquisa. Nada mais. Tudo vai acabar em alguns minutos, não desperdice a oportunidade. Agora, o que precisa saber sobre o Duque Maldito?

Concentrar-se na pergunta permitiu-lhe percorrer as primeiras voltas da valsa sem pisar nos pés dele. Ele era um ótimo dançarino, ela pensou um pouco distraída pelo calor da palma da sua mão sob sua cintura que irradiava através da musselina do seu vestido.

Concentre-se.

— Se pudesse escolher um covil, onde seria?

As palavras escaparam antes que ela pensasse. Por um momento, foi como se o próprio *Duque*

Maldito estivesse diante dela e ela estivesse perguntando sua preferência sobre o assunto para que ela pudesse escrever como ele desejava. Bedwin a encarou indignado.

— Perdão?

Minha nossa.

Prue limpou a garganta. — Bem, todo mundo acredita que o senhor é um vilão, não é? E os vilões não têm covis? Estava curiosa. Se o senhor tivesse um covil, que lugar escolheria?

Ele olhou para ela, os olhos verdes arregalados, e por um momento ela não sabia se ele iria se afastar dela furioso, ou dizer algo mordaz antes de fazê-lo. Ele ficou em silêncio por tanto tempo que ela desejou que ele continuasse em silêncio para acabar logo com aquilo. Ela estava prestes a se desculpar por sua insolência quando ele falou.

— Quais são as opções?

Ela notou algo em seu olhar, curiosidade talvez, e um certo alívio tomou conta dela.

— Eu não sei, o senhor que é o vilão. Uma caverna? Uma masmorra? Um castelo remoto numa charneca?

Ele arquejou balançando a cabeça. — Uma caverna e uma masmorra seriam úmidas demais, frias e desconfortáveis comparadas a um castelo remoto na charneca, eu acho. Não seria uma noite muito agradável para libertinagem.

— Oh — disse Prue erguendo as sobrancelhas. — Suponho que seja verdade. Mas também poderia supor que essas pequenas irritações não intimidariam um verdadeiro vilão. O senhor é sempre assim, sempre tão sincero?

Ele fez um som sufocado, e ela não soube se aquilo era mais ultraje ou uma risada.

Talvez ambos?

— Talvez eu não seja um verdadeiro vilão — ele ofereceu animadamente, e ela percebeu que era uma risada.

— Não, talvez não seja — ela refletiu, sentindo-se um pouco desconfortável, depois o domínio dele sobre ela mudou, puxando-a para mais perto, segurando-a mais firme enquanto ele se inclinava. Sua boca estava tão perto do ouvido dela que seu hálito quente a tocou, fazendo-a tremer.

— Os verdadeiros vilões gostam de atrair as jovens inocentes para elas darem livremente o que sabem que não deveriam dar, forçando-as a desejar o que não deveriam desejar. Não se trata da força bruta de um corpo maior sobre um corpo menor, isso é sedução, e é muito mais difícil conseguir seduzir num lugar úmido e frio.

Prue sentiu sua respiração prender e olhou para ele, ficando presa naquele olhar verde e frio, seu coração acelerado, mas depois soltou um sorriso amplo e irreprimível.

— Confesso, isso foi maravilhoso — ela exclamou, desejando ter um caderno em mãos. Ela queria escrever tudo aquilo, todas as nuances. Os dedos dela se contraíram para escrever sobre o tom sombrio e emocionante da voz dele, o arrepio de algo que não era medo, mas desesperadamente tentador. As palavras dele fizeram uma vibração acalorada descer do pescoço dela e se moverem sobre sua pele e fazer com que seus joelhos tremessem como se estivessem curvados. — Eu quase perdi meu fôlego. Sua Graça é realmente um excelente vilão, não acha?

Tarde demais, ela percebeu que ele a olhava consternado, como se ela tivesse dito algo extraordinariamente estranho. Infelizmente, era uma expressão com a qual ela estava familiarizada. Ela deu de ombros e devolveu um sorriso pesaroso.

— Gostaria de trocar incomum por peculiar? — ela sugeriu, referindo-se à sua opinião anterior sobre ela.

O Duque a encarou por mais um momento e soltou uma risada surpresa.

5

Não acredito que dançou com o Duque de Bedwin! Como foi? Estava com medo? Sobre o que conversaram? O que disse para ele? Todo mundo está falando sobre isso, Prue. Fiquei tão frustrada por não conseguir falar contigo depois. Estou praticamente transbordando de impaciência.

Conte-me tudo!

- Trecho de uma carta da Srta. Alice Dowding para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

Ainda 12 de abril de 1814, Londres. Baile do Conde e da Condessa March.

Depois que a dança terminou, Bedwin a guiou para fora da pista de dança, onde foram imediatamente abordados por Minerva e tia Phyllis. Mortificada, Prue tinha pouca opção a não ser apresentá-las ao Duque. Ele não parecia estar entusiasmado com a ideia, embora fosse escrupulosamente educado.

Prue assistiu fascinada enquanto Minerva tremulava, sorria e mexia os cabelos. Ela era realmente uma moça muito bonita, era difícil acreditar que qualquer homem pudesse resistir a ela. No entanto, quando Prue voltou sua atenção para o Duque, ficou claro para ela que ele não se comoveu nenhum pouco com sua bela prima. De fato, sob o sorriso educado que ele exibia, tinha quase certeza de que ele estava entediado. Entediado e irritado. Quão peculiar.

Ela sorriu um pouco, percebendo que o havia transformado de incomum para peculiar, exatamente como sugerira que ele fizesse com ela.

— Oh, outra valsa — Minerva exclamou, uma mão esbelta pousando sobre seu coração. — Eu amo tanto a valsa — enquanto dizia as palavras, voltou seus olhos azuis brilhantes para o Duque. — O senhor não, Sua Graça? — essa pergunta foi feita quase sem fôlego, calmo e íntimo.

Se perguntada naquele momento, Prue teria apostado umas moedas que a próxima palavra na boca do Duque seria um retumbante não. Mas ela não contou com sua tia Phyllis.

— Oh, satisfaça uma jovem, Sua Graça — disse a tia, rindo como uma adolescente.

Prue olhou para ela horrorizada. Ela praticamente implorou para o Duque dançar com Minerva de tal maneira que seria impossível Sua Graça recusar. Ela queria se enrolar e morrer pela impropriedade das manobras de sua tia. O que ele pensaria delas? Sem dúvida alguma seu status agora fora alterado para aquele título significativamente pior: alpinista social.

Ela prendeu a respiração, perguntando-se o que ele faria. Com desgosto, ela se viu dividida entre rezar para que ele dançasse com Minerva, porque ela ficaria arrasada se ele não o fizesse, e esperando que ele dissesse não, o que parecia estar prestes a fazer. Prue não queria imaginar o porquê de ela esperar que ele recusasse, mas... era provavelmente apenas para proteger Minerva, porque ela não entendia no que estava se metendo.

Ele também não sabia onde estava se metendo. Silenciosamente, ele estendeu a mão para Minerva, que corou de prazer e triunfo e permitiu que ele a conduzisse à pista de dança.

15 de abril, Upper Wimpole Street, Londres.

— E ele disse que eu era uma excelente dançarina — Minerva disse, suspirando sobre a xícara de chá.

Prue reprimiu um comentário que não faria nada além de irritar Minerva e causar uma briga desnecessária. Era mais difícil do que gostaria de admitir. Três dias depois, no entanto, Minerva e tia Phyllis ainda estavam discutindo todos os detalhes da dança com seu Duque.

Prue não descartaria a ideia de que já tivessem começado até mesmo a lista de convidados para a festa de noivado. Na cabeça de Minerva - e, para ser justa, tia Phyllis não parecia contradizê-la - o Duque já estava comendo na sua mão.

Em seus momentos menos caridosos, como esse, Prue poderia ter ressaltado que assistira à dança deles com interesse, e que o Duque não tinha aberto a boca para falar com Minerva. No entanto, na versão de Minerva dos eventos, o homem conversara entre os dentes.

Para escapar da conversa incessante, Prue se escondeu atrás do jornal, um presente que o Barão Fitzwilliam lhe concedera. Após ler o jornal, ele o enviava para ela. Era uma indulgência da qual ela desfrutava completamente. Por um momento, pensou em iniciar uma conversa sobre a abdicação de Napoleão. Certamente um momento de tanta importância histórica poderia interromper o fluxo de conversas sobre o maldito Duque de Bedwin. Por vários minutos, ela tentou encontrar uma pausa na conversa.

— Viram *As Lamentações de Boney*? — ela virou o jornal para mostrar a caricatura de John Wallis mostrando o imperador Napoleão Bonaparte empoleirado sentado sobre uma rocha no meio do oceano com corvos e morcegos voando ao redor da sua cabeça enquanto derramava lágrimas abundantemente. — O título alternativo é *Meditações na Ilha de Elba* — acrescentou Prue com um sorriso — ele não parece patético?

Ela inclinou o desenho para admirá-lo, mas, quando olhou para tia Phyllis, a conversa havia retornado ao Duque.

Prue suspirou e voltou sua atenção para o *The Lady's Weekly*. Ela já tinha se certificado de que o próximo capítulo da sua história fosse publicado corretamente e sem erros. Este deverá agradar as moças, ela pensou com um sorriso.

Quando virou a página, um artigo na coluna “*Dizem por aí* “, que era nada mais nada menos que fofocas obscenas, chamou sua atenção.

Observamos o retorno de uma certa figura notória ao luxuoso baile dado pelo Conde e pela Condessa March. Duas valsas dançadas, embora suas parceiras de dança tivessem pouco em comum, as moças compartilham uma conexão familiar, um passarinho nos disse que essa figura enigmática está à caça de uma esposa... certamente não por aquelas parceiras?

Prue fez uma careta para a nota. A alusão para suas circunstâncias menos que ideais não a incomodava, não era nada que ela já não soubesse, embora fosse muito provável que Minerva ficaria furiosa se a lesse. Usar a frase *caça de uma esposa*, no entanto, foi deliberado e cruel. Ela tinha descoberto apenas alguns dias atrás com Alice que a esposa do Duque havia realmente morrido num acidente de caça. Existiam tantas versões de sua morte que era impossível distinguir fatos da ficção. Isso, mais do que tudo, dissera a Prue que aquilo não passava de uma invenção.

O pai de Alice, no entanto, obteve a verdade do irmão mais novo do Conde de St. Clair. O Conde estava lá quando a esposa dele morreu. Houve outras testemunhas naquele dia. Testemunhas que juraram que Bedwin não era culpado, mas os dois homens, o Conde de St. Clair e o Visconde de Cavendish, eram seus amigos íntimos. Parecia que nem isso fora suficiente para absolvê-lo.

É claro que eles o defenderiam, sussurrava a alta sociedade.

Pela primeira vez desde que começara sua história sobre o Duque de Bedsin, Prue sentiu uma pontada de culpa. Ela não podia reclamar do autor desta nota quando seu próprio trabalho havia destruído o caráter dele de maneira muito mais abrangente. O que escreveu era muito mais agressivo do que aquele comentário maldoso, embora ela não soubesse das circunstâncias exatas da morte da esposa dele quando o fez.

Por um momento, fechou os olhos, revivendo aquelas palavras que ele sussurrou no seu ouvido, sua voz baixa e pecaminosa.

Não se trata da força bruta de um corpo maior sobre um corpo menor, isso é sedução.

Contra vontade, ela estremeceu. Não foi totalmente desagradável. O Duque, ela decidiu, era um homem muito mais complicado do que o que ela havia exposto até agora. Ela deveria ter percebido que ele seria. Um libertino bem-sucedido teria que ser muito mais do que apenas um rostinho bonito e ter uma boa lábia. O Duque certamente possuía os dois, mas também conseguia rir e se divertir, e ser divertido também. Inteligente e interessante. Intrigante, de fato. Ele podia também se surpreender. Seus lábios curvaram-se num pequeno sorriso quando descobriu que sabia muito mais sobre o homem do que imaginava, e sua personagem merecia ser destacada de acordo.

Um alerta soou em sua mente quando ela percebeu que o homem tinha despertado seu interesse. *Ele é perigoso,* se lembrou. Um homem assim conseguiria fazer uma mulher suspirar e acreditar que amasse somente a ela, e depois gastaria sua fortuna com vestidos luxuosos e com óperas, e não aceitaria que sua amada ousasse desafiá-lo quanto a isso.

Prue sabia disso. Ela conhecia homens assim. O pai dela fora exatamente um homem assim. O Duque tinha um lado sombrio que era muito bem comprovado e ela faria de tudo para não se esquecer disso.

Ainda assim, não conseguia esquecer a conversa que tivera com o Duque, seduzindo-a a querer saber mais sobre ele.

O Duque Maldito era mais do que apenas um vilão, certamente. Ele havia de ter sonhos e esperanças? Haveria coisas as quais ele temesse, talvez até pessoas com quem se importasse? O que o tornara um vilão em primeiro lugar, e, o mais importante, havia alguma forma de poder redimi-lo?

Com uma onda de excitação, Prue se levantou e saiu correndo da mesa sem nenhuma outra palavra. Ela tinha um capítulo para escrever.

16 de abril, Upper Wimpole Street, Londres.

Prue ficou feliz ao descobrir que a srta. Ruth Stone era uma vizinha próxima, morava mais adiante na Upper Wimpole Street, onde sua tia havia alugado a casa. A rua em si, às margens do bairro exclusivo de Mayfair habitado pelo *hout ton*, não era um dos melhores endereços, não que algumas casas não fossem luxuosas.

As casas pequenas com mobílias simples e, honestamente, desgastadas nas extremidades que tia Phyllis havia reservado eram o melhor que podiam pagar. A Srta. Stone, no entanto, filha de um comerciante rico, podia se dar ao luxo de estar no mesmo patamar que os Duques e Condes, se eles permitissem. As melhores casas da Upper Wimpole Street eram grandes e finas o suficiente para satisfazer a alta sociedade, mas cheiravam a dinheiro novo, e isso era um pecado

imperdoável.

Prue olhou para a opulenta e magnifica casa da srta. Stone quando um mordomo imaculado a acompanhou.

— Oh, srta. Chuffington-Smythe — exclamou a srta. Stone, radiante enquanto corria em sua direção. — Você veio!

— É claro que eu viria — respondeu Prue, devolvendo o sorriso ao entregar seu casaco, chapéu e luvas a um lacaio. — Estava ansiosa por isso.

— Estou tão feliz — respondeu a jovem com os olhos castanhos arregalados. — Estava com medo de que ninguém viesse.

— Fui a primeira a chegar? — Prue perguntou um pouco surpresa. Ela tinha certeza de que algumas de suas amigas teriam se esforçado.

Srta. Stone balançou a cabeça, corando um pouco.

— Bem, não desanime — disse Prue, esperando que elas estivessem a caminho. — Ainda é cedo, e por favor me chame de Prue — ela implorou. — Chuffington-Smythe é ridículo demais. A única coisa que poderia me induzir a casar seria o alívio de perder um nome tão horrível.

A jovem a encarou com olhos arregalados. — Prue, então — ela disse um pouco hesitante e claramente surpresa pela franqueza de Prue. — E deve me chamar de Ruth, mas... realmente não quer se casar?

Prue sorriu, unindo seus braços com os dela. — Ruth, como deve saber, eu sou uma pessoa peculiar. Não tem como fugir disso.

Com uma risada alegre, Ruth a guiou em direção à sala. — Nesse caso, estou extremamente satisfeita em conhecê-la. Eu adoro qualquer coisa peculiar.

— Então vamos ser como uma casa em chamas — Prue respondeu, parando enquanto entrava numa sala espetacular. Era tudo de melhor que o dinheiro podia comprar. Seus pés deslizaram sob um tapete luxuoso, os móveis foram escolhidos com cuidado requintado, cada centímetro da sala decorado com habilidade e delicadeza.

No entanto, não foi somente o cômodo que prendeu sua atenção.

Uma jovem mulher levantou-se quando elas entraram. Ela era pequena, os cabelos eram negros e tinha olhos pretos tão deslumbrantes que Prue não pôde deixar de encarar. Sua rica pele dourada brilhava com vitalidade contra um vestido de âmbar profundo. Ela era gloriosa.

— Prue — disse Ruth, movendo-se entre elas — esta é a Señorita Lucia de Feria. Lucia, permita-me apresentar-lhe a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

— Estou feliz em conhecê-la — disse a mulher, surpreendendo Prue pela segunda vez naquele dia, pois esperava ouvir um forte sotaque espanhol. No entanto, sua voz tinha o tom baixo e culto de uma dama inglesa respeitável. — Fui criada numa família inglesa — ela explicou com um sorriso antes que Prue pudesse comentar, aparentemente acostumada a essas reações.

— Meu Deus, mas a senhorita é linda — disse Prue, como sempre, as palavras saíram antes que pudesse considerá-las.

A jovem abriu a boca um pouco surpresa. Ruth deu uma risada alegre com a honestidade de Prue e depois suspirou.

— Também acha, não é? É desanimador, asseguro, ter que descer todas as manhãs e enfrentar uma perfeição tão devastadora.

— Oh, mas... — a beldade abriu sua boca prestes a protestar, mas Prue levantou a mão, silenciando-a.

— Por favor, não dê desculpas para nós ou para si mesma. É uma deusa e nós, meras mortais, estamos felizes em estar na sua presença.

Señorita de Feria riu, e não era a risada delicada e titilante que se poderia esperar de uma criatura tão sensível e bela, mas uma gargalhada. — Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi — ela falou atabalhoadamente.

— Ora, bem, a senhorita deveria ficar — disse Prue sorridente — existe muito mais bobagens de onde veio essa.

Vozes abafadas no corredor da entrada fizeram Ruth agarrar o braço de Prue com animação.

— Mais pessoas! — Ela gritou de alegria antes de sair para recebê-las.



O primeiro encontro do Clube do Livro das Senhoritas Peculiares, nomeado por Prue, Ruth e Lucia, e votado pelos novos membros, começou com chá e bolo. Embora, na opinião de Prue, o bolo fosse algo sem graça comparado com todas as iguarias e delicatéssen que desfilavam diante delas.

— Eu voto este cômodo como sendo a sede das Senhoritas Peculiares — Prue falou para todas em geral enquanto refletia sobre uma variedade de iguarias de dar água na boca. Seja qual fosse o que escolhesse, seria a sua quarta.

— Hmmm — Alice murmurou, concordando e lambendo o creme dos dedos.

— Bom, está tudo bem que vocês, pessoas magras, façam tais arranjos — Bonnie respondeu enquanto suspirava de desejo sobre uma seleção de bolos de creme. — Para algumas de nós basta apenas olhar para uma fatia de bolo para que nossos vestidos estourem as costuras.

— Ora, pare com isso, Bonnie — respondeu Alice, olhando para a amiga com desgosto. — Sabe, assim como eu, que trocaria meu corpo inteiro e minha alma por um pouco das suas curvas.

Bonnie arquejou e pegou uma fatia de bolo de creme com um brilho desafiador nos olhos. — Sim, bem, eu tenho curvas suficientes para compartilhar.

O grupo inteiro sorriu, apesar de suas risadas terem sido interrompidas quando Harriet Stanhope falou.

— Vamos começar?

E assim começou o Clube do Livro das Senhoritas Peculiares. Prue olhou para os membros com um sorriso. Eram nove no total, cada uma delas forçadas à margem da sociedade por diversas razões.

Nos primeiros quinze minutos, a conversa foi um pouco reservada com pouca empolgação até começarem a falar sobre *A História Sombria de um Duque Maldito.*

— Oh meu Deus — disse Matilda, a beldade loira, fechando os olhos com um suspiro. — Quando ele ameaçou atacar o Conde por tê-lo insultado, eu juro que pensei que iria desmaiar e olha que eu estava sentada — acrescentou com um tom seco, fazendo com que todas as outras caíssem na risada.

Harriet fez uma careta, ajeitando os óculos um pouco mais acima do nariz. — Mas ele só fez isso para que Lydia confiasse nele — disse desaprovadoramente.

— Mas não acha que talvez ele possa ser redimido? — Bonnie perguntou.

Vários gritos soaram de todos os lados. — Oh, não! Ele é muito perverso.

— Eu gostaria de tentar.

— E, além disso, Lorde Worthington é o herói.

— Eu prefiro ter Bedsin.

Um suspense pesado flutuou pela sala.

Prue sentou-se e aproveitou as idas e vindas da conversa, as discussões entusiasmadas e as

risadas. Ela fez isso, criara uma história que as cativou, que as fez pensar, discutir, discordar, provocar e rir. Era um sentimento maravilhoso, então voltou seus pensamentos para o homem que inspirara sua história, o homem com um passado sombrio, cheio de segredos e rumores de violência e traição.

O que ele faria se descobrisse que ela era a Miss Terry?

Sem convite, a voz deliciosamente perversa dele sussurrou em seu ouvido novamente. Apesar de tudo, ela sorriu. Talvez este fosse um jogo perigoso, talvez ela estivesse brincando com fogo, pois um homem como aquele não era do tipo que se enfurecia sem sofrer represálias depois. No entanto, estava comprometida. Seu futuro dependia do sucesso dessa história, do acordo de publicação que certamente viria a seguir.

Não podia parar agora, mas talvez pudesse fazer um trabalho melhor, mostrando a luz para o Duque, iluminando-o para que ele não fosse vilão nem herói, apenas todas as características que o tornavam uma pessoa normal.

Prue lembrou-se do seu olhar verde e frio, e do lampejo de diversão que aparecera sutilmente em seus lábios.

Sim, ela poderia fazer isso.



17 de abril de 1814, Londres. Baile da Sra. Banbury.

Prue lamentou que tivesse que se arrumar às pressas, de novo, e saído correndo pela porta sem pegar um leque. Embora não tivesse o menor interesse em usar o objeto para flertar, teria sido bom agitar o ar na atmosfera novelística do baile da sra. Banbury.

O local estava lotado, sem dúvida era a marca de um baile de sucesso, mas, mesmo assim, era desconfortável para quem era obrigado a suportá-lo. A sra. Banbury havia retirado quase todos os móveis da casa para criar espaço suficiente para o evento, o que significava que escapar furtivamente e encontrar um canto tranquilo para ler não seria uma possibilidade. Os únicos assentos disponíveis que restavam ficavam na sala de jogos, e Prue não gostava de jogar.

Do outro lado do mar de sedas, dos paletós sob medida e penas de avestruz, Prue encontrou Matilda, que acenou à distância e depois revirou os olhos. Prue riu, imaginando se enfrentaria a multidão para falar com a amiga, mas um momento depois Matilda desapareceu na multidão. Ela respirou fundo. Havia gente demais para achar um lugar confortável, e ela estava com calor e suada. O desejo de tirar as luvas era quase irresistível, e possivelmente até valeria a repreensão que receberia se tia Phyllis notasse que seus dedos sujos de tinta estavam expostos.

Prue estava ponderando entre as vantagens de conseguir uma limonada e o esforço necessário para chegar à sala de refrescos quando notou a mudança na atmosfera. O salão ficou quieto, as vozes mergulharam em murmurinhos e, como se um caminho tivesse sido aberto por uma força invisível, o Duque de Bedwin apareceu diante dela.

O coração de Prue acelerou no seu peito, era estranho porque ela descrevera algo parecido nas suas histórias, mas nunca experimentou esse sentimento. Examinando a sensação antes que ela se dissipasse, descobriu que era uma mistura de choque, ansiedade e excitação.

Que intrigante.

Para sua surpresa, o Duque estava andando em sua direção, de todas as pessoas, seus olhos estavam fixos nela. Por tudo que fosse mais sagrado, não conseguia imaginar o porquê. A conversa deles no baile dos March a divertira imensamente, mas a sugestão de que um homem

como o Duque lhe tinha em pensamento e a procurava era absurda.

No entanto, lá estava ele, movendo-se em sua direção com um único objetivo.

Prue engoliu em seco, imaginando se seria sensato fugir devido às circunstâncias, mas a voz do Barão Fitzwalter ecoou em seus ouvidos.

Dê uma chance a ele, minha querida. Pelo bem de um velho amigo.

— Boa noite, srta. Chuffington-Smythe.

Prue levou um tempo para examinar o homem. Ele era esplêndido. O vilão mais maravilhoso que uma mulher poderia desejar. Cabelos escuros e sedosos com ondas rebeldes, sobrancelhas feitas simplesmente para brilhar, e aqueles olhos verdes e frios. Sua expressão era de indiferença, a curva de seus lábios um pouco cruel, e ainda assim ela tinha certeza de que ouviu divertimento em sua voz, apenas uma pitadinha de humor na sua boca.

— Boa noite, Sua Graça — ela cumprimentou, tentando fazer uma reverência diante da multidão sem pisar nos pés de ninguém. — Está à procura de uma companhia para um diálogo estranho? — Ela indagou com um sorriso.

Ele olhou para ela, sua expressão ilegível. — Bom, era isso ou ficar à toa no meu covil a noite inteira — ele respondeu com a maior seriedade.

Prue deu uma risada encantada. O Duque sorriu, pela primeira vez um sorriso adequado que iluminou seu rosto e toda sua respiração deixou seus pulmões imediatamente.

Santo Deus.

O sorriso o transformara, afastando qualquer sugestão de vilania e deixando em seu lugar algo juvenil e charmoso. Mas desaparecera num instante, sua expressão retornando à sua aparência habitual de desinteresse frio, mas Prue viu e sentiu que seu mundo nunca mais seria o mesmo.

Bem, que coisa ridícula de se dizer, pensou ela, tentando rir do seu próprio capricho, mas não se convencendo. Um vilão com o sorriso de um anjo.

Possivelmente a criatura mais perigosa do mundo.

— Aha, então, admite que tem um — disse Prue provocadoramente. Porque diabos o homem estava conversando com ela, não conseguia entender, e ainda permitiu que ela falasse de uma maneira tão insolente, mas ele não estava reclamando e ela não estava disposta a parar. Era uma oportunidade tentadora demais para deixar passar.

— Eu nunca disse que não tinha — ressaltou —, apenas sugeri que masmorras, cavernas e castelos remotos não eram do meu agrado.

Prue reprimiu um sorriso e forçou sua expressão em algo pensativo, tamborilando a ponta dos dedos no queixo. — Ah, sim. Lembrei, um vilão que gosta das coisas boas da vida.

— Eu sou um Duque — ele afirmou com toda a seriedade.

— E o senhor já induziu muitas vítimas inocentes para os recantos sombrios deste lugar secreto? — Ela perguntou sorrindo.

Prue fraquejou por um momento se perguntando se ela tinha ido longe demais, se ele não responderia. Havia algo em seus olhos que poderia ser dor, mas para sua surpresa ele respondeu, seu tom zombeteiro.

— Talvez tenha sido eu o atraído, a senhorita já pensou sobre isso? Talvez eu esteja esperando ser resgatado?

Prue ergueu as sobrancelhas, encarando-o com surpresa. Ela abriu a boca, para dizer o que não tinha certeza, mas querendo saber o que ele quis dizer com o comentário quando uma voz familiar soou ao lado deles.

— Sua Graça! Que prazer revê-lo, sem dúvida o senhor está à procura de Minerva. Tão gentil por parte de Prunella por fazer-lhe companhia. Apressa-te e nos traga uma limonada, é uma

querida. Uma garota tão simpática, uma órfã, sabe. Eu a acolhi quando seu pai pereceu...

E assim Prue fora dispensada. Ela ferveu um pouco de raiva, mas descobriu que não tinha o descaramento de recusar a tia, mesmo que a forma como ela a enxotou doesse. Como se ela fosse uma criada ou uma parente pobre. A última opção, é claro, era verdade. Só porque Minerva e Phyllis eram igualmente pobres não mudaria a percepção das pessoas.

Ela olhou em volta quando estava do outro lado do salão para ver se conseguia ter outro vislumbre do Duque, mas ele se fora. Minerva e tia Phyllis ainda estavam lá, as cabeças inclinadas em conversa, mas ele não estava em lugar algum.

6

Ele está fascinado contigo Prue, querida. Não há outra explicação para ele procurá-la no baile. Certamente consegue enxergar isso? Ele não falou com mais ninguém naquela noite, praticamente ignorou sua tia e foi embora imediatamente assim que falou contigo. Eu acho que o conquistou!

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

18 de abril de 1814. Beverwyck, Londres.

— Maldição!

Robert jogou o *The Lady's Weekly* sobre a mesa do café da manhã. Ele não tinha lido a última edição até agora e prometeu a si mesmo que não leria. Qual era o objetivo? Ele não se importava com o que as pessoas pensavam, nunca se importou. Não se importou por anos. Mas, aparentemente, uma parte dele ainda parecia se incomodar. Se ao menos Helena não tivesse deixado o maldito periódico dando sopa, ele não teria ficado tentado a olhá-lo, e seu humor poderia estar bem melhor do que estava agora.

De fato, naquela manhã sentira-se quase otimista. Seu tio estava certo sobre a srta. Chuffington-Smythe. Ela não era bonita, na verdade era bem comum, mas também não era desinteressante, era apenas uma moça simples em quem não prestaria atenção caso passasse por ela na rua. Até onde pôde notar, a moça não estava sedenta por fama ou notoriedade, e como Charles a conhecia há alguns anos, estava convencido ao estimar que o caráter da moça era sério e leal.

Leal.

Essa palavra ecoou pelo seu corpo como um sino, um som acolhedor no qual ele queria se agarrar. Ela não era o tipo de mulher que arranjaria um amante dias após o casamento, não era do tipo que atrairia seus amigos, um por um, para a cama e depois debocharia dele quando ele descobrisse.

Não que ela fosse perfeita. Ela tinha suas esquisitices. A conversa dela, por exemplo, era cheia de surpresas. Fazia muito tempo que ninguém mais conseguia surpreendê-lo, e isso não era algo ruim. O fascínio dela pela aparente vilania era um pouco desconcertante, mas pelo menos ela era honesta. Ela encarou sua reputação de cabeça erguida e o confrontou, ainda que de forma divertida. Insolente, mas certamente divertida. Sua boca se curvou num sorriso quando se lembrou do "*Aha!*" de triunfo dela quando ele admitiu ter um covil. Não que ele tivesse um de fato, embora pensasse que talvez fosse melhor conseguir um para que ela não ficasse decepcionada com ele.

Ele riu disso.

Ela nunca acreditou que ele tivesse matado Lavínia.

Robert soltou um suspiro. Não lhe ocorrera que houvesse alguém da alta sociedade que acreditasse que ele fosse inocente. Os murmurinhos e as fofocas foram tão incessantes nos meses após a morte de Lavínia que ele sentia que o mundo inteiro o julgava, o Condenava. Não era verdade, é claro, alguns amigos leais, aqueles que não sucumbiram à cama da sua esposa,

continuaram do seu lado e o defenderam.

O falatório e o escrutínio foram demais para ele suportar, então ele abriu um buraco no chão e entrou dentro, desaparecendo dos eventos da alta sociedade e encontrando consolo num mundo mais sombrio. Um mundo de salas de jogos e negligências, de amantes abertamente assumidas, em vez esposas que prestavam o papel de amorosas em sua companhia e, em seguida davam um jeito de sair com todos os homens de quem ele já foi amigo um dia.

Seu casamento se transformou numa guerra de desgaste, que usara da sedução e olhares acalorados como arma, deixando-o isolado, morrendo de ciúme e doente de remorso por ter se casado com uma mulher que acreditava ter amado, mas a quem não conhecia e não entendia.

Embora ele tenha compreendido muito bem no final, estivera cego demais para perceber no início. De qualquer maneira, ele acreditava ter sido amor na época e quando se deu conta de seu erro já era tarde demais. Paixão não era amor. Desde o momento em que ela o enganou para se casar com ele, uma armadilha no qual o pai dela os encontrara no momento crucial, ele sabia que o que a interessava era seu título, não ele. Ela até admitiu. No entanto, ele a perdoara por isso, ele estava tão apaixonado que ainda tinha a esperança de que pudessem fazer a união funcionar, que podiam construir uma vida juntos.

Como foi idiota.

Bom, o que aconteceu, aconteceu. Lavínia morreu por sua própria imprudência e ele estava livre e desta vez não se arriscaria. Desta vez ele não permitiria que sentimento algum influenciasse na sua escolha, nenhum desejo rasgaria sua pele e nenhuma necessidade de tocar tão avassaladora e intensa que ele acreditasse que fosse morrer por causa disso, tomaria conta dele. Não existiria desejo algum.

Decisão tomada.

Prunella Chuffington-Smythe estava disponível. Ela era de uma família decente, embora empobrecida, livre de escândalos e completamente aprovada por uma das poucas pessoas no mundo cuja opinião lhe importava.

Ela seria sua esposa.

Com a decisão tomada, não haveria necessidade de fazer rodeios. Não haveria sentido cortejar a moça uma vez que ele não tinha o menor interesse que ela se apaixonasse por ele, e ele certamente não tinha intenção de se apaixonar por ela. Esperava que as coisas pudessem ser feitas de forma amigável, de fato, ele esperava que eles pudessem ser amigos. Isso era o que um homem na sua posição poderia esperar. Seu pai havia lhe dito isso uma vez, mas não lhe deu ouvidos. Não estava disposto a deixar que isso acontecesse novamente.

Robert se levantou e pediu por sua carruagem. Ele pediria a mão da srta. Chuffington-Smythe e a tornaria sua esposa sem delongas.

Prue respirou aliviada quando o som da porta de entrada fechando ecoou pela casa. Graças aos céus.

Minerva e tia Phyllis saíram para fazer compras, compras que mal podiam pagar, no entanto, Prue não tinha outra forma de apontar tal fato. Não após uma manhã inteira ouvindo Minerva tagarelar sobre como seria ser a Duquesa de Bedwin. Prue sempre acreditou que sua prima fora abençoada com uma imaginação fértil, mas se a pobre garota acreditaria nas suas próprias fantasias, ela estaria iludida.

A chance de o Duque pedir a mão de Minerva era tão grande quanto a chance de ele pedir a mão de...

Ela parou quando uma batida forte soou na porta.

Quem diabos era agora? Prue ouviu o som dos passos de Sally correndo em direção à porta e depois um som baixo de vozes vindo em sua direção. Vociferando uma exclamação de aborrecimento, ela se levantou, passou as mãos pelo tecido do vestido desejando estar usando algo um pouco menos monótono. Por que as pessoas sempre o visitavam quando menos desejava? Prue esperava ter uma tarde adorável e tranquila para escrever o próximo capítulo. Algumas ideias intrigantes lhe ocorreram sobre *o Duque Maldito*, e ela estava ansiosa para colocar a tinta no papel e explorá-las.

Os passos se aproximaram da porta da sala de espera e Sally entrou com os olhos arregalados. Ela fez uma reverência.

— Sua Graça, o Duque de Bedwin, quer ver a senhorita.

Prue ficou tão assustada que teve que estender a mão e agarrar as costas da cadeira em que estava sentada. Com horror, percebeu que tinha deixado as páginas do seu livro sobre a mesa e seu coração bateu forte, uma onda de calor rastejando sobre sua pele.

O Duque entrou na sala, ocupando todo o espaço e todo o ar, enquanto Prue sentiu que o pouco ar que ela estava respirando saiu pela porta assim que ele entrou. Seus pulmões se fecharam.

O que ele estava fazendo aqui?

Ele finalmente descobriu tudo?

Após vários minutos de choque e ainda se segurando na cadeira ela fez uma reverência. Ela olhou para a folha de papel escrita pela metade que deixou sobre a mesa, um pressentimento ruim estava tomando conta dela.

— Sua Graça? — ela cumprimentou, sem nada mais inteligente a acrescentar e esperando que ele dissesse o motivo da sua visita repentina antes que ela sofresse um colapso nervoso.

— Srta. Chuffington-Smythe — ele disse, e depois se virou para Sally, que estava hesitante na porta, sem saber o que fazer a seguir.

— Pode nos deixar, Sally — disse Prue, ciente de que aquilo era impróprio, mas se ela estava prestes a enfrentar a ruína, não queria que Sally testemunhasse a cena que estava por vir.

Os olhos de Sally se arregalaram e ela balançou a cabeça quase imperceptível.

— Pode deixar a porta entreaberta —, ordenou o Duque como se fosse o dono da casa — não ficarei por muito tempo. A srta. Chuffington-Smythe estará segura, garanto-lhe.

Prue assistiu a batalha no rosto de Sally entre o desejo de proteger Prue e o de impedir um escândalo na perspectiva de uma mera criada desafiando a vontade de um Duque... e não qualquer Duque.

— Está tudo bem, Sally — Prue afirmou, sua voz suave. — Ficarei bem.

Sally olhou Bedwin nos olhos, um olhar quase feio, e Prue sentiu uma onda de carinho pela criada por se arriscar tanto.

— Não ficarei longe, senhorita — disse a criada firmemente, mantendo os olhos no Duque, e os deixou sozinhos com a porta aberta uns quinze centímetros.

O silêncio preencheu a sala, o único som que ela conseguia ouvir era o do coração que batia em seus ouvidos. Ela se perguntou se ele conseguia ouvir também.

— Srta. Chuffington-Smythe — começou o Duque, virando-se para encará-la. Sua expressão era ilegível, ele não parecia estar zangado, mas aquelas sobrancelhas e olhos mais sombrios eram tão intimidantes que era difícil ter certeza. — Vou direto ao ponto.

O estômago de Prue se remexeu como se a sala tivesse se inclinado para o lado, ela agarrou a cadeira um pouco mais forte.

— Gostaria de perguntar se me daria a honra de se tornar a minha esposa.

Prue piscou. Ela tinha ouvido errado, com certeza. O choque e a expectativa iminente de morte haviam confundido sua cabeça. Ele não poderia... não era possível que ela tinha acabado de ouvi-lo dizer...

O que ele disse?

A esposa dele?

Santo Deus!

O silêncio que reinou depois que Sally se retirou invadiu a sala mais uma vez quando Prue olhou para ele, chocada demais para esboçar qualquer reação. Ela não sabia como reagir. Deveria rir histericamente ou desmaiar? Ambas pareciam possibilidades distintas.

— A senhorita ouviu o que eu disse? — o Duque perguntou curiosamente, estudando-a. Aquelas sobrancelhas escuras se juntaram. — Eu pedi a sua mão em casamento — ela escutou um fio distinto de irritação na repetição da pergunta.

— Eu... eu — gaguejou antes de engolir e tentar novamente. — O senhor me pediu em casamento? — ela perguntou, apesar de já ter ouvido duas vezes agora, apenas para ter certeza.

— Eu pedi — disse ele severamente. Ele estava olhando para ela, seu olhar penetrante e irritante. — E aguardo uma resposta.

Ela quase riu então. O que diabos ele esperava que ela dissesse?

— Não.

Ele arqueou as sobrancelhas e, naquele momento, ela percebeu que ele nem sequer considerou a possibilidade de ela recusá-lo. Ela ergueu o queixo, perguntando se deveria ter abrandado sua recusa e então compreendeu a situação, acreditando que podia ter sido um pouco indelicada.

— O que quero dizer, Sua Graça, é que estou muito lisonjeada com sua oferta, é claro, e...

— É a minha reputação? — Ele exigiu, pela primeira vez parecendo inseguro. — Porque se assim for, eu posso te prometer...

— Não — ela o tranquilizou, balançando a cabeça em negativa — sem dúvida a sua reputação não é aquela que o recomenda como marido, mas como essa não é a razão da minha recusa, ela não tem nada a ver com isso.

— Então o que diabos quer dizer com não? Se estivesse com medo de mim, com medo de que os rumores sobre mim fossem verdadeiros, então eu poderia entender e lutaria para acalmar a sua mente. No entanto, não há outro motivo nessa terra para recusar a minha oferta.

Ele parecia tão indignado que o desejo dela de evitar ferir seus sentimentos evaporou.

— Quero dizer apenas o que eu disse. Não, obrigada. Não vou me casar com o senhor — ela repetiu, parecendo notavelmente calma quando na verdade seu coração estava dando piruetas no seu peito.

Pelo amor de Deus, ela estava diante do próximo capítulo de *O Duque Maldito* e sua inspiração para o vilão diabólico acabara de lhe propor casamento! Estava além de qualquer trama que ela pudesse ter inventado.

— Eu não sou bom o suficiente? — Ele perguntou irritado.

Prue arquejou impacientemente e cruzou os braços, seus nervos se dissipando à medida que sua irritação crescia. — Nunca tive ambições de me casar por um título, Sua Graça — disse ela, exagerando um pouco quando se referira ao título. — Se, no entanto, Sua Graça está tão ansioso para ingressar na minha família, garanto-lhe que minha prima Minerva ficaria mais do que contente em aceitá-lo.

Provavelmente aquele fora o eufemismo do século. Ela fez uma anotação mental para nunca mencionar esse acontecido a Minerva. Ela tornaria a vida de Prue insuportável se soubesse.

O Duque bufou, parecendo revoltado com a sugestão. — Disso não me restam dúvidas — respondeu cruzando os braços e espelhando sua posição. — E não tenho intenção de me casar com uma alpinista social, obrigado. Muito pelo contrário.

Ela olhou para ele pensativa. — É por isso que o senhor me escolheu? — Ela perguntou, finalmente entendendo. — Porque não consigo pensar em outro motivo. Nós mal nos conhecemos, eu não tenho dinheiro, nem conexões, nada que possa trazer algo para essa união. Certamente não é casamento por amor — acrescentou ela, rindo um pouco da ideia.

— É por isso que está me recusando? — Ele exigiu, estreitando os olhos agora suspeitos. — Por que não me dei ao trabalho de cortejá-la?

Prue revirou os olhos para ele. — Não.

Ele ficou olhando para ela, parecendo que ela era um quebra-cabeça ao qual ele tinha a peça final e não conseguia entender por que não se encaixava. Ela conteve uma risada por sua consternação. Ele provavelmente escolheu a única mulher em toda a Inglaterra que o recusaria.

— Não acha que pelo menos me deve uma explicação? — Ele cruzou os braços, imperioso e irritado e, por alguma razão, não mais intimidador.

Ela encolheu os ombros. — Na verdade não.

Ele parecia ter ficado bastante chocado, e ela quase sentiu pena dele.

— Então, acredito que prefira continuar vivendo na penúria, dependente da caridade da sua tia vulgar, do que se tornar a Duquesa de Bedwin, com poder e riqueza além da sua compreensão?

Essa última parte foi um erro de sua parte. O temperamento de Prue esquentou como lenha na fogueira. — Bem, se está além da minha compreensão, dificilmente pode me culpar por não entender a grande honra que me concede — ela respondeu acidamente.

De todos os arrogantes, vaidosos...

— Não seja obtusa — ele retrucou — ou devo considerar que suas habilidades mentais estejam em falta, o qual é a única coisa que eu não acreditaria. Não tenho tempo nem paciência para sarcasmo.

Ela ficou boquiaberta com o insulto. Qualquer culpa que ela tenha sentido ao escolher o homem como seu vilão, com pouca coisa para disfarçá-lo, desapareceu num instante.

— Por que veio me pedir em casamento se é esse o caso? — Ela exigiu. — Eu nunca dei a impressão de que apreciava sua atenção, não é? Estou ciente de que não sou bonita, nem tenho fortuna ou conexões, já lhe disse isso. Não tenho pretensões nenhuma. Foi o senhor quem impôs essa situação ridícula a nós dois, por razões que simplesmente não consigo entender.

— Minhas razões são sólidas, eu garanto — ele disse, mordendo cada palavra com precisão. — No entanto, tenho menos convicção das suas. Me dê uma boa razão para recusar uma oferta que, como a senhorita mesmo bem disse, sua prima agarraria com as duas mãos.

— Tudo bem — ela retrucou impaciente com a criatura agravante. — Porque eu nunca vou me colocar sob o poder de um homem. Eu não estou, como o senhor supõe tão alegremente, tão próxima da miséria quanto possa imaginar. Em breve serei uma mulher independente e não abrirei mão dessa independência por ninguém. Certamente não pelo senhor!

A atmosfera na sala mudou com a tensão.

— Entendo — ele respondeu firmemente. — Então, ao menos estou absolvido de qualquer irregularidade em particular, ou pelo menos de qualquer coisa que possa impedir que se case comigo. Meu maior crime é o meu sexo, estou correto?

— Se enxergar as coisas por essa perspectiva o deixa feliz, sim. Está correto!

Havia um músculo pulsando em seu maxilar, uma carranca puxando aquelas sobrancelhas escuras, e seu olhar sobre ela era insistente e inabalável. Santo Deus, por que o maldito homem

simplesmente não desistia e ia embora?

Ele não desistiu, no entanto, e continuou franzindo a testa e depois desviou o olhar do dela, andando em círculos pela extensão da sala. Pensativo.

Prue achou que ele era muito bom nisso, o vilão meditativo era um papel em que ele se encaixava perfeitamente.

Quando ele finalmente falou, ela estava tão atenta estudando-o que pulou de surpresa.

— Não acredita no amor? — ele perguntou. Algo na pergunta a fez acreditar que ele estava genuinamente curioso.

Embora surpresa, Prue não precisou pensar muito na pergunta. Ela soltou um suspiro e balançou a cabeça em negativa. — Não. O amor é para a literatura, são contos de fadas para adultos, histórias em que desejamos acreditar, mas que nunca se tornam realidade.

Uma emoção brilhou em seus olhos, um vislumbre de algo que ela não conseguia ler.

Para sua surpresa, ele se sentou, como se toda a energia tivesse deixado seu corpo. Ela assistiu, assustada e insegura, quando ele esfregou uma mão cansada sobre o rosto e soltou um suspiro no som que não era bem uma risada.

— Deus — ele murmurou, dando a impressão de que estava falando consigo mesmo. — Como eu queria que isso fosse verdade.

Seu coração deu um pulo com a verdade daquelas palavras, como se naquele momento o papel que ele interpretava tivesse desaparecido, expondo o ator por baixo. Ele estava machucado, ela pensou, ferido e vulnerável.

Um tempo depois, e ela quase não acreditou que tivesse notado aquilo pois ele se levantou novamente, abraçando o papel de vilão: um Duque em panóplia total, altivo e desdenhoso, uma expressão implacável no seu rosto.

— Isso é ridículo — ele disse secamente — eu preciso de uma esposa. Uma esposa que vai ter a sua própria vida independente, mas o fará discretamente e não me causará nenhum escândalo. Já tenho o suficiente por uma vida inteira — ele acrescentou com uma expressão sombria. — Charles acredita que a senhorita seja essa mulher, e depois de conhece-la e passar algum tempo contigo, eu concordo com ele. Tem a minha garantia de que nunca vou interferir na sua vida. Pode ser tão independente quanto quiser, mas com a segurança do meu nome e riqueza para garantir isso — ele cruzou as mãos atrás das costas, como um homem que sabia com absoluta certeza que estava certo. — É uma situação que vai beneficiar nós dois, e seria tolice da sua parte recusar sem ao menos considerar a ideia.

A boca de Prue se abriu de espanto. O que ela tinha que fazer para fazer o homem entender?

— Nesse caso, Sua Graça, pode me chamar de tola — ela respondeu.

Ele olhou para ela e balançou a cabeça.

— Acredito que esteja agindo com a emoção e não com a razão, então não discutirei mais sobre isso com a senhorita hoje — ele disse. — Minha oferta permanece, apesar da sua recusa. Por favor, posso pedir que pense sobre isso? Terá toda a independência que quiser e muito mais. Acho que pelo menos vale a pena considerar uma oferta dessas.

Ela levantou as mãos. O homem estava louco, não tinha outra explicação.

— Pode me dar alguns dias, alguns meses ou alguns anos. Minha resposta não mudará.

Ele olhou para ela pensativo e depois deu de ombros. — Esse é um direito seu — ele disse. — Mas posso pedir que possamos discutir sobre isso mais uma vez?

— Tudo bem! — Ela respondeu, balançando a cabeça. — Se lhe agrada ser recusado novamente, com certeza.

Ele assentiu e depois fez uma reverência formal e rígida. — Tenha um bom dia, srta.

Chuffington-Smythe.



Outro baile! Outra oportunidade para papai exigir porque ainda não me casei com um Duque ou Conde. Oh, como já estou cansada disso e mal começamos. Se ao menos algo emocionante acontecesse.

- Trecho de uma carta da Srta. Ruth Stone para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.



18 de abril de 1814, Londres. Baile do Lorde e Lady Hartington.

Mais tarde no mesmo dia no baile dos Hartington, Prue ainda estava num estado de agitação nervosa. A cena com Bedwin tinha sido tão extraordinária que ela não conseguiu evitar repensá-la diversas vezes. Ela estava tão agitada que não conseguiu encontrar um único par de luvas, onde elas iam parar? Migravam durante a temporada? Foi completamente repreendida por tia Phyllis por causa disso.

O que o homem estava pensando? Propor-lhe casamento!

Isso era chocante.

Então ela se perguntou por que achava aquilo tão absurdo. Afinal, ela era perfeitamente casável. Não era tão bela quanto Minerva, mas era razoavelmente bonita, inteligente, tinha uma boa saúde e era de uma família decente. Não havia impedimento para eles se casarem, ela supôs.

Poderia muito bem ser ela como qualquer outra, e se ele estivesse procurando alguém que não fosse uma alpinista social e evitasse eventos sociais como o diabo foge da cruz, bem, ela era uma ótima escolha.

Ela fez uma careta, irritada. O fato do seu tio, o Barão Fitzwalter, ter apoiado a união, foi outro motivo pelo qual ele achou uma boa ideia, sem dúvida. Provavelmente o Duque esperava que ela desmaiasse de alegria por sua sorte. Ela quase sentiu pena dele. Quase.

Ele tinha sido abominavelmente rude e provara ser um homem que não aceitava não como resposta. Isso, se nada mais, teria selado seu destino, na opinião dela.

Observou a cena à sua frente: belos vestidos de seda e cetim de todas as cores, girando pelo salão, cada uma emparelhada com um cavalheiro usando vestimentas formais.

"Não acredita no amor?"

A pergunta dele ecoou em sua cabeça. Não. Ela não acreditava. Sua mãe foi apaixonada pelo seu pai, um homem que menosprezou e abusou dela, tanto física quanto emocionalmente. Exceto que depois ele chorava, implorava por perdão e prometia que aquilo nunca mais aconteceria. Eles ficavam bem por algumas semanas, meses até, e então começam tudo de novo. Se aquilo era amor, obediência inabalável e devoção cega a um homem que não estava apto a lamber os pés da sua mãe, então ela não queria fazer parte daquilo.

No entanto, a reação dele à sua recusa a surpreendeu. Deus, como eu queria que aquilo fosse verdade. Havia uma verdadeira angústia naquelas palavras. Arrependimento.

Ela pensou no encontro anterior, na sua exigência em querer saber quantas inocentes ele atraíra para seu covil.

"Talvez tenha sido eu o atraído, a senhorita já pensou sobre isso? Talvez eu esteja esperando ser resgatado?"

Prue franziu a testa. Seria possível que ele tivesse amado sua primeira esposa? Todas aquelas histórias sobre sua crueldade, seus problemas com ela, nenhuma seria verdadeira? O comportamento dele desde a morte dela não fazia nada para apaziguar as línguas afiadas da sociedade e ele também não fazia nenhum esforço simbólico para refutar aquelas histórias.

Maldição. De qualquer forma, não era da sua conta. Ela tinha seus próprios planos, seus próprios sonhos. Os dele não eram problema dela. Santo Deus, se ele descobrisse que ela era a autora da história do *Duque de Bedsin*, provavelmente a esfolaria viva. Ele não repetiria seu pedido, certamente que não.

Ela olhou para o colo, dobrando e desdobrando as dobras do vestido nos dedos agitados, incapaz de mantê-los quietos. Apenas pare de pensar nisso, ela se repreendeu. Ela só teria que dizer não, se ele fosse tão cego ao decoro e ousasse pedi-la novamente. Era bem simples.

Amaldiçoando-se, ela tentou voltar sua atenção para as conversas sobre ela. As ignoradas também estavam resmungando, falando mal dos seus pais, dos vestidos sem graça, da falta de fundos e da falta de um parceiro de dança decente. De repente, ela estava de mau humor e miseravelmente irritada.

— Então façam algo a respeito — ela retrucou, virando-se para Kitty Connolly, que lamentava o tédio dos bailes sem fim e que estava há horas sentada à espera de um parceiro para dança.

Kitty olhou para ela, os olhos escuros arregalados. Ela era uma jovem bela, tinha os cabelos pretos e sedosos e, em face disso, deveria ser popular e não estar sem um parceiro de dança. Era descendente de irlandeses, no entanto, e isso era o suficiente para colocá-la em companhia das demais desajustadas. Kitty pode ter um dote decente, se não abundante, e trazer parentes ingleses na bagagem, mas seu sotaque proclamava sua herança.

— Fazer o que, exatamente? — Kitty exigiu, seus lindos olhos brilhando com indignação. — Exigir que os ingleses me tratem com tanto respeito quanto as outras moças? Ah, sim, vou sair e fazer isso imediatamente, srta. Chuffington-Smythe, por que não pensei nisso antes?

Prue fechou a boca antes que pudesse piorar as coisas, ciente de que sua ira deveria ser dirigida a um certo Duque irritante e não às moças que a rodeavam.

— Vejo que ainda está conosco — acrescentou Kitty, com um brilho perigoso nos olhos enquanto cruzava os braços — o que fez para mudar as coisas?

— Mais do que deve saber — Prue respondeu, desejando que ela pudesse dizer a verdade. — Mas não posso explicar, apenas não estou esperando que um homem me tire para dançar ou me peça em casamento. Estou desenhando meu futuro com as minhas próprias mãos.

Kitty bufou, balançando a cabeça para que seus cachos negros se mexessem. — Não acredito numa única palavra. Fica sentada aqui toda tímida e bem comportada, assim como todas nós.

— Uma atuação — disse Prue, com um sorriso enganosamente doce nos lábios. — Sou corajosa o suficiente para saber o que quero e estendo a mão para aceitar meu futuro.

A moça ficou olhando para ela pensativa, uma luz desafiadora em seus olhos. — Então prove.

— Provar o quê? — Prue perguntou, surpresa. — Não posso, pelo menos ainda não. Até o final deste ano, porém, verá.

— É muito tempo para esperar — retrucou Kitty, e Prue pôde ver as outras moças assistindo o intercâmbio com interesse. — Mostre-nos como é corajosa, eu te desafio.

Prue piscou, imaginando o que diabos acabara de acontecer. Isso era culpa do maldito Duque, ela decidiu, rangendo os dentes. Se ele não a tivesse deixado de mau humor, esse argumento nunca teria surgido. No entanto, Prue era conhecida por sua teimosia. Ela podia não ser capaz de revelar seus segredos ainda, mas estaria condenada se desistisse. Essas moças poderiam lamentar o quanto quisessem, ela estava fazendo algo para mudar seu futuro.

— O que tem em mente? — Prue indagou, se perguntando no que ela estava se metendo.

Kitty encolheu os ombros, pensativa. — Vamos pensar num desafio, e irá cumpri-lo.

Prue balançou a cabeça. — Acha que são todas tão corajosas quanto eu — disse ela, sabendo que tinha sido encurralada, mas maldição se elas achavam que ela entraria nessa sozinha. — Então, todas nós vamos receber um desafio.

Não tinha como todas as meninas aceitarem um desafio. Isso deveria livrá-la. A pobre Alice era tão tímida que nem conseguia abrir a boca em público. Um desafio certamente estava além dela.

Sem sequer olhar para as outras moças, Kitty assentiu e estendeu a mão. — Concordo.

— Não precisa consultar as outras? — Prue perguntou, um pouco surpresa.

Kitty balançou a cabeça. — Oh, não — ela disse com um sorriso alegre. — Estamos todas prontas para um desafio, não estamos meninas? — Ela se virou e olhou para o rosto de cada uma por vez, nenhuma delas ousou contradizê-la.

Por fim, ela olhou para Alice e Prue prendeu a respiração. Para sua surpresa, Alice ficou vermelha, mas deu um aceno pequeno, porém desafiador.

Deus do céu.

Kitty sorriu, triunfante.

— Ah! — Ela exclamou — Isso será maravilhoso. Então, é isso que devemos fazer. Todas nós escreveremos um desafio num papel... não, dois desafios, para que haja muitas opções. Depois colocaremos os papéis em um chapéu e uma por uma vai pegar um desafio.

Prue respirou fundo, bastante alarmada. — Mas e se colocarem algo extraordinário? Não se poderia simplesmente desafiar uma pessoa a dançar com Prinny ou nadar no Tamisa, deveria haver regras.

Jemima Fernside olhou para seu vestido, que estava fora de moda há várias temporadas, e respirou fundo. — Não me aproximaria de Prinny e não sei nadar.

Ruth assentiu, colocando a mão no braço de Kitty. — Ela está certa — ela disse seriamente — não devemos escrever nada que seja muito estranho ou inatingível, e nada que possa colocar alguém em perigo físico.

Kitty fez uma careta, mas reconheceu o sentido daquilo. — Suponho que seja mais do que justo, mas não adianta desafiar se não há risco para isso. Se o desafio for apenas tomar um chá com sua tia Margaret, então não faz sentido.

— Eu não sei — disse Matilda, seu tom seco — tenho uma tia Margaret. Ela é perfeitamente aterrorizante.

Uma risada nervosa percorreu o grupo, mas Prue pôde sentir a emoção por trás disso, esperança. As meninas queriam aquilo, ela percebeu, queriam mudar suas vidas, mesmo que isso as assustasse. Isso, ela podia entender. Talvez pudesse ajudá-las, incentivá-las, dando um exemplo do que as mulheres poderiam fazer se ousassem.

— Muito bem —, ela disse sorrindo para Kitty. — Onde e quando?

Ruth falou novamente. — Por que não fazemos outro encontro das Senhoritas Peculiares? Podemos nos reunir no clube do livro amanhã como sempre, e depois tudo poderá ser resolvido com outros assuntos.

— Todas concordam? — Kitty perguntou, voltando-se para Prue.

— Sim — concordou Prue, imaginando se ela teria perdido a cabeça depois de ter sido pedida em casamento pelo Duque. O maldito homem tinha muito o que responder.

Robert se escondeu na beirada do salão, sentindo-se como o espectro num banquete. Com frustração, lembrou-se de uma época em que era bem-vindo e bastante bajulado, todos disputavam sua atenção. Agora, apesar do seu título elevado ter um fascínio considerável, ele era muito sombrio, muito danificado para ser abordado sem cautela.

As jovens sussurravam sobre ele por detrás dos seus leques e as conversas paravam abruptamente quando ele se aproximava. Havia um ou dois amigos que o cumprimentava com sorrisos e bom humor, mas ele parecia ter perdido o talento para manter uma conversa educada e se viu forçado a se afastar após cumprimentá-los, antes que as coisas ficassem muito mais estranhas e eles lamentassem sua associação com ele.

O que diabos ele estava fazendo aqui?

Com frustração, a resposta a essa pergunta se apresentou quando seu olhar se voltou para o canto das isoladas e para a ultrajante srta. Chuffington-Smythe. Ele ainda estava sofrendo com a recusa desafiadora da sua oferta. Ocorreu-lhe que poderia encontrar resistência, mas apenas por causa dos rumores sobre ele. Como a jovem em questão não demonstrou medo dele e já havia dito que ela refutara a pior fofoca que já ouvira, ele esperara que não fosse um problema grande demais para ser superado.

Robert acreditara que alguns passeios juntos mostrariam a ela que ele não era o vilão de coração frio que fingia ser, e que ela podia confiar que se comportaria estando perto ou longe dela. Ele fez pouco para se ajudar nessa causa, agindo como um burro arrogante. Sua recusa tinha sido tão curta e, porém, tão carente de um momento de consideração ou consciência da honra que ele estava concedendo a ela, ao oferecer o título de Duquesa a uma dama considerada não casável por muitos. Isso o aborreceu a ponto de se tornar rude e insensível, e sabia que teria que trabalhar duro para mudar isso.

A opção óbvia era esquecê-la e tentar encontrar outra noiva. Ele brincou com a ideia, examinando a safra de mulheres elegíveis da temporada. Com pouco entusiasmo, procurou alguns convites de apresentação. Ele encontrou olhares de terror, rubores e gaguejos e, ainda mais desagradável, olhares cobiçosos que sugeriam que elas deviam se casar com ele, quer os rumores tivessem fundamentos ou não.

A verdade era que não tinha paciência nem inclinação para o esforço. A srta. Chuffington-Smythe atendia a todos os seus critérios e tinha o benefício de seu caráter ser bem conhecido por seu tio nos últimos cinco anos. Ela era a escolhida. Tudo o que ele precisava fazer era convencê-la daquilo.

Quando voltou sua atenção para a dama em questão, ele a viu se levantar e se mover em direção à sala de refrescos. Provavelmente era sua única chance de vê-la sozinha naquela noite, então a seguiu.

Ele a encontrou na multidão ao redor da mesa de refrescos, tentando, sem sucesso, se aproximar.

— Srta. Chuffington-Smythe — cumprimentou surpreendendo-se ao falar por detrás dela. Ela se virou, olhando-o e corou. — Gostaria de uma limonada? — Ele adivinhou.

Ela assentiu e ele se moveu em direção à mesa, a multidão se separando para que ele passasse com murmúrios de desconforto, um predador espalhando o rebanho. Ele voltou um momento depois, com um copo na mão.

— Obrigada — ela agradeceu pegando o copo oferecido — foi como assistir Moisés diante do Mar Vermelho. O que parecia ser um oceano impenetrável para mim, reduziu-se a uma poça aos seus pés.

Ele não sabia se ela estava zombando dele ou falando com admiração, seu tom era muito

homogêneo para dizer.

— Há alguns benefícios em ter a reputação de um assassino — disse ele ironicamente.

Robert achou ter visto os lábios dela se contraírem um pouco, mas ela não disse nada.

— Talvez, quando terminar sua bebida, a senhorita me concederia a honra da próxima dança?

Ela encontrou o olhar dele e suspirou um pouco. Aquilo era arrependimento ou irritação?

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia, vai apenas atiçar as fofocas e, além disso, Minerva vai me acusar de persegui-lo e roubar a atenção dela.

— Sua prima — ele respondeu, lembrando de uma bela loira. — Aquela que agarrara minha mão.

— A própria — ela respondeu com um sorriso doce que de doce não tinha nada.

Ela levou a limonada aos lábios, o movimento atraindo seu olhar para suas mãos. Seus dedos eram longos e elegantes, e estavam manchados de tinta.

— Esteve ocupada escrevendo.

Ela se engasgou com a bebida e ele se apressou em pegar o copo dela, imaginando se dar um tapa nas costas dela seria considerado um ato de violência. Um momento depois, ela se recompôs.

— Desculpe-me — ela disse suavemente. — Desceu pelo caminho errado.

— Tudo bem — ele disse sorrindo e devolvendo o copo para ela. — Eu estava apenas observando que a senhorita teve um dia ocupado escrevendo cartas.

— Ah! Sim — ela disse como se, de repente, entendesse a conversa. — Sim, escrevendo cartas. Muitas cartas. Sou uma escritora assídua de cartas.

— Tem família com quem mantém contato?

Ela piscou para ele, sua expressão um pouco em pânico. — Er... não... apenas amigas. Eu escrevo para minhas amigas. Não tenho família a não ser minha tia e minha prima — ela sorriu então, olhando para os dedos sujos com uma expressão pesarosa. — Aparentemente tenho aversão a luvas, ou talvez elas tenham aversão a mim —, ela acrescentou pensativa — elas nunca estão onde eu espero que estejam. Eu estava brincando com a ideia de que minhas luvas devem migrar durante a temporada. Certamente não parecem contentes em voltar para a minha gaveta e permanecerem lá. Na verdade, elas aparecem nos lugares mais extraordinários.

— Sozinhas? — Ele perguntou, bastante entretido com sua noção fantasiosa. Ela era uma criatura estranha.

— Oh, certamente — ela disse, sua expressão severa. — O senhor sabe, algumas semanas atrás eu encontrei um dos meus melhores pares do lado de fora, no jardim, pendurada sob os arbustos de framboesa. Apenas uma, imagine só. A outra estava no meu quarto. Agora, como raios ela poderia ter chegado lá, o senhor acredita?

Ela parecia genuinamente curiosa quanto à opinião dele e ele franziu a testa, pensando no assunto.

— Suponho que a senhorita não tem o hábito de colher framboesa usando suas melhores luvas?

Um olhar penetrante atendeu a essa sugestão.

— Para início de conversa, é muito cedo para framboesas, e não, claro que não. Eu nunca as usaria no jardim — ela deu um encolher de ombros desconcertada. — É muito desconcertante.

— Um fantasma? — ele sugeriu entretido e gostando do tópico estranho sem nenhuma razão aparente.

Que conversa esquisita.

Os olhos dela se arregalaram. — Oh — ela disse sem fôlego — o senhor sabe, eu nem tinha

pensado nisso.

Com dificuldade, Robert forçou sua expressão a permanecer séria. — A senhorita mora há muito tempo naquela casa? — Ele perguntou. — E o fenômeno das luvas é de acontecimento recente?

Ele a guiou para fora da multidão da sala de refrescos enquanto conversavam, voltando para o salão.

— Minha tia aluga a casa. Estamos aqui há pouco mais de cinco anos e, o senhor sabe, não me recordo quando começou.

— Quem morava na casa antes da senhorita? Talvez alguma pessoa possa ter morrido lá?

Ele pulou surpreso quando ela agarrou seu braço.

— Oh, um romance que deu errado — ela exclamou, os olhos brilhando de emoção. — A moça morreu de coração partido quando seu amante não apareceu na igreja como combinado. Tudo o que foi encontrado dela foi uma única luva, sozinha e abandonada aos pés do altar, exatamente onde ela havia estado.

Robert assistiu, perplexo pelo repentino devaneio, enquanto ela pressionava a mão no peito, cobrindo o coração e suspirando de prazer.

— Oh, o pobre coitado.

— Talvez ele tenha encontrado a luva e correu para ficar com ela — ele disse, um pouco perturbado com a história trágica, e percebendo que sua atenção estava concentrada nos longos dedos que se estendiam sobre a curva do seu peito. — Talvez ele tenha tido uma boa explicação. Talvez eles tenham vivido felizes para sempre?

Ela ergueu as sobrancelhas para ele com um olhar cético.

— Não é mais improvável que a sua história — ele disse defensivamente.

Um sorriso curvou-se sobre sua boca. Era uma boca cheia, com o lábio inferior grosso. Um fato um tanto surpreendente já que o resto dela era tão esbelto, e seu rosto era, em todos os outros aspectos, bastante sério com aquelas maçãs do rosto altas e anguladas. Sua boca sugeria uma suavidade que nada mais sugeria. Seus olhos eram puxados, como olhos felinos e extremamente alertas. Eles eram castanhos claros, salpicados de ouro e verde e, como suspeitara, não deixavam passar nada. Eles o estavam observando agora, um olhar pensativo sobre eles que o fez parar.

— É um romântico! — Ela afirmou como se aquilo fosse uma acusação.

Para seu horror, ele sentiu a cor subir em suas bochechas. — Certamente que não — ele disse no seu melhor tom aristocrático, o suficiente para reprimir a maior parte da alta sociedade com facilidade em sua experiência. Tudo o que recebeu da srta. Chuffington-Smythe foi um sorriso enigmático.

— O que diabos isso quer dizer? — Ele exigiu, irritado.

— O que? — Ela perguntou, piscando para ele inocentemente. — Eu não disse nada.

— Não — ele disse franzindo a testa para ela. — A senhorita sorriu para mim.

— Eu sorri para o senhor? — Ela repetiu, abrindo um sorriso ainda maior e parecendo estar se divertindo.

— Sim — ele disse, se perguntando por que ele estava se sentindo como um tolo. — Foi muito enervante.

Ela imediatamente forçou seu rosto para um semblante mais sério. — Peço desculpas — ela disse com grande sinceridade — vou tentar não assustá-lo novamente.

Robert arquejou e soltou uma gargalhada. — A senhorita é peculiar — disse ele.

Ela sorriu com isso e ele se sentiu bastante satisfeito, sem nenhum motivo aparente.

— Isso foi um elogio ou um insulto? — Ela perguntou. — Não que eu esteja discordando o mínimo, o senhor entende?

Ele a encarou, percebendo que não tinha resposta para aquela pergunta. Antes que ele pudesse pensar muito, ele estendeu a mão para ela novamente.

— Por favor, a senhorita dançará comigo? — As palavras eram suaves, o pedido convidativo, algo em sua voz que ele não gostava inteiramente. Parecia... carência.

Sua expressão divertida desapareceu de uma vez e ela olhou dele para a mão dele e de volta novamente.

Um pequeno aceno de cabeça deu-lhe a resposta. — Perdoe-me — ela se desculpou e correu antes que ele pudesse falar alguma coisa.



Alice, tem certeza de que deseja se envolver nesse empreendimento louco? Eu não acho que deva vir para o próximo encontro, apenas por precaução. Somente os céus sabem em que tipo de problemas vamos nos meter. Receio que Kitty tenha uma imaginação fértil. Pouco importa para mim, pois não tenho a menor intenção de me casar, mas e você, querida? Por favor, tenha cuidado.

- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe para a Srta. Alice Dowding.



19 de abril de 1814, Londres. Upper Walpole Street.

— Senhorita?

Prue olhou para cima quando a porta do quarto se abriu e o rosto de Sally apontou.

— Senhorita, há um pacote para a senhorita.

A criada se apressou para dentro da sala fechando a porta atrás dela.

— Para mim? — Prue repetiu, franzindo a testa. — Quem raios estaria me enviando pacotes?

— Não sei dizer, senhorita — disse Sally, balançando a cabeça em negativa. — É por isso que eu escondi da sua tia. Achei que... bem, talvez fosse algo pessoal?

Prue sentiu uma onda de calor subir pelo pescoço sem um bom motivo. De repente, ela sabia de quem era o presente. Ela olhou para a caixa fina e elegante, amarrada com uma bela fita verde, e seu coração acelerou. Com um pequeno puxão, a fita se desfez e ela levantou a tampa. Dentro havia catorze lindos pares de luvas, cada par com uma cor diferente. Sete pares de luvas longas de cetim para noite e sete pares de luvas curtas para o dia. Havia um cartão com o brasão do Duque de Bedwin estampado de um lado. Prue engoliu em seco e virou o cartão.

Acredito que são pares felizes e que não mostram sinais de que migrarão para o sul durante a temporada. Com meus cumprimentos.

B

— O Duque as mandou — Sally respirou, sua voz cheia de reverência. — Oh, minha querida. O que a senhorita fará? Ele está de olho na senhorita, ele está.

Prue corou com mais força e, devolvendo o cartão à caixa, colocou a tampa novamente com os dedos trêmulos. — Bem, ele simplesmente terá que enviá-las para outro lugar — disse ela com firmeza, antes de mostrar um olhar ansioso para a criada. — Não conte para elas, Sally.

Sally pareceu ofendida com a ideia. — Como se eu fosse!

Prue sorriu e deu-lhe um abraço rápido. — Perdoe-me, eu não sei o que deu em mim. Só que esse homem miserável me deixa maluca. O que ele está pretendendo, me enviando presentes? É bastante inapropriado.

— Bom, ele pretende se casar com a senhorita. Isso está claro — respondeu Sally, sua expressão oscilando entre melancolia e apreensão.

— Sobre o meu cadáver — Prue murmurou e empalideceu ao se lembrar do destino de sua primeira esposa. — Bem, talvez não. Mas isso não vai acontecer, e quanto antes ele souber disso, melhor.

Ela correu pela sala, determinada a tirar aquele homem miserável da cabeça.

— Agora, onde estão as minhas luvas? — ela perguntou, olhando para o topo de sua cômoda onde achava que elas deveriam estar.

Sally revirou os olhos. — Onde quer que as tenha deixado, senhorita —, ela disse secamente — ou seja, em qualquer lugar que a senhorita esteve.

Prue fez uma careta. — Não é minha culpa. Elas simplesmente vão embora e, por vontade própria, eu juro. Como aquela única luva acabou no arbusto de framboesa antes de termos saído de casa, eu te pergunto? Explique isso para mim.

— A senhorita derramou seu chá numa delas no seu quarto, lavou-o na bacia e a colocou no peitoril da janela para secar. O vento a soprou até o jardim. A senhorita não percebeu por dois dias.

— Oh —, disse Prue um pouco desanimada — então foi assim que ela chegou lá?

— Sim, senhorita — Sally retornou com um suspiro sofrido —, eu vou olhar lá embaixo.

— Obrigada — Prue disse. — Me atrasarei se não sair logo.

Se não elas vão achar que eu perdi a coragem.

Sally parou na porta. — A senhorita pode usar um desses novos lindos pares — sugeriu ela.

Prue fez uma careta para ela e a criada riu e se afastou apressadamente.

Quando Prue caminhou a curta distância até a casa da srta. Ruth Stone, ela olhou para o par de luvas velhas e soltou um suspiro. Seu melhor par havia migrado para onde quer que suas luvas iam. Seria bom usar um dos lindos pares que o Duque lhe dera, pensou melancolicamente, mas bastante inadequado.

Apesar das suas melhores intenções, seus pensamentos voltaram à conversa da noite anterior. Foi muito divertida. Ela nunca seria capaz de manter uma conversa tão estranha com qualquer outro cavalheiro, percebeu. Na verdade, ela tentou, e essa era uma das razões pelas quais se descobrira tão completamente não casável. Os homens a achavam estranha. Como não tinha intenção de perder a independência, passou a aceitar aquele fato. Havia se acostumado a olhares perplexos e até preocupados de que ousasse seguir seus pensamentos bastante excêntricos, pelas conclusões deles.

Não que se importasse.

O Duque parecia um pouco confuso, mas ele a acompanhou, até mesmo acrescentando assunto na conversa, entrando na fantasia sem demonstrar desconforto.

Ele estava tão desesperado para casar que faria papel de ridículo simplesmente para agradá-la? A ideia era tão ultrajante que ela riu alto, ganhando um olhar de reprovação de um casal de idosos que passava por ela.

Bedwin parecia não se importar com ela, além do fato de que atendia a certos critérios e que o tio dele a aprovava. Ela supôs ter ouvido falar de pessoas que se casavam por razões muito piores, mas ainda assim. Ele só teria que voltar suas atenções para outro lugar.

Pela primeira vez, sentiu uma pontada de algo que poderia ser arrependimento. Prue parou, recebendo um maldizer de reprovação quando um homem que quase esbarrou nas suas costas. Ele a encarou e saiu andando rápido. Ela observou o sujeito continuar seu caminho, assustada com o repentino choque de emoção.

Casamento nunca fizera parte dos seus planos, e ela nunca se arrependera desse fato. A existência de sua mãe tinha sido uma ilustração suficiente de todas as razões pelas quais colocar a vida inteira em poder de um homem era uma péssima ideia. No entanto, ela nunca se permitiu considerar como seria com o homem certo, um homem bom.

Ela quase riu alto com a ideia novamente. Um homem bom? O Duque de Bedwin? O próprio *Duque Maldito*! Que bobagem. Prue podia não acreditar que ele fosse culpado de assassinato, mas que ele havia passado os últimos anos assombrando as casas de jogos e de má reputação e vício, parecia ser de conhecimento geral.

Forçando-se a continuar andando, já que estava atraindo atenção indesejada, se perguntara se o caráter dele era o mesmo de *antes* de ele se casar. Ela não se lembrava de ter ouvido falar dele antes do grande casamento, que fora o assunto da alta sociedade por semanas, entre os rumores de que o homem fora fisgado como um peixe no anzol. As fofocas que circularam após o casamento, através da sua esposa, eram de crueldade e abuso. Aquilo era retribuição por tê-lo capturado daquela forma? O Duque poderia ser um homem assim?

O pai de Prue sempre pareceu jovial, gentil e de boa índole em público. Era apenas no privado que o monstro manipulador levantava sua voz. Mesmo que sua mãe tivesse esbravejado e procurado por ajuda, Prue sabia que ninguém teria acreditado nela. Mesmo se tivessem, não teriam ajudado. Ela era propriedade do marido, ela pertencia a ele para ele fazer o que bem quisesse.

Não. É melhor evitar toda essa situação. Ela perderia a oportunidade de formar uma família e nunca saberia o que era ter algo parecido com um apego romântico, mas sempre via essas coisas como momentos de breve paixonites. Tais sentimentos provavelmente não durariam, simplesmente se esgotariam e deixariam duas pessoas com algumas lembranças agradáveis e uma vida inteira estendendo-se diante delas. Além do mais, sempre existe a possibilidade de se ter um amante, ela supunha. Permanecer como uma mulher solteira e viver sozinha com nada além de uma empregada apenas por decência, faria dela uma personagem de escândalo, até mesmo ridicularizada. Ela também poderia tirar o máximo proveito disso.

Ela estava envolta nessas ideias quando a mansão de Ruth apareceu. Prue se apressou para se juntar a suas amigas.

Prue estava pensativa, silenciosa e distraída olhando para sua xícara de chá enquanto as outras moças discutiam sobre *O Duque Maldito.*

— Eu o vi no baile do Hartington na noite passada — disse Bonnie suspirando. Foi um som melancólico e fez com que Prue sorrisse, sua atenção voltada para a conversa.

— Deveriam saber que ele não é *o Duque maldito* — disse Prue sem saber por que disse aquilo. Só que quanto mais ela falava com o homem, mais suspeitava, ou talvez esperava, que ele não fosse a pessoa horrível que ela o imaginara ser.

— Claro que ele é — Kitty exclamou parecendo surpresa. — O Duque de Bedwin e o Duque de Bedsin? É um disfarce muito fraco, por assim dizer.

Prue corou um pouco e voltou sua atenção para a xícara de chá. Uma pontada de culpa tomou conta dela, e ela tentou ignorá-la. Era apenas uma história boba, um entretenimento, não a verdade.

— Bem, Bedwin é muito bonito —, continuou Bonnie — cativante, até. Todo aquele cabelo e olhos escuros, ele é pecaminoso — outro suspiro sincero escapou dela, e Prue franziu a testa, inquieta pela sensação ressentida que a encheu com as palavras de sua amiga.

— Ele falou com Prue novamente, não falou, Prue?

Prue corou e olhou para cima, virando-se para Ruth, que havia preguntado. Sua amiga estava sorrindo um pouco, sua expressão curiosa.

— Essa é a terceira vez que ele a procura, não é? — Matilda perguntou, sua voz indiferente quando ela levantou a xícara até a boca. Ela olhou para Prue por cima da borda, seus belos olhos azuis iluminados com malícia.

— O tio dele é meu amigo muito querido — replicou Prue defensivamente. — Estávamos falando dele. Não há nada de intrigante nisso.

Olhos arregalados focaram nela por todos os lados e ela lutou para não corar ainda mais.

— Agora, sobre esse desafio — disse ela às pressas. Qualquer coisa para mudar o foco de Bedwin. — Estamos prontas?

— Ah, sim! — Kitty exclamou, quase gritando de emoção. Ela correu para o canto da sala e pegou uma caixa de chapéu bastante desgastada. Ela empurrou a bandeja de chá para um lado e largou a caixa, levantando a tampa e removendo uma cartola. Com um sorriso triunfal, ela se virou para Ruth e disse: — Seus desafios, por favor, senhoritas.

Ruth engoliu em seco, parecendo que fosse passar mal, e enfiou a mão nas dobras do vestido, procurando pelo bolso e puxou dois pedaços de papel bem dobrados. Ela respirou fundo e jogou os dois dentro da cartola.

Kitty se moveu pela sala e Prue observou Lucia, Bonnie, Matilda, Jemima e Harriet fazerem o mesmo. Ela ficou um pouco surpresa ao vê-las todas participando, apesar do acordo entre elas na noite anterior. Kitty se aproximou de Alice, que estava branca como um papel. Por um momento, Prue pensou que poderia mudar de ideia, mas, no último instante, ela abriu sua reticule e pegou seus desafios, jogando-os dentro da cartola com força.

— Bravo! — Kitty bradou e Alice corou e sorriu.

Prue suspirou.

Kitty acrescentou seus desafios na cartola e Prue alcançou sua bolsa, pegando seus pedaços de papel dobrados. Ela olhou para Kitty, cujos olhos escuros brilhavam de excitação, e os jogou na cartola.

Com todo o drama de um mágico prestes a produzir um coelho, Kitty misturou os desafios dentro da cartola.

— Eu sinto que a gente deveria ter som de tambores — brincou Ruth, embora ela parecesse ansiosa e um pouco insegura sobre se essa tinha sido uma boa ideia ou não. Prue concordou com ela.

Antes que ela pudesse abrir a boca para sugerir que esse seria um curso de ação tão sábio, Kitty fez uma reverência teatral e estendeu a mão que segurava a cartola para frente de Prue.

Bem, dane-se tudo.

Não havia como recuar agora, não com todas as amigas a observando com tantas expectativas. Dane-se sua boca grande e dane-se *o Duque maldito* por deixá-la tão irritada que ela tenha falado sem pensar.

Prue respirou fundo e afundou a mão dentro da cartola, os pedacinhos de papéis dobrados farfalhando em volta dos seus dedos. Por favor, por favor, não seja nada ridículo, ela rezou. Com uma sensação de inevitabilidade, e outra mais profunda ainda como um pressentimento, ela puxou um pedaço dobrado da mistura.

— Acho que duas deveriam escolher de cada vez — disse Kitty, enquanto as outras garotas prendiam a respiração. — Quem mais vai tentar?

O silêncio foi absoluto e, por um momento, Prue achou que poderia ser aliviada. Afinal, se

ninguém mais fosse corajosa o suficiente, não havia como ela continuar com aquilo.

— Eu!

A voz foi alta e estridente, misturada com terror e determinação. Prue a olhou com espanto.

— Alice? — Ela exclamou, encarando a pequena ruiva.

A jovem frágil e de aparência elfa parecia que desmaiaria a qualquer momento, exceto que havia um brilho de determinação em seus olhos que Prue nunca tinha visto antes.

— Eu vou fazer isso — repetiu Alice novamente, parecendo um pouco mais segura agora. Ela retornou o olhar de Prue, sem piscar.

Kitty ofereceu a cartola para ela e todas assistiram em silêncio quando Alice puxou uma tira de papel com as mãos trêmulas.

— Muito bem — Matilda disse, dando uns tapinhas em Prue. — O que pegou?

Prue engoliu em seco e desdobrou a estreita tira de papel. Ela não reconheceu a caligrafia, a dona dela se esforçou bastante para disfarçar com letras maiúsculas e em negrito. Da mesma forma, Prue ficaria extremamente tentada a puxar as orelhas dela.

— E então? — Ruth disse, segurando com tanta força as laterais da cadeira que seus dedos ficaram brancos.

— Dance à meia-noite num jardim — leu Prue azedamente.

— Ah! — Jemima exclamou, o som algo entre encanto e melancolia. — O que pegou, Alice?

Prue virou-se para Alice, que estava olhando seu pedaço de papel como se fosse uma cobra venenosa.

— Be... beije um homem ao luar — ela gaguejou, suas bochechas pálidas ardendo em vermelho.

— Oh, pelo amor de Deus! — Prue praguejou levantando-se. — Então é isso? Estes são os desafios? Somos todas jovens inteligentes, e tudo que conseguem pensar são homens? Dançar e beijar? Que ridículo! — reclamou enfurecida.

Era uma coisa ela correr esses riscos, mas Alice queria casamento, segurança, e não tinha como ela induzir um homem a beijá-la ao luar, a menos que ela assumisse um risco terrível e possivelmente perigoso com a sua reputação, até mesmo sua segurança.

— Veja — disse Kitty sorridente —, eu disse que ela não iria passar por isso.

Prue sentiu seu temperamento mudar e virou-se para Kitty. — Oh, farei isso. Eu cumprirei esse desafio estúpido, não importa quão ridículo, e é ridículo, mas deixe Alice fora disso.

— Não!

Prue se virou, um pouco surpresa com a veemência daquela única palavra. Alice estava de pé, punhos cerrados, olhando para ela.

— É meu desafio, não seu, Prue — Alice disse, sua voz calma, mas firme. — Eu sabia o que estava fazendo e o quanto eu estava arriscando. A escolha é minha, não sua. Posso ser pequena, mas sou adulta e não uma criança, estou cansada de as pessoas me tratarem como tal.

Prue respirou fundo, percebendo que Alice estava certa. Ela era uma mulher inteligente, os riscos seriam os mesmos tanto para ela quanto para Prue. Se ela queria seguir em frente com esse esquema maluco, bem, era problema dela.

— Perdoe-me, Alice — disse Prue, acenando para ela. Tem toda a razão, evidentemente, apenas...

— Tomarei cuidado — Alice sorriu — não se preocupe.

Prue assentiu novamente, sentindo-se culpada. Era tudo culpa dela. Se ela não tivesse entrado numa discussão boba com Kitty, se não tivesse dito coisas tão horríveis sem pensar nas consequências... agora, uma de suas melhores amigas colocaria sua reputação em risco e para

quê? Por um desafio idiota? Beijar um homem ao luar?

Ela olhou ao redor e percebeu que algumas delas acharam que aquilo era uma ideia romântica. Prue engoliu sua raiva e seu arrependimento, embora a culpa tivesse se alojado em seu peito e não queria mudar.

— Quanto tempo temos para completar esses desafios? — ela perguntou, incapaz de ignorar o tom severamente crítico de sua voz.

Kitty deu de ombros e olhou para as outras. — Uma semana ou duas? — ela sugeriu.

As garotas olharam uma para a outra concordando.

— Muito bem — Prue disse levantando-se e pegando sua reticule. Ela precisava sair dali e se afastar de suas amigas antes que dissesse algo do qual se arrependesse. Todas estavam perambulando agora, as moças estavam conversando alegremente, diminuindo o tom das vozes enquanto cercavam Alice. — Boa tarde, meninas — disse ela, recebendo algumas respostas tímidas, pois a maioria delas estavam com a atenção voltada para Alice, oferecendo conselhos ou fazendo perguntas.

Prue se conteve de revirar os olhos e se moveu em direção a porta.

— Prue.

Ela se virou e encontrou Matilda a seguindo. A bela loira estendeu a mão e pegou a dela, apertando-a brevemente.

— Eu sei o que é perder a reputação — disse ela seriamente. — Por favor, não se preocupe com Alice. Vou tomar conta para que ela não se machuque. Tem a minha palavra.

Prue olhou para ela, um pouco surpresa. Matilda e Alice nunca haviam sido próximas, Alice era muito impressionada com a jovem arrebatadora para conversar com ela.

No entanto, Matilda Hunt sabia como era ser arruinada.

Segundo Ruth, que era a mais próxima dela, ela foi arruinada e não tinha sido culpa dela. Foi obra do irmão dela, indiretamente, ao menos. Mas isso não mudava nada. Fosse qual fosse a verdade, fora apanhada sozinha com o marquês de Montagu num clube de apostas de homens. Inevitavelmente, Matilda *Hunt* havia sido apelidada de *A caçadora*, por tentar fisgar o marquês em casamento. O fato de ela jurar que não pretendia tal coisa fora uma defesa insuficiente contra as fofocas da alta sociedade. De qualquer forma, Montagu recusou-se cair na armadilha e Matilda ficou arruinada.

— Como administrará isso? — Prue perguntou, não acreditando no quanto estava cética.

Matilda devolveu um sorriso bastante enigmático. — Eu tenho a minhas manhas — disse ela, olhando para Alice, que estava florescendo sob a atenção do resto do grupo. Ela parecia feliz e bastante animada. — Então, não se preocupe. Ela vai estar segura.

Prue assentiu, acreditando nela. — Obrigada — disse ela, e se despediu de Matilda.

9

Querida Alice,

Gostaria de vir tomar chá comigo amanhã? Raramente temos tempo para conversar e gostaria de conhecê-la um pouco melhor. Diga que virá.

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Alice Dowding.

Amanhecer de 20 de abril de 1814. Upper Walpole Street, Londres.

Prue olhou para o teto do quarto. Londres estava despertando e mesmo na rua tranquila, a agitação da cidade era audível.

As palavras do desafio martelavam na sua cabeça.

Dance em um jardim à meia-noite.

É claro que, pela letra do desafio, ela não precisava de um homem. A nota apenas dizia dance, não dizia com quem ou se com alguém. Se fosse esperta, poderia dançar sozinha, e ninguém seria mais sábia.

No entanto, outra ideia tomou forma em sua cabeça, pois, uma vez considerada, seria difícil deixar de lado.

O Duque de Bedwin queria dançar com ela. Na verdade, ele a convidou duas vezes. Ele lhe enviou quatorze pares de luvas com um bilhetinho engraçado, todas amarradas com uma bela fita.

Prue franziu o cenho, lembrando-se da sensação estranha e bastante desagradável que a assaltara quando Bonnie suspirou e babou quando falara sobre ele. Foi um sentimento bastante possessivo, algo horrivelmente parecido com ciúme.

Ela estremeceu sob a luz fraca do seu quarto. Ah não.

Não. Não. Não.

Ela não estava, repita, não estava desenvolvendo sentimentos pelo Duque de Bedwin. *Deus do céu*. Depois de tudo o que prometeu a si mesma sobre manter sua independência, sobre nunca, jamais se permitir acabar numa situação semelhante à de sua mãe... se esse era o objetivo dela, não existia uma escolha pior de marido em todo o país.

No entanto, ela não podia negar as palavras de Bonnie. O Duque era um homem bonito, atraente, e quando ela falava com ele, achava difícil igualá-lo ao homem que sua reputação sugeria.

Assim como seu horroroso pai, ela disse a si mesma. Homens são mentirosos. Eles mostram uma face para o mundo enquanto suas parceiras veem a outra.

Apesar de suas palavras e certeza, seu coração era uma criatura beligerante e ela conseguia sentir a negação dessa verdade ecoando no seu peito. *Ele não é assim*, seu coração tolo disse.

Ele é diferente.

Prue arquejou. Se tinha uma coisa que ela sabia não ser muito confiável, eram os sentimentos românticos. O sentimento poderia distorcer o bom senso e levar a mulher mais inteligente para o caminho da sua própria destruição. Viu sua própria mãe nessa estrada sinuosa diversas vezes,

sempre com o mesmo resultado.

Não.

Ela precisava desencorajar o Duque, colocá-lo em seu lugar. Ele precisava ver que Prue estava longe de ser seu ideal de quietude, sensatez e livre de escândalos. Assim a deixaria em paz, e ela voltaria a ficar confortável novamente.

Não precisava tê-lo entrando em sua vida e abalando seus planos, fazendo-a duvidar deles e perturbando sua paz de espírito. Prue certamente não precisava que ele despertasse seu coração para o tipo de sonhos românticos que nunca se permitiu considerar. Essa era a coisa mais perigosa sobre ele, e precisava pará-lo antes que se sentisse descontente com o seu destino e começasse a ansiar por coisas que há muito tempo se proibira de contemplar.

Enfim, ela tinha um plano. Se é que era possível chamar essa ideia tão sem sentido por um nome tão grandioso. Prue balançou a cabeça e respirou fundo. Bem, o que quer que fosse, era sua maneira de conseguir o que queria. Ela completaria o desafio, mostraria ao Duque que estava longe de ser a senhorita bem-comportada com a qual ele queria se casar e talvez assim conseguisse ter mais algumas ideias para sua história. Ela estava relutante em admitir, mas não sabia exatamente o que escrever para o próximo capítulo.

Seu herói parecia uma criação insípida, muito menos interessante que o Duque por quem todas as mulheres pareciam estar desesperadamente apaixonadas. Que criaturas estranhas eram as mulheres. Por que elas amavam tanto *O Duque Maldito*, se ele era uma pessoa que possuía a alma tão podre?

Quanto mais ela voltava e relia o que escrevera sobre o maldito homem até agora, mais vira sua motivação. Ele atacava porque uma mulher o machucou. Ela quebrou seu coração e o humilhou em público, ele queria vingança por isso. Suas ações eram egoístas e certamente mal julgadas, mas talvez compreensíveis. Será que na realidade, ele era tão ruim quanto ela o fazia parecer? Afinal das contas, ele teria seu castigo. Ela tinha planejado uma morte horrível para ele.

Mas agora, no entanto, se ela o matasse, poderia sentir os primeiros sinais de ansiedade de que era possível haver uma reação em massa das mulheres com coração partido por todo o país. Pior que isso, ela não tinha certeza de que queria matá-lo. Tinha uma parte dela que preferiria matar um herói sem graça, por quem nunca teria tanta empatia ou interesse quanto o Duque.

Oh, que confusão.

Bem, talvez se ela causasse um escândalo com o Duque da vida real, ele ficaria tão enojado e decepcionado com ela que ele lhe mostraria o quão desagradável ele poderia ser. E se talvez ele se comportasse tão mal e mostrasse para ela como ele realmente era? Somente assim as coisas poderiam voltar ao normal. Ela teria a inspiração que faltava para o final da sua história, completaria seu desafio e continuaria com sua vida.

Sim.

Pode não ser um grande plano, mas tinha mérito, e ela o colocaria em ação imediatamente.



Prue, talvez pela primeira vez em sua vida, se preocupou com sua aparência naquela noite. Em vez de simplesmente arrastar uma escova pelos cabelos ela os escovou com mais cuidado que o necessário, permitiu que Sally tomasse o tempo que fosse para enrolá-lo e criar um estilo para ela. Escolheu seu melhor vestido, um cetim verde esmeralda profundo, e até colocou um pouco de perfume. Por insistência de Sally, acrescentou um delicado colar de pérolas e brincos combinando.

No último minuto, e ignorando a expressão de olhos arregalados da criada, ela procurou a

caixa de presente e escolheu um par de luvas longas de cetim brancas.

— Bem — Sally disse encarando Prue com olhos brilhantes, — eu nunca a vi tão bem apessoada, senhorita. Está muito bonita, está sim.

Prue sorriu e virou para dar uma última olhada no espelho da penteadeira.

— Não estou tão maltrapilha, pelo menos — ela retornou, sorrindo. Era verdade, ela estava se sentindo bonita. Ah, ela nunca chegaria à altura da beleza da bela Minerva, mas ela não podia evitar sentir isso e não teve vontade de lamentar o fato.

Uma vez lá embaixo, Prue sorriu com o espanto nos rostos de sua tia e Minerva porque ela não estava apenas pronta, mas também apresentável, e usando luvas.

— Ora, Prue — começou Minerva levantando-se — está bonita.

Prue parou um pouco assustada com o elogio. — Obrigada — respondeu sorrindo para a prima. — Não tão bonita quanto você, é claro, mas é gentil da sua parte dizer isso.

Minerva sorriu e olhou para o vestido, que era um rosa rico e muito elegante. — É uma cor linda, não acha? — perguntou, e quando olhou para cima havia um brilho de ansiedade em seus olhos. — Espero que valha a pena.

Prue decidiu que não perguntaria quanto custou o vestido. Ela podia adivinhar, e isso era assustador o bastante, pois sabia quão escassa era a carteira da sua tia.

— Ainda na esperança de fisgar um Duque? — ela perguntou, as palavras suaves em vez de zombeteiras.

Por um momento Minerva olhou para ela, uma luz contraditória em seus olhos, mas depois ela respirou fundo e balançou a cabeça. — Acho que não — ela disse olhando por cima do ombro para ver se Phyllis estava ouvindo.

Prue a observou com curiosidade, perguntando-se pela primeira vez se Minerva tinha medo da mãe. Quanto do seu comportamento era motivado por seus próprios desejos e quanto pelas ambições de sua mãe?

— Certamente está parecendo como uma Duquesa hoje — respondeu Prue, querendo recompensar a honestidade de Minerva com a sua. Embora qualquer pensamento sobre Bedwin a fizesse sentir aquela sensação desagradável que revirava seu peito.

Minerva sorriu com o elogio, mais encantada com a franqueza do que Prue podia imaginar.

— Não acho que ele esteja interessado — admitiu Minerva — mas, por favor, não diga à mamãe que eu disse isso — ela acrescentou, empalidecendo um pouco.

— Claro que não — Prue balançou a cabeça e estendeu a mão para apertar seus dedos. — Eu nunca faria isso com ela.

Minerva pareceu aliviada e lançou um olhar obstinado para Prue, como se estivesse debatendo esse novo entendimento entre elas. — O sr. Bradbury foi muito gentil e atencioso comigo — ela disse animada. — Ele é muito rico — acrescentou com um tom melancólico.

— Sr. Bradbury? — sua tia disse com nojo, entrando na conversa fazendo com que Minerva desse um pulo de susto. Nenhuma das duas ouviram-na se aproximar. — Não vamos desperdiçar seus atributos com um mero senhor — exclamou a senhora, balançando a cabeça e lançando um olhar ameaçador para Minerva. — Deve se esforçar mais com o Duque, jovem. Se fosse um pouco mais acessível, ele a notaria mais.

Minerva corou, um olhar bastante beligerante nos olhos. — Sim, mamãe — ela disse, embora seu maxilar estivesse tenso agora.

A tia saiu às pressas da sala para pegar sua capa e Prue hesitou. Ela nunca fora próxima de Minerva, as duas eram como cão e gato, mas sabia que sua tia Phyllis era uma mulher bastante difícil de contrariar.

— Ele é gentil, o sr. Bradbury? — perguntou, estudando o rosto de Minerva.

Minerva deu de ombros, todo o brilho desapareceu de seus olhos. — Melhor do que os outros. Ele fala comigo, conversa comigo de verdade em vez de simplesmente falar ou apenas... apenas ficar olhando... — ela corou e deu outro encolher de ombros. — É melhor buscar minha capa.

Prue a observou partir e ficou se perguntando o que seria de Minerva. Ela não fisgaria Bedwin, isso era certo. O Duque pareceu quase enojado quando ela sugeriu isso, embora não pudesse entender o porquê. Minerva era linda e, uma vez afastada da influência de sua mãe, Prue suspeitava que seria mais fácil conviver com ela. Ainda assim, era problema das duas e não dela. Ela iria embora em breve, sairia daquela casa, e duvidava que a tia e a prima iriam querer ter alguma coisa a ver com ela quando isso acontecesse.

De qualquer maneira, ela tinha um plano diferente para aquela noite. Com uma repentina descarga de nervos, Prue pegou sua capa e seguiu sua tia e Minerva até a carruagem que as esperava.



20 de abril, às 20h num baile dado por Jasper Cadogan, o Conde de St. Clair.

Quando Prue entrou no salão sentiu-se enjoada e nervosa. Apesar de dizer a si mesma que o coração fraco nunca afugentava um Duque exasperante, seu estômago estava dando nós e ela estava tensa.

Percebeu duas coisas na hora seguinte.

Primeiro, nunca esteve tão nervosa em toda a sua vida. Pouco se importava com a opinião dos outros e, além de achar a temporada um desperdício de tempo, estava contente porque era uma oportunidade para observar as pessoas para formar ideias e reunir informações para o seu trabalho.

Em segundo lugar, descobriu que quando estava nervosa, falava demais.

Prue tinha certeza de que estava falando muita bobagem, mas a coisa mais estranha era que aquilo parecia estar fazendo as pessoas a notarem. Quanto mais ela balbuciava e gargalhava, mais as pessoas eram atraídas para ela. Ela foi convidada para dançar nada mais nada menos que três vezes seguidas por cavalheiros bastante apresentáveis e elegíveis. Eles se reuniam em volta de Minerva, é claro, mas Prue acabou enchendo seu cartão de dança tão rápido quanto sua prima.

Minerva olhou para ela, um pouco assustada. — Está de bom humor hoje — ela disse, sua surpresa óbvia. — Nunca a vi se divertindo tanto. Normalmente fica enfurnada num canto com as invisíveis.

Prue franziu a testa. Era isso que ela fazia? Se enfurnava? Ela nunca pensou assim, e... estava se divertindo?

Naquele momento, um jovem bastante sério, com orelhas grandes e sardas no rosto, estendeu a mão para ela. — Acredito que essa dança é minha, srta. Chuffington-Smythe?

Ela aceitou, reconhecendo que ele era um sujeito de boa índole com quem conversara no início da noite.

— Acredito que sim — respondeu sorrindo para ele.

Sim, ela decidiu que estava se divertindo, sentiu-se até um pouco surpresa com a percepção. Sim, estava se divertindo bastante. Olhou para Minerva, que acenou para ela, sorrindo enquanto o Conde de St. Clair estendia-lhe a mão para a próxima dança.

Prue deu um sorriso satisfeito para sua prima, sentindo-se quase carinhosa para com ela. Ela e

o Conde formavam um casal bastante elegante. Sem dúvida, tia Phyllis já estava planejando o banquete do casamento, pensou com uma risada. Ele não era um Duque, era verdade, mas ainda assim... um Conde não era algo tão ruim assim.

Eram quase dez horas da noite quando ela se dirigiu à sala de refrescos. Ela sabia que Bedwin não apareceria antes das onze, ele sempre chegava tarde. Faltavam algumas horas para o jantar, e toda aquela dança inesperada lhe dera sede. Sendo esse o caso, ela deu um pulo de surpresa quando o Duque apareceu diante dela segurando um copo de limonada.

— Suspeitei que após suas atividades extenuantes desta noite a senhorita quisesse se refrescar — ele disse oferecendo-lhe a limonada.

Prue olhou para ele e percebeu que estava surpresa, não apenas pelo gesto, mas também porque ele devia estar no baile já há algum tempo e que a estava observando.

— Obrigada, Sua Graça. O senhor é muito gentil.

Seus olhos caíram sob as luvas que ela usava e ele deu um pequeno sorriso. Não o sorriso espontâneo e juvenil que havia roubado sua respiração algumas noites atrás, mas um sorriso que tocava seus olhos, afastando um pouco o cinismo e a maldade que parecia persistir na sua compleição.

— As luvas são do seu agrado? — Ele perguntou, sua voz baixa e suave.

— Certamente que sim — assentiu. — Embora seja bastante inapropriado, como tenho certeza de que bem sabe.

Ele segurou o olhar dela, sem piscar. — Mas minhas intenções são honrosas, como a senhorita bem sabe.

Apesar de tudo, Prue sentiu uma onda de calor sob seu olhar penetrante. Ele estava diabolicamente lindo naquela noite, aqueles olhos escuros cheios de promessas e aquela boca pecaminosa... o desejo floresceu numa parte tão baixa e íntima que a fez corar.

Com o choque, Prue desviou o olhar.

— Com licença — disse apressada. — Meu parceiro de dança deve estar me procurando.

Prue se virou, esperando fugir dele. Embora fosse vê-lo novamente mais tarde para que seu plano fosse colocado em ação, ela teria que resisti-lo até a meia-noite.

— Vou ter a honra de dançar com a senhorita negada mais uma vez? — Ele exigiu, e Prue voltou-se para ele, notando um brilho de irritação em seus olhos.

Ela estendeu as mãos num gesto de desculpas. — Receio que o senhor tenha chegado tarde demais, Sua Graça. Meu cartão está incomumente cheio — ela disse sorrindo um pouco. Sustentou o olhar dele, forçando sua expressão em algo que esperava ser galanteadora e se sentindo bastante idiota no processo. Mantenha a calma, ela pensou consigo mesma. Prue deu um suspiro pesado e olhou para ele por baixo dos cílios. — Mas talvez algo possa ser feito a respeito... se o senhor deseja muito dançar comigo.

Um lampejo de surpresa foi visível em sua expressão e ela sorriu, surpreendendo-o ainda mais enquanto jogava os cachos loiros para um lado saindo de lá às pressas.



Robert observou a srta. Chuffington-Smythe se afastar dele, sentindo-se mais perturbado que o normal. Não que isso parecesse ser uma sensação incomum na presença da jovem. Ela nunca dizia nem fazia o que ele esperava dela. Não sabia dizer se aquilo era uma reclamação ou não.

No entanto, algo estava diferente naquela noite. Algo nela estava diferente.

Talvez fosse seu cabelo. Todas as vezes que a viu seus cabelos pareciam estar um pouco casuais, como se ela tivesse se arrumado às pressas. Isso era algo que lhe agradava, por mais

estranho que fosse. Não existia nada remotamente vaidoso nela. Ela era ela mesma, com um senso de estilo discreto que parecia se importar pouco com moda, embora ele soubesse que dinheiro tinha muito a ver com essa perspectiva.

Então se lembrou de Lavínia e a eternidade que ela levava se preparando para um baile. Ela passava horas se olhando no espelho, experimentando primeiro um estilo, depois outro, e fazendo perguntas intermináveis sobre qual deles a deixava mais bonita. Que Deus tivesse piedade se não lhe respondesse corretamente ou mostrasse qualquer sinal de tédio. É claro que, a princípio, ele se contentava em observá-la como um bobo apaixonado... até que um dia percebeu que os esforços dela não eram feitos para ele ou para ela.

O pai de Lavínia a usara como um peão num jogo, manobrando-a de diversas maneiras para que ela obtivesse um título de Duquesa e, de praxe, se aproximasse de um homem com riqueza vasta e poder.

Foi assim que ela conquistou seu objetivo, depois disso Lavínia se recusou a reconhecer seu pai para sempre. Robert simpatizou com a situação dela e encorajou o fato quando descobriu a trama. Ele a perdoou por isso e disse que agora ela estava livre do pai, que eles poderiam ser felizes apesar da forma como começaram, mas Lavínia não queria saber nada disso, não queria nada dele. Ela nunca se importou com ele, ela disse que o considerava um tédio. Disse que o amor dele pelo campo era maçante e ela precisava de entretenimento constante. Lavínia queria festas e uma boa vida, queria ser admirada, amada e queria que os homens brigassem por ela. Bem, por Deus, ela conseguiu o que queria. Até o dia em que quebrou aquele lindo pescocinho.

— Boa noite, Bedwin.

Robert olhou em volta e acenou com a cabeça quando Jasper Cadogan, Conde de St. Clair e o anfitrião das festividades daquela noite, o saudou.

— St. Clair — Robert respondeu com um sorriso caloroso.

O Conde era um dos poucos homens cuja amizade ele mantivera durante seu primeiro casamento desastroso. Apesar da sua reputação com as damas, St. Clair nunca traíra a amizade deles, embora Lavínia tivesse tentado arduamente fisgá-lo. Não havia dúvida do porquê ela queria isso. Ele era uma das maiores recompensas entre os homens, era bonito, rico e tinha um título. Jasper Cadogan era o oposto de Robert em todos os sentidos. Ele era luz contra a escuridão de Robert, e não apenas em se tratando das suas aparências. Onde quer que ele fosse, St. Clair tinha um sorriso no rosto. Ele era popular e as pessoas gostavam dele, ao contrário de Robert.

Não que sempre tivesse sido assim.

— Há rumores de que está à procura de uma esposa? — St. Clair indagou com um olhar cauteloso em seus olhos geralmente sorridentes.

Robert deu de ombros. — Um herdeiro e um reserva, conhece as regras. Que escolha eu tenho?

O Conde encostou-se no pilar de mármore ao seu lado, o retrato da indiferença aristocrática. — E tem alguém em mente?

— Talvez — respondeu Robert sem compromisso.

St. Clair seguiu seu olhar até a srta. Chuffington-Smythe que estava dançando com um sujeito esguio e de orelhas grandes. Não era bonito nem bem apessoado, Robert notou com algum prazer, embora os dois parecessem estar se divertindo. Ela estava sorrindo, seus olhos brilhando de prazer. O que diabos deu nela?

— Quem é ela? — St. Clair perguntou. Robert olhou para ele, que a estava observando com um brilho pensativo nos olhos. — Não me lembro de tê-la visto antes, muito menos de convidá-

la.

— Srta. Chuffington-Smythe — respondeu Robert, estranhamente relutante em dar aquelas informações.

St. Clair sorriu. — Ah, sim. Ela é uma daquelas estranhas que ficam à espreita nas margens dos salões? Eu não a teria reconhecido.

Robert se irritou um pouco com a descrição, mas concordou que era ela, incomodado ao perceber que pensara a mesma coisa.

— Mas ela está animada hoje — disse St. Clair. — Algo mudou, talvez esteja apaixonada.

Um choque desagradável atravessou o corpo de Robert e ele franziu a testa. Não era vaidoso o suficiente para supor que a garota tivesse se apaixonado por ele. Ela nem sequer quisera dançar com ele, maldição. Será que o ignorou por que já estava comprometida? No entanto, ela nunca tinha dado a entender que era esse o motivo da sua recusa em se casar com ele.

Mas também, ele não teve outra oportunidade para conversar com ela. A srta. Chuffington-Smythe dançou todas as danças e sempre que podia afastava-se dele. Já era quase meia-noite quando ele decidiu aproximar-se dela. Ele esperava organizar as coisas para que pudesse sentar-se ao lado dela durante o jantar, o qual St. Clair havia dito que seria informal e seria servido à meia noite e meia. No entanto, quando ele se mexeu para procurá-la, ela o encontrou primeiro.

Ela apareceu no meio da multidão, corada pela noite agitada e com os olhos brilhando, quase febris. Robert pensou pela primeira vez que ela não era tão simples quanto ele tinha acreditado. Na verdade, era bem atraente.

— Sua Graça ainda deseja dançar comigo? — ela perguntou, parecendo ofegante, sua voz um tom urgente.

— É claro que sim — ele respondeu um pouco assustado. — Mas as danças acabaram.

Ela balançou a cabeça num movimento determinado quando ele percebeu que ela havia colocado um pedaço de papel na sua mão.

— Eu o desafio — ela disse e depois deu uma risadinha, como se não pudesse acreditar que tivesse dito aquilo. Antes que ele pudesse responder, ela saiu correndo.

Robert fechou a mão em volta do pedaço de papel e saiu em busca de um local privado, longe dos olhos curiosos. Depois de ter certeza de que não estava sendo observado, levantou o pedaço de papel amassado para ler aquela estranha escrita em negrito.

Dance num jardim à meia-noite.

Que diabos?

Ele olhou para a mensagem, perplexo. Por que diabos ela iria querer fazer uma coisa dessas? A maioria das mulheres gostaria de dançar com ele em plena vista da alta sociedade. Um Duque, mesmo alguém cuja reputação fosse tão manchada quanto a dele, só poderia elevar suas significâncias. Dançar com ele, sozinhos num jardim, no entanto... ela ficaria arruinada se eles fossem descobertos. Por que se arriscar tanto se ele ofereceu casamento? O que ela tinha a ganhar?

A menos que essa natureza ilícita a deixasse excitada.

Um arrepio inquieto percorreu sua espinha. Isso era exatamente o tipo de coisa que Lavínia teria adorado. Ele sabia disso muito bem, ele a pegara no flagra.

Robert amassou o pedaço de papel. Havia algo estranho acontecendo aqui. Algo que ele não entendia e gostava menos ainda.

Além disso, ela poderia ter sido um pouco mais específica. Os jardins ao redor da mansão de St. Clair em Londres eram enormes. Como diabos ele poderia encontrá-la? Sentindo-se cada vez mais irritado, ele analisou a área. Havia um jardim privado, um belo local com uma fonte que

qualquer mulher com noções românticas certamente aprovaria. Ele tentaria lá primeiro.

10

Já sentiu como se estivesse perdendo o controle da sua vida? Que todos os seus planos cuidadosamente elaborados estivessem desmoronando e se desfazendo como uma bainha rasgada? E se não conseguir consertá-los? E se descobrir que não tem certeza do que quer?

- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe para a Srta. Matilda Hunt.

20 de abril, meia-noite. Um jardim no baile dado por Jasper Cadogan, o Conde de St. Clair.

É uma idiota, Prue se xingou enquanto se escondia nas sombras. O que diabos te fez pensar que isso era uma boa ideia? Mesmo se ele vier, ele conseguirá encontrar o jardim correto? Por que não passou instruções para ele, pelo amor de Deus?

Embora, certamente, esse jardim fosse a escolha óbvia. Era um local encantador, pequeno e íntimo, com uma grande fonte de três camadas no centro. Era fechada por todos os lados por sebes grossas e iluminada por lanternas, a luz suave aquecia o espaço escuro e fazia com que as sombras dançassem enquanto a brisa agitava as folhas das árvores. Havia apenas duas maneiras de entrar e sair do jardim, e Prue havia permanecido num canto com sombra do lado oposto de onde esperava que o Duque chegasse, assumindo que ele a encontrasse. Isso é, se ele viesse.

Ele veio.

Ela perdeu a respiração quando ele entrou no espaço, parecendo maior e mais forte do que parecia antes, o que não fazia sentido nenhum, ela se assegurou. Ele tinha o mesmo tamanho que sempre teve. Essas suas garantias não impediram que seu coração batesse mais forte ou que seus olhos negassem a verdade. Ele estava maior e mais forte, mais poderoso do que notara antes, e ela era uma idiota por pensar que isso seria uma boa ideia.

— Vai se esconder aí a noite toda? — Ele perguntou, seu tom sugerindo que ele já estava entediado. — Pensei que quisesse dançar?

— O senhor é quem queria dançar, Sua Graça — respondeu Prue, encontrando sua coragem e indignada diante da maneira calma na qual ele se encontrava. Ela teve uma súbita vontade de sacudi-lo, deixá-lo com raiva. Era por isso que ela estava aqui, afinal, para fazer com que ele ficasse com repulsa dela, para que, quem sabe assim, pudesse deixá-la em paz. — Eu não fiz nada além de lhe dar a oportunidade. Se o senhor não quiser aceitar, não vou tomar seu tempo.

Houve um silêncio tenso.

— Venha até onde eu consiga enxergá-la.

Prue cruzou os braços. — Eu não pertenço ao senhor para que me dê ordens.

Ela ouviu um suspiro irritado e sorriu na escuridão. — A senhorita me ordenou que viesse até aqui, não foi? Se a senhorita pode me ordenar, eu também posso.

— Eu não ordenei — ela retrucou, as palavras precisas e acentuadas. — Eu o desafiei. Há uma diferença significante.

— Muito bem, srta. Chuffington-Smythe poderia, por obséquio, revelar-se? Acredito que não posso dançar com uma sombra.

Prue engoliu os nervos e apareceu sob a luz de uma lamparina. — Sua Graça, no entanto, anda

sempre sob as sombras — ela disse observando-o, o brilho dourado iluminando os planos ásperos do seu rosto. Ele realmente estava parecendo um demônio naquela noite. — Sua vida ultimamente é vivida inteiramente na sombra, nos antros de casas de jogos com damas da noite.

— Ah, é mesmo? — ele perguntou, o tom entediado ainda se alastrando em sua voz. — Vejo que a senhorita sabe tudo sobre mim.

Ela riu, sacudindo a cabeça. — Eu não sei nada sobre o senhor. Somente as partes que o senhor deseja que o mundo veja e julgue.

Ele fez uma careta para aquela declaração. — A senhorita acha que eu quero que me julguem?

Prue sorriu, satisfeita que o tédio que ele parecia estar tinha desaparecido, revelando um fio de raiva em sua voz.

— Acho que o senhor acredita que eles já o julgaram, já que o senhor tem dado a eles o que eles querem.

Ele deu um passo em sua direção e ela o encarou, sua certeza de que ele não aumentara de tamanho ainda mais abalada por sua proximidade.

— Meu Deus, não me diga que a senhorita tem o coração mole e acha que eu sou romântico e doce e que apenas fui incompreendido todo esse tempo?

Ele parecia revoltado com a ideia, ela riu daquilo.

— Nem um pouco. Eu acho, não obstante o assassinato, que o senhor fez muito para adquirir essa reputação, Sua Graça. Só não tenho certeza de que o senhor goste tanto dela quanto todos adorariam acreditar.

Ele soltou um suspiro e segurou o olhar dela. — A senhorita é perceptivelmente perspicaz.

Prue não disse nada em resposta, apenas sentiu o coração bater com batidas irregulares no peito.

— Bom, então vamos dançar? — ele perguntou.

— Eu não sei, o senhor não me pediu.

Ele bufou e cruzou os braços. — Eu pedi diversas vezes e a senhorita recusou todas.

— Não vou recusar dessa vez — ela respondeu um pouco irritada por suas palavras saírem ofegantes, quase ansiosas. Quase como se ela quisesse, de verdade, dançar com ele.

Ela o viu se aproximar e estender a mão para ela. — Srta. Chuffington-Smythe, esse seu nome é um palavrão, a senhorita sabe — ele disse assustando-a um pouco.

— Eu sei — disse ela com um suspiro. — O senhor não tem ideia do peso que é. É possivelmente a única coisa que me induziria a casar, apenas para me livrar dele.

— A única coisa — ele repetiu, olhando para ela. — Eu não entendo por que a senhorita se opõe tanto à ideia.

Prue olhou para ele então. — O senhor se casaria novamente se não precisasse de um herdeiro? — Ele abriu a boca para responder, mas ela levantou a mão, interrompendo-o. — Diga a verdade — ela exigiu.

Por um momento, ela pensou que ele não responderia.

— Não — disse por fim. — Não, eu não acredito que casaria novamente se não precisasse.

Ela assentiu, satisfeita. — Aí está então.

— Não, não é a mesma coisa —, ele objetou. — A senhorita nunca casou.

Prue deu de ombros. — Não, mas tive uma experiência em primeira mão do que isso pode significar, como pode prender uma mulher. Eu não serei presa, nunca. Por ninguém!

— A senhorita ficará presa a mim se alguém nos descobrir aqui — ressaltou, a curiosidade brilhando naqueles olhos escuros. Prue olhou para ele, desejando que as sombras se elevassem, desejando que ela pudesse ver o verde dos seus olhos que parecia mudar dependendo da luz. Eles

estavam muito mais escuros agora, quase pretos. — Se isso acontecer, vamos ter que nos casar.

— Não, não vamos — ela disse sorrindo para ele. — Apenas ficarei arruinada, não é a mesma coisa.

— A senhorita prefere isso? — Ele parecia chocado, perplexo e possivelmente até um pouco magoado. — A senhorita prefere ser arruinada a se arriscar comigo?

— Sim — ela disse, a resposta bastante simples. — Sim, eu prefiro.

Seu maxilar ficou um pouco tenso, mas ele não disse mais nada sobre o assunto.

— A senhorita aceita dançar comigo? — ele perguntou então, e ela não conseguiu ler nem sua expressão nem seu tom.

— Sim.

Ele a posicionou para uma valsa, embora não houvesse música. Por um momento, Prue se sentiu ridícula... até não se sentir mais. Até o momento em que ela estava terrivelmente consciente dele, do calor dele queimando através de suas roupas, do perfume de linho fresco, sabão e couro. Muitos dos homens com quem ela dançara naquela noite tinham usado mais perfume do que ela, os cheiros vertiginosos mais fortes em algumas partes. O cheiro do Duque era, estranhamente, saudável em comparação, o que era a última coisa que ela esperava.

O que ela esperava? Se perguntou. Ele deveria cheirar a pecado e sexo? Sim, ela pensou, um frisson de algo que ela não queria dar nome a fez estremecer.

— A senhoria está com frio — ele afirmou, aproximando-a um pouco.

Prue balançou a cabeça. Ela não estava nem um pouco fria, não agora, mas se aproximou dele de qualquer jeito.

— Seus pais.

Ela franziu a testa para as palavras dele e o olhou. — O que tem eles?

— Seus pais não tiveram um casamento feliz.

— Não — Prue desviou o olhar do dele. — Não tiveram.

Ele parou então e ela sentiu o peso do olhar dele forçando-a a levantar a cabeça, a encontrar os olhos dele.

— Meu pai era abusivo — ela disse, imaginando por que sentia a necessidade de contar tudo para ele, e ao mesmo tempo acreditando que talvez lhe devesse alguma explicação da sua recusa, por sua rejeição. — Um abusivo manipulador.

— Ele... — ela o observou enquanto ele reconsiderava suas palavras, talvez se perguntando se deveria expressá-las. — Ele machucava a sua mãe?

Prue assentiu, um bolo na garganta.

— Sinto muito — ele disse com tanto lamento naquelas simples palavras que ela sentiu os olhos começarem a lacrimejar. No entanto, tais emoções congelaram quando ele levantou uma mão em direção ao rosto dela, acariciando sua bochecha com o polegar. — Se é isso que a impede... eu nunca machucaria a senhorita. Eu nunca lhe levantaria um dedo. Tem a minha palavra.

Prue piscou, sua garganta contorcendo enquanto tentava se equilibrar. — Era o que meu pai dizia depois de cada vez que a machucava. Ele chorava e pedia perdão, dizia para ela o quanto a amava, que nunca mais a machucaria, que preferia morrer. Eles ficavam felizes por um tempo – algumas semanas, um mês – e depois ele fazia tudo de novo.

Ele assentiu, entendimento em seus olhos. — A senhorita não acredita em mim?

— Os homens mentem — ela disse com um pouco mais de veneno do que pretendia.

— Nem todos os homens — ele respondeu, e havia algo suave na sua expressão, algo que, naquele momento, ela desejava acreditar, levar ao pé da letra, mas não ousava.

A dança os movia a passos lentos pelo jardim, o movimento hipnótico, sua única música era o som suave da fonte, o farfalhar da saia dela, seu coração acelerado.

— De todos os homens a quem arriscaria me entregar — ela disse, precisando que ele concordasse com ela, pelo menos para entendê-la —, o senhor acredita que alguém com sua reputação de crueldade seria a minha melhor escolha? — Não havia Condenação na pergunta, nenhuma intenção de feri-lo, apenas uma simples pergunta sobre a verdade.

Ele olhou para ela, sua expressão fechada e sua reação impossível de avaliar. — E se eu jurasse que tudo que falam sobre mim é mentira, que nunca levantei a mão para minha esposa, que nunca faria, isso não significaria nada?

— Como poderia? — ela disse, imaginando por que ela queria que isso significasse alguma coisa, por que ela podia ouvir a verdade tão claramente nas suas palavras e ainda assim nunca poderia confiar nelas. — Eu não conheço o senhor.

— Talvez a senhorita deva me conhecer melhor, então? — Ele sugeriu, e ela prendeu a respiração quando ele se aproximou, abaixando a cabeça na direção da dela. — Me dê uma chance, pelo menos.

— E me ver me apaixonando por um homem ruim? — Ela respondeu, embora não parecesse uma resposta, parecia assustada, insegura e sem fôlego.

— A senhorita poderia se apaixonar por um homem ruim? — Ele perguntou, algo urgente na pergunta.

— Eu... — Ela parou, pega pelo seu olhar. — O senhor vai me beijar? — Ela perguntou, surpresa demais com o desejo que estava sentindo para não perguntar em voz alta... muito alta, na verdade.

Um pequeno sorriso brilhou em seus olhos. — Eu estava considerando a ideia, sim — ele admitiu. — Se a senhorita permitir — acrescentou, as palavras roucas — eu gostaria sim.

Prue engoliu em seco, alarmada e excitada, sabendo que essa era a pior ideia que já teve, desafiando-o a dançar com ela num jardim à meia-noite. No entanto, ela queria que ele a beijasse, mais do que tudo. O olhar dela caiu para a boca dele, e não conseguiu fazer nada além de lamber os lábios enquanto o desejo a inundava.

— Sim — ela sussurrou.

Ele diminuiu a distância entre eles e ela mal se atreveu a respirar, não conseguia respirar quando os lábios dele tocaram os dela levemente. Era um toque muito leve, como a mais leve pressão de seda contra sua pele. Deus, seus lábios eram macios, ela não estava esperando por isso.

Ele fez o movimento de novo, a pressão suave de sua boca sobre a dela, um pouco mais firme desta vez e seguiu assim. Desta vez, ele beijou seu lábio superior, depois o inferior, e depois ela respirou fundo no calor da língua dele invadindo a boca dela. Ela se abriu para ele sem sequer pensar no que eles estavam fazendo ou nas consequências.

Seus pensamentos foram ficando dispersos até que desapareceram, nada estava em seu lugar, exceto o instinto e alguma força que estava aquecendo dentro dela. Esse aquecimento ganhou vida quando a língua dele a provocou e a convidou, instando-a a participar dessa troca íntima. Era um convite ao qual não podia resistir, sua própria curiosidade e necessidade de reagir ao instinto. Levantou os braços e os passou pelo pescoço dele enquanto ele aprofundava o beijo, seus dedos encontrando o calor e os cabelos sedosos dela.

Prue se aproximou dele, uma voz fraca em sua cabeça pedindo para que ela tomasse cuidado, enquanto uma outra mais alta insistia em demandar, mais, mais, pegue mais.

O Duque soltou um som áspero, os braços apertando-a, uma mão caindo sobre sua cintura e

puxando-a para mais perto. Ele a queria. De alguma forma essa percepção foi surpreendente, o que era estranho, pois ele a perseguira desde o começo, embora ela soubesse que isso era porque ela se encaixava nos critérios dele. Essa era a única razão. A necessidade prática de uma moça que não fosse boba e que não lhe causasse problemas. Ela quase riu. Mal ele sabia.

Mas quaisquer que fossem seus critérios, ele a queria, e o sentimento era poderoso. Alimentava suas próprias necessidades, seus próprios desejos e a verdade que isso revelara a assustou. Ela o queria também.

Esse pensamento a trouxe de volta à realidade e ela se afastou, empurrando-o pelo peito. Ele a soltou imediatamente, apesar de uma mão ainda repousar sob sua cintura. Ele estava respirando com dificuldade, o cabelo bagunçado, a boca avermelhada pelo beijo. Prue sentiu um desejo tão feroz que teve que se afastar, levando a mão à boca como se quisesse garantir que ela ainda lhe pertencia, que ainda obedecia à sua vontade.

As mãos do Duque caíram para um lado do corpo, e ele não fez nenhuma tentativa de tentar abraçá-la novamente.

— Eu... eu devo ir agora — ela disse, sua voz instável, sua respiração tão difícil e irregular quanto a dele.

Ele assentiu, seus olhos nunca deixando os dela.

Prue lambeu os lábios, desanimada ao descobrir que não queria deixar a companhia dele. Santo Deus, mas este homem era perigoso. Com dificuldade, ela se forçou a lembrar por que ela estava aqui, por que ela fez aquilo.

— Posso ter algo seu? — Ela perguntou às pressas. Ela precisava de provas desse encontro para as meninas ou elas nunca acreditariam nela. — Apenas para lembrar desta noite.

Ele pareceu surpreso com o pedido, algo que poderia ter sido prazer em seus olhos e ela sentiu uma pontada de remorso. — Algo como?

Prue deu de ombros. Ela não tinha pensado nessa parte. O que ele poderia dar para ela? Para sua surpresa, ela não precisou responder pois ele tirou o anel, aquele que trazia o selo Bedwin.

— Oh, não — ela protestou — isso é precioso demais, eu...

— Pode devolvê-lo depois — ele disse sorrindo enquanto o estendia para ela. — Da próxima vez que nos encontrarmos, trocarei por algo mais apropriado.

Prue olhou para ele, o calor de suas palavras e aquele sorriso passando por ela como o calor de um fogo, acolhedor e reconfortante.

Da próxima vez que nos encontrarmos.

Exceto que não haveria uma próxima vez. Ela não podia permitir. Os riscos estavam se tornando muito altos. Encontraria outra maneira de devolvê-lo a ele.

— Obrigada, Sua Graça —agradeceu inquieta, ciente de que havia muita mentira ali, um plano secreto do qual ele desconhecia.

Seus pensamentos estavam um tumulto, arrependimento, culpa e só o céu sabia o que mais a inundava dominando seus sentidos. Ela queria correr para o mais longe que podia dele, e ao mesmo tempo se jogar de volta aos seus braços e exigir que ele a beijasse novamente.

— Robert — ele respondeu, estendendo a mão para tocar seu rosto por um momento antes de soltá-la e recuar. — Meu nome é Robert.

— Robert — ela repetiu, achando estranho pensar nele como outra coisa senão a Sua Graça ou o Duque.

— Prunella — ele disse em troca, sorrindo e parecendo se divertir — se me permitir?

Ela fez uma careta e balançou a cabeça. — Prue, nunca Prunella.

— Prue, então — ele disse e o som do nome dela na voz baixa e íntima dele a fez estremecer.

— Não perguntarei de novo, mas... isso quer dizer que vai pensar em mim com um pouco menos de rigidez?

Ela olhou para ele, subitamente com medo, com medo de que esse homem charmoso e bonito pudesse prendê-la como sua mãe estivera presa. O medo anulou o desejo, trazendo-a de volta à realidade com um solavanco.

— Não — ela disse, a palavra um pouco mais difícil e definitiva do que talvez ela pretendia, mas não tinha sentido em dizer de outra maneira. — Tenho que ir — ela murmurou, sem vontade de olhar nos olhos dele, com medo de que ele pudesse ver algo na sua expressão que a provaria uma mentirosa.

Não se atreveu a ficar nem mais um momento, caminhou até a brecha do arbusto que atravessara e correu.

11

Querida Prue,

Não sei o que aconteceu que a deixou tão confusa, mas sei disso; a vida é incerta e devemos aproveitar nossas oportunidades onde pudermos, como pudermos. Se encontrar algo verdadeiro, mesmo que não seja onde esperava encontrá-lo, pelo amor de Deus, agarre-o e não o solte. Mude seus planos! Quem se importa se isso flerta com o decoro do que é esperado de nós? Quem se importa se não é o que achou que queria? De que servem os planos se eles não se adaptam quando as coisas mudam à sua volta? O amor e a felicidade são coisas preciosas demais para arriscar perder. Talvez não tenha outra chance e uma vida inteira é tempo demais para se arrepender.

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

21 de abril, muito depois da meia-noite, na mesma noite num jardim no baile dado por Jasper Cadogan, o Conde de St. Clair.

Robert assistiu Prue se afastar dele sem saber o que estava sentindo. Aquele pequeno não tão determinado o atingiu com mais força do que queria admitir. Pelo menos entendia o raciocínio dela agora. Ela não tinha medo apenas dele por si só, tinha medo de qualquer homem que pudesse ter controle sobre ela, sobre sua vida. Se queria se casar com ela, precisaria provar que era um homem confiável.

Respirou fundo quando se deu conta disso, ele queria se casar com ela, embora seu raciocínio não estivesse tão claro quanto imaginara. Aquele beijo o abalou.

A única coisa que não precisava, que não queria para o próximo casamento, era algo semelhante ao amor ou luxúria. Por razões práticas, não tinha intenção de se casar com uma mulher de quem não gostasse e nem pudesse achá-la atraente. Precisava de um herdeiro pelo amor de Deus, e de uma mulher para criar seus filhos, mas Lavínia lhe ensinara os perigos de ficar cego pelo desejo.

Não que houvesse algo assim com Prunella - Prue, ele se corrigiu - mas aquele beijo ainda o abalava. A paixão dele o pegou de surpresa. A paixão dela o surpreendeu. O estranho comportamento dela naquela noite, deveras estranho, à parte, Prue havia sido parte constante das isoladas desde seu debute, segundo seu tio. Ele esperava um beijinho casto nos lábios, seguido de um rubor forte.

Mas o que ele conseguiu na verdade roubara o seu fôlego e o fez querer jogá-la num canto escuro e ficar lá até que os dois estivessem desnorteados.

Robert respirou com falhas. A srta. Chuffington-Smythe era cheia de surpresas, e ele não tinha certeza se isso era uma coisa boa. Por que, por exemplo, ela queria algo dele? A princípio, a ideia o encantou e quis agradá-la, fazer um gesto romântico dando-lhe seu anel. Parecia apropriado, pois pretendia lhe propor casamento novamente em breve, mas a reação dela não tinha sido a que esperava. Então aquele pequeno e difícil “não” como resposta à sua pergunta o deixou perplexo e machucou. Parecia deveras peculiar aquela exigência de lembrar daquela noite a qual ela

recusara considerá-lo um pretendente.

Como se ela estivesse fazendo jogos com ele.

Seu maxilar ficou tenso e a ansiedade enrijeceu seus músculos. Robert não gostava de jogos. Ele havia perdido muitos para Lavínia e queria que Prue fosse direta, que o namoro fosse simples, sem baboseiras e que não durasse muito. Agora ele sentia que fazia parte de algo que não entendia e não estava gostando nem um pouco disso, embora tivesse gostado do beijo dela... gostado muito.

Tentando não dar muita atenção para os estranhos eventos daquela noite, ele voltou para a casa, caminhou em direção à sala de jantar e estava determinado a interrogar seu tio mais uma vez. Ele conhecia Prue melhor do que podia imaginar, talvez ele pudesse lançar luz sobre o comportamento dela. Até que eles se encontrassem novamente, era tudo o que poderia fazer.



Manhã do dia 21 de abril de 1814, Beverwyck, Londres.

Robert cumprimentou seu tio enquanto sentava-se à mesa para o café da manhã, Charles sorriu para ele.

— Bom dia, o baile de St. Clair foi divertido? — Charles perguntou, aceitando uma xícara de café de um lacaio.

Robert franziu a testa olhando para o prato. — Certamente foi um baile animado — ele disse, imaginando como abordar o assunto do comportamento de Prue com ele. O velho sugerira ter muito carinho pela jovem e a tinha como uma neta favorita. Como ele reagiria aos eventos da noite passada, Robert não sabia, mas precisava de conselhos. — A srta. Chuffington-Smythe estava lá — ele afirmou, evitando os olhos do tio.

— Ah, e como o vento soprou naquela região? — Charles perguntou, sorrindo um pouco enquanto se servia de uma porção de arroz com peixe defumado e ovos cozidos.

— Do Ártico ao Saara e vice-versa — respondeu Robert sarcasticamente, decidindo que a honestidade era sua única opção se quisesse ouvir algo útil.

— O Ártico não me surpreende inteiramente — Charles disse olhando com um brilho curioso nos olhos. — Sua reputação o precede, meu garoto. Mas o Saara?

Por um momento Robert hesitou, não querendo prejudicar a reputação de Prue diante de uma pessoa que gostava dela.

— Diga logo — ordenou Charles enquanto balançava a cabeça. — Não acredito que a srta. Chuffington-Smythe seja um exemplo a ser seguido, mas também não seja uma sedutora, e lembro-me de como eu era quando mais jovem — a última frase fora dita com apenas um toque de severidade e Robert reuniu sua coragem.

— O senhor se lembra de tudo o que discutimos — ele começou sentando-se reto para olhar melhor nos olhos do tio — sobre o tipo de esposa que eu queria desta vez?

— É claro — Charles concordou, assentindo.

— A srta. Chuffington-Smythe me desafiou a encontrá-la à meia-noite, nos jardins, e dançar com ela.

— Ela desafiou é? — As sobrancelhas do tio se levantaram um pouco, o canto da boca se contraindo. — E?

Ele limpou a garganta. —E... e fui encontrá-la, nós dançamos. Também conversamos e descobri o motivo por trás da relutância dela em se casar.

Ele viu o rosto de Charles escurecer. — O pai dela — ele disse com óbvio desgosto. — Ele era um filho da mãe maldito. Casou-se com alguém acima de sua posição e nunca perdoou sua pobre esposa por ser melhor que ele. E não — ele acrescentou, sua voz ainda mais severa — eu não sou esnobe e ela também não era. Ele que era. Um miserável, isso que ele era. Usava bastante os punhos também, pelo que ouvi.

— Prue me contou sobre isso — Robert sentiu seu estômago revirar. De todas as coisas que a alta sociedade o acusara, aquilo o machucara, de alguma forma, mais do que os boatos dele ter assassinado sua esposa. Assassinar uma criatura voraz e rancorosa como Lavínia num ataque de paixão era uma ideia com a qual ele conseguia, de alguma forma, simpatizar-se, ainda mais depois do que ela o fizera passar. Bater na esposa por motivo algum e constantemente, no entanto...

Os rumores de crueldade começaram logo após o casamento e eram mentiras descaradas. Levantar a mão para qualquer mulher, por qualquer motivo, era algo que ele sempre considerara repugnante. Ser falsamente acusado pela boca da própria esposa, através de boatos e fofocas... isso era intolerável.

— Prue? — Charles repetiu, sorrindo agora com o uso familiar do nome dela. — Mencionou um vento do Saara, creio eu?

Robert arquejou. — Eu a beijei e... — Droga, como ele poderia explicar sem fazer parecer que ela era melhor do que aparentava? Enfim, não era exatamente disso que ele estava tentando se convencer? — E ela não se comportou como eu esperava. O que ela quis dizer em me desafiar a encontrá-la, dançar com ela e depois me beijar como... como... — ele parou horrorizado ao sentir um calor subindo pelo pescoço — não vou cometer outro erro, tio. Eu... eu simplesmente não posso.

Charles o estava observando com simpatia em seus olhos. Ele pelo menos nunca fora enganado por Lavínia. Ele enxergou através dela desde o primeiro momento.

— A srta. Chuffington-Smythe é tudo o que eu disse que ela era, Robert — ele disse com firmeza. — Ela será uma ótima esposa e uma boa mãe e amorosa. Eu também sei que seria uma esposa fiel e leal ao seu marido, principalmente se ela der seu coração para ele. Percebo, no entanto, que terá uma grande batalha nas mãos para conquistá-la. O pai dela a deixou extremamente desconfiada dos homens e com nenhum desejo de se casar. No entanto, ela é uma jovem como qualquer outra. Sem dúvida, a frivolidade da noite anterior foi nada menos que um desejo de romance. As mulheres gostam de ser cortejadas, Robert. De fato, todo mundo, inclusive você, precisa de um pouco de romance nas suas vidas.

— Essa é a última coisa que eu preciso — Robert retrucou, irritado. — Eu disse que não queria nada disso. Eu disse que não queria uma mulher para amar ou que me amasse. Eu preciso apenas de uma esposa que eu possa tolerar, com quem eu possa concordar em criar nossos filhos, meu herdeiro, e isso é tudo.

Charles soltou um suspiro, um olhar de pena acompanhou esse som e levantou ainda mais os pelos de Robert. — Então encontre sua própria esposa e deixe a srta. Chuffington-Smythe em paz. Se ninguém pode convencê-lo a fazer a coisa corretamente para garantir a sua própria felicidade e a dela, então não participarei disso.

— Nunca deu a entender que eu deveria fazer a maldita garota me amar, quando conversamos — protestou Robert, irritado com o comentário. — Me disse que ela era uma jovem sensata!

— E ela é! — Seu tio levantou-se com mais força do que esperava. Sua raiva era palpável. — Sensata o suficiente para não se amarrar a um homem que não pretende dar nenhuma importância para sua felicidade. Agora, faça o que quiser, Robert, isso é problema seu, mas

deixe-me tomar meu café da manhã em paz. Está me dando indigestão.

Robert se levantou em silêncio. Somente seu tio ousaria falar com ele daquela forma, fazendo-o se sentir mais como um garotinho sendo repreendido do que como o Duque de Bedwin. Ele sabia que poderia defender sua posição e Charles seria forçado a se desculpar. Se o fizesse, no entanto, danificaria uma das poucas amizades próximas que para ele era muito importante, então ele segurou a língua. Ele estava a meio caminho da porta quando Charles falou novamente.

— Gosto dessa moça, Robert, e acho que poderiam ser felizes juntos, mas se a machucar, nunca irei perdoá-lo.

Robert assentiu a cabeça em reconhecimento e saiu da sala.

Na manhã do dia 21 de abril de 1814. Residência da srta. Ruth Stone, Upper Walpole Street, Londres.

— E então? — Exclamaram as jovens em tons variados de excitação sem fôlego quando Prue se juntou ao resto das Senhoritas Peculiares.

— Então o que? — ela perguntou toda inocente enquanto as outras moças a apressaram a se sentar oferecendo-lhe uma xícara de chá, impacientes pelas suas notícias.

— Ora, pare com isso, Prue — Matilda implorou como se quisesse bater o pé. — Podemos ver que tem novidades. Pelo amor de Deus, conte-nos tudo antes que a explodamos de curiosidade!

Prue sorriu, se divertindo. Ela ainda achava que o desafio tinha sido uma grande loucura, mas não pôde deixar de se felicitar por ter conseguido completá-lo tão rapidamente. Os olhos de Kitty estavam nela, estreitados com suspeita.

— Dançou num jardim? — A jovem perguntou, seu ceticismo escancarado. — À meia-noite?

— Eu dancei — respondeu Prue, não antes de se gabar um pouco, enquanto um sorriso triunfante se curvava em sua boca.

— Suponho que seguiu à risca o desafio e dançou sozinha — resmungou Kitty, cruzando os braços e parecendo mal-humorada. — Deveríamos ter reescrito antes de que fosse embora. Todas deveríamos ter sido mais cuidadosas com as palavras — ela acrescentou, os olhos furiosos para o grupo reunido.

— Eu não estava sozinha — Prue respondeu de forma desinteressada enquanto tomou um gole do chá. A sala explodiu com gritos de alegria e intriga, e Prue quase derrubou a xícara no chão quando Bonnie agarrou seu braço.

— Quem foi? — ela exigiu, quase pulando de emoção. — Conte!

Prue franziu um pouco a testa e olhou ao redor da sala, encontrando o olhar de cada uma delas.

— Devemos primeiro fazer um juramento, um juramento sobre a nossa amizade, sobre a lealdade de cada Senhorita Peculiar uma com a outra. Qualquer coisa dita dentro da santidade desses encontros, qualquer coisa a ver com os desafios que propusemos ou seus resultados, levaremos para nossos túmulos.

— Concordamos! — disseram todas de uma vez, mas Matilda sacudiu a cabeça e levantou a mão.

— Acho que também devemos fazer esse juramento — disse ela com a voz firme. — Não importa o quê, nós nos apoiaremos. Se alguma de nós estiver com algum problema, nós abandonaremos tudo e voltaremos correndo para que nunca deixemos nenhuma de nós desamparadas para enfrentar os lobos sozinhas.

— Concordo — disse Prue sem hesitar, sorrindo sua aprovação para Matilda.

Depois de um momento de hesitação, todas seguiram seu exemplo, suas vozes sérias e sinceras, Matilda sorriu, depois se virou para Prue e bateu palmas com alegria.

— Conte-nos tudo!

— E não deixe um único detalhe de fora — acrescentou Bonnie sorrindo.

Prue suspirou e teve pena delas. — Ontem à noite, no baile de St. Clair, dancei no jardim às escondidas, à meia-noite, com... — Ela disse de uma vez, ciente de que a sala inteira estava segurando a respiração em coletivo — o Duque de Bedwin.

A sala entrou em erupção.

Prue sorriu e balançou a cabeça em negativa, recusando-se a responder a outras perguntas. O que havia acontecido fora da dança dizia respeito apenas ao Duque e ela, e não tinha a menor intenção de compartilhar os detalhes.

— Como saberemos se está dizendo a verdade? — Kitty exigiu, parecendo não menos cética do que antes da revelação de Prue.

— Porque se Prue diz que foi isso que aconteceu, foi o que aconteceu! — Alice disse um pouco alterada.

Prue sorriu para ela, tocada pela defesa de sua tímida amiga. — Obrigada, Alice, mas achei que poderia ser difícil convencer Kitty, então tomei a liberdade de trazer evidências.

A sala inteira ficou em silêncio mais uma vez quando Prue alcançou sua reticule e puxou o anel do Duque com um floreio. Todo mundo engasgou.

— Oh, Prue — disse Matilda, sua voz cheia de admiração.

Prue olhou com consternação para os olhos da sua amiga que brilhavam. — Que foi?

— Ele lhe deu seu anel — ela disse, parecendo impressionada e como se estivesse prestes a desmaiar.

— Sim — respondeu Prue, olhando para o anel de sinete de ouro pesado que continha o brasão dos Bedwin. — Sim, estou vendo.

— Mas, Prue — continuou Matilda incrédula — não entende o que isso quer dizer?

Prue olhou em volta e percebeu que ela não conseguia entender, mas todas elas conseguiam. Elas pareciam chocadas.

— Que foi? — ela perguntou novamente, perplexa.

— Ele quer se casar com você, sua boba — respondeu Kitty, revirando os olhos. — Sinceramente, por qual outro motivo ele te daria algo tão precioso?

Prue corou. Ela sabia, é claro, que Bedwin - que Robert - queria se casar com ela, embora não pelas razões românticas que ela podia ver brilhando nos olhos das suas amigas. No entanto, não queria que mais ninguém soubesse dessa informação. Que tolice dela aceitar o anel dele, de todas as coisas.

— Oh, Prue — Alice respirou fundo, seu rosto doce iluminado de emoção. — Ele pediu a sua mão?

Prue engoliu em seco, querendo negar, mas se viu incapaz de fazê-lo à luz do prazer honesto de sua amiga com a ideia.

— Sim — ela disse com relutância, soando como se estivesse admitindo ter pegado piolho em vez de receber uma proposta de casamento de um Duque.

Os gritos começaram novamente. Agora mais alto.

— Eu disse que ele estava fascinado por você! — Matilda exclamou, olhando-a maravilhada.

— O que respondeu? — Jemima perguntou — quero dizer, ele é um Duque e muito bonito, mas..., mas dizem...

— Oh, Prue, dizem que ele... a esposa dele... — Alice gaguejou.

— Ele tem uma reputação horrível.

— ...um apostador de jogos e um libertino...

— Dizem que ele espancou...

— ...trancou-a no quarto.

— Ele lutou um duelo com um homem apenas por ele a olhar!

— Ela morreu pelas mãos dele...

— Basta! — Prue gritou sobre a cacofonia de fofocas e intrigas. — Não existem provas, nenhuma, de que ele tenha feito alguma dessas coisas, são fofocas maldosas — ela acrescentou, sentindo-se estranhamente na defensiva do Duque por nenhum motivo aparente. Ela, mais do que nunca, havia feito fofocas sobre ele, difamara seu caráter completamente, mais do que qualquer outra pessoa, com sua história escandalosa sobre *o Duque Maldito*.

A culpa que sentira antes aumentara novamente, desta vez mais insistente, ao se lembrar da sinceridade nos olhos de Robert, a verdade que ouvira em suas palavras.

Eu nunca machucaria a senhorita. Eu nunca lhe levantaria um dedo. Tem a minha palavra.

Fizera ele essa mesma promessa para sua primeira esposa? Ele cumprira essa promessa?

Ela voltou sua atenção para suas amigas que a encaravam com uma impaciência indisfarçável.

— Eu já recusei a proposta dele — ela disse, uma sensação bastante estranha se instalando em seu peito com as palavras. — Então, não há necessidade de toda essa histeria, mas não acho que ele seja tão sombrio quanto o pintam.

— Recusou a proposta de um Duque? — Era Lucia perguntando, a bela jovem espanhola, a mulher quem ela pensaria que pudesse desaprovar tamanha impertinência de alguém de tão baixa escala social quanto Prue. Em vez disso, Lucia parecia mais do que um pouco impressionada.

— Eu recusei — admitiu Prue, encolhendo um pouco os ombros e desejando que a sensação estranhamente agitada que a envolvia a deixasse em paz.

Ela sentiu a súbita necessidade de fugir e ficar sozinha para pensar sobre o que tinha feito e de se lembrar de todos os motivos pelos quais tinha feito. Além do mais, ela tinha um capítulo para escrever. Um capítulo que deveria ter sido publicado dias atrás. No entanto, seu Duque maldito continuava tentando se redimir e ela não tinha certeza de que estava pronta para deixá-lo. Pelo menos ainda, havia dois capítulos para serem publicados antes que ela estivesse com problemas com o periódico.

Não havia necessidade de entrar em pânico.

Necessidade nenhuma.

Prue engoliu em seco quando algo frio e semelhante com pânico a invadiu e a fez tremer e se sentir enjoada.

As meninas ainda estavam conversando, avaliando o mérito de se casar com um Duque contra os perigos de se casar com um homem com a reputação de Bedwin. Prue deixou que suas palavras a invadissem, respondendo às perguntas com respostas não comprometedoras.

Algumas das meninas levantaram-se para examinar uma bandeja de bolos que haviam ignorado durante a emoção da chegada de Prue, e Alice sentou-se ao lado dela quando abriu um espaço. Ela cobriu a mão de Prue com a sua.

— Está muito pálida, se sente bem? — ela perguntou.

Prue assentiu, forçando algo parecido como um sorriso em seu rosto.

— É claro — ela disse, impregnando a resposta com um tom brilhante que estava longe de sentir. — Mas dançar à meia-noite cansa qualquer moça, sabe. Estou um pouco cansada. Acho que é melhor eu ir para casa e tirar uma soneca — ela respondeu, recolhendo suas coisas e

garantindo que o anel de Bedwin estivesse de volta em segurança na sua reticule. — De qualquer forma, deixe para lá — acrescentou, esperando desviar a conversa dela e do Duque. — Como está indo o seu desafio?

Alice ficou vermelha e pareceu estranha, e Prue desejou não ter perguntado.

— Oh... eu não... quero dizer... — Alice virou a xícara de chá de um lado para o outro de uma maneira distraída. — Vou tomar chá com Matilda amanhã — ela disse com um tom mais animado. — Ela irá me ajudar.

Prue olhou para Matilda, que retribuiu um sorriso sem graça.

— Bem, então — disse Prue, sentindo-se um pouco aliviada. — Está em boas mãos.

— Sim — Alice respondeu, a palavra monótona bastante fraca, pois Prue sabia que Matilda havia sido arruinada depois de ter sido encontrada sozinha com um marquês.

12

Querida Prue,

Conte-me mais sobre Bedwin! Como é o Duque? Seu pedido de casamento foi terrivelmente romântico? Ele te beijou?

- Trecho de uma carta da Srta. Bonnie Campbell para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

23 de abril. Festa no jardim do Lorde e Lady Faversham, Hambleton House ao lado do Tâmisa, Richmond, Londres.

Tinha que dar créditos a tia Phyllis. Ela conseguia se socializar com as melhores pessoas.

O convite para a festa no jardim da Hambleton House era um dos mais procurados na temporada e, por Lady Faversham ser uma velha amiga, Phyllis havia garantido um lugar para todas.

Era um evento glorioso, e um dos poucos que Prue desfrutava com entusiasmo. Por isso, teceu constantes elogios à tia Phyllis por seu sucesso e aplaudiu seus esforços. Teria sido muito fácil para uma viúva ser negligenciada em tais ocasiões, mas tia Phyllis não era uma dama que permitisse tal coisa. Restava um fio de respeitabilidade, e como se agarrava a ela.

A mãe de Prue era filha de um Visconde, mas seu casamento com um homem muito abaixo da sua posição social a tornara uma pária social. Isso a isolou, e mais do que nunca quando o casamento azedou, e ela ficou sem ninguém a quem recorrer. No que dizia respeito ao Visconde, sua filha havia semeado o vento, agora estava colhendo a tempestade.

Embora a conexão de tia Phyllis com o Visconde fosse bastante vaga, sua criação ainda fora impecável e, sendo a viúva de um respeitado militar morto em batalha e com uma filha bela e vivaz, ela era uma companhia aceitável.

Prue foi incluída no convite por uma questão de civilidade.

Era um dia glorioso. O sol da primavera ardia quente sobre as costas de Prue enquanto caminhava pelos jardins, admirando os milhares de bulbos que cobriam grandes áreas e que eram o motivo da festa em si. Embora ainda não tivesse tido ideias para o próximo capítulo que ainda estava pendente, e apesar das ideias variarem entre culpa e arrependimento, aborrecimento e irritação, Prue estava de bom humor. Era difícil não estar num ambiente tão gostoso e com o sol brilhando sobre ela. Era o desfile da primavera mostrando suas cores e novos começos promissores.

Novos começos, ela lembrou a si mesma.

Ela terá um novo começo. A oferta para publicar sua história como um romance certamente viria em breve, juntamente com a demanda de pelo menos uma outra história do The Lady’s Weekly, com esperança de mais. O fato de estar fazendo isso às custas do Duque era a única coisa que azedava seu bom humor, mas ela afastou esse pensamento hoje, já que passara muito tempo ponderando o certo e o errado a respeito.

Prue havia dado uma desculpa para não comparecer ao último baile, duas noites atrás, suplicando e usando uma enxaqueca como pretexto. Tinha sido uma grande festa e ela sabia que

o Duque iria comparecer, sabia que ele a procuraria. Ela ainda não estava pronta para vê-lo novamente.

O gosto do beijo dele ainda permanecia nos seus lábios e isso a impediu de dormir e fez com que sua mente vagasse por caminhos que recusara a considerar antes que ele fizesse aquela proposta ridícula.

Pelo amor de Deus, por que ela estava tão preocupada com isso? Não era como se ele se importasse com ela. Ele só queria uma esposa que se comportasse bem e não lhe causasse nenhum problema. Ao contrário do que ele pensava, essa não era Prue, mas ele não sabia a verdade.

Esperava que seu comportamento ultrajante nos jardins naquela noite o tivesse desencorajado, mas o beijo que eles compartilharam e as palavras dele após o acontecido não lhe deram essa impressão. Prue não era boba. Ela sabia que o beijo não significava nada para ele. Sua reputação era tal que ela duvidava que o beijo tivesse permanecido em sua memória por mais de um minuto ou dois, muito menos o tivesse impedido de dormir.

Se ao menos ela pudesse dizer o mesmo.

Santo Deus, precisava que ele saísse de sua vida. Ele estava perturbando todos os seus lindos planos e ela não podia permitir isso. Claro, também poderia simplesmente dizer para ele que ela era a Miss Terry. Talvez isso diminuísse seu ímpeto, fingido ou não, o mais rápido possível. A ideia fez seu coração dar uma acelerada não desejada no seu peito, e não porque ele ficaria furioso. Ela não queria que ele soubesse que era ela quem o lançara sob uma luz tão perversa. Principalmente agora que suspeitava ter entendido tudo errado.

Tentando desviar sua atenção do maldito homem que ocupava muito o seu tempo ultimamente, ela se virou para Minerva. Sua prima estava a cara da primavera com um vestido amarelo pálido e um chapéu combinando.

— Está parecendo um narciso — ela disse sorrindo quando Minerva se virou para ela surpresa.

— Oh, obrigada — Minerva agradeceu parecendo satisfeita com o comentário. — Achei que era uma cor alegre.

— Ela é, e combina com você.

Minerva fez uma careta e Prue a pegou pelo braço, surpresa. — O que foi?

A jovem olhou por cima do ombro para a mãe que caminhava logo atrás delas. — Nada — ela disse com um suspiro.

Elas caminharam em silêncio por um tempo enquanto Prue pensava.

— Me conte a verdade. Quer se casar com Bedwin? — perguntando-se o que a possuía, mas foi dominada pelo desejo repentino de saber.

Minerva pareceu igualmente surpresa com a pergunta, olhou por sobre o ombro novamente e ficou aliviada ao ver que sua mãe havia parado para conversar com outra pessoa e ficado para trás. Ela encolheu os ombros.

— É o que mamãe quer — ela disse antes de lançar um olhar penetrante para Prue. — Por quê? Não acha que eu poderia? Não sou inteligente o bastante?

Prue fez uma pausa, um pouco surpresa com o comentário. — Acho que pode ter qualquer homem que queira, Minerva — ela disse com total honestidade. — Se fosse você mesma e parasse de se esforçar tanto, quer faça isso para agradar a tia Phyllis ou não. Por que não considerar seus próprios sentimentos?

Minerva franziu a testa e Prue esperou, imaginando se estava prestes a enfrentar uma torrente de agressão em resposta ao seu comentário.

— Mamãe nunca permitiria que eu me casasse por amor — disse Minerva com um tom

irônico, como se Prue fosse uma imbecil por sequer considerar a ideia. — Ela quer um título e diz que tenho a beleza para conseguir um.

Prue acenou com a cabeça em concordância. — Você tem — Prue afirmou sorrindo para a prima. — Mas isso a deixaria feliz?

Minerva olhou para ela e respirou fundo, mas, antes que pudesse falar, a voz da tia Phyllis cortou o ar como uma lâmina.

— Olha quem eu encontrei, Minerva querida!

Prue virou-se com uma maçante sensação de mal-estar ao ver sua tia se aproximando delas com o Duque de Bedwin.

Robert cumprimentou as duas jovens, ciente de que ele parecia estar tenso e desajeitado. Ele se sentia tenso e desajeitado, e completamente desequilibrado. Isso não melhorou seu humor já instável. Havia uma grande parte dele que queria mandar o maldito título para os infernos e esquecer toda essa história de casamento. Haveria um primo distante em algum lugar que seria desenterrado em caso de sua morte, sem dúvida, e o título iria seguir adiante. Deus era testemunha que ninguém seria capaz de manchar o nome da família mais do que ele já tinha manchado.

No entanto, havia uma outra emoção, uma que não foi capaz de enterrar, apesar de ter tentado.

A empolgação.

Ele queria ver Prue novamente. Foi perturbador perceber o quão desapontado ficou por não conseguir encontrá-la no último baile em que foi. A tia e a prima dela estavam lá, e ele foi embora antes que elas pudessem atacá-lo. Se Prue não estava lá, ele não tinha interesse nenhum em permanecer no baile.

Robert a observou agora, observou sua expressão quando ela girou e o viu se aproximando. Bem, isso não era nada encorajador.

A sra. Butler continuou tagarelando, exaltando as belezas do jardim e fazendo muitas alusões e comparações óbvias à sua própria filha. Sentindo-se beligerante, ele recusou-se a agir como um cavalheiro e a dar as respostas óbvias que ela lhe implicava. A srta. Butler parecia cada vez mais mortificada e ele estava se sentindo um idiota, mas estava cansado de ser manipulado, mesmo que de uma maneira tão insignificante.

— Ah, peço-lhe perdão.

Robert olhou para cima, voltando sua atenção para Prue que acabara de interromper o monólogo interminável de sua tia. Ao contrário da sra. Butler, Prue não tinha aberto a boca após seu cumprimento inicial. Agora, ela estava olhando para todos eles com um sorriso de desculpas.

— Eu acabei de ver uma pessoa quem eu devo cumprimentar — ela disse bastante agitada. — Se me derem licença.

Seu maxilar ficou tenso e ela basicamente fugiu dele. O que diabos estava acontecendo? Foi ela quem o procurou e o desafiou a dançar. Foi ela quem ganhou vida em seus braços, devolvendo seu beijo com tanta paixão que ele não conseguiu dormir só de pensar nele.

O mais rápido que pôde, sem ser óbvio demais, despojou-se da senhora e da srta. Butler. Ele passou uma hora entediante conversando com conhecidos e fazendo um pouco de hora, o tempo todo procurando por Prue, que parecia ter simplesmente desaparecido.

Desapontado e irritado – principalmente por quanto a evasão o incomodava – ele saiu para dar uma volta ao longo do rio nos confins do jardim. A maioria dos convidados ficavam próximos da casa, e ele esperava ter alguns momentos de paz para pôr seus pensamentos em ordem.

Uma longa passagem coberta de hera podada bloqueava o sol da primavera, mergulhando-o na escuridão enquanto seguia o caminho em direção à água cintilante que vira à distância. No meio do caminho, ele parou quando ouviu vozes.

— O que aconteceu depois? O herói apareceu e resgatou a princesa? — veio a voz de uma garotinha, admirada e excitada.

— É claro que sim — disse um tom mais brusco e indignado: o de um garoto que estava evidentemente longe de ser impressionado.

Robert sorriu e estava prestes a se afastar quando foi preso pela próxima pessoa que falou.

— Não, ele não fez isso.

— Oh! — disse a menina bastante desanimada.

— Que foi? — exigiu o garoto, acompanhado por várias outras vozes que Robert não tinha ouvido antes.

— A princesa não quis esperar para ser resgatada por um príncipe idiota — retrucou a voz familiar.

Robert sentiu um sorriso curvar em sua boca enquanto imaginava a expressão revoltada no rosto de Prue enquanto ela falava.

— Ela andou pelas bordas escuras da masmorra, procurando coisas que poderia usar para ajudá-la escapar.

— Ooooh — disse a garotinha.

— Afffff — reclamaram os outros garotos. — É uma masmorra trancada, ela não pode sair.

— Bem, isso mostra o quanto você sabe — respondeu Prue. — A princesa, que não encontrou nada de útil, sabia que teria que confiar em seu próprio pensamento rápido e começou a falar consigo mesma em voz alta, falando coisas como "*não, ela realmente não queria ser resgatada, poderia o belo estranho, por favor, ir embora.*"

— Mas disse que ela estava sozinha — a menina apontou.

— E ela estava — disse Prue, e ele pôde ouvir o sorriso nas suas palavras. — Mas o guarda não sabia disso e perguntou "*com quem você está falando aí dentro?*"

Robert riu da tentativa dela de imitar uma voz profunda e masculina.

— Ah, era um truque! — a menina exclamou, encantada.

— Sim, era, a princesa respondeu "*Oh, ninguém. Não tem ninguém aqui além de mim*" e se escondeu atrás da porta. Bem, o guarda ficou desconfiado e invadiu a masmorra. Rápida como um relâmpago, a princesa correu para a porta aberta e a fechou, trancando o guarda lá dentro.

A menina gritou e bateu palmas. — E ela se casou com o belo príncipe?

Houve uma longa pausa e, sem motivo explicável, Robert prendeu a respiração.

— Não — Prue respondeu, sua voz decisiva. — A princesa percebeu que achava o herói muito chato, porque ele queria que ela ficasse em casa e cuidasse dele. Em vez disso, casou-se com o vilão, e eles viajaram pelo mundo juntos, se metendo em travessuras onde quer que fossem.

Robert sorriu e todo o mau humor, dúvidas e aborrecimentos dos últimos dias desapareceram quando seu coração deu um baque instável no peito. Era ridículo, ele sabia disso, mas aquele final lhe dera esperança, por mais tolo que pudesse parecer.

— Prue, Prue! A pipa de William está presa numa árvore.

Ouviu-se um barulho e movimento por trás da trepadeira e Robert continuou andando e olhando em volta de uma abertura na planta que levava a um pomar e depois à campina mais à frente.

Prue e sua comitiva corriam pela margem do pomar onde uma brilhante pipa azul e vermelha havia caído sobre os galhos mais altos de uma macieira. A cauda da pipa se arrastou até o chão,

desconsolada na sua prisão de galhos.

Divertindo-se, Robert ficou de lado observando um grupo de cinco crianças - uma menina e quatro meninos - pararem e observarem a pipa. Ele ficou um pouco alarmado, mas, após ouvir a versão de Prue de um conto de fadas, não ficou nem um pouco surpreso quando ela levantou a saia e começou a subir na árvore. Um momento depois, a pipa caiu no chão com gritos de gratidão. As crianças correram para brincar com o prêmio, deixando Prue para trás, ainda agarrada aos galhos altos da velha árvore retorcida.

Era uma oportunidade boa demais para deixar passar.

Ele a alcançou a tempo de ouvir uma série surpreendentemente de palavrões e conseguir uma bela visão de um lindo tornozelo.

— Posso ajudar? — ele perguntou, sua voz séria.

— Ah, não! — ela lamentou, olhando para ele com óbvio horror. — Ah, tinha que ser você, não tinha?

Robert retornou uma expressão ferida. — Mas Prue, querida, eu só vim para dar meu apoio, da forma que precisar.

— Eu não sou sua querida — retrucou uma voz ácida acima dele. — E o senhor pode me ajudar indo embora, por favor.

— Mas, como cavalheiro, eu não poderia deixar uma jovem sozinha e em perigo.

— Não estou em perigo, garanto — ela respondeu exasperadamente. Sua voz estava ofegante e ele apertou os olhos, tendo dificuldade em vê-la com o sol batendo acima dela. Ela parecia estar se contorcendo, puxando a parte de trás do vestido, a musselina delicada bastante inadequada para o esforço que estava fazendo. Alguma parte ao longo do corpete e em várias partes entre as saias, estava irremediavelmente presa nos galhos. — Apenas vá embora — ela murmurou. — Eu posso descer sozinha.

Robert franziu a testa, agora um pouco preocupado. — Prue, está toda emaranhada. Deixe-me subir e ajudá-la, sua teimosa!

— Não! — ela exclamou zangada. — Eu não preciso da sua ajuda, eu posso fazer isso sozinha.

Ele soltou um suspiro frustrado. — Ora, pare com isso, até mesmo sua princesa de pensamento rápido se casou com o vilão, acredito que a senhorita consegue permitir que seu vilão a desemaranhe de uma árvore, não consegue?

Uma onda de calor peculiar o atacou ao pensar em ser o seu vilão. Santo Deus, ele estava enlouquecendo.

Ele ouviu um gemido mortificado do alto da árvore quando ela percebeu que ele ouviu sua história e ele sorriu, seu coração acelerou no peito ao ouvir aquele som. Meu Deus, ela era encantadora.

— Não tinha intenção de espionar, mas a história estava tão fascinante que não consegui ir embora — ele disse se desculpando.

— Bem, a princesa se salvou, e eu também irei me salvar — ela respondeu. — E eu não vou me casar com ninguém, então o senhor pode ir embora e encontrar outra mulher com quem possa bancar o herói... ou o vilão... ou o que o senhor quiser ser — ela disse, soando cada vez mais irritada.

— Mas eu quero bancar com a senhorita — ele disse suavemente.

Houve um farfalhar lá de cima e ele viu os olhos de gato dela olhando para ele, arregalados e assustados.

— O senhor... o senhor não deveria dizer essas coisas — ela disse, voltando sua atenção para

os galhos e quase dobrando os esforços na tentativa de se soltar.

— Por que não? É a verdade — ele disse, incapaz de esconder o sorriso do rosto ou no som da sua voz. — Também quero beijá-la novamente — ele não sabia por que dissera aquilo, talvez porque simplesmente era a verdade. Aquele beijo o assombrava, o impedia de dormir e aromatizava seus lábios de tal maneira que ele não podia deixar de lambê-los sempre que pensava nela, tentando encontrar todos os sabores remanescentes dela para que ele nunca esquecesse.

Ela parou, depois os puxões e os xingamentos começaram de novo, mais frenéticos do que antes.

— Deixe-me subir e ajudar — ele insistiu, balançando a cabeça com a teimosia dela. — Eu consigo tirá-la daí. Se a senhorita continuar fazendo isso irá rasgar...

Ele ouviu um grito e o som de tecido rasgando quando ela caiu. Robert gritou e começou a subir, mas ela se segurou num galho, estendendo uma mão para mantê-lo onde ele estava.

— Oh, Santo Deus — ela murmurou.

Ela estava muito mais baixa na árvore agora, com os pés no galho mais baixo. Robert estendeu a mão, agarrando seus tornozelos enquanto ela balançava e tentava se equilibrar, apertando os olhos contra o sol.

— Não olhe para cima! — ela gritou em pânico, dando o comando.

Robert imediatamente olhou para as botas, mas não a soltou.

— Por que não? Qual é o problema? — exigiu saber.

Houve um silêncio tenso. — Parece que rasguei meu vestido.

Com muito esforço, Robert forçou sua expressão para algo mais solene, mesmo que ela não pudesse ver o seu rosto. No entanto, não teve tanto êxito com sua voz, que tremia.

— Oh, Santo Deus — ele reclamou, lutando para não rir. — Onde? Muito?

— Na parte de trás — ela disse com firmeza, parecendo irritada. — De forma bastante arruinadora, eu lhe asseguro.

Robert ficou sério imediatamente, percebendo que ela estava falando literalmente. Se alguém a visse em tal estado de nudez, isso a arruinaria.

— Ah — ele disse tentando descobrir o melhor curso de ação. — Precisamos tirá-la daqui sem que ninguém a veja.

— É mesmo? — ela respondeu ironicamente.

Ele soltou um suspiro impaciente. — Se a senhorita não tivesse agido de forma tão teimosa, eu poderia tê-la ajudado sem incidentes. — Após dizer isso, entendeu que poderia ter sido mais cavalheiresco e não ter apontado tal fato, mas ele fora escolhido como o vilão, então. Ele poderia muito bem desempenhar esse papel.

— Eu não queria sua ajuda — ela respondeu. — Se o senhor não tivesse insistido em ficar, eu estaria bem.

Robert a soltou quando ela parecia estar firme sobre o galho e cruzou os braços. Ele bufou para ilustrar sua incredulidade. — Sim, a senhorita estaria exatamente na mesma situação, sozinha.

— Consegue ver? — ela disse triunfante. — Uma grande melhoria comparada a minha situação atual.

Ele não pôde deixar de rir. — Oh, Prue, é uma criatura impossível.

Havia muito calor nas palavras, mas ele não pôde evitar. Ela não disse nada, mas ele podia senti-la olhando furiosamente para ele.

Robert olhou em volta deles, tentando se orientar. — As estufas estão para aquele lado — ele

disse apontando para a casa de vidro. — Tenho certeza de que vi os telhados quando passamos pela entrada. Se conseguirmos encontrar uma saída para a frente da casa, poderei escondê-la na minha carruagem sem que ninguém veja.

— Na sua carrua... oh, não... decerto que não...

— Se a senhorita tiver um plano melhor, sou todo ouvidos — ele disse ironicamente, tentando ser razoável. — Quer que sua tia a veja neste estado?

Ele quase podia ouvir os dentes dela rangendo quando percebeu que não havia outra opção.

— Muito bem.

Robert se esqueceu por um momento, ficou tão aliviado com o acordo dela que acabou olhando para cima.

— Não olhe para cima! — ela retrucou, segurando o corpete que parecia bastante solto, um ombro do vestido caindo pelo braço.

Virando-se imediatamente, ele não pôde deixar de rir. — Por mais escandaloso que seja, acredito que seu resto de vestido ainda cobre toda parte er... essencial.

— Só se segurá-lo — ela admitiu e uma onda de calor correu pelo corpo dele.

Não pense nisso, ele instruiu a si mesmo. Não é tão vilão assim.

— A senhorita não me deixará ajudá-la?

— Não.

Um momento depois, ela estava no chão, os braços em volta do seio para manter o vestido no lugar. Ele a encarou, corado, os cabelos dela estavam emaranhados, os olhos castanhos em alerta e irritados. Ele perdeu o fôlego.

— Que foi? — ela perguntou, a irritação que retrocedeu como dúvida ruborizou sua expressão. Suas mãos esbeltas alcançaram seus cabelos, os antebraços ainda prendendo o vestido enquanto ela inclinava a cabeça, notando que os pinos estavam todos escapando e seu cabelo estava soltando. — Santo Deus! Devo estar medonha — ela exclamou com uma mortificação óbvia.

— A senhoria está perfeitamente encantadora — ele respondeu, dizendo isso de todo o coração. Um pensamento espontâneo lhe ocorreu, que a aparência de Lavínia sempre foi perfeita. Sua falecida esposa também teria ficado tão encantada quanto Prue com o pequeno recanto escuro ao lado do cercado de plantas, embora ela acharia o lugar perfeito para um encontro ilícito. Reunir um grupo de crianças e contar improváveis contos de fadas sobre princesas independentes nunca lhe passaria pela cabeça.

A perigosa percepção de que essa mulher estava ficando sob sua pele, encantando-o com sua conversa peculiar e frustrando-o, mantendo-o sempre à distância de um braço, o atingiu com força e rapidez. Ela não quis mantê-lo afastado quando ele a beijou. Quando ele a beijou, ela se aproximou, se agarrou a ele como uma trepadeira numa árvore, como se nunca quisesse soltá-lo.

O desejo de beijá-la novamente, de pressionar seus lábios contra aquele beicinho indignado, estava consumindo todo seu corpo.

Ela emitiu um som de nojo e incredulidade com seu elogio, e ficou surpreso com a determinação dela em não acreditar nele.

— Guarde seu charme para quem queira ouvi-lo — ela disse acidamente. — Eu não preciso de falsidades, obrigada.

— Mas é a verdade — ele objetou, encontrando um olhar frio de desdém. — A senhorita está...

— Acho seguro dizer — ela interrompeu — que qualquer interesse que o senhor possa ter por mim não deriva de uma paixão pela minha grande beleza — ela levantou uma sobrancelha pálida para enfatizar seu sarcasmo. — Portanto, não envergonhe a nós dois tentando flertar comigo

dessa maneira.

Robert parou e a observou, vendo tanto a expressão feroz que ela usava quanto a outra que era algo vulnerável, algo que não lhe permitia confiar nele. Ele estendeu a mão e empurrou uma pequena mecha de cabelo loiro para trás da orelha dela.

— Eu não sou um homem que lisonjeia as mulheres à toa — ele disse segurando seu olhar. — Não brinco com boas damas da sociedade, não faço flerte e minhas maneiras educadas estão todas esgotadas. Pergunte a qualquer um. Eles dirão que sou um bastardo sem coração, sem tempo para conversa fiada e menos ainda por decoro. Eles dirão que prefiro os salões de jogos ao Almack's, e nunca faço nada que eu não queira. Certamente não perco meu tempo dizendo coisas que não quero dizer — ele sorriu para ela então, permitindo que o calor aparecesse em seus olhos, sentindo-o em sua expressão de uma maneira que ele havia esquecido que fosse possível. — Eu disse que a senhorita está encantadora porque é verdade. Encantadora e inocente e perfeitamente adorável. Simplesmente o tipo de criatura doce que um vilão gostaria de levar a uma festa para devorar em privado.

Ele observou um intrigante rubor subir em seu pescoço, corando suas bochechas.

— Mas eu prometo que não vou te devorar, a menos que a senhorita me convide para tal — ele acrescentou, não querendo lhe dar nenhuma preocupação sobre ir com ele. Robert se forçou a não permitir que seu olhar caísse sobre os ombros nus, enquanto ela segurava a frente do vestido sobre o seio.

— Posso dar uma olhada e ver o que pode ser feito? — ele perguntou, gesticulando para as costas do vestido dela.

Ele observou sua garganta trabalhar enquanto ela engolia, depois ela deu um aceno agudo.

Movendo-se atrás dela, ele inspecionou o dano. Embora as saias estivessem rasgadas em vários lugares, o laço da cintura apenas se desfizera. Ele amarrou a fita solta. A fita de cima do decote, no entanto, havia se partido, a faixa soltou-se completamente do invólucro. Não tinha como consertar.

— Não há nada que eu possa fazer, receio — ele disse dando-lhe um sorriso simpático enquanto ela bufava seu descontentamento. — Venha — ele ordenou, percebendo que eles já estavam desaparecidos há muito tempo. — É melhor tirá-la daqui logo.

Prue assentiu, agora calada, e o seguiu pelo pomar e por sobre um cercado. Robert olhou para trás, assegurando-se de que não havia ninguém por perto. Eles estavam fora da vista da casa daqui e, embora ele pudesse ouvir as crianças brincando, elas voltaram para os jardins do outro lado do pomar.

Subir a cerca mostrou-se uma atividade desafiadora, pois Prue mantinha um punho de ferro segurando o decote. Atravessar o gramado depois não foi tão problemático pois a grama ainda estava curta, mas havia uma pequena fileira de mato para atravessar para chegarem perto do caminho que levava à frente da casa. As saias de musselina de seu vestido já estavam danificadas e para piorar estavam se enganchando em todo mato, galhos e folhas secas que encontravam no caminho até Robert não suportar e vociferar em voz alta.

— Isso está demorando demais — ele disse balançando a cabeça. — Perdoe-me.

Antes que ela pudesse abrir a boca para perguntar por que, ele a pegou no colo. — É só por um momento — ele assegurou, lamentando o fato de que logo alcançariam a borda da linha das árvores e as carruagens alinhadas em frente à casa se tornariam visíveis. Ele gostou da sensação de tê-la em seus braços, gostou do fato de que, pela primeira vez, poderia pelo menos tentar fazer o papel do herói. Era uma mudança refrescante. Sendo esse o caso, ele não tentou segurá-la por mais tempo do que deveria, e a colocou no chão. — Fique aqui —, ele instruiu. — Fique fora de

vista até minha carruagem chegar. Vou buscar a carruagem e ela bloqueará qualquer visão sua da frente da casa. Ninguém a verá entrar. Serei o mais rápido possível.

— Mas tia Phyllis e Minerva — ela objetou. — Eu não posso simplesmente desaparecer.

Ele franziu o cenho, acenando com a cabeça. — Eu não a vi conversando com uma amiga? Uma srta. Hunt, não era?

Ela assentiu, tremendo agora no frio da floresta sombria e ele desejou poder dar-lhe o casaco, mas se ele fosse visto sem ele, chamaria a atenção que não desejava.

— Confia nela? — ele perguntou.

— Sim.

— Muito bem. Terei que explicar as circunstâncias e pedir que ela a cubra. Pedirei a ela que diga à sua tia que ficou doente e ela lhe emprestou sua carruagem para casa. Uma enxaqueca, talvez — ele sugeriu, incapaz de resistir a arquear uma sobrancelha — a senhoria parece propensa a isso.

O silêncio dela e o olhar de culpa em resposta confirmaram suas suspeitas. Ela não esteve doente, estava apenas o evitando.

— Vamos discutir sua doença repentina quando a senhorita estiver com menos risco de ser arruinada — ele disse um pouco amargo ao perceber que esperava que estivesse errado. — Serei o mais rápido possível.

13

Prue!

O que aconteceu? Me conte tudo! Estou morrendo de curiosidade. O Duque me fez jurar segredo e foi muito firme quanto a isso. Não que eu fosse dizer alguma coisa, mas certamente não teria ousado recusar qualquer coisa que ele me pedisse. Ele está apaixonado? Ele estava agindo como um homem que queria muito ser seu herói. Ele conseguiu isso?

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

23 de abril, ainda no jardim do Lorde e Lady Faversham, Hambleton House ao lado do Tâmisa, Richmond, Londres.

Prue estremeceu. Os pelos dos seus braços estavam arrepiados quando a carruagem do Duque parou ao lado dela. A porta se abriu e Robert saltou, ajudando-a na curta distância até a porta e apressadamente, fazendo-a entrar. Depois que ela se sentou, ele cutucou diligentemente o teto para a carruagem começar a se mover.

Ela observou, um pouco alarmada, quando ele tirou o casaco e se sentou ao lado dela.

— Está com frio — ele afirmou colocando o casaco sobre os ombros dela.

O calor do corpo dele ainda queimava no forro de seda enquanto ele deslizava o casaco contra sua pele gelada, Prue estremeceu novamente, embora desta vez de prazer. Aquele compartilhamento de calor corporal parecia íntimo, mesmo que ele não a estivesse tocando. Ela manteve o olhar fixo, lutando contra o rubor nas suas bochechas ao pensar como aquele corpo duro e masculino era convidativo, mas isso não ajudou porque o cheiro dele emanava do tecido do casaco. Revigorante e limpo e algo levemente cítrico. Sabão de limão, pensou, sentindo uma emoção ilícita por ter um detalhe tão pessoal dele revelado.

— Está melhor? — ele perguntou.

— Sim, obrigada — ela respondeu erguendo os olhos, desejando não ter confrontado com aqueles olhos verdes que, pela primeira vez, não refletia o frio de águas profundas que costumava mostrar, e sim algo tão suave e convidativo como uma margem de rio coberto de musgos. Pequenas manchas de ouro brilhavam no meio do verde, quase amarelados, quando o sol atravessou a janela e iluminou sua leitura cuidadosa dele. Como prímulas na grama, ela pensou, sorrindo ao perceber que o pensamento absurdo o revoltaria.

— Que foi? — ele exigiu com um olhar curioso na floresta escura do seu olhar.

— Nada — ela disse rapidamente e se virou para olhar pela janela. Imediatamente ficou ciente dele, da sua grande presença tão perto dela no luxuoso assento de veludo e do fato de estarem sozinhos, juntos na sua carruagem. Ela seria arruinada se fossem descobertos.

— Terá que se casar comigo agora — ele começou, sua voz suave e animada. — Está arruinada.

Prue ficou rígida, alarmada com a maneira como ele tinha lido seus pensamentos. — Só ficarei arruinada se for descoberta — ela corrigiu — permitirá que alguém descubra sobre nós?

— Não, é claro que não — ele respondeu cruzando os braços e recostando-se, descansando a

cabeça na almofada do assento. — Mas isso não muda o fato de estar sozinha com um homem numa carruagem, com a aparência de quem acabara de ser completamente devorada — ele deu um meio sorriso. — Qualquer menção ligando o meu nome fará todo mundo acreditar que foi deflorada, provavelmente contra a sua vontade — ele acrescentou azedamente.

Ela olhou para ele, ouvindo a amargura por trás daquelas palavras e notando o toque irônico na boca dele.

— Mas nunca faria isso, não é?

Não era uma pergunta para responder certo ou errado, apesar de estar ciente da proximidade dele e da força contida naqueles ombros largos e pernas poderosas, ela não sentia medo dele. O pai dela fora um homem menor do que esse poderoso Duque, mas o dano que ele havia causado fora suficiente para Prue odiar os homens para sempre. Este homem, no entanto, apesar da sua reputação terrível, não fizera nada para machucá-la.

Ele olhou para ela, seu olhar inabalável.

— Não — ele disse firmemente e cheio de certeza. — Apenas um homem fraco usaria os punhos, ou a força, contra alguém que não tem meios de se defender. Somente o pior tipo de vilão aceitaria o que não lhe fora oferecido livremente. Posso ser muitas coisas, Prue, e já fiz muitas coisas das quais não me orgulho, das quais fui difamado, mas nunca fui cruel com uma mulher, nem com minha esposa. Eu nunca levantei a mão para ela e não a matei. Eu a teria feito feliz - ou tentado, pelo menos, se ela assim tivesse permitido - mas não era isso que ela queria de mim.

— E o que era? — Ela perguntou, imaginando se ele responderia uma pergunta tão indelicada.

Ele deu de ombros e desviou o olhar do dela. — Ela estava tão presa quanto eu, por tudo que aconteceu, fora ela quem me fisgou. Seu pai a manipulou desde que ela era criança. Seu único objetivo na vida era conseguir um título. Depois que ela conseguiu isso, se recusou a continuar jogando seus jogos. Ela queria provar a liberdade e o prazer e viver livremente após anos sendo a filha perfeita.

— Parece simpatizar com ela — ela disse surpresa.

— Hoje sim, talvez — ele respondeu ironicamente. — Passei a maior parte do tempo odiando Lavínia, odiando o que ela fez comigo, desprezando-a por tudo que ela destruiu —, ele encolheu os ombros. — Mas suponho que a maturidade e o tempo te dão outra perspectiva sobre as coisas. Ela não estava feliz, estava sentindo-se sozinha também, à sua maneira. Não éramos adequados um para o outro e eu estava cego pela beleza dela. Não tive tempo para conhecê-la melhor. O que aconteceu foi tanto minha culpa quanto dela. Se eu estivesse de posse das minhas faculdades, teria conquistado a confiança dela. Eu teria encontrado seu coração em vez de permitir que meus instintos mais básicos me dominassem, aceitei todos os convites dela para nos encontrar em segredo.

— Também não me conhece — ela apontou. — E me encontrou em segredo, não aprendeu sua lição?

Ele riu com aquilo. — Não, decerto que não — ele admitiu — mas gostaria de conhecê-la melhor. Meu tio poderia falar sobre a senhorita por horas. Acredito que ele a conheça bem, ele certamente acredita que sim, e não há ninguém cuja opinião eu confie mais do que na dele — sua voz ficou baixa, tremulando sobre ela, íntima demais no espaço confinado da sua carruagem. — Vi o suficiente para acreditar que não seria um erro, de forma alguma. Eu acho que poderíamos ser felizes.

Prue sentiu algo mudar em seu peito: uma dor por algo que ela havia dito a si mesma que não era para ela. *Não acredite nisso*, ela se advertiu. Uma voz sarcástica sussurrou que ele queria

algo dela, que ele a estava embalando numa falsa sensação de segurança.

— Mas só quer uma égua parideira — ela afirmou deliberadamente de forma grosseira e acusadora. — Só quer proteger sua linhagem. Quando me propôs casamento, deu a entender que, uma vez que eu te desse seu herdeiro, ficaria livre para poder viver uma vida independente, desde que não causasse nenhum escândalo.

Ele franziu a testa e desviou o olhar do dela.

— Sim, foi o que eu te disse.

— E isso não é verdade? — ela perguntou, chamando sua atenção de volta para ela, estava agitada com a expressão dele. Ele parecia menos cavalheiro sem o casaco. Ele passou a mão pelos cabelos e despenteou as mechas grossas, a sombra da sua barba estava visível, mesmo estando barbeado. O interior da carruagem ficou sombrio, encolhendo de alguma forma quando uma grande nuvem bloqueou o sol. Os olhos de Robert estavam escuros e intensos, o contorno do seu rosto severo sob a luz fraca.

— Era verdade quando disse — ele afirmou, escolhendo as palavras com cuidado, bem pensadas.

O coração de Prue acelerou. — E agora? — Ela perguntou, assustada com o tom ofegante da sua voz. — O que é verdade agora?

Ele se aproximou dela e ela respirou fundo quando ele estendeu a mão e tocou seu queixo com a ponta do dedo, levantando um pouco sua cabeça.

— A verdade é que — ele começou, sua voz baixa, lenta e cheia de promessas — eu não sei, mas não consigo tirar a ideia de beijá-la da minha cabeça. Estou desesperado para beijá-la novamente — ele se aproximou um pouco mais dela, ainda não a tocando em nenhum lugar, exceto a ponta do dedo que queimava sob sua pele, o leve contato era eletrizante. — Eu quero leva-la para casa e para minha cama. Eu quero arruiná-la, não aos olhos da sociedade, não para ela e muito menos para forçar a sua mão, quero arruiná-la para que não queira mais ninguém além de mim.

Prue engoliu em seco, sua respiração estava errática. *Santo Deus*. Ela estava ansiosa com antecipação, tentação e desejo, enquanto uma outra pequena parte do seu cérebro ansiava por lápis e papel para poder escrever o que ele acabara de dizer em detalhes precisos, pois era a coisa mais espetacular que ela já ouviu.

— E então? — Ele perguntou, seu olhar quente e urgente.

Prue atormentou seu cérebro tentando lembrar se ele havia feito alguma pergunta. Ela estava distraída com a boca dele, ela estava tão perto, lembrando como se sentira quando ele a beijou, sua boca suave e quente, macia e exigente.

— Eu...

Ela sentiu como se estivesse sendo sugada por uma areia movediça, afundando numa situação em que perdia o controle, que deslizava por entre seus dedos em alta velocidade e a colocava em perigo. Ah, perigo, ela pensou com um suspiro, olhando para aqueles olhos perversos, cílios grossos e escuros emoldurando o desejo e a promessa de prazeres decadentes. *Sim, por favor.*

— Isso não é uma resposta — ele disse, sua respiração intensificando sobre ela. Seu corpo estava em chamas, cada centímetro da sua pele estava viva com a proximidade dele. Um calor líquido e derretido armazenou em sua barriga, ela estava com uma sensação estranha e dolorosa entre suas coxas que era surpreendente e estranha e... indesejada.

— Qual era a pergunta? — ela gaguejou, lambendo os lábios e tentando reprimir o desejo de agarrá-lo pelo pescoço e concordar com o que ele quisesse oferecer. Mas ela não era aquela mulher.

Prue escreveu sobre mulheres imprudentes, mulheres que cederam ao desejo e caíram em circunstâncias dramáticas, mas Prunella Chuffington-Smythe não era o tipo de mulher a ser arrebatada pelo amor, romance ou paixão. Decerto que não. Ela era sensata demais, tímida demais também...

— Posso beijá-la? — Ele perguntou, interrompendo sua linha de pensamento.

— Sim, por favor.

As palavras saíram rápido demais, antes que a Prue, sensata e equilibrada, pudesse sequer considerar sua resposta. Em algum lugar dentro dela, uma outra Prue, mais corajosa e feroz, levantou a cabeça e assumiu o comando, pegando o que queria. Quando ele abaixou a cabeça e seus lábios encontraram os dela, ela não se arrependeu.

Beijar não era algo com o qual Prue tinha muita experiência. Teve esse garoto numa festa anos antes. Eles eram jovens, tinham apenas treze anos, e ele fora atrevido e gentil e lhe roubou um beijo. Tanta inocência naquele beijo, um toque seco dos lábios. Mas esse beijo não tinha nada de inocente, nem esse homem. Quanto mais ele a beijava, mais ela queria, precisava que ele continuasse. Sua boca tomava e retribuía, tudo ao mesmo tempo, às vezes gentil e carinhosa, depois aprofundava mais, exigindo coisas que seu corpo parecia entender sem questionar.

Os pensamentos que surgiram quando o beijo ficou mais selvagem foram chocantes e deliciosos.

Prue conhecia os fatos da vida. Ela havia decidido há muito tempo que não poderia escrever sobre romance, pecado e tentação se não conhecesse a mecânica que levava homens e mulheres a assumir riscos tão terríveis com suas reputações, suas vidas e suas almas. Contudo, descobrir como dois corpos se encaixavam não era muito mais útil do que ler uma receita. Prue pode conhecer os requisitos da composição: ovos, manteiga, farinha, mas ela não podia sentir o perfume decadente, não podia provar as texturas e sabores doces, azedos, suaves e crocantes.

Ela não podia experimentar isso.

Ela não tinha a menor ideia.

O hálito dele era quente e urgente, o dela vindo em pequenos suspiros desesperados, sobrecarregados e querendo mais. Santo Deus, o que ela estava fazendo? No entanto, se ela nunca se casasse, essa poderia ser sua única chance de experimentar essa insanidade emocionante. Como poderia escrever sobre paixão sem nunca a ter experimentado?

Robert gemeu, um som baixo e selvagem profundo em sua garganta que fez com que chamas corressem pelas veias dela. Ela era poderosa, tinha poder sobre ele naquele momento, e ainda assim estava fora de controle, impulsionada pelo seu próprio desejo, que era muito mais feroz do que jamais suspeitara.

Pensamentos clamavam em seu cérebro febril, pensamentos sobre o calor da pele dele contra a dela, do peso do corpo dele sobre o dela, das mãos dele sobre ela. Loucura. Insanidade total, desconcertante e divina. Havia apenas duas opções: ousar enfrentar seu próprio desejo e sucumbir a ele, ou ouvir a razão e interromper isso imediatamente.

A razão a faria ter aceitado a primeira oferta de casamento que tivesse, não importava de quem fosse.

A razão nunca teria permitido que ela pegasse uma caneta e escrevesse uma história romântica.

A razão a faria agir educadamente, dentro dos limites da propriedade.

Obediente.

Decisão tomada.

— Eu quero você — ele murmurou enquanto suas mãos acariciavam e apertavam. Ele beijou e

beliscou e traçou caminhos com a língua enquanto Prue tremia e suspirava. — Eu preciso de você mais perto.

Robert a puxou, tentando conseguir exatamente isso, mas era estranho na carruagem, com os dois lado-a-lado. Droga, ela pensou, por que ele não escolheu um lugar melhor para seduzi-la? Certamente um vilão de seu calibre deveria pensar melhor nessas coisas? Ela quase riu disso, mas foi atingida por uma onda de tristeza.

Esse homem complicado e maravilhoso nunca seria dela, nem como marido, nem como algo mais do que ela poderia ter neste momento. Seus planos para o futuro não o incluíam. Ela o usou, usou sua miséria e sua péssima reputação para seus próprios fins, e esse seria o seu castigo. No entanto, não havia razão para que ele continuasse sofrendo por causa das suas ações. Ela poderia lhe dar algo em troca. Ele a queria mais perto, e ela não negaria isso a ele.

Tinha que haver um jeito.

Prue se mexeu, apoiando uma mão em cada ombro dele, ela se afastou do beijo dele, encantada com o olhar dele. Todo desalinhado e com as pálpebras pesadas, ele parecia completamente um vilão. Ela sorriu, respirando fundo para reforçar sua coragem antes de se levantar.

— O que... — ele começou, surpreso até que ela voltou para ele, colocando uma perna em cada lado das suas coxas. — Oh, Cristo — ele murmurou, puxando-a para mais perto, suas mãos deslizando sob as saias dela, puxando-as mais até que ele tivesse acesso aos seus quadris.

— Oh — ela exclamou, tanto pelo calor das mãos dele através do tecido fino de suas roupas íntimas e a repentina intimidade da sua posição, o som ofegante de surpresa abafado quando ele a beijou novamente.

Ele também está fora de si, ela percebeu, satisfeita em reconhecer o mesmo desespero em seus olhos. O pensamento se dispersou quando ele puxou seus quadris para mais perto, seus corpos se tocando. Ele estava duro embaixo dela, seu membro esfregando contra o sexo dela e enviando prazer através do corpo dela como um delicioso relâmpago. Ela achou que sabia o que esperar, tendo visto ilustrações médicas do membro de um homem em vários estados de estímulo.

De certa forma, mesmo através do tecido de suas calças, o pequeno e elegante desenho não fazia justiça ao homem.

Prue suspirou e estremeceu quando ele se moveu contra ela novamente, o comprimento duro e grosso se aconchegando entre seus corpos, fazendo-a doer mais e suspirar e mover-se sem pensar, agarrando seus ombros.

Robert descartou o casaco, removendo-o dos ombros dela e puxando seu vestido arruinado, expondo seus seios ao olhar dele.

— Cristo, Prue — ele exclamou, e aquela sensação de poder a atacou novamente diante da luxúria indisfarçada em seus olhos e no tom áspero de suas palavras. Ele a beijou outra vez antes de se afastar. — Eu quero estar dentro de você — ele confessou, sua voz trêmula e áspera de desejo. — Pelo amor de Deus, Prue, diz que se casará comigo.

Ela parou, perplexa enquanto olhava para ele, franzindo a testa. — Eu achei que quisesse me arruinar — ela apontou, um pouco decepcionada com a declaração um tanto quanto malvada.

Ele grunhiu, passando as mãos pela cintura dela, segurando e apertando seus seios, brincando com os mamilos enquanto ela ofegava e doía ao seu toque.

— Eu já a arruinei — ele respondeu soando um pouco irritado. — E já te disse que não foi exatamente isso o que eu quis dizer. Eu só quero que me queira, mais do que a qualquer outra pessoa.

Um pouco exasperada com a declaração, Prue levantou uma sobrancelha. — Certamente é

prova suficiente disso? — Com uma demonstração inesperada de sua própria maldade, Prue esfregou-se contra ele, suspirando de prazer e sinuosa como um felino.

Ele inclinou a cabeça para trás e ela sentiu uma alegria quando ele gemeu, agarrando seus quadris, acalmando-a.

— Pare, pelo amor de Deus, antes que eu *me acabe* nas minhas calças — disse ele, empurrando-a um pouco para trás e colocando uma distância entre eles.

Prue sorriu, chocada demais e encantada ao mesmo tempo. Nunca em sua vida se considerara uma sedutora e, mesmo com as palavras dele e as evidências físicas, era difícil de acreditar.

— Pare de parecer tão satisfeita consigo mesma — ele resmungou, embora houvesse algo suspeito semelhante a carinho por trás das palavras.

Aquilo, mais do que tudo, trouxe-a a si. Ele merecia mais que isso. Por mais que ela estivesse tentando dar a ele algo que ele queria, ela percebeu, naquele momento, que não era isso. Ele não queria algo breve e sórdido, alguns momentos de prazer compartilhado com uma mulher que já havia tomado tanto dele. Se ele soubesse o que ela tinha feito, não iria querer nada dela.

— É claro — ela disse imediatamente. — Eu nunca deveria...

Santo Deus, o que ela estava pensando? Eles poderiam estar a apenas dez minutos da casa dela. O que teria acontecido se a carruagem tivesse parado e eles estivessem...

Prue ficou vermelha e se afastou dele, mas ele a segurou com rapidez, puxando-a de volta.

— E aonde a senhorita pensa que vai? — ele perguntou, franzindo a testa.

— Peço desculpas, Sua Graça — ela se desculpou, entorpecida de horror pelo que estava prestes a fazer.

— Sua Graça? — Ele repetiu, seus olhos escuros surpresos e feridos. — Acredito que já passamos dessa fase, não acha? Estamos prestes a nos casar.

Ela balançou a cabeça, percebendo o quão mal se comportara. É claro que ele pensaria que ela aceitaria se casar depois de... depois de...

— Não — ela negou, balançando a cabeça e consternada ao notar a relutância que sentia ao dizer aquelas palavras. Por um momento, ela se perguntou como seria se casar com um homem assim, mas rejeitou a ideia. — Não, decerto que não.

Ele a soltou então, seu rosto se fechando, sua expressão ficando fria e ilegível. Prue reorganizou suas roupas da melhor maneira possível, sentindo seu estômago revirar quando a chama que ela vira em seus olhos se apagou. Ela desviou o olhar dele, não querendo ver aquela mudança. Ele mudaria muito mais do que isso se descobrisse as coisas que ela escreveu sobre ele, as coisas terríveis que insinuara. Oh, senhor, por que ela fez isso? Por que foi tão evidente?

Ela pensou que estivesse consertando as coisas e derrotando um inimigo. No entanto, mesmo que ele tivesse sido cada centímetro o vilão que ela acreditara que ele fosse, não tinha o direito de difamá-lo ainda mais, fazer suposições sobre ele e usá-las para entreter a alta sociedade.

Ela sentiu um enjoo crescendo cada vez mais como se quisesse chorar.

— Por que não? — Ele perguntou com autocontrole nas palavras, embora ele ainda estivesse respirando com muita dificuldade, muito rápido.

— Não me conhece — disse ela, desejando poder parecer mais calma, e desejando que o fio de pânico correndo sob sua resposta estivesse bem mais escondido.

Robert ficou em silêncio por um bom momento e depois soltou o fôlego. Ele se moveu ao lado dela e, quando ela se atreveu a olhá-lo novamente, sua expressão suavizou.

— Então me deixe entrar, Prue — ele implorou enquanto estendia a mão para acariciar sua bochecha com a parte de trás de um dedo. — Deixe-me conhecê-la. Me dê uma chance de ganhar sua confiança.

A sensação a deixou sem fôlego e o desejo aumentou dentro dela, ela percebeu tarde demais o perigo em que estava. Este era um homem que poderia estragar todos os seus planos com facilidade, e ela permitiu que ele chegasse perto demais. Ela sabia que era melhor evitá-lo, mas não quanto risco que ela corria estando em sua companhia.

Agora, finalmente, ela tinha um pouco de compreensão do que sua mãe sentira quando seu pai era mais charmoso. Ela reconheceu o desejo de acreditar em suas mentiras, de permitir que suas palavras suaves aliviassem as contusões que ele infligira, de olhar em seu belo rosto e permitir que ele melhorasse. Porém, as coisas nunca melhoravam e sua mãe ficara presa. Ela era apenas uma posse sem recurso contra um proprietário que a tratava como lixo na melhor das hipóteses, e na pior com crueldade.

Sempre havia a possibilidade de que Robert fosse um homem bom que nunca a intimidasse, machucasse ou ignorasse seus pensamentos e sentimentos. Quanto mais o conhecia, mais acreditava que isso fosse possível. No entanto, se ela estivesse errada, teria uma vida inteira para se arrepender, presa na sua gaiola sem nenhuma maneira de escapar dele.

Não.

Ela não conseguiu olhar para ele. — Não me conhece — ela repetiu. — E se conhecer, tenho certeza de que pode não gostar do que encontrará.

Ele soltou uma respiração suave seguida de uma risada. — Se deseja comparar pecados, estou à sua disposição. Garanto-lhe que vencerei qualquer tentativa de autoflagelação que usar.

Para alívio de Prue, a casa da sua tia apareceu à vista e ela permaneceu em silêncio até que pararam. Então ela se virou, olhou-o nos olhos e soube que se arrependeria para sempre por não aproveitar a chance que ele oferecera, mesmo sabendo que seria para o melhor.

— Receio que esteja errado — ela disse suavemente, forçando-se a olhar nos olhos dele, aproximando-se o máximo possível de revelar a verdade. — Alguns crimes são secretos e traiçoeiros, mas não menos graves para aqueles que são vítimas deles. Obrigada por me trazer em casa, tenha um bom dia.

14

Por que os homens têm a cabeça tão dura? Por que não aceitar que estou decidida e que minha resposta é não? Por que ele insiste em acreditar que existe qualquer possibilidade de dúvida na minha cabeça?

Por que haveria dúvida na minha cabeça?

- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe... nunca enviada.

25 de abril de 1814. Reunião das Senhoritas Peculiares, Upper Walpole Street.

— Como se cria um escândalo? — Prue perguntou.

Alice se engasgou com o chá, sua xícara dançando no pires, Matilda parou segurando um macaron delicado na mão, seus dedos longos e elegantes suspensos na frente da sua boca.

— Oh, querida — ela murmurou, seus lábios torcendo num sorriso irônico. — É muito mais fácil do que pensa.

As Senhoritas Peculiares estavam reunidas para outro encontro do clube do livro, embora até agora não tivessem discutido um único livro sequer, exceto um breve relato sobre o capítulo mais recente de *A História Sombria de um Duque Maldito.*

Elas direcionaram toda a conversa para Prue e seu desaparecimento de uma certa festa no jardim. Embora Matilda tivesse mantido seu segredo, ela havia sugerido que algo misterioso tivesse acontecido. Aquela traiçoeira.

Elas não lhe deram um momento de paz desde então, daí seu desejo urgente de mudar de assunto. Além do mais, ela realmente queria saber.

— Por que gostaria de criar um escândalo? — Ruth perguntou.

Prue virou-se para ela e estudou o rosto da amiga. Era um rosto intransigente, simples, não era muito atraente, mas era interessante. Belo, Prue decidiu. Ruth é a pessoa que definitivamente saberia o que fazer em caso de emergência.

— Ah, não um escândalo muito grande, nada pesado demais, algo pequeno. O suficiente para me livrar de um pretendente indesejável — respondeu Prue, decidindo que também poderia dizer a verdade. — De qualquer pretendente indesejado, para falar a verdade — ela confiava nessas meninas, confiava no juramento que haviam feito para guardar os segredos uma da outra, para vir correndo se as coisas dessem errado.

O problema era que as coisas já tinham dado errado e elas não podiam ajudá-la a consertar seus planos de novo, apenas ela poderia fazer isso.

Bonnie olhou para ela consternada. — Ele propôs de novo! — Ela exclamou, os olhos arregalados e surpresos. — E o recusou... de novo?

— Oh, coitado dele — disse Alice, colocando a mão no coração e suspirando.

Prue fez um som de desaprovação e indignação. — Por que está com pena dele? Ele é o Duque Maldito, aquele com a terrível reputação de vícios e crueldade. Deveria fazer tudo ao seu alcance para manter o canalha longe de mim!

Agora ela estava convencida de que o Duque com quem estivera muito íntima e o homem que

sussurrara em seu ouvido – aquele que inspirara seu vilão – não eram a mesma pessoa, mas, ainda assim, elas não sabiam disso!

Alice franziu a testa e balançou a cabeça em negativa. — Eu não sei — ela disse parecendo hesitante. — Eu estava conversando com uma prima minha alguns dias atrás, e ela conhecia a mulher com quem ele se casou, Lavínia Bradford, na época. A mulher mais bonita que já se viu.

Prue sentiu uma pontada cruel de ciúmes com as palavras de Alice e se amaldiçoou por ser tola. Que bobagem. Não era para ela sentir ciúme da esposa dele. A esposa dele estava morta.

— O que mais ela disse? — Jemima perguntou, sentando-se à sua frente. — Meus vizinhos conheciam a família e o filho deles disse que ela era uma... — Ela titubeou, claramente não querendo pronunciar a palavra em voz alta.

— Eu também ouvi sobre isso — disse Matilda sorrindo um pouco. — Meu irmão a conheceu uma vez em um jantar. Ela tentou seduzi-lo antes que eles passassem o prato de peixe. O marido dela estava presente na mesma mesa.

Suspiros ecoaram pela sala.

— E não me perguntem — ela acrescentou com uma careta — eu não sei e não quero saber.

Prue engoliu em seco e seu estômago revirou. Pobre Robert. O que ele deve ter suportado? No entanto, ele não condenou a esposa quando conversaram, ele tinha pena da solidão dela, da infelicidade dela.

A voz de Alice a trouxe de volta à conversa. — Minha prima a conhecia quando criança e ela disse que, bem... não vou repetir palavra por palavra, mas ela disse que ela era uma pessoa selvagem, cruel e... maldosa.

— Pobre homem — disse Bonnie, balançando a cabeça e olhando para Prue mais uma vez. — Como pode recusá-lo? Ele é bonito e rico, ele é um Duque, pelo amor de Deus, e ele claramente não é o monstro que achávamos que fosse, todo esse tempo. Não deveria dar a ele uma chance de provar a si mesmo, pelo menos?

Prue sentiu um nó desagradável na garganta enquanto o eco das palavras de Robert enchia sua mente.

Deixe-me conhecê-la. Me dê uma chance para ganhar sua confiança.

Ela não podia, mesmo que quisesse... e, tarde demais, havia percebido o quanto queria. Mas como poderia se casar com ele sem revelar o que tinha feito? Como poderia permitir que ele a conhecesse melhor sem lhe contar sobre sua escrita? Mesmo que ela não revelasse a verdade, ele descobriria em breve. Ou ela contava tudo para ele ou ele descobriria tudo um dia, e qualquer uma das duas formas que fossem, o resultado seria o mesmo: ele acabaria odiando-a, ficaria ferido pelo que havia lhe feito e por todas as coisas terríveis que tinha escrito.

Que burrice. Ela pensou que estivesse atacando um valentão, o monstro vil que tinha aterrorizado sua mãe da única maneira que lhe fora acessível como mulher. Com discrição e sua própria inteligência como armas de sua escolha, ela exporia e derrubaria um homem poderoso de uma forma que não conseguira com seu próprio pai. Ela não conseguiu salvar sua mãe, mas podia alertar outras mulheres para ficarem longe desse tipo de tirano fraco e vil.

Exceto que estava errada. Seu objetivo era verdadeiro, sua intenção justa, mas havia escolhido a vítima errada no fogo cruzado. Ela julgara um homem e não lhe permitiu defesa, a chance de provar que ela estava errada, e isso a transformou também numa intimidadora vil igual à que acreditava que ele fosse.

O coração dela ardeu de vergonha.

Prue deu um pulo quando Alice colocou uma mão fria sobre a dela. — Está bem, Prue? Está um pouco pálida.

— Estou bem — reafirmou Prue, forçando a energia que estava longe de sentir naquelas duas palavras e tentando dar um sorriso brilhante. — Estou bem.

Exceto que ela não estava. Ela estava cansada e enjoada, e tão confusa que não conseguia pensar direito.

O *The Lady's Weekly* escreveu para ela exigindo os próximos capítulos da história. Eles tinham em posse apenas mais um capítulo que seria publicado em três dias, e ela ainda não tinha mandando o próximo, não tinha mandando porque não tinha escrito.

Ela não sabia o que escrever. Seu vilão não era um vilão e a criada inocente que ele estava perseguindo não era tão inocente nem tão perseguida quanto ela acreditava. Nada era tão preto e branco como ela supunha. As personagens não foram corretamente colocadas em seus legítimos papéis de vilões e heróis, como sedutores, inocentes ou heroínas santas, como ela imaginou.

A revelação lançara tudo em tons de cinza, uma névoa pesada e opaca da qual Prue não conseguia se livrar. Isso esgotou sua energia e a fez repensar em todas as suas decisões, todos seus sonhos, seus planos e ideais. Ela estava se sentindo perdida e sem rumo, e não sabia como recuperar seu futuro, como remodelá-lo à luz da sua própria estupidez.

— Se quer um escândalo pequeno, basta pedir a um cavalheiro para dançar — disse Bonnie amargamente. Ela deu de ombros quando todas as outras se viraram para encará-la. — Funcionou para mim, é por isso que estou aqui — ela acrescentou com um suspiro. —Para aprender boas maneiras, sua garotinha insolente — ela disse, engrossando seu sotaque escocês, sem dúvida imitando seu formidável guardião. — Eu a desafio, experimente — acrescentou ela, sorrindo para Prue.

Prue ergueu as sobrancelhas e observou Bonnie com interesse. — Sim — disse ela decisivamente. — Isso deve resolver. Certamente esse comportamento deselegante seria a última gota d'água para um homem com um ducado a considerar. Eu aceito.

Bonnie olhou para ela, assustada. — Ma... mas, Prue — ela gaguejou — eu estava apenas brincando. Eu fiz isso numa dança local e não tinha ninguém presente lá que se importasse de verdade. Se fizer isso na frente da alta sociedade...

— Decerto serei considerada completamente não casável — disse Prue, desejando que seu coração não estivesse batendo de uma maneira tão dolorosa. — Assim não terei mais que inventar desculpas para não ir aos bailes sem fim e eventos ridículos os quais não tenho o menor interesse. É perfeito.

As palavras tinham um gosto amargo, a finalidade delas fizeram seu estômago se contorcer.

Não havia outra maneira, ela se garantiu. Era isso que ela deveria fazer. Ela ficaria livre do Duque e ele ficaria livre dela. Ela retrataria sua história, até emitiria um pedido de desculpas. O editor ficaria furioso, mas ela acertaria as coisas com o The Lady's Weekly. Ela lhes ofereceria outra história, uma melhor, outra com mais honestidade, mais bem pensada.

Não se daria oportunidade para se lamentar por ter cometido outro erro, ela tinha que parar de sentir pena de si mesma. Foi um choque descobrir que ela era a verdadeira vilã da história, mas, assim como seu vilão havia sido difamado, ela não era uma pessoa má. Ela faria as coisas certas, mas primeiro... primeiro, precisava se libertar de Robert antes que ele a tentasse a mentir para ele e aceitar tudo o que ele poderia oferecer e fingir ser merecedora.

Ele já fora casado antes. Ela não seria culpada por enganá-lo uma segunda vez.

Noite de 25 de abril de 1814. Baile dos Cavendish, Mayfair. Londres.

Prue olhou para o vasto salão de festas da Cavendish House, repleto do bom e do melhor. Ela arfou para isso. Quantas daquelas pessoas ela acreditara ser personagens perversas, mas que na realidade eram apenas mal compreendidas, ou eram apenas mais complicados do que imaginara? Quantas daquelas debutantes de rostos doces escondiam segredos desprezíveis? Santo Deus, ela estava perdendo a cabeça.

Ela respirou fundo e pressionou os dedos contra as têmporas, massageando a carne tenra enquanto uma dor de cabeça ameaçava aparecer. Ironicamente, ela pensou que realmente poderia estar à beira de uma enxaqueca pela primeira vez em sua vida.

Prue ergueu os olhos quando o marquês de Montagu entrou no salão. Ah, ela pensou com um suspiro enquanto o mundo se endireitava, aquele era um bastardo adequado para um escândalo, e ela não estava se referindo à sua linhagem impecável. O marquês era um homem frio, altivo, poderoso e cruel, e era por isso que Matilda Hunt estava tão arruinada. Ele a acusara de tentar fisgá-lo em casamento, injustamente, e a jogou para as bocas dos leões. Agora Matilda nunca mais encontraria um bom partido. As únicas ofertas que *A Caçadora* recebia não eram do tipo que condiziam com uma dama respeitável.

Isso sim era crueldade da mais alta ordem, arruinar uma mulher que estava simplesmente no lugar errado e na hora errada.

Robert nunca faria uma coisa dessas. Ele não se permitiu tomar a inocência dela, que ela estava preparada para entregar sem pestanejar, a menos que ela concordasse em se casar com ele primeiro.

Percebendo uma repentina comoção no salão, Prue olhou para cima e sentiu seu coração dar uma balançada desgovernada em seu peito ao vê-lo.

Deus, ele era magnífico.

Ele era alto e moreno, aqueles cabelos grossos e encaracolados um pouco mais compridos que o normal. Uma mecha rebelde caia sobre sua testa enquanto ele se movia. Os ombros largos e poderosos preenchiam perfeitamente seu casaco sob medida e ele irradiava vigor e potência masculina. Era admirável que as mulheres ainda desfalecessem em cima dele, apesar de sua reputação ou talvez por causa dela? As sobrancelhas grossas adicionadas àquela aparência perversa, quase diabólica, e os olhos verdes afiados logo abaixo delas, asseguravam a quem ousasse encontrá-los que ele cumpriria suas promessas.

Ela sorriu um pouco triste quando percebeu que ele usava essa persona como uma capa para manter todos à distância. A expressão agressiva, o desdém que fazia as mulheres se esconderem atrás de seus leques e sussurrarem em vozes abafadas era tudo fachada.

Melhor ser considerado um vilão do que ser vítima de pena.

Talvez tenha sido eu o atraído, a senhorita já pensou sobre isso? Talvez eu esteja esperando ser resgatado.

Sua garganta deu um nó quando o desejo de atravessar o salão e ir até ele mexeu com seu coração. Ela queria segurar sua mão, dizer que ele tinha uma amiga nela e que acreditava nele, mas não podia. A única coisa que ela podia fazer era se libertar dele e fazê-lo acreditar que ela era tão escandalosa quanto sua esposa, para que ele ficasse longe. Ela estava se sentindo mal quando o viu cumprimentar o Conde de St. Clair, os dois homens estavam conversando.

Acabe logo com isso, ela disse a si mesma enquanto observava os pares dançando uma quadrilha para cima e para baixo na pista. Basta fazer isso e os dois estarão livres para seguir em frente.

Longe de encorajá-la, o pensamento apenas a fez querer chorar, e ela pressionou as palmas úmidas contra o vestido, limpando-as furtivamente. Prue respirou fundo, mas isso não ajudou.

Isso só a deixou mais tonta e inquieta, sua cabeça latejando cada vez mais com a dor.

Ela forçou os pés a se moverem, forçou-se a avançar, mantendo o olhar fixo em Robert enquanto se movia pela pista de dança na direção dele. Ela estava talvez a três metros de distância quando ele a viu, e a mudança na expressão dele naquele instante a fez parar.

Lá estava ela, à vista de todos, encarando-o como uma tola. No entanto, ele não se parecia em nada como um libertino, ou um Duque maldito ou qualquer coisa próxima de vilão naquele momento. Quando ele a viu, ela viu aquele sorriso de garoto despreocupado que só havia visto uma vez antes, e seu coração pulou de alegria. Prue soube então naquele momento que estava perdida, não importava o que acontecesse a seguir, ele encontrou o caminho para o coração dela. Aquela percepção penetrou fundo nela, mas não lhe trouxe felicidade, nem sentimentos calorosos.

Não podia tê-lo, não importando o que seu coração estivesse dizendo, e ela sempre se arrependeria de não ter sido capaz de correr esse risco com ele. O amor sempre era um risco, ela percebeu então, não tinha garantia nenhuma. Apenas seguimos os instintos e o coração.

Exceto que... ela não podia. Não agora.

Atordoada de ansiedade, ela diminuiu a distância entre eles e fez uma reverência.

— Sua Graça — ela cumprimentou ouvindo um tremor nas palavras, embora estivesse determinada a forçá-las a sair. — Pode me conceder a honra da próxima dança?

Prue estendeu a mão da maneira imperiosa frequentemente usada por homens que estavam certos demais da resposta de sua dama.

Robert olhou boquiaberto para ela, as sobrancelhas atingindo a linha dos cabelos quando o Conde de St. Clair deu um sorriso assustado. Ao redor deles, sussurros de choque puderam ser ouvido através do salão quando as primeiras notas de uma valsa preencheram o ar.

Prue observou o rosto dele, apreensiva enquanto esperava sua reação, mas se forçando a permanecer no lugar. Já estava feito. Não tinha como voltar atrás. Agora ela devia enfrentar as consequências. Lentamente, e para seu desgosto, um sorriso curvou-se sobre a boca dele.

— Outro desafio, srta. Chuffington-Smythe? — ele perguntou, sua voz suave como uma seda, uma sobrancelha se levantado. — Eu aceito.

Ele pegou a mão dela e a guiou para a pista de dança, ele a girou até sua cabeça dar voltas. Er... e agora? Ela esperava que ele ficasse furioso, que fosse repreendê-la, talvez até mesmo ignorá-la. Isso não estava nos seus planos. Para os infernos com o homem, por que ele estava sempre revirando suas tramas e reescrevendo as coisas?

Qualquer possibilidade de pensamento coerente fugiu quando a mão dele pousou na sua cintura e as lembranças da última vez que ele a tocou apareceram em sua cabeça. O calor tomou conta dela, formigando sobre sua pele, apertando e despertando seu corpo.

— Está corando — ele murmurou em seu ouvido enquanto os guiava na dança. — No que está pensando?

Prue engoliu em seco e abriu a boca para dar uma resposta devastadora, mas nenhuma apareceu. A boca dela estava seca, não era o mesmo problema que estava enfrentando em outra parte, ela percebeu mortificada.

— Pare de me segurar tão perto — ela conseguiu dizer, sua voz soando irregular e estranha.

— Eu a quero mais perto do que isso — ele disse, uma animação retumbando em seu peito. De alguma forma, ela podia sentir isso, sentir as palavras afundarem nela, derreterem em seus ossos. — Quero-a mais perto do que ficamos na carruagem, mais perto ainda. Quero estar dentro de você, ouvi-la gemer e gritar de prazer.

— Ro... Robert — ela gaguejou, olhando em volta, certa de que todos podiam ouvir seus

sussurros ofegantes.

— Eu não dormi pensando nisso, imaginando o que poderia ter acontecido depois se tivesse concordado em se casar comigo.

— Como estávamos a poucos minutos de distância da minha casa, só posso agradecer aos céus por eu ter recusado — ela disse, fazendo o possível para parecer insolente e rouca, e só conseguindo ficar confusa e prestes a desmaiar.

O cheiro dele estava ao seu redor, limpo, masculino, com apenas uma pitada de conhaque no seu hálito. Ela se perguntou se conseguiria sentir o gosto nele também, queria pressionar a boca na dele e perseguir o sabor nos lábios dele com sua língua.

— Ah, mas seria fácil pedir ao cocheiro para dar uma volta a mais no quarteirão — ele sussurrou e riu baixo e perverso, como se soubesse com certeza que suas palavras a estavam incendiando. — E mais outra, e mais outra, e mais outra.

— Santo Deus — exclamou Prue, bastante tonta, mas não sabia se a causa era sua proximidade, suas palavras ultrajantes ou o fato de que ela estava fervilhando de desejo. — É como dançar com um toco em chamas. Está fazendo jus a sua reputação hoje, Sua Graça.

Ele sorriu, embora houvesse um vislumbre de inquietude em seus olhos

— Um toco em chamas é? — Ele repetiu, um pouco incrédulo, e depois deu um suspiro. — Não posso negar. É exatamente assim que eu me sinto.

Eu também, Prunella pensou, mas não disse, porque ela era uma mentirosa.

Ele devolveu um olhar de puro desafio antes de abaixar a cabeça e sussurrar em seu ouvido. — Aproxime-se e vou mostrar como sua descrição é bem apropriada.

Ele levantou a cabeça e deu um sorriso perverso para ela fazendo com que Prue desse um passo errado, pisando no seu pé e tropeçando. Ele a endireitou de uma vez, seus braços fortes a segurando. Ela olhou para ele, suas bochechas ardendo quando ele retornou uma expressão branda, inocente. Dividida entre sorrir e chorar de alegria, ela sabia que tinha que acabar logo com isso. Cedo ou tarde, este homem a convenceria a ir para sua cama e, se ela fosse, ele seria implacável em seu objetivo de fazer dela uma mulher honesta. Ela não podia fazer isso com ele, com nenhum dos dois.

Uma onda de frustração e sofrimento queimou dentro dela, afugentando qualquer desejo de achar a situação divertida. Não era, era trágica.

— Por que não está furioso comigo? — Ela perguntou, forçando-se a olhá-lo novamente. — Eu pedi para que dançasse comigo na frente de todo mundo. Eu praticamente me arruinei. Serei rotulada como caçadora de fortuna, não melhor do que deveria ser, certamente não estou apta a ser uma Duquesa.

Embora eles estivessem se movendo, seguindo os movimentos da dança, ela o sentiu ficar muito quieto, seus músculos ficaram tensos sob as mãos dela, sua expressão congelou.

— Então, foi por essa razão que fez isso — ele disse e ela sentiu seu coração doer com a perda do calor provocador que ouvira alguns segundos antes. — Realmente se arruinaria para não ter que se casar comigo — ele deu uma risada sem humor. — Eu sou uma possibilidade tão horrível assim, Prue? — uUma mágoa brilhou em seus olhos. —Confia tão pouco em mim?

Prue olhou para ele, sua garganta apertada quando a música terminou e os casais pararam de dançar. — Meu pai era um manipulador e um mentiroso — ela disse, forçando as palavras, forçando a dizê-las, quando na verdade queria mesmo era agarrá-lo e implorar por perdão por lhe causar tantos momentos de dor. —Não vou trocar um tirano por um vilão.

Com os olhos ardendo, ela se afastou dos braços dele e se saiu correndo.

15

Meu Deus, Prue, o que disse para ele ontem à noite? Parecia que tinha pisado no coração dele enquanto se afastava.

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

Na manhã de 26 de abril de 1814. Beverwyck, Londres.

— Pode pelo menos fingir que está feliz em me ver.

Robert olhou para cima e encontrou os olhos verdes alegres da sua irmã olhando para ele. Ele sorriu e estendeu a mão, apertando a dela.

— Claro, estou feliz em vê-la. Decerto não duvida disso?

Helena apertou os lábios e pegou uma faca com a intenção de passar bastante geleia num pedaço de torrada. — Decerto que não quando está olhando para o espaço com esse olhar sombrio, mas parece que não sou a responsável pelo seu tédio, então, conte tudo.

Ela levantou as sobrancelhas antes de dar uma grande mordida na torrada com seus dentes brancos e uniformes.

— Não tem nada para contar — ele disse, fazendo o possível para esquecer as palavras de Prue.

Não vou trocar um tirano por um vilão. Essas palavras estavam ecoando dentro da sua cabeça a noite inteira e parecia que não iriam embora tão cedo.

— É uma mulher — Helena disse deixando a torrada cair das mãos e batendo palmas com emoção. — Oh! Finalmente — gritou, — quem é ela? Vou gostar dela? Está apaixonado?

Robert revirou os olhos. — Acabei de dizer que não há nada para contar — ele apontou, perplexo, como sempre, por sua irmã e seu jeito estranho de adivinhar o que ele estava pensando.

— Sim, e para um homem com uma reputação tão horrível, é um péssimo mentiroso. Claramente, há muito o que contar — ela deu outra mordida na torrada e o encarou fazendo um movimento com a mão livre de siga em frente.

— Suponho que pretende me contar todos os detalhes dos seus encontros românticos quando finalmente debutar, não é? — ele disse secamente.

Helena deixou a torrada cair novamente e olhou para ele, os olhos arregalados. — Claro, Robert, querido. Eu nunca lhe esconderia nada.

Ele bufou, balançando a cabeça. — Eu devo admitir, é muito melhor nisso do que eu. Tenho pena do seu pobre marido — um olhar perturbado cruzou o rosto dela e ele se repreendeu. — Helena, eu não quis dizer...

Ela sorriu então, rápida e brilhantemente, como um raio repentino de sol. — Eu sei... — ela disse — e sabe que eu nunca mentiria para você, não sobre algo tão importante. A menos que... ah, eu não sei, a menos que simplesmente não houvesse outro caminho. Para proteger alguém, talvez, onde a verdade causaria mágoas. Consegue me entender?

Robert franziu a testa, considerando suas palavras. — Sim, entendo o que quer dizer.

Ele achava que Prue era essa mulher. Ele achava que sentia uma conexão com ela, algo que ele

nunca ousou esperar. Ela era engraçada e animada e dizia as coisas mais peculiares e ultrajantes, e toda vez que ele estava em sua companhia, não queria desistir. Ela não era parecida com ninguém que já conhecera antes e, toda vez que ela se afastava dele, ele ficava cada vez mais impaciente pela hora em que a veria de novo. Exceto que ela deixou bem claro que não queria saber dele. Ele respirou fundo, frustrado e depois pegou Helena observando-o, os olhos cheios de simpatia.

— Não se apaixonou por uma pessoa inadequada de novo, querido? — Ela perguntou com tanta preocupação em seus olhos que ele se amaldiçoou por lhe causar tanta aflição.

Lavínia não apenas jogou seu nome na lama, Helena sempre estaria associada a ele, *o Duque Maldito*.

— Não — ele respondeu com um breve sorriso no rosto. — Desta vez ela é eminentemente adequada, escolhida a dedo por tio Charles, de fato, mas... — ele encolheu os ombros — ela não está interessada.

— Mas como isso pode ser? — Helena perguntou tão obviamente confusa que Robert só conseguiu rir. — E então? — Ela pressionou, balançando a cabeça. — Se o tio Charles a recomendou, ela é uma moça sensata que nunca daria ouvidos às fofocas, então não pode ser sua reputação.

Robert franziu o cenho. — Não, não, não é nada isso.

Ela o desafiou sobre sua reputação, no começo, mas nunca pareceu ter medo dele. Pelo menos não nos primeiros minutos quando se conheceram. Ele tinha certeza de que ela não acreditava mais no pior sobre ele. Então, por que fez aquela acusação contra ele na noite anterior?

Ele percebeu então que ela só disse aquilo quando ele não demonstrou ter ficado bravo com ela por tê-lo chamado para dançar. Pensando sobre isso agora, ele supôs que deveria ter sim ficado bravo com ela, mas na realidade ele ficou encantado que ela queria tanto dançar com ele que não conseguiu esperar que ele a chamasse primeiro. A ousadia dela o emocionou. A bravura dela o fez querer ser corajoso também, cuspir nos olhos das fofoqueiras e caçadoras de fortuna e não dar um pingo de bola para elas ou para suas aprovações.

No entanto, ela tinha se esforçado para deixá-lo com raiva, para machucá-lo, para fazê-lo se afastar. Por que ela fez aquilo? Apenas agora que ele pensou em como ela estava quando se afastou dele. Na hora, ele estava muito machucado, muito doído para pensar em qualquer outra coisa, exceto nos seus próprios sentimentos, na sua própria decepção. Agora, porém...

Ela parecia que estava prestes a chorar.

Que diabo de jogo é esse que ela estava fazendo?

Ele olhou para baixo quando Helena colocou a mão sobre seu braço.

— Deixe-me ajudá-lo — ela disse, os olhos brilhando com travessuras. — Se alguém puder descobrir o que a está impedindo, esse alguém serei eu. Sabe como sou boa em desvendar segredos.

Robert franziu a testa para ela por um momento, mas depois assentiu. — Eu gostaria disso.

Helena ficou boquiaberta, tão surpresa que ele não pôde deixar de abrir um sorriso.

— Eu nunca pensei que concordaria — ela disse com prazer. — Eu pensei que talvez teria que torturá-lo para aceitar.

Ele balançou a cabeça, incapaz de esconder que estava num dilema. — Eu acho que é ela, Helena. Eu sinto que eu... — ele parou, incapaz ou talvez não querendo colocar em palavras. Se ele dissesse em voz alta, não teria como negar, não teria como retirar o que dissesse. — Vou aceitar toda a ajuda que conseguir — ele continuou.

— Oh! — a irmã dele se levantou e deu a volta na mesa, passando os braços em volta dele. —

Oh, Robert! Estou muito feliz, farei qualquer coisa para ajudar, sabe disso. Eu vou gostar dela, não é? — ela perguntou, um lampejo de dúvida em seus olhos.

— Eu acho que vai amá-la — ele respondeu sabendo que era verdade. — E se conseguir fazer com que ela me ame...

Ele deu de ombros e deu-lhe um sorriso torto.

— Robert — ela começou dando-lhe um olhar severo enquanto se endireitava. — Se eu te conheço, a pobre moça já está apaixonada, então o que diabos fez para assustá-la?

— Eu não sei, eu juro! — Ele levantou as mãos em frustração. — Em um minuto, tinha certeza de que ela estava pelo menos um pouco apaixonada por mim e não tinha como ela recusar minha proposta, e no outro, bem, no outro ela recusou!

Ela lançou um olhar duvidoso. — Quantas vezes propôs?

Ele esfregou a parte de trás do pescoço, sentindo-se constrangido com a admissão. — Uma vez, oficialmente, mas repeti a oferta várias vezes em circunstâncias... menos formais.

— E ela continua dizendo não? — Helena perguntou, seu ego um pouco apaziguado por seu espanto.

Ele assentiu.

— Ela tem algo a impedindo.

— O pai dela era horrível — ele disse com a voz baixa e irritada. — Ele batia na mãe dela e certamente aterrorizava Prue. Ela diz que nunca será propriedade de ninguém.

— E explicou que nunca...nunca...

— É claro! — ele disse impaciente. — E acho que ela acreditou em mim. Achei que ela tivesse começado a confiar em mim e que esse obstáculo tivesse sido superado, mas, aparentemente não.

Ele observou sua irmã enquanto ela torcia os lábios e sentiu uma onda de ternura por ela. Esperava, por Deus, que houvesse um homem bom lá fora para ela. Ela merecia isso. Ela nunca o censurara por Lavínia, embora sua esposa não fosse a cunhada mais gentil às vezes.

— Ou — ela continuou tamborilando um dedo elegante no queixo. — Há algo mais, algo que não sabe.

Robert assentiu, olhando nos olhos de sua irmã e os encontrando cheios de curiosidade e energia. — Sim.

Ela sorriu para ele e sentou-se novamente, substituindo o guardanapo e pegando outra fatia de torrada. — Deixe comigo que verei o que posso fazer — ela disse com a voz firme. — Qual é o nome da dama?

— Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

A faca de Helena caiu sobre a mesa. — Oh, Santo Deus! — ela exclamou. — Pobre moça.

Robert bufou e deu um sorriso triste. — Ela uma vez me disse que a única razão pela qual poderia ser induzida a se casar seria para se livrar de seu nome

— Bom —, Helena disse pensativa enquanto se concentrava em espalhar geleia na torrada. — Suponho que isso já seja um bom começo.

27 de abril de 1814. Exposição de Arte de Primavera da Condessa St. Clair. Londres.

Prue suspirou e olhou para uma pintura pouco inspiradora de uma mulher corpulenta com um chapéu audacioso, enquanto tia Phyllis conversava com uma de suas companheiras. Ela não tinha

muita certeza do porquê estava aqui. Os convites para que todas viessem para essa exposição privada surgiram do nada naquela mesma manhã da mãe do Conde de St. Clair. A Condessa viúva era uma notável amante da arte e sua exposição na primavera era um evento bastante seleto. Prue não fazia ideia do que estavam fazendo aqui.

Tia Phyllis, obviamente, ficou fora de si de alegria e quase se esqueceu de passar grande parte da manhã repreendendo Prue por seu comportamento terrível no baile dos Cavendish. A única maneira de enfrentar o escândalo, na opinião de tia Phyllis, era enfrentá-lo de cabeça erguida e agir como se nada tivesse acontecido. Portanto, longe de ter a oportunidade de definhar em seu quarto e ficar se lamuriando, Prue fora arrastada e levada para dentro de uma carruagem.

Minerva parecia estar satisfeita de estar aqui e observava com um ar de tristeza fatalista para uma pintura de natureza morta de flores num grande vaso de cristal.

Prue olhou para a prima, imaginando o que a estava incomodando, e estava prestes a se aproximar e conversar com ela, quando uma figura pequena e elegante esbarrou nela, jogando-a para o lado.

— Oh! — A jovem exclamou, deixando cair o livreto da exposição e a reticule. — Oh, como sou terrivelmente desajeitada, perdoe-me. Se machucou?

Prue se ajoelhou para ajudar a jovem a recuperar o livreto e um pequeno recipiente de sais aromáticos que rolaram da bolsa quando o conteúdo da reticule se espalhara pelo chão.

— Não, de forma alguma. Por favor, não se preocupe — Prue se levantou e sorriu, segurando os sais e o livreto e depois congelou.

A jovem parou, as sobrancelhas erguendo-se. — Há algo errado? — Ela perguntou.

— Eu... eu... — Prue gaguejou antes de se recompor. — Não! Não. Nem um pouco. Aqui está.

Ela era uma moça muito bonita, com pele impecável de marfim, cachos escuros e grossos e os olhos bastante verdes. Assim como os do irmão dela. Pois não restavam dúvidas de que essa jovem teria algum parentesco com Robert. A semelhança era absurda.

— Sou Lady Helena Adolphus.

Prue fez uma reverência. — Muito prazer em conhecê-la, Lady Helena. Sou srta. Prunella Chuffington-Smythe.

— Oh! — A jovem exclamou, seus olhos se arregalando. — É a senhorita.

Corando um pouco, Prue moveu-se, sem saber o que aquilo queria dizer. — Sou?

A jovem sorriu para ela, um sorriso de entusiasmo tão surpreendente que Prue se sentiu um pouco sem ar.

— Ah, que perfeito. Eu sabia que iria gostar da senhorita depois de tudo o que Robert falou. Ele me disse que eu iria, é claro, mas é um alívio descobrir que ele estava certo.

Prue olhou ao redor para ter certeza de que ninguém estava ouvindo. Ela sentiu o coração acelerar enquanto se perguntava o que Robert havia dito à irmã.

— Dê uma volta pelo salão comigo — disse Lady Helena, deixando Prue sem rota de fuga enquanto a segurava pelo braço. — Um acidente tão feliz por termos nos esbarrado — continuou a jovem, e depois deu uma risada. — Bem literalmente também.

— De fato — respondeu Prue, forçando um sorriso e se perguntando se o irmão de Lady Helena também estava aqui. *Santo Deus*, Robert havia dito à irmã que ele havia pedido a mão dela em casamento? O que ele estava pensando? Ela não sabia que Prue o recusara várias vezes?

Prue virou a cabeça, consciente de estar sendo examinada, e encontrou Helena olhando-a com curiosidade.

— Por que não se casa com ele? — ela perguntou.

Surpreendida pela pergunta direta, Prue só conseguiu abrir a boca e olhar.

Aparentemente imperturbável pelo silêncio atordoado de Prue, Lady Helena continuou. — Se é a reputação dele, eu gostaria de aquietar sua mente. Robert é o homem mais maravilhoso que existe. Ele tem sido um irmão dedicado, é gentil e generoso, e tão doce, não é nada parecido com o homem do qual ouviu falar, eu asseguro. Não o reconheço nessas descrições, deve saber.

Prue abriu a boca, mas Lady Helena parecia uma espécie de força da natureza e levantou um dedo para silenciá-la.

— Eu não sou cega ou ingênua, no entanto — ela continuou franzindo a testa um pouco. — Ele tem um lado sombrio, mas a única pessoa que ele machuca é a ele mesmo. Depois que Lavínia se foi... — ela parou por um momento, observando Prue. — Se incomoda se eu falar abertamente?

Particularmente, Prue achou que era um pouco tarde para fazer aquela pergunta, mas ela sorriu e balançou a cabeça. — Não, eu prefiro.

— Excelente — Helena estava vigorosa e decidida quando empurrou Prue por uma porta que dava para os jardins. Uma vez fora e longe da multidão, ela continuou.

— Lavínia seduziu Robert, e ele acreditou estar apaixonado por ela. Ele tentou o seu melhor, ele realmente tentou, mas Lavínia não era uma mulher que queria um lar, filhos e um *"felizes para sempre"*. Eles tiveram uma briga horrível no dia em que ela morreu e Robert disse muitas coisas das quais se arrepende, mas ele nunca desejou que ela morresse. Nunca quis que ela se machucasse, e a combinação da culpa que ele sentia e de todas as fofocas horríveis sobre ele... — ela parou e deu de ombros. — Ele ficou na escuridão por muito tempo e eu fiquei preocupada com ele. Ele não parecia se importar com nada, certamente não se importava com ele mesmo, mas... isso mudou.

Prue prendeu a respiração, desejando que a jovem guardasse as próximas palavras para si mesma, desesperada para não as ouvir.

— A senhorita o mudou.

— Não... eu...

Mais uma vez, a mão imperiosa levantou-se, um dedo se levantou numa demanda por silêncio.

— A senhorita o mudou de verdade, quer queira ou não, e nunca fiquei tão feliz ao ver o irmão que tanto amo de volta. Eu faria qualquer coisa para fazê-lo feliz. A senhorita não?

Prue sentiu o peso do silêncio descer ao redor delas, seu coração batendo forte no peito.

— Sim — ela disse, falando sério. — É por isso que não vou me casar com ele.

Lady Helena lançou um olhar astuto. — Sim — ela disse, assentindo. — Eu achei que fosse esse o caso.

As duas mulheres se levantaram, se encarando, Prue sem piscar sob o escrutínio da jovem. Por fim, Lady Helena falou.

— Tome chá comigo amanhã — mais uma vez o dedo se levantou — sem desculpas. Não aceitarei um não como resposta — ela acrescentou com um movimento nos lábios. — Prometo que não vamos falar sobre Robert e não vou tentar influenciá-la ou armar uma armadilha para que se encontre sozinha com ele — ela disse com um sorriso — mas, eu gostaria que pudesse conhecê-lo melhor. Então, virá amanhã para o chá, sim?

Prue abriu a boca para recusar educadamente e fechou-a quando a voz da tia Phyllis a cortou.

— Prunella ficaria encantada em aceitar, Lady Helena. Vamos acompanhá-la, é claro. A que horas a senhorita gostaria de nos receber?

Lady Helena olhou para tia Phyllis, um pouco surpresa, mas, para seu crédito, não disse nada. Ela apenas olhou para Prue que retornou um olhar mortificado de desculpas e desejou poder estar morta.

Sem outra opção senão aceitar o inevitável, Prue ouviu a tia Phyllis tomar as providências.

16

Eu sinto como se eu tivesse ficado presa em uma teia criada pela minha própria cabeça, quanto mais eu luto para me libertar, mais presa eu fico. Fui tão tola, fiz uma coisa muito grave e horrorosa que não há perdão. A única maneira de me libertar será dizendo a verdade, mas tenho muito medo da queda, e não terá ninguém para me pegar.

- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe... nunca enviada.

28 de abril de 1814. Beverwyck, Londres.

Beverwyck era impressionante. Tia Phyllis estava em êxtase, enquanto Minerva, por outro lado, estava pálida, impressionada e estranhamente amuada.

— Deus do céu, se esta é apenas a residência de Londres, consegue imaginar como deve ser a residência oficial do ducado? — Phyllis disse animada.

Prue se pressionou contra o assento da carruagem e fez de tudo para ficar invisível.

Assim que entraram na vasta construção, Lady Helena fora a anfitriã perfeita, encantadora e acolhedora, deixando-as à vontade e as acompanhando em um breve passeio por alguns dos destaques da mansão antes de se sentarem para tomar chá. Sob sua presença informal e alegre, até Prue conseguiu relaxar. Ela estava confiante de que a jovem manteria sua palavra. Embora tia Phyllis tivesse insistido várias vezes em obter detalhes sobre seu irmão, o Duque, Helena manteve suas respostas brandas, afastando as perguntas intrusivas com outros tópicos de conversa.

Houve apenas um momento no qual Prue sentiu a pergunta ressurgir.

Ela se levantou, a xícara de chá na mão, para olhar os jardins atrás da casa. Enquanto observava a bela paisagem do lado de fora, era difícil acreditar que não estavam no campo e sim em Londres. A cor da primavera estava por toda parte, o cenário vibrante e acolhedor, enchendo Prue com um desejo de explorar.

Lady Helena apareceu do seu lado.

— Minha mãe adorava a primavera — ela disse baixinho, antes de dar um olhar direto para Prue que parecia fazer a pergunta não feita em voz alta: por que não permite que ele compartilhe a primavera contigo?

O tintilar de uma xícara caindo sobre o pires fez com que Prue e Lady Helena virassem. Em sua animação, Phyllis quase derramou o chá – foi quando uma figura grande e escura apareceu ocupando toda a porta – Prue percebeu o motivo.

— Robert! — Helena disse com um grito. — Me prometeu — acrescentou num tom feroz que apenas Prue conseguiu ouvir.

Prue ficou aliviada ao descobrir que Lady Helena estava tão consternada com a presença do irmão quanto ela. Ficaria decepcionada se soubesse que Lady Helena havia mentido para ela. Robert, no entanto, havia claramente quebrado sua promessa.

— Mudei de ideia — ele disse com um sorriso sem graça. — Ladies, está um dia lindo lá fora. Aceitam dar uma volta pelos jardins comigo?



Robert acompanhou as damas para o lado de fora, tentando não olhar diretamente para Prue. Já era óbvio que vê-lo entrar na sala a mortificara. Ele tentou afastar a dor que florescia em seu peito, querendo entender o que tinha feito ou o que ela temia que ele pudesse fazer.

Não era um bobo inocente, sabia quando uma mulher o achava atraente, e Prue o queria muito naquele dia na carruagem. Até mesmo na última noite em que se viram, quando ela fez um tremendo esforço para terminar as coisas entre eles, ele estava tão tenso que mal conseguia respirar.

Ela o queria e gostava dele também. Ele tinha certeza de que isso era verdade em seu coração, mas seu coração já o enganara uma vez. Sua confiança em seu próprio julgamento fora severamente prejudicada e não sabia o que fazer para melhorar isso. Talvez devesse ter deixado Helena cuidar disso sozinha. Ela prometeu ajudá-lo, e ele prometeu deixá-la ajudar sem interferir. Porém, sabendo que Prue estava em sua casa...

Não pôde evitar.

Atraído pela presença dela como um ímã, ficou impotente contra o desejo de vê-la novamente, de estar em sua companhia. Ele esperava ver o mesmo desejo no rosto dela.

Mas não viu.

Robert olhou em seu entorno, arrastando seus pensamentos de volta para as convidadas de sua irmã enquanto a assustadora tia de Prue falava com ele.

— Minerva adora narcisos — ela estava dizendo, dando à filha um olhar feroz quando ela não respondeu.

— Oh, sim, de fato — disse a jovem, seu entusiasmo obviamente mecânico. — É por isso que uso amarelo com tanta frequência.

— Muitos jovens na festa dos Faversham disseram que ela parecia um narciso naquele lindo vestido amarelo. Até recebeu um poema, não recebeu, Minerva?

— Sim — disse Minerva, sorrindo, embora sua voz soasse monótona. — Recebi.

Sua mãe lhe deu uma cutucada nas costelas e Minerva continuou. — Podem... podemos ir ver os narcisos daquele lado, Sua Graça? Eles são tão lindos.

Robert olhou para cima e viu um lampejo de impaciência nos olhos de Prue.

— É claro — ele disse, oferecendo o braço. — Embora eu tenha certeza de que eles e sua beleza ficarão tímidos com a presença da senhorita.

Minerva corou e olhou para baixo, a imagem da inocente donzela, e Robert se forçou para não desviar o olhar para Prue.

Ele manteve um fluxo de conversas frívolas enquanto caminhavam, intercaladas generosamente com elogios impulsivos. Com cada uma delas, Minerva parecia mais à vontade, o que poderia ter sido intrigante em outras circunstâncias, enquanto sua mãe parecia como se fosse explodir de emoção.

A coisa mais difícil era não olhar para Prue, embora não deixou de notar um olhar furioso de Helena. Sua irmã acreditava piamente que ele estava louco, e nada podia fazer para contradizê-la. Ele estava se sentindo como um louco. Louco, fora de controle e desesperado para entender o que diabos estava acontecendo.

Uma das coisas que não queria, acima de tudo, era se apaixonar por uma mulher que o conduziria para dançar e teria seu coração na palma da sua mão, e o que conseguiu? Maldição, ele era um idiota.

Voltou sua atenção para Minerva, rindo com entusiasmo de algum comentário bobo que ela fizera e se sentindo como um tremendo idiota. Foi a isso que fora reduzido? Tentando deixar a

mulher que ele queria com ciúmes, como um adolescente inexperiente?

— Perdão, poderiam...

Ele olhou para trás acompanhando o som da voz de Prue, encontrando-a pálida e triste.

— Poderiam me dar licença? Eu não... eu me sinto um pouco... — ela corou, a cor bem viva contra a palidez da sua pele, e depois girou e quase correu de volta em direção da casa.

— Srta. Chuffington-Smythe! — Ele a chamou sentindo-se um desgraçado completo.

— Oh, não se preocupe com ela, Sua Graça — tia Phyllis disse com uma alegre falta de preocupação. — Ela ficará bem. Provavelmente é uma enxaqueca. É uma moça estranha, está sempre escrevendo alguma coisa ou com o nariz enfiado num livro. Pensar demais não faz bem para ela, eu já disse. Não é bom para o cérebro feminino. Não é de se espantar que ela tenha dores de cabeça, não acha? É melhor deixar essas coisas para os homens.

— Sra. Butler, srta. Butler, venham comigo e vejam uma coisa louca que temos aqui — sua irmã falou, incentivando-as a adentrar no jardim.

Quando estavam no caminho, Helena o olhou com gelo nos olhos e fez um gesto com a mão, indicando para fosse atrás de Prue.

Não era necessário pedir duas vezes, Robert correu atrás dela.

Com uma pequena ajuda de um jardineiro que tinha visto para onde ela foi, Robert a encontrou em um banco num canto privado do jardim. Era um de seus lugares preferidos, ficava escondido da vista da casa e do resto do jardim e com uma estátua de Artêmis como ponto focal na extremidade de uma faixa do gramado e das beiras profundas de ambos os lados.

— Prue — ele chamou e ficou consternado quando ela se enrijeceu ao ouvir sua voz.

Ele correu em sua direção antes que ela pudesse sair dali, e caiu de joelhos na grama pegando a mão dela.

— Perdoe-me — ele disse, sua voz rouca e cheia de arrependimento. — Agi como um grande idiota, eu sei disso. Não a culparia se me desprezasse pelo o que aconteceu hoje.

Ele olhou para ela, envergonhado ao ver que os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

— Prue — ele repetiu, sem saber o que o que dizer. — Sei que sou um idiota, e tem a liberdade de me dizer isso. Queria deixá-la com ciúmes, puni-la por ter me machucado. Não sei o que fiz para...

— Não fez nada errado — ela o acalmou, trêmula. Ele a viu engolir seco e balançar a cabeça negativamente, uma lágrima escorrendo por sua bochecha. — Nada disso é culpa sua.

Robert parou e respirou fundo olhando para o chão antes de encontrar a coragem de olhar para ela novamente.

— Prue — ele começou novamente, desesperado para entender. — Pode me responder uma pergunta, por favor, e jura que vai me dizer a verdade? Sei que isso provavelmente não mudará a resposta para aquela pergunta que fiz outras vezes, mas, eu gostaria de saber...

Ela enxugou a lágrima e acenou tensamente com a cabeça.

Robert hesitou, mas perguntou: — Quer se casar comigo?

O coração dele bateu forte no peito e alto nos ouvidos quando ela fechou os olhos. Por um momento, ele pensou que talvez ela não fosse responder.

—Sim — respondeu.

Ela falou tão baixo, a palavra pouco mais que um sussurro, que ele quase não ouviu. Seu coração deu um pulo e então viu o olhar sombrio e fatalista nos olhos dela.

— Mas isso não muda nada?

— Não.

Sem parecer surpreso, Robert inclinou a cabeça por um momento e depois deu um beijo nos

dedos dela antes de soltá-los. Ele se levantou e sentou-se ao lado dela. Eles ficaram juntos em silêncio por um tempo, ambos presos num sofrimento que apenas ela entendia o motivo.

Robert respirou fundo.

— Na manhã em que minha esposa morreu, eu a encontrei na cama com um de meus amigos. Foi durante uma festa na minha casa de campo, uma das muitas que dei durante o verão por insistência dela, ela adorava se divertir.

— Oh, Robert — Prue lamentou, mas ele balançou a cabeça e ela ficou em silêncio.

Ele precisava contar aquela história para ela, para que ela soubesse tudo. Mesmo que ela nunca mudasse de ideia, ele queria sempre a verdade entre eles, a sua verdade pelo menos. Rezava para que um dia ela confiasse o suficiente nele para assim contar a sua verdade para ele.

— Não foi um choque enorme naquela altura, exceto que dessa vez ela não teve sequer a menor pretensão de discrição. Ele estava na cama dela, no quarto dela que era interligado ao meu. Deus, eu me senti um idiota. Comecei a beber, embora na verdade não lembro se havia chegado a ficar sóbrio da noite anterior. No entanto, o grupo todo estava indo caçar naquela manhã.

Fez uma pausa, relembrando a cena, lembrando de sua fúria e desespero, e da sensação doentia de estar preso. De observar todos eles rirem de forma estridente em suas roupas de caça, de sentir-se como uma raposa, caçado e preso sem escapatória. Lavinia estava sorrindo e flertando com o homem que tinha sido seu amigo, nem um pouco arrependida de ter seduzido alguém que fizera parte de sua vida desde que ele era menino.

— Eu estava bêbado e furioso, e a confrontei na frente de todos.

Ele soltou um suspiro e olhou para as mãos, não totalmente surpreso ao encontrá-las tremendo.

— Gritei para todo mundo que ela era uma meretriz e que seria uma boa ideia eles comprarem ingressos para a cama dela, pois ela passaria por eles mais cedo ou mais tarde. Ela ficou enfurecida e retaliou, é claro, dizendo a todos que o marido dela era horrível — ele parou horrorizado ao encontrar sua garganta dando nó com a lembrança. — De forma alguma sou perfeito, Prue, eu sei disso e não tenho orgulho das coisas que já disse. Sei que não deveria ter lidado com isso dessa maneira, mas tentei ser um bom marido para ela. Eu tentei, eu juro.

Ele engoliu em seco quando ela estendeu a mão e cobriu a sua com a dela. Robert aceitou sua mão e segurou, desejando que ele pudesse sempre segurá-la, desejando que ela sempre permitisse.

— Eu disse para ela que — ele parou, respirou fundo e tentou novamente — eu disse para ela que esperava que ela quebrasse aquele maldito pescoço porque assim eu me livraria dela.

Robert ouviu a respiração suave de Prue e sabia que não podia se esconder da reação dela.

— E ela quebrou.

Prue olhou de volta para ele com horror nos olhos. Poucas pessoas sabiam a verdade daquele dia. Eles haviam silenciado a história, mas surgiram rumores, cochichos e versões diferentes do evento. Ele olhou para aquelas mãos novamente, para os dedos delicados de Prue, enxergando nada além do belo rosto de Lavínia completamente imóvel.

— Eu estava bem distante dela naquele momento. Na verdade, eu estava muito embriagado para estar em qualquer lugar perto de um cavalo, muito menos de caçar, percebi isso em tempo suficiente. Eu estava prestes a voltar quando a vi cavalgando e saltando numa velocidade que ninguém em sã consciência cavalgaria, mas ela vivia pela emoção, pelo risco, pelo momento de imprudência e pela possibilidade da descoberta, ou pela morte...

Robert observou os dedos elegantes de Prue se afastarem dos dele e fechou os olhos, sabendo que era inevitável. Ele colocou a cabeça sobre suas mãos por um momento e depois se forçou a

encará-la para ver o desgosto nos olhos dela.

Ela ficara completamente pálida, uma mão cobrindo o coração. Robert observou aquela mão elegante tremer enquanto se movia para a garganta. Para sua consternação, foi pior do que ele pensou. Ela parecia estar enjoada, como se fosse desmaiar ou vomitar e, antes que ele pudesse começar a pensar numa maneira de lhe dizer que sentia muito – que ele nunca se perdoaria por suas ações naquele dia – ela se levantou.

— Eu preciso ir... eu —, as palavras estavam desarticuladas, sua expressão de pânico era absoluta — eu preciso de um coche de aluguel, imediatamente.

— Prue, por favor, eu sei que não mereço seu perdão, mas...

Ela o interrompeu, sua voz impaciente. — Não. Você não entende. Eu não... não é... não é você. Você não é o... sou eu — ela disse aos prantos, sua voz falhando. — Sou eu!

Ele conseguia apenas observar enquanto ela recuava e depois se virou e correu.

Mais tarde naquele dia. 28 de abril de 1814. Instalações do My Lady's Weekly. Drury Lane, Londres.

Prue estava sentada imóvel. Foi preciso muita força de vontade. O escritório em Drury Lane pertencia a um sr. Richardson, impressor e proprietário do The Lady’s Weekly. Ele deveria chegar a qualquer momento e, portanto, ela não tinha outra opção senão aguardar por ele.

Fechou os olhos e pressionou uma mão sobre o estômago, rezando para que não precisasse enfrentar a dura tarefa de prestar contas para um homem a quem precisava pedir um favor. Embora tivesse escrito para ele dias antes pedindo que cancelasse os capítulos restantes de sua história, ele respondeu negando. Ele pagou pela história de boa fé e pretendia publicá-la, mas não sabia o quão perto ela chegara da verdade do que havia acontecido com a esposa do verdadeiro Duque... o quão perto e, no entanto, quão longe da verdade.

O capítulo atual praticamente o acusava de perseguir sua esposa e matá-la, se não pelas próprias mãos, então pelo terror dela por precisar escapar dele. Terror que a forçou se arriscar a pular, um pulo provavelmente fatal.

O que ela tinha feito? O que ela tinha feito?

Robert seria difamado novamente por algo que não tinha sido culpa dele. A culpa nos olhos dele sobre o papel que representou naquele dia tinha sido tão feroz, tão pesada. Só de imaginar que ela poderia aumentar aquele fardo fazendo com que a alta sociedade o notasse e o julgasse mais uma vez a fez querer morrer. Seu estômago revirou, o som era audível enquanto ela respirava fundo, tentando firmar seu coração.

Vir até aqui havia sido um risco. O editor a conhecia apenas como Miss Terry, e era assim que ela gostava. Se ele tivesse bom senso, guardaria seu anonimato, mas isso lhes dariam poder sobre ela se eles fossem de alguma maneira inescrupulosos. Não que importasse agora. Já estava arruinada o suficiente, e foi ela mesmo quem causou isso. Não por pedir a Robert para dançar com ela em plena vista da sociedade, mas por bagunçar sua própria vida e prejudicar a dele tão profundamente, tão insensivelmente, que não haveria como eles ficarem juntos.

Que estranho perceber que ela teria feito isso, teria arriscado todos os seus planos, agora quando não havia maneira possível de correr o risco. Robert era um homem bom. Não um homem perfeito, de forma alguma. Ele cometeu erros e teria que viver com eles, mas aprendeu com esses erros. Ele tinha um bom coração e ela sentia que poderia ter confiado o dela a ele, de

corpo e alma. Duvidava que outro homem como esse cruzasse seu caminho novamente. Ela certamente não merecia isso.

— Bom, a misteriosa Miss Terry — veio um tom seco e divertido.

Prue se levantou e olhou para um homem atarracado e careca com olhos azuis penetrantes e um rosto áspero.

— Boa tarde, sr. Richardson. Obrigado por concordar em me receber.

— Não por isso — respondeu o sujeito, olhando para ela com interesse quando abriu a porta do escritório e gesticulou para que ela entrasse. — A senhorita fez coisas notáveis para meu periódico, minha jovem, e eu estava querendo mesmo fazer uma reunião contigo. A senhorita apenas adiantou as coisas.

Ele fez um gesto para que se sentasse e Prue obedeceu enquanto se movia para trás de uma mesa antiga bastante desgastada, coberta de papéis e recortes de jornais. Ela se inclinou, seu coração batendo forte.

— Por favor sr. Richardson, devo pedir que não imprima o último capítulo que o senhor possui. O Duque de Bedwin está sendo muito criticado e...

Houve uma risada sombria e o sujeito balançou a cabeça. Ele falou antes que ela pudesse terminar.

— Ah senhorita, mas é o Duque de Bedsin que é o vilão da história.

Prue olhou para ele impaciente. — Nós dois sabemos que esse é um disfarce muito fajuto e todo mundo sabe que o Duque é a inspiração para a personagem.

— Então, é ele — disse o sr. Richardson, sorrindo um pouco quando se recostou na cadeira e entrelaçou os dedos sobre a generosa curva de sua barriga.

— Sim — admitiu Prue. Afinal, não havia mais sentido em negar o óbvio. — No entanto, percebi que o verdadeiro Duque não se parece nada com o homem que eu retratei. Ele não teve participação na morte da esposa, mas sofre com as fofocas e as maledicências do mundo que o retrata da pior forma possível. O fato de eu ter contribuído com isso me deixa envergonhada e por isso estou implorando... por favor, senhor, retire o capítulo. Eu prometo que o senhor terá outro para substituí-lo até a próxima semana. Uma nova história, alguma coisa...

— Não.

A respiração dela ficou presa, as lágrimas formigando nos olhos.

— Por favor, Sr. Richardson — ela implorou horrorizada ao ouvir sua voz tremer, mas ela se ajoelharia se precisasse. Qualquer coisa para impedir que aquele capítulo fosse visto por todo mundo, por Robert.

— Miss Terry — disse o homem, inclinando-se para ela agora, sua voz suave. — Eu não poderia, mesmo que quisesse. O periódico foi impresso dias atrás, vai estar à venda amanhã, portanto, foi enviado há muito tempo aos vários distribuidores. Sinto muito, mas o que a senhorita está me pedindo é impossível.

Prue recostou-se na cadeira, o sofrimento a dominando. Bem, era isso, então.

Sr. Richardson continuou falando, sua voz agora num tom paternal com uma pitada de condescendência da qual estava sentindo-se derrotada demais para discordar.

— O Duque é um homem adulto e poderoso, e ele teve bastante tempo para se acostumar a essa notoriedade. Na verdade, até onde eu saiba, ele sempre fez de tudo para fazer jus à sua reputação. Não preocupe sua linda cabeça, não há razão para ele saber que foi a senhorita quem escreveu a história. Certamente não tenho a intenção de denunciá-la. Matar a minha galinha dos ovos de ouro não é do meu interesse. O que me leva ao que eu esperava discutir com a senhorita. Acho que precisamos discutir um acordo de publicação, não acha?

Prue se levantou, mal ouvindo suas palavras e certamente não se importando. Nada importava além da coisa horrível que ela tinha feito. De alguma forma, ela tinha que fazer o correto.

— Eu tenho que ir — ela disse, com a sensação desarticulada de estar vivendo um pesadelo. O mundo parecia ao mesmo tempo mais escuro e cheio de sombras, e ela teria que se acostumar com elas, caminhar ao lado delas. Era o lugar ao qual ela pertencia.

— Mas, senhorita, estamos falando de uma quantia considerável de dinheiro. A senhorita pode ficar...

— Obrigada, sr. Richardson — ela agradeceu sem expressão. — Se me der licença.



Mais tarde ainda naquela tarde. 28 de abril de 1814. Upper Walpole Street, Londres.

Prue estava sentada à sua mesinha de escrever em seu quarto observando as palavras que o mundo iria ler no dia seguinte. Ela sempre mantinha cópias dos capítulos que enviava para o periódico e, portanto, não havia como escapar da história conturbada, não havia como mentir para si mesma e fingir que não era tão ruim quanto ela pensara.

Era pior.

Como ela podia ter escrito essas coisas sobre um homem que ela mal conhecia?

Exceto que acreditava conhecê-lo. Quando começou a história, Prue acreditava nas fofocas e enxergou um homem como seu pai, um valentão que usava os punhos e a força para esmagar alguém que deveria ter sido protegida por essa mesma força e com a mesma paixão. Quando começou a escrever, sentiu-se como uma pioneira, uma defensora daquelas mulheres que não podiam se defender, mostrando ao mundo o rosto de um tirano que se escondia atrás de um título aristocrático e do poder e era intocável, principalmente por uma pessoa de quem ele acreditasse ser o dono como era dono de um cavalo, uma xícara de chá ou um par de sapatos.

Mesmo quando ela começou a entender que ele talvez não fosse o homem violento que acreditou que fosse, não se arrependeu, pois ele era um libertino e um apostador de jogos de azar, na melhor das hipóteses.

Exceto que ela estava errada sobre isso também.

Robert tinha falhas, mas não era tirano, e Lavínia não fora um sacrifício virginal. Seu pai já havia sacrificado sua virgindade para aproximá-la de um título e ela estava cansada de ser um peão. Nem herói nem heroína, nem vilão ou vilã. Apenas duas pessoas com vidas imperfeitas que atrapalharam um ao outro, fazendo uma bagunça cabeluda no processo à medida que suas raivas e mágoas as levavam a um clímax terrível.

Prue estava fazendo papel do juiz e do júri sem sequer considerar as evidências. Não havia evidências, apenas cochichos sombrios e murmurinhos de vício e crueldade. Ela os ouviu com tanta ansiedade quanto qualquer outra pessoa, alimentada com justa indignação e pronta para atacar o vilão, o poderoso nobre que se considerava invencível, invulnerável e atacava aqueles que eram mais fracos que ele.

Num acesso de raiva e frustração, Prue jogou os papéis sobre o chão. Com um grito abafado de angústia, colocou a cabeça por entre as mãos.

Ela não ouviu a porta se abrir até perceber que Minerva estava dentro do seu quarto. Ela e tia Phyllis deviam ter voltado para casa e nem tinha notado. Estupidamente, ela também se esqueceu de trancar a porta e agora Minerva entrou correndo.

— Prue, para onde foi? Fiquei preocupada. Está doente?

Prue deu um pulo levantando-se tão rápido que sua cadeira tombou para trás. Ela avançou, pegando os papéis espalhados enquanto Minerva se inclinava para ajudá-la.

— Não! Não faça isso! — Ela exclamou em pânico, sua voz dura e cheia de raiva.

Minerva deu um pulo e se endireitou, mas ela tinha uma folha na mão e, à luz do grito de Prue, olhou para ela com uma careta. O coração de Prue deu uma batida irregular e ela estendeu o braço tentando pegar o papel de Minerva, mas ela escapou da mão de Prue, e então era tarde demais.

Minerva empalideceu quando seus olhos se levantaram do papel.

— É você — ela acusou, sua voz quase um sussurro, seus lindos olhos se arregalando. — Você é a Miss Terry!

— Minerva — começou Prue, seu estômago revirando de terror. — Por favor, me escuta.

— Foi você que escreveu todas aquelas coisas sobre Bedwin — ela disse, parecendo chocada de verdade. — Mas ele não é como as pessoas dizem que ele é, sabe que não. Ele tem sido gentil mesmo quando mamãe está sendo tão vulgar e horrível, ele nunca a humilhou, nunca olhou para nós de nariz empinado.

Minerva deu um passo para trás, como se estar no mesmo recinto que Prue fosse algo que ela não suportasse.

— Minerva! Minerva, desça imediatamente, tem uma visita! — Tia Phyllis quase gritou das escadas, sua voz vibrando de emoção.

O coração de Prue disparou em seu peito como se seus batimentos estivessem se atropelando, cada um tropeçando contra o outro. Virando-se, ela olhou pela janela que dava para a rua e ficou sem ar.

Robert estava na porta de entrada.

Por Deus, não!

Prue virou-se para implorar para que Minerva segurasse a língua, para fazê-la entender que Prue iria consertar tudo. Ela faria isso antes de confessar seus pecados, mas Minerva saiu correndo e levando consigo a página do capítulo de hoje.

— Minerva! — Prue gritou, o terror a forçou sair da dormência em sua mente e corpo, levando-a a agir. Ela correu em direção as escadas, mas Minerva já havia descido e tia Phyllis já havia convidado Robert a entrar.

— Minerva, não! Por favor...

Como num sonho em que o horror se desenrolava com uma lentidão inevitável, ela viu Minerva estender a página, entregando-a a Robert, que franziu a testa. Ele olhou para Minerva, para Prue e depois para a folha de papel, tirando-a das mãos dela.

Prue congelou segurando o corrimão, respirando como se tivesse corrido por quilômetros, seus pulmões estavam ardendo e sua pele estava virando gelo enquanto o observava ler. Um frio gelou seu sangue e seus ossos, congelando-a tão completamente que ela não podia se mover ou falar. O frio inescapável atingiu seu coração, mas ela não se importou com aquilo, pois o gelo entorpeceu a dor do choque quando ele percebeu o que segurava e quem era a responsável.

Aqueles olhos verdes olharam para cima, encontrando os dela.

Prue já havia escrito sobre corações partidos antes, escreveu pequenas frases banais que descreviam a dor, o desejo e a mágoa, mas ela nunca havia experimentado isso em primeira mão. Ela nunca viu um coração partir diante dos seus olhos, nunca tinha sentido a explosão daquele mesmo momento, os cacos gelados a rasgando de dentro para fora, cortando sua alma.

Prue observou quando ele deixou o papel cair no chão.

17

Oh, minha querida, Prue, o que fez?

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

4 de maio de 1814. Beverwyck, Londres.

Robert estremeceu quando as cortinas foram abertas num estalo.

— Eu disse para me deixar em paz, caramba! — ele praguejou, lutando para levantar a cabeça o suficiente para ver qual criada idiota que ignorou seus comandos expressos.

— Fale assim comigo de novo que vai terminar o dia usando esse bule, que eu gentilmente lhe trouxe, na cabeça — respondeu a irmã. Olhando-o de cima, seu nariz enrugado e uma expressão de profundo desgosto. — Está com cheiro de cachorro molhado — ela observou.

— Bom — ele murmurou, virando-se de lado para longe dela. — Era exatamente o que eu estava almejando.

— Eu estou falando sério sobre o café — ela disse, suas palavras precisas atravessando seu cérebro enquanto colocava vários cubos de açúcar numa xícara com pinças de prata, certificando-se de tintilar o máximo que podia enquanto servia e misturando com pura ferocidade. Ele não sabia que servir café poderia ser tão barulhento ou tão vingativo.

— Tudo bem, tudo bem — ele amaldiçoou, resmungando e segurando a cabeça enquanto se sentava.

Recuando um pouco, sua irmã ajudou a empilhar os travesseiros atrás dele, colocou a xícara nas suas mãos e se posicionou na beira da cama.

— Não estou cheirando tão mal assim — ele respondeu, observando o belo nariz dela ainda enrugando. — E nem sequer estive perto de algum cachorro, molhado ou não.

— Não — ela concordou cruzando os braços. — Mas sou lady o bastante para afirmar que cheira a bordel.

— Cristo, Helena! — ele exclamou engasgando-se com o café em estado de choque. — Onde, em nome de Deus, aprende essas coisas?

Ela retornou um olhar ameaçador. — Ora, por favor, Robert. Meu irmão é *o Duque Maldito*, eu teria que ser surda, cega e totalmente burra para não saber de pelo menos algumas de suas façanhas, sua criatura idiota.

Ao lembrar do motivo que o levara para esta última viagem ao inferno, uma forte dor o atingiu com força e rapidez, em algum lugar nas proximidades de onde seu coração costumava residir. Foi uma surpresa descobrir que ele ainda tinha um, depois de Lavínia, e outra maior ainda ao descobrir que continuava tão idiota quanto sempre foi. Deus, ele nunca iria aprender?

— Eu não estava lá para... — ele pigarreou, sentindo-se horrorizado quando Helena revirou os olhos e ignorou suas desculpas.

— Então, Prunella é a autora de *A História Sombria de um Duque Maldito?* — ela perguntou, chegando ao cerne da questão como um cirurgião segurando sua lâmina.

Robert olhou para ela. Nunca deixou de surpreendê-lo que ninguém mais percebesse que sua

irmã era muito mais cruel e resoluta do que ele jamais fora. Ela nunca hesitava. A jovem tinha o rosto de um anjo e a determinação obstinada de um cão de caça.

Ele permaneceu em silêncio, sua mandíbula tão firme que fez sua cabeça começar a doer. Muito machucado e chateado para formar frases de verdade, ele sabia que se pensasse demais no que Prue havia feito, nas coisas que ela escreveu sobre ele, acabaria quebrando alguma coisa... ou chorando. Ficou consternado ao perceber que a segunda opção era mais provável que a primeira.

— Sabia que eu iria gostar dela — disse Helena com um sorriso singelo no rosto.

Isso chamou a atenção dele.

— O quê? Acha que o que ela fez foi admirável? — perguntou furioso, chocado e magoado que sua irmã, de todas as pessoas, não o estava defendendo.

Sua expressão suavizou e ela estendeu a mão para pegar a dele.

— Me pergunto, quando acha que ela escreveu a história? Quero dizer, a série começou meses atrás. Era o capítulo dezesseis e, como o periódico publica um episódio a cada semana...

Ela parou lançando um olhar que o incentivava a acompanhar enquanto ele lutava para seguir sua linha de raciocínio.

— Está querendo dizer que ela escreveu aquilo antes de nos conhecermos? — Ele perguntou cautelosamente. Maldição se ele começasse acreditar que havia uma forma de perdoá-la pelo o que ela fez. Ele perdoou Lavínia por enganá-lo a se casar com ela, por forçar sua mão e olha onde isso o levou. — Ou pelo menos metade disso?

Helena não respondeu, mas segurou o olhar dele. — Conte-me novamente o que aconteceu quando contou para ela como Lavínia morreu. Como ela reagiu?

— Ela parecia enojada e saiu correndo — ele disse amargamente, lembrando da sua culpa, lembrando de como havia entendido que ela não queria nada com ele, que ele não era digno.

— Sim, sim — disse Helena ignorando aquela parte com impaciência. — Mas o que ela disse?

Robert respirou fundo, colocou a xícara no pires e cruzou os braços, fazendo o possível para concentrar sua cabeça, que doía, numa cena que ele estava tentando esquecer. Em algum lugar através da névoa de conhaque, as palavras dela voltaram para ele.

— Ela disse que eu não entendia — ele respondeu franzindo a testa enquanto tentava recapitular suas palavras. — Ela disse que não era eu, que eu não era... — Robert esfregou a parte de trás do pescoço, tentando lembrar o que ela havia dito. — Ela disse que não era eu, era ela.

Helena olhou para ele enquanto seu coração batia forte.

— Acho que a sua dama é extraordinária, Robert, e eu mantenho firme o que eu disse. Eu gosto dela. Acho que ela cometeu um erro contigo, o mesmo erro que quase todo mundo cometeu. Ela é culpada por acreditar nas fofocas, mas acho que ela soube naquele dia. Acho que ela percebeu o quão estava errada e ela quis consertar isso. Acho que foi por isso que ela fugiu, mas, a menos que a veja, fale com ela, nunca saberá ao certo.

Robert sentiu seus olhos formigarem, quentes e alarmantes, enquanto lutava para manter a compostura, a raiva e o ressentimento lutavam contra a esperança em seu peito, mas a esperança já o tinha enviado para o caminho da sua destruição uma vez, e estava com medo de repetir os mesmos passos.

— Ela me difamou para o mundo todo — ele continuou, as palavras desiguais. — Eu estava me apaixonando por ela, e o tempo todo... — ele fechou a boca quando sua voz falhou.

Helena estendeu a mão e acariciou sua bochecha. — Eu sei, querido. Não estou dizendo que ela é inocente. Quem é? Mas ela viveu sua vida à sombra de um monstro com o qual não podia

lutar. Você mesmo disse isso. Talvez ela acreditasse que estivesse matando um dragão — ela sorriu com isso, um olhar de tanta afeição lançado em sua direção que sua garganta deu um nó. — Só para então descobrir que ele não era um dragão.

Ele fechou os olhos, querendo que as palavras dela fossem verdadeiras, mas não ousava acreditar nelas.

— Nunca saberá, Robert, se não perguntar. Nunca terá certeza. Se não ouvir o lado dela, vai viver arrependido por deixá-la ir. Vá até ela, pelo amor de Deus. Pelo menos deixe-a explicar. Só assim saberá a verdade.

Robert soltou um suspiro trêmulo e concordou. — Está certa — ele disse, apesar de parecer relutante. — Vou falar com ela.

Helena sorriu, dando um tapinha no seu rosto e depois fez uma careta. — Muito bem, e para o bem da sociedade, tome um banho e troque de roupa antes de pôr o pé do lado de fora ou será preso por ofensas criminais às narinas e por ser um perigo à saúde pública.

— Engraçado, Helena — ele murmurou, aceitando uma segunda xícara de café. — Agora, vá e encontre um marido, está bem? Para que eu não precise me divertir com sua inteligência cintilante nem mais um momento.

Helena levantou rindo e mandou um beijo para ele. — Eu também te amo, querido — ela disse com um sorriso debochado antes de deixá-lo sozinho.



4 de maio de 1814. Sarau musical da sra. Charlton. Praça Berkeley, Londres.

Prue se arrastou mais um pouco para o canto da sala e ficou fora de vista. Dizer que ela estava em desgraça era o mínimo. Minerva não falava com ela há dias, e tia Phyllis estava com mais raiva do que jamais viu. Ela acreditava que Prue havia arruinado as chances de Minerva, que o Duque estava prestes a propor e Prue destruiu tudo. Minerva não a contradisse, talvez acreditasse nisso também. Prue não sabia. Ela quase aceitou a raiva delas, ela sentia como se estivesse recebendo o que merecia. Ela merecia o castigo e não tentaria escapar dele.

Ela tentaria, no entanto, escapar desta noite horrível.

Todo mundo estava falando sobre o último capítulo de sua história sórdida. Todos estavam falando sobre ela, a história, e se perguntando o quanto daquilo era baseado em fatos reais, pois certamente a autora devia saber alguma coisa, não existia fumaça sem fogo.

Prue interveio para defender Robert algumas vezes, para dizer que a autora provavelmente era alguém com rancor, que não havia nenhuma evidência de todos os seus erros e que aquilo era apenas uma fofoca vingativa. Alguns concordaram com ela e outros não queriam deixar a verdade estragar uma história tão deliciosamente obscena.

Agora ela estava cansada e desanimada e se afogando tanto em culpa que seu estômago revirava e seu coração doía. Ela engoliu em seco com medo de que seu sofrimento a fizesse chorar de trás das folhas da palmeira onde se refugiara.

Quando o próximo capítulo fosse publicado no dia seguinte, ela esperava ter ajudado a reparar as coisas, mas não veria isso acontecendo, não veria a reação das pessoas às suas palavras de primeira mão. Ela já teria ido embora.

Prue já havia escrito uma carta para sua tia e Minerva se explicando da melhor forma possível e se desculpando. Ela só tinha que voltar para casa para deixar a carta e pegar sua mala recheada com tudo o que podia carregar, e sair de fininho.

Seu recomeço a aguardava.

Teve sorte, pelo menos, ao encontrar um lugar. Havia esse pequeno chalé que ela queria alugar. Ela viu o anúncio num jornal local quando ainda estavam em Otford e achou que era perfeito. Longe o suficiente de todos que ela conhecia, mas perto de uma pequena e movimentada vila, assim não ficaria totalmente sozinha. Apenas algumas semanas atrás isso era tudo o que ela queria. A ideia do chalé, sua independência e uma nova vida a enchia de prazer e antecipação. Naquela época, estava fora de seu alcance econômico, e ela lamentou, mas agora, com a ajuda do sr. Richardson, ela podia aceitar o contrato de arrendamento e se estabelecer na vida que sempre acreditou e ansiou.

Sozinha.

Tudo aconteceu mais cedo do que planejou, ela retornou para ver o sr. Richardson, que lhe dera um adiantamento generoso no acordo que haviam feito por mais três histórias. Ele publicaria cada uma delas na forma de um romance, uma vez que o periódico tivesse publicado a história na íntegra. Sr. Richardson estava confiante de que teriam muito sucesso.

Ele ficou cético com a mudança de tom para *A História Sombria de um Duque Maldito*, mas depois de ler ele sorriu para ela e assentiu com aprovação. Ela até viu uma expressão quase carinhosa em seus olhos enquanto ele lia o final bastante surpreendente.

O sr. Richardson ficou muito impressionado com o esboço da próxima história sobre uma jovem que quase arruinou a própria vida e a das pessoas com quem se importava por dar ouvidos para mexericos.

Quando ele elogiou a ideia, Prue retornou um sorriso triste e disse que não tinha nada melhor do que escrever por experiência própria. Exceto que ela libertaria sua heroína equivocada de um destino solitário como uma solteirona, sozinha e sem amor, e lhe daria o final feliz que ela sempre quis, mesmo se a criatura maldosa não merecesse. Ela não tinha ilusões sobre seu próprio destino, esse não poderia reescrever para se satisfazer.

Prue pulou quando uma voz suave falou perto de sua orelha. Quando se virou, ela se preparou para outra repreensão quando viu Minerva olhando-a, uma expressão pensativa em seu rosto.

— O que tem no próximo capítulo? — Ela perguntou, um tom bastante frágil para a pergunta, do qual Prue dificilmente poderia culpá-la.

— Redenção — disse Prue, sorrindo um pouco. — Minha, não dele — acrescentou com pressa. — Ele nunca precisou, precisava apenas de compreensão.

Minerva assentiu, um pequeno franzido na testa. — Sinto muito — ela disse abruptamente, como se tivesse forçado as palavras antes que pudesse mudar de ideia.

— Por que? — Prue perguntou um pouco surpresa. Minerva nunca tinha se desculpado com ela antes, nunca.

Ela observou a moça respirar fundo. — Eu nunca gostei de você — ela admitiu, colocando os braços em volta da cintura, um brilho bastante defensivo nos olhos quando levantou o queixo. — Sempre me fez sentir como se eu fosse uma imbecil, como se eu não devesse me importar com minhas roupas ou meus cabelos, mesmo esses sendo meus únicos atributos.

Prue abriu a boca para protestar, mas percebeu que não podia. Por muito tempo, considerou Minerva uma criatura bastante insípida, frívola demais para o bom senso e sempre disposta a gastar as poucas economias da sua mãe com coisas caras. Ultimamente, Prue percebeu que havia mais em Minerva do que apenas isso, mas sabia que houvera momentos no passado em que tratara a prima de maneira injusta.

— Eu não sou inteligente como você, Prue — ela disse lamentando, parecendo irritada e frustrada. — É corajosa o suficiente para mudar as coisas, para fazer algo imprudente como

escrever uma história em segredo e fazer com que o mundo a leia. Eu nunca poderia fazer isso — ela disse com os olhos lacrimejando. — Mas eu sou bonita — ela disse com desafio. — E eu sei escutar um cavalheiro, sei fazê-lo se sentir querido e apreciado, e isso é algo que eu posso usar para nos tirar dessa meia-vida. Estamos sempre no limite, Prue, sempre nos perguntando se teremos o suficiente para chegar ao final do mês e estou farta disso, mas...

Ela fez uma pausa e, para surpresa de Prue, estendeu a mão e pegou a mão dela.

— Mas eu nunca deveria ter mostrado a história para Bedwin. Foi cruel da minha parte, tanto para ele como para você, principalmente quando é tão óbvio que está completamente apaixonada por ele. Sinto muito, Prue. Eu sei que isso não quer dizer muita coisa agora, mas eu sinto.

Prue sentiu o rosto se enrugar e mordeu o lábio, lutando para manter a compostura. Desistindo, ela puxou Minerva e a abraçou com força.

— Está errada — ela disse soluçando um pouco. — Quer dizer, muito mais do que pode imaginar, e também devo me desculpar, Minerva. Se eu alguma vez fiz com que se sentisse frívola e imbecil, então isso foi imperdoável da minha parte. Idiota também, porque obviamente não o é. Foi tolice da minha parte, nós poderíamos ter sido amigas esse tempo todo, se eu apenas tivesse parado e lhe dado a oportunidade.

Para seu alívio, Minerva deu uma gargalhada e retornou o abraço antes de soltá-la. — Não se sinta tão mal — ela disse com um sorriso arrependido. — Eu na verdade sou um pouco frívola.

Prue balançou a cabeça e pegou as mãos de Minerva. — Não. Nunca diga isso ou pense assim. Todas devemos fazer nossas escolhas e abraçar as oportunidades de sermos felizes. Não somos livres para viver como gostaríamos, mas podemos fazer o melhor nessas circunstâncias, não acha?

— Sim — concordou Minerva sorrindo. — Sim, nós podemos, e... e eu aprenderei essa lição contigo, Prue — acrescentou dando um sorriso. — Bem, não agora e de uma vez, é claro, mas serei mais corajosa. De agora em diante farei as coisas que quero e não o que mamãe quiser que eu faça. Estou cansada de correr atrás de um título. Não é o que eu quero, não de verdade. Eu apenas quero ser feliz.

Prue apertou as mãos de sua prima, dividida entre o prazer de encontrar uma amiga em uma de suas únicas parentes e sentindo um grande arrependimento por não ter visto o que estava bem à sua frente. Para alguém que se imaginava escritora, ela era de fato terrivelmente desatenta e sempre prestes a fazer suposições. Isso ela teria que mudar. Queria que essa mudança já tivesse começado.

Elas olharam em volta quando um murmurinho circulou pelo salão, e o estômago de Prue deu um pequeno e desagradável sobressalto quando Minerva virou para ela com os olhos arregalados.

— É Bedwin — Minerva sussurrou.

— Oh, não.

Prue retirou as mãos do aperto das mãos de Minerva e encolheu-se no canto.

— Talvez devesse falar com ele para tentar explicar — Minerva sugeriu, sua voz suave.

O pânico irrompeu no estômago de Prue, como mil borboletas com asas de aço. Ela balançou a cabeça em negativa, mal ousando respirar caso ele olhasse na direção delas.

— Não há nada que eu possa dizer — ela disse, sentindo as lágrimas queimar os olhos. — Não posso fingir que não escrevi todas aquelas coisas horríveis, posso?

— Não — Minerva concordou, olhando de volta para o salão onde a anfitriã estava cumprimentando o Duque. — Mas pode dizer para ele que sente muito e que o ama.

Prue enxugou as bochechas com a mão enluvada, incapaz de impedir que as primeiras lágrimas caíssem.

— Você o ama, não é? — Minerva pressionou olhando para ela.

— Sim — confirmou Prue, rindo, embora ela não soubesse o porquê. Ela nunca sentiu tanta vontade de chorar em toda sua vida. Talvez fosse chorar pelo resto da vida. Parecia inteiramente possível. — Sim, acredito que sim.

Minerva sorriu para ela e assentiu. — Espere aqui — ela disse, um olhar decisivo em seus olhos, e Prue observou enquanto ela seguiu em direção à multidão.

18

Oh, minha nossa, leu o capítulo de hoje? Não consigo acreditar. Eu nunca teria imaginado!
- Trecho de uma carta da Srta. Bonnie Campbell para a Srta. Alice Dowding.

4 de maio de 1814. Sarau musical da Sra. Charlton. Praça Berkeley, Londres.

Robert ficou imóvel ao ver Minerva Butler se movendo em sua direção. Seu instinto era ignorá-la, afastar-se e concentrar-se em encontrar Prue entre a aglomeração, mas ele não era tão cruel assim. Além disso, Minerva poderia levá-lo a Prue, isso se sua pavorosa mãe não estivesse por perto.

— Boa noite, Sua Graça — Minerva o cumprimentou, fazendo uma elegante reverência.

— Srta. Butler — ele respondeu, seu tom cauteloso. — A senhorita está aqui com sua família?

Os lábios da jovem se contraíram um pouco. — Minha mãe está conversando profundamente com algumas velhas amigas, pois ela não sabia se Sua Graça viria hoje. O senhor está seguro por enquanto — ela o acalmou, fazendo-o sorrir com sua honestidade. — Prue não está comigo, mas ela está aqui, e eu posso levá-lo até ela.

Robert soltou a respiração que estava segurando. — Gostaria muito disso.

Minerva assentiu e depois hesitou, surpreendendo-o ao estender a mão e colocá-la sobre seu braço. Ele se forçou para não o arrancar de lá, percebendo no último momento que não era um movimento para seduzir, mas sim de simpatia.

— Sinto muito pelo que fiz. Foi injusto da minha parte fazer isso com o senhor e com Prue. Eu deveria ter dado a ela a chance de explicar tudo, mas... eu estava com raiva.

Ele deu de ombros, retornando um sorriso torcido. — Eu também.

— Ela entendeu tudo errado — ela disse apertando o braço dele. — Ela sabe disso e sente muito. Sente mais do que possa imaginar. O senhor sabia que ela está...

A respiração de Robert pareceu parar quando ela hesitou, desejando que ela dissesse as palavras que ele esperava ouvir, mas ela balançou a cabeça e sorriu.

— Acho melhor ela mesma lhe contar. Afinal, ela é melhor com as palavras do que eu.

— Muito bem — ele respondeu, seu coração batia forte como um tambor no seu peito, mais forte e mais rápido do que deveria, soando alto em seus ouvidos.

— Dará uma chance a ela? — Minerva pressionou, olhando seu rosto. — O senhor não será cruel com ela, não é mesmo?

Robert balançou a cabeça, se perguntando se ele estava sendo um tolo novamente. Ele permitiu que uma mulher destruísse sua vida uma vez, a perdoou e deu a ela a chance de repetir sua destruição, diversas vezes. Ele estava prestes a cair na mesma armadilha, perdoaria uma mulher por esfregar seu nome na lama e arriscaria seu coração para que ela pisasse nele da mesma maneira?

Não tinha como ter certeza. Não tinha garantias. Ele apenas seguiria seu coração, mesmo não tendo mais certeza de que podia confiar nele, e mesmo morrendo de medo.

— Eu só quero falar com ela — ele disse, surpreso que sua voz estava firme quando tinha

certeza de que suas mãos estavam tremendo. — Eu quero entender, mas não farei um escândalo, a senhorita tem a minha palavra.

Minerva assentiu e o conduziu através da multidão. Todo mundo estava olhando e sussurrando, muitos olhos cheios de condenação. As pessoas repeliam diante dele como se um tigre rondasse em meio a elas, propenso a atacar a qualquer momento. Ela era a culpada por isso, lembrou a si mesmo, apenas para negar novamente. Ela não era. Lavínia que começou tudo e ele piorou as coisas. Prue tinha apenas acendido o fogo do seu passado sombrio. Ela não tinha causado isso, apenas mexeu as chamas para que elas queimassem novamente.

Ele não se importava com isso. Não mais. A única coisa com a qual se importava era o futuro, e se ainda existisse a possibilidade, então ele teria um, com ela.

Eles atravessaram o saguão de entrada para uma sala tão cheia quanto as outras: abarrotadas, muita conversa, a casa inteira estava abafada e muito quente. Era claustrofóbico e ele desejava poder escapar dali, desejava poder fugir de todas aquelas malditas pessoas e seus julgamentos. Talvez pudesse fazer isso se a conversa com Prue terminasse do jeito que esperava...

Talvez ela fugisse com ele?

Para sua diversão, Minerva hesitou ao lado de um vaso com palmeira.

— Espere aqui um momento — ela pediu, e desapareceu atrás do vaso. Um segundo depois, ela reapareceu, parecendo um pouco perplexa. — Ela estava aqui uns minutos atrás.

O coração de Robert gelou. — Ela sabia que a senhorita estava vindo falar comigo?

Minerva assentiu, as mãos entrelaçadas firmemente. — Por favor, não pense que ela não queria vê-lo, mas...

— Mas? — Robert repetiu, desejando que ela falasse antes que seus nervos fizessem com que seu coração parasse de bater de cansaço.

— Ela está se afogando em culpa — Minerva disse com um pequeno encolher de ombros. — Acho que subestimei o quanto. Acho que ela está apavorada de encarar o senhor — ele observou, enquanto ela examinava a multidão amontoada sobre eles com um suspiro. — Precisamos nos separar se quisermos encontrá-la.

Robert assentiu e depois estendeu a mão, segurando-a antes que ela pudesse se afastar. — Se a senhorita a encontrar primeiro, diga que eu... não posso dizer que não estou com raiva — ele disse, balançando a cabeça com frustração. — Estou muito furioso, mas eu posso entender se... droga — ele amaldiçoou, baixo e selvagem. — Diga a ela que eu quero entender, conversar, não para repreende-la ou causar uma confusão. Eu não sou um monstro. Não vou agir como um.

Minerva sorriu e assentiu, e eles entraram na multidão.

4 de maio. Upper Walpole Street, Londres.

Com um golpe de sorte que não merecia, Prue encontrou uma carruagem de aluguel na Hill Street, apenas momentos depois de escapar da festa da sra. Charlton. Dando o endereço de sua tia na Upper Walpole Street, ela olhou, sem realmente enxergar, as ruas sombrias da cidade.

Robert estava lá dentro. Ela poderia ter ficado e tentado explicar, mas não podia suportar. Ela queria se lembrar do olhar dele quando ele perguntou se ela queria se casar com ele, não se ela casaria, mas se ela queria. Havia tanta esperança, tanto desejo. Quando ela disse que sim, sua expressão era de alegria, aquele sorriso de menino surgindo em seus lábios por um breve momento, até que ele entendeu que isso não mudaria nada.

Esse momento estava gravado em seu coração e ela não iria esquecer. Ela não queria ver a acusação naqueles olhos verdes, ver a mágoa e o desprezo por estar tão errado sobre ela. O fato de que ele pudesse se arrepender sobre ela da mesma forma que se arrependeu da sua primeira esposa era uma dor no peito tão forte que ela mal conseguia respirar.

Prue pressionou a palma da mão contra o coração, desenhando círculos lentos e tentando respirar, mas seus pulmões se recusavam a cooperar. As lágrimas encheram seus olhos e sua vontade era de apenas desabar e soluçar até que estivesse vazia e sem nada, como uma folha em branco. Mas ela tinha que resistir. Só mais um pouco. Depois que partisse, uma vez que fechasse a porta da casa atrás dela, ela estaria sozinha, aí então poderia chorar. Ela poderia chorar e lamentar o tempo que quisesse, pois não haveria ninguém para confortá-la. Ninguém saberia onde ela estaria.

Eventualmente contaria para elas, é claro. Não era justo desaparecer deixando suas amigas preocupadas com ela. Teria que contratar uma criada também, por razões práticas, por decoro. Então, ela não estaria totalmente sozinha.

Aquele pensamento não a tranquilizou.

Uma vez na Upper Walpole Street, ela pediu para que o condutor esperasse e correu para dentro. Arrastando-se até seu quarto, entrou da forma mais silenciosa que podia para não acordar Sally, que tinha o sono leve. Prue se ajoelhou ao lado de sua cama e estendeu a mão por baixo, agarrando a alça da bolsa que havia empacotado e a arrastou para fora. Com uma última olhada no quarto para verificar se não tinha nada de importante da qual sentiria falta, ela enfiou a mão dentro da bolsa e removeu a carta que havia escrito. Ignorando que sua mão tremia, a colocou sobre o travesseiro e saiu do quarto.

Com a mesma discrição com a qual entrou, ela desceu as escadas, depois soltou um grito alto o suficiente para acordar os mortos quando uma figura se projetou nas sombras.

— Sou eu, senhorita — disse Sally com um tom impaciente. — A senhorita pulou como se tivesse visto o diabo em pessoa. A senhorita está com a consciência culpada, se eu não estiver enganada.

— Santo Deus! — Prue disse, encostando-se contra a parede em busca de apoio e cobrindo seu coração com uma mão, caso estivesse tentando escapar do seu peito. Ele parecia estar fazendo um esforço significativo para conseguir exatamente isso.

— Acalme-se agora, senhorita — Sally repreendeu, balançando a cabeça. — Eu não me importo se a senhorita xingar como um marinheiro, mas blasfêmia eu não vou aceitar.

— Perdoe-me, Sally — Prue disse ofegante ficando quente e fria em rápida sucessão. — Mas me deu um belo de um susto.

— Isso é o que ganha por se arrastar como um ladrão e tentar fugir na calada da noite sem nem mesmo uma palavra de despedida.

Ela ouviu um som indignado e bastante instável, e conseguiu enxergar Sally melhor agora que seu coração tinha percebido que ela não estava prestes a ser assassinada.

Sally estava vestida, usando chapéu, casaco e luvas, e com uma bolsa grande não muito diferente da que Prue tinha jogada nos pés.

— O que... — Prue começou, uma sensação apertada se fechando na sua garganta.

— Não sei o que a senhorita aprontou, nem para onde vai a essa hora da noite, mas não conseguiria dormir se deixasse a senhorita sair sozinha — disse Sally com a voz firme, apesar de que seus olhos estavam brilhando. — A senhorita não consegue nem ferver um ovo, vai se esquecer de comer quando estiver segurando uma pena na mão, e só o céu sabe o que acontecerá com suas luvas. Não pode ir embora sem mim, então não suponha que possa. Eu também vou, já

me decidi.

— Mas..., mas Sally — ela protestou, tão emocionada que mal conseguia falar. — Tia Phyllis...

— Eu sabia que tinha algo acontecendo e quando percebi que algumas das suas coisas estavam faltando, dei uma olhada e encontrei a mala. Então, providenciei que uma amiga minha assumisse minhas funções. Ela é uma boa menina e precisa de um emprego. Elas mal vão notar que eu fui embora. A senhorita, no entanto...

Sally tirou um grande lenço do bolso e assoou o nariz.

— Sally — começou Prue com a voz suave, mas Sally levantou a mão.

— A senhorita pode explicar mais tarde, se quiser, mas eu não preciso de explicação. Eu gosto tanto da senhorita como se fosse minha própria filha e eu não vou a deixarei sair sozinha a noite. Estou com a senhorita, então é melhor se acostumar com a ideia.

Muito emocionada e muito agradecida para pensar em discutir, Prue desistiu e lançou os braços sobre Sally, abraçando-a com força.

— Obrigada — ela sussurrou, lutando contra o desejo de desabar quando Sally a abraçou de volta. — Melhor irmos então. Há uma chance de que elas venham me procurar se descobrirem que desapareci.

Com um aceno de cabeça, Sally a soltou e se abaixou para pegar a bolsa. Prue fez o mesmo, e elas correram para a carruagem que aguardava.

Robert esperou do lado de fora do endereço na Upper Walpole Street, tentando e não conseguindo ficar parado. Certamente Prue falaria com ele, uma vez que Minerva explicasse a situação. Ele parou quando a porta da frente se abriu e Minerva apareceu mais uma vez. A expressão dela não era boa e o coração dele ficou triste. Então ele viu uma carta em sua mão.

Aquela carta o transportara de volta para aquele momento, apenas alguns dias atrás, quando ela colocou a folha do manuscrito de *A História Sombria de um Duque Maldito* em suas mãos, e quando seu coração se partiu ao perceber a verdade.

— Ela foi embora — disse Minerva, piscando para conter as lágrimas.

— Para onde? — Ele demandou, sua voz em pânico, com medo de que nunca mais fosse vê-la. Talvez nunca mais tivesse a chance de dizer para ela que ele não se importava.

Naquele momento percebeu que aquilo era verdade. Ele não se importava com a maldita história. A menos que ela acreditasse que era verdade, mas ele não acreditava nisso. Ele sabia disso. Robert lembrou-se da primeira vez em que se conheceram, lembrou-se do pânico em seus olhos e soube então que não era apenas a reputação dele que a assustava... era o medo da descoberta.

— Ela não diz — disse Minerva, sua expressão cheia de tristeza e arrependimento. — Sinto muito.

A mandíbula de Robert se apertou contra o desejo de xingar enquanto a frustração queimava dentro dele. — Para onde ela iria?

Ele olhou de volta para a jovem, querendo sacudi-la enquanto ela dava de ombros. — Não faço ideia.

— Maldição — ele murmurou baixinho, querendo dizer muito mais, querendo voltar para a carruagem, pegar as rédeas do condutor e correr em alta velocidade até encontrá-la.

No entanto, ele não podia simplesmente sair correndo àquela hora da noite quando não tinha a menor ideia de qual direção ela havia tomado. Ele a encontraria, no entanto. De alguma forma,

ele a encontraria.

— Ela não está sozinha — Minerva disse, invadindo seus pensamentos.

Por um momento, ele acreditou que seu coração houvesse parado de bater enquanto absorvia as palavras. Não. Isso não poderia ser verdade. Prue nunca...

— Oh, não! — Minerva disse, horrorizada quando ele ficou imóvel e provavelmente cinza quando sentiu a cor sumir do seu rosto. — Estou falando de nossa criada, Sally. Ela também se foi. Queria assegurar-lhe que ela não estava sozinha.

Robert soltou um fôlego instável.

— Ela diz que entrará em contato assim que se estabelecer — acrescentou Minerva, dando-lhe um sorriso hesitante. — Eu irei avisá-lo quando souber de alguma coisa, ou se eu pensar em qualquer lugar para onde ela possa ter ido. Tem a minha palavra.

Ele assentiu, franzindo a testa, sabendo que não podia simplesmente ir para casa e dormir. — Existe a possibilidade de ela ter voltado para Otford? Talvez para recolher seus pertences?

Minerva pensou sobre isso. — Talvez — ela disse — ela tem centenas de livros, e mamãe deixou que ela trouxesse apenas alguns para Londres. É possível que ela tenha voltado para pegá-los.

Robert não esperou nem mais um minuto. Ele tinha um destino em mente, algo para fazer.

Era melhor que nada.



Era meio da manhã quando ele retornou para Beverwyck, cansado e desanimado, e com o coração na mão. Se Prue havia retornado à casa em Otford, ela o bateu chegando lá primeiro e não ficou por muito tempo. Ele esperou lá por várias horas, apenas para se certificar de que ela não voltaria. Pelo menos isso dera aos cavalos um descanso antes de pressioná-los mais uma vez pelas estradas iluminadas pela lua durante a jornada de três horas.

O retorno foi mais lento, pois permitiu que o condutor tomasse as rédeas e foi para dentro da carruagem. Sentindo pena do sujeito, disse ao condutor que não tivesse pressa. Não era como se tivesse pressa para voltar para casa. Ele tinha assustado o pobre coitado, conduzindo como um homem possuído. Robert vislumbrou no rosto do homem, o desejo de lhe dizer para controlar sua sanidade, mas ninguém diria a um Duque que ele era um idiota e para parar com aquela loucura, mesmo que estivesse sujeito a matar os dois.

Atravessou as portas da mansão, entregou o chapéu, luvas e casaco em silêncio e depois ficou no corredor de entrada sem saber o que fazer em seguida.

— Lady Helena está na sala de café da manhã, Sua Graça — arriscou o mordomo, como se essa instrução pudesse tirar seu mestre de qualquer transe estranho que o pegara.

Funcionou bem o suficiente e Robert assentiu, forçando os pés a se moverem. Foi apenas quando chegou à porta e abriu uma fresta que percebeu que não queria ver ninguém... principalmente Helena, pois ela iria querer explicações.

Recuou, movendo-se o mais silenciosamente possível para que ela não o notasse, e depois parou quando viu sua irmã enxugar uma lágrima de sua bochecha. Helena era uma criatura estoica, apesar de sua aparência frágil. Raramente a vira chorar, mesmo quando a mãe deles morreu. Guardara o pior de sua dor para si mesma, embora ele soubesse que ela chorava em particular.

Essa lágrima foi suficiente para fazê-lo avançar novamente, deixando seus próprios problemas de lado. — O que aconteceu? —perguntou, correndo para ficar ao lado dela, colocando a mão em seu ombro esbelto. — Helena, qual é o problema?

Ela olhou para ele, seus olhos verdes mais bonitos do que nunca brilhando cheios de lágrimas.

— Nada — ela disse, a voz instável. — Só que foi tão lindo que eu... eu não pude evitar.

Robert franziu a testa, perplexo, e então olhou para baixo para ver no que ela estava se concentrando quando aquela lágrima escorreu por seu rosto.

A cópia daquela manhã do periódico semanal *The Lady's Weekly* estava aberta diante dela, no último capítulo da história de Prue.

— Aqui — ela disse, pegando e lhe oferecendo o periódico. — Veja por si mesmo.

Deu vários passos para trás, balançando a cabeça como se ela tivesse lhe oferecido uma cobra venenosa.

— Não — ele disse, sentindo seu coração contrair. Não conseguia ler mais as palavras de Prue, descrevendo-o como um monstro perverso e sem coração. Não iria suportar.

— Leia — Helena disse suavemente, sua expressão repleta de carinho por ele. — Precisa ler o que ela escreveu. Ela consertou as coisas, Robert. Mostrou ao mundo quem você realmente é. O herói, não o vilão.

Ele prendeu a respiração e a encarou por mais um momento, ainda incapaz de pegar o periódico que ela lhe estendia. Observou quando ela se levantou e se aproximou, pegou sua mão e fechou seus dedos sobre o papel.

— Leia — ela disse novamente, antes de se erguer na ponta dos pés para beijar sua bochecha e deixá-lo sozinho.

19

Queria Alice,

Espero que possa me perdoar por desaparecer de maneira tão escandalosa e por ainda não lhe dar meu endereço, mesmo agora. Eu sei que é estranho, mas é o melhor, pelo menos por enquanto. No entanto, posso garantir que estou bem. Eu só precisava fugir. Tem também algo que preciso confessar a todas as Senhoritas Peculiares.

Eu sou a Miss Terry. Por favor, perdoe-me, querida Alice, e diga as outras como sinto muito por não me abrir mais cedo.

- Trecho de uma carta da Srta. Prunella Chuffington-Smythe para a Srta. Alice Dowding.

27 de maio de 1814. Um chalé no campo. Localização não revelada.

Prue ergueu os olhos das páginas que estava escrevendo e sorriu quando Sally deu um pequeno suspiro de prazer.

— Oh, senhorita, isso foi simplesmente lindo — Sally disse abraçando-a. — E pensar que foi a senhorita mesma quem pensou nisso tudo! — A criada soltou um estalo suave, balançando a cabeça, maravilhada. — Sempre fiquei intrigada sobre o que a senhorita passava tanto tempo escrevendo, já que não enviava muitas cartas.

— Bem, agora sabe — Prue disse, colocando os papeis de volta na pasta onde os guardava.

— Obrigada pela leitura. Esse era o ponto alto da minha semana quando a srta. Minerva lia os capítulos para mim.

E isso não tinha sido nenhuma surpresa, pensou Prue com tristeza. Nunca lhe ocorrera que Minerva faria tal coisa como reservar um tempo para ler para Sally, que não teve a oportunidade de aprender. Nunca lhe ocorrera fazer uma coisa dessas. Ela permitiu que a culpa a consumisse com todo o resto. Não apenas o que havia acontecido com Robert, mas por ter julgado mal sua prima e fazê-la se sentir menos do que realmente era. Que criatura horrível tinha sido.

— No final do último capítulo eu tinha tanta certeza de que o Duque era o culpado pela morte da heroína. Foi um choque descobrir que ela não morreu no outono e que ele a estava protegendo do herói, que era o verdadeiro vilão! Nunca fiquei tão surpresa nem mais feliz — acrescentou Sally, abraçando-se um pouco mais forte. — Eu sempre gostei do Duque, apesar do seu jeito perverso. É bom saber que ele tinha um coração o tempo todo e era apenas mal compreendido.

Ela lançou um olhar perspicaz para Prue. — Também acha que seu Duque foi mal compreendido, não acha?

Prue engoliu em seco e se levantou, afastando-se de Sally e pegando o papel onde anotou a lista de compras. — Ele não é meu Duque — respondeu secamente. — Mas sim, acho que foi.

— Eu acho que ele é seu Duque — continuou Sally, um tom prosaico para as palavras. — Acho que ele é seu, mas a senhorita está com muito medo de arriscar.

— Sally! — Prue disse, falando para si mesma que estava horrorizada porque sua criada estava sendo tão ousada a ponto de lhe falar daquela maneira. — Isso não é verdade — ela disse com a voz trêmula.

Sally se levantou e caminhou em sua direção, cruzando os braços. — Por que então? Por que

se na realidade o que ele quer é se casar com a senhorita?

— Ele não quer! — Prue exclamou, sentindo um nó fechar a sua garganta e fazer seus olhos queimarem. — Não mais, não depois do que fiz.

— E, exatamente, como a senhorita sabe disso? — Sally exigiu, estendendo a mão para agarrar o braço de Prue quando se virava. — Deve enfrentá-lo, Prue. Diga-lhe que está arrependida e ouça como ele se sente. Deve isso a ele.

Prue balançou a cabeça, lutando para manter a compostura enquanto suas lágrimas derramavam. — Não posso — ela disse, lutando para falar aquelas palavras. — Não aguentaria, ele deve me odiar e não posso suportar isso.

Sally a abraçou e fez círculos lentos nas costas dela, como se estivesse confortando uma criança e não uma mulher adulta. — Pronto, pronto. Agora preste atenção, é mais forte do que imagina, minha jovem. Isso eu prometo. Aconteça o que acontecer, vai sobreviver, vai ter uma vida, vai rir de novo. A senhorita se redimiu, devolveu o que tirou dele. Não deveria ter feito isso, é claro que não deveria, mas todos nós cometemos erros. Seu Duque também não é perfeito, eu acho. Ele tem sua parcela de culpa de suas ações, não duvido. Não há fumaça sem fogo, e não acho que ele seja um anjo, por isso não se comporte como se ele fosse um.

Prue respirou trêmula e enxugou as bochechas, forçando-se a se acalmar quando Sally a soltou. — Sei que devo enfrentá-lo — ela disse, aliviada ao perceber que a sua voz estava menos instável e mais parecida com seu normal agora. — Deveria ser corajosa o suficiente para admitir o que fiz e me desculpar, mas não acredito que eu seja corajosa o suficiente, Sally. Pelo menos ainda não. Se o encontrar e ele estiver com raiva, tenho medo de chorar e me fazer de boba e não posso.

Sally assentiu e pegou nas suas duas mãos.

— Tudo bem, meu cordeirinho. Não se martirize tanto. Talvez precise de tempo para se sentir forte novamente. Não continuarei te perturbando, mas odeio pensar que pode estar perdendo a oportunidade de estar com o homem que ama.

Prue corou e gaguejou, mas Sally revirou os olhos.

— Ora, pare com isso — ela disse com um bufo. — Eu meio que estou apaixonada por ele depois do que me contou, e uma mulher da minha idade deveria saber melhor. Agora, corra e escreva alguma coisa e pare de bagunçar minha cozinha. Tenho trabalho a fazer.

Prue fez o que Sally pediu, muito agitada com o que ela disse. Somente Deus sabia o que ela diria a seguir. Escrever parecia improvável, no entanto. Sua mente não conseguia se acalmar, estava cheia de vergonha e culpa, e de uma boa dose de autopiedade.

Em vez disso, andou pela casa, o que não demorou muito tempo, pois a casa era pequena, e também encantadora e era tudo o que sonhara, e ainda assim não sentia prazer nisso.

Era autossuficiente, uma mulher independente que ganhava seu próprio dinheiro e vivia sua própria vida, apesar das restrições da sociedade, e não podia encontrar satisfação nisso... por causa de um homem.

A ironia não escapou dela.

Droga, Prue, recomponha-se, se repreendeu, enquanto olhava pela janela para um belo pedaço do jardim que estava inundado devido a uma forte chuva. Estremeceu e ficou de joelhos junto à lareira, com a intenção de acendê-la e afugentar a escuridão. Um fogo ardente seria uma companhia alegre e a faria sentir-se melhor. Além disso, pensou, não estava infeliz por causa de um homem, estava infeliz por ter maltratado e abusado de um homem que não merecia isso, e isso era uma coisa completamente diferente.

Um pouco apaziguada, se concentrou em acender a lareira e fazer o possível para tirar Robert

da cabeça.



29 de maio de 1814. Otford, Kent.

— Alguma novidade? — Charles perguntou, com um brilho de esperança nos olhos enquanto Robert entrava em seu escritório.

— Se tivesse algum sinal dela, dificilmente eu estaria aqui sozinho, não acha? — Robert desabou e imediatamente se arrependeu. Seu tio estava sendo maravilhoso, fazendo todo o possível para ajudá-lo a encontrar Prue, mas não estavam chegando a lugar algum. — Perdoe-me —se desculpou enquanto fechava os olhos e esfregava a parte de trás do pescoço. — Não foi de propósito...

Charles fez uma reverência e se levantou, ignorando o pedido de desculpas. — Não tem problema. Posso ver que está louco de preocupação por ela, e me sinto da mesma forma. Estou me sentindo tão inútil, se eu fosse mais novo...

— Fez tudo o que pôde, tio. Mais do que eu jamais teria esperado. Devemos simplesmente esperar que ela entre em contato com suas amigas em breve e que uma delas me avise onde ela está.

— Mas se ela fugiu, devem estar achando que ela está se escondendo, que não quer vê-lo.

Robert bufou. — Bem, esse parece ser o caso.

Charles suspirou e balançou a cabeça. — Pensei uma coisa. O periódico ao qual ela trabalha...

— Já fui lá — ele interrompeu com um olhar mais sombrio. — Falei com o sr. Richardson, o proprietário. Ele jurou que não sabia o novo endereço dela e me disse que não me daria mesmo se o tivesse. *"O endereço de uma dama é só dela mesma para dar"*, ele imitou, capturando o sotaque londrino do homem.

— Bem, não posso dizer que o culpo — ironizou Charles, dando de ombros.

— Não — concordou Robert esfregando a mão cansada no rosto. — Eu não o culparia se as circunstâncias fossem diferentes.

— De qualquer forma — continuou Charles de onde parou. — Não foi isso que eu quis dizer. Pensei talvez sobre um anúncio particular no jornal.

Robert bufou. — O quê? Algo como: *Duque procura uma jovem de cabelos loiros, olhos castanhos, esbelta...* Meu Deus, eu seria inundado de respostas.

Seu tio retornou uma expressão de reprovação e encolheu os ombros. — Foi apenas uma ideia — ele disse respirando fundo.

Robert sorriu um pouco, sabendo que estava tentando o seu melhor. Abriu a boca para se desculpar e depois fechou-a novamente quando lhe ocorreu outra ideia.

— Que foi? — Charles sentou-se à sua frente. — O que foi? Teve uma ideia, não é?

— Eu... — Robert começou, e depois sorriu, o primeiro sorriso genuíno e verdadeiro que dera desde que Prue desaparecera da sua vida, desde antes de descobrir o que ela havia feito. — Eu tive — ele disse, rindo um pouco. — Sim, creio que realmente tive.

30 de maio de 1814. Instalações do The Lady's Weekly. Drury Lane, Londres.

Robert estava se sentindo um tolo e era como se estivesse diante de um de seus antigos professores por alguma má-criação ou outra aventura de menino. Sentado um pouco mais reto, lembrou a si mesmo que era um maldito Duque e se recusou a permitir que o rubor que ameaçava rastejar por seu pescoço a qualquer momento aparecesse.

O sr. Richardson ergueu os olhos dos papéis diante dele, um leve brilho de surpresa em seus olhos, nada mais.

— Então, o senhor não quer fazer mal a ela? Não fará uma retaliação pela história que escreveu?

Robert ergueu uma sobrancelha, tentando segurar sua persona arrogante de sempre, o traço de escárnio em seus lábios. Era terrivelmente mais fácil quando todos o consideravam um vilão. — Considerando que metade da alta sociedade agora está apaixonada por mim, não vejo por que deveria estar consternado com a história dela, mas como pode ver... minhas intenções são honrosas. Caso contrário, eu dificilmente escreveria algo como... — ele acenou com a mão para os papéis sobre a mesa, como ilustração, lutando contra o desejo de morrer de vergonha.

Sua fama aumentou ainda mais desde que *o Maldito Duque* alcançou sua felicidade eterna. As mulheres estavam se alvoroçando e tentavam conquistá-lo descaradamente, sussurrando e flertando abertamente esperando que desse alguma oportunidade, o que ele não dava. Evitava a sociedade, a menos que tivesse a ver com obter informações sobre o paradeiro de Prue, mas ela parecia ter desaparecido da face da terra. Sempre desejou ser um herói em vez de um vilão, mas neste exato momento não conseguia entender o porquê. Perversamente, ansiava pelos bons velhos tempos.

— Muito bem, Sua Graça. Espero que o que eu tenha em mãos seja um pedido de casamento, pois, se não for, é melhor reescrevê-lo.

Robert sentiu o rubor formigar um pouco mais insistente na base da sua garganta, mas sustentou o olhar de Richardson, sem piscar. — E é —, ele disse bastante satisfeito por parecer entediado e pronto para terminar aquela entrevista porque seu coração estava a ponto de sair pela boca.

— *Um Pedido de Desculpas de um Herói para uma Vilã* — Richardson leu em voz alta enquanto erguia uma sobrancelha. — Sua Graça tem certeza sobre o título?

— Muita certeza — Robert respondeu, mordendo as palavras com impaciência. Maldito seja, ele concordaria em publicar a peça nem se Robert tivesse que comprar o maldito periódico para que pudesse obrigá-lo a fazer isso.

O sr. Richardson recostou-se na cadeira, passando os dedos sobre um estômago generoso que denunciava o tempo que passava sentado. Também tinha um semblante avermelhado que mostrava o quanto gostava de beber, uma garrafa meio vazia no balcão à esquerda da sua mesa era prova disso. Robert se forçou a ficar sentado e não se levantar para se servir de uma dose generosa.

— Não deixo qualquer um publicar no periódico, Sua Graça — Richardson disse com um brilho astuto nos olhos.

— Sou o Duque de Bedwin — respondeu Robert com civilidade gelada. — Não sou qualquer um — ele não tinha certeza se comportar-se como um bastardo arrogante seria o melhor curso de ação para conseguir o que queria, mas estava muito perto de perder a maldita cabeça para ser mais sutil. Precisava encontrar Prue, encontrá-la e dizer-lhe que não se importava com a maldita história, desde que ela soubesse a verdade sobre ele. A verdade é que a queria, queria conhecê-la, amá-la e fazer o possível para fazê-la feliz, se pudesse.

— Normalmente existe um processo de seleção — prosseguiu Richardson, com um ar

levemente paterno. — No entanto, vendo quem o senhor é, Sua Graça, suponho que seja possível me convencer a... er, circunvagar os procedimentos usuais.

— Quanto? — Robert perguntou, tamborilando com os dedos no braço da cadeira para se impedir de estender a mão sobre a mesa e sacudir com força o maldito homem.

Sr. Richardson sorriu.



9 de junho de 1814. Beverwyck, Londres.

Robert teve que ficar à toa por mais dez dias antes que a história fosse publicada.

— Está aqui! — Helena gritou depois de vasculhar as páginas para encontrar o artigo e quase deixou sua xícara de chá cair sobre ele. Estavam sentados à mesa do café, embora Robert não tivesse comido nada enquanto aguardava a entrega do periódico.

Ele soltou um suspiro, dividido entre o alívio doloroso e a mortificação total. Todo mundo saberia que foi ele quem escreveu, tinha certeza, mesmo que sendo publicado de forma anônima. Colocou alguns detalhes que Prue reconheceria, apenas o suficiente para ela ter certeza e, se funcionasse, não daria a mínima se o mundo inteiro o considerasse um tolo incurável. Se não funcionasse, no entanto, e as pessoas adivinhassem que foi ele, seria humilhado diante da alta sociedade. Estremeceu com a ideia e arrancou o periódico de Helena enquanto ela inclinava a cabeça para ler.

— Isso é particular — ele murmurou, colocando-o sobre a mesa ao lado dele e fora do alcance dela.

Helena olhou para ele, incrédula, e depois ergueu uma sobrancelha elegante apenas um pouquinho.

Robert suspirou. — Eu não me importo se está sendo lido por milhares de pessoas, ainda é...

A irmã dele se levantou, inclinou-se sobre a mesa e pegou o periódico de volta. Robert olhou com raiva para ela, mas realmente não fazia sentido discutir. Ela simplesmente adquiriria outra cópia. Ele cruzou os braços e assumiu uma expressão amotinada, recusando-se a encontrar seus olhos quando ela olhou para cima momentos depois.

— Oh, Robert — ela disse, rindo e chorando ao mesmo tempo, sua voz embargada. — Ela vai voltar correndo. Decerto que sim depois que ler isso. É perfeito.

Ele permitiu que seu olhar se voltasse para ela, franzindo a testa um pouco. — Acha mesmo?

Ela estendeu a mão e apertou a dele. — O único problema é que ela deve se apressar. Nunca estive tão popular quanto nas últimas semanas, sei muito bem que todas as mulheres que conheço vão querer conhecê-lo. Agora todos sabem como foi enganado, os corações estão sangrando por toda a cidade. Vão me atropelar nessa pressa se der meia oportunidade. Agora que isso foi publicado, será ainda pior — Helena deu um suspiro dramático. — Pelo amor de Deus, Robert, case-se com ela o mais rápido possível ou nunca terei um momento de paz.

— Eu farei o meu melhor —disse sorrindo para ela. — Isso eu prometo.



12 de junho de 1814. Um chalé no campo. Localização não revelada.

— Venha e sente-se, sim? Seu chá está esfriando — Sally chamou pela terceira vez, enquanto

Prue acenava com a pena em reconhecimento. — Tem uma nova história no *The Lady's Review* — acrescentou a criada, incapaz de conter sua excitação.

— Eu sei — Prue murmurou, franzindo a testa enquanto tentava recuperar a frase em que estava trabalhando. — Você me disse cinco vezes hoje.

— Sim, e eu te disse ontem e anteontem, e você ainda não leu para mim.

Prue deu uma risada leve e olhou para cima. — Sinto muito, Sally. Eu sou uma terrível provação para você, sei que sou. É que não consegui escrever há semanas e de repente estou conseguindo. Tenho prazos a cumprir. Se não cumprir, não serei paga e...

Sally revirou os olhos e ignorou as desculpas. — A senhorita ainda precisa comer e descansar. Cobrar-se tanto assim é tão ruim quanto ficar se lastimando pela casa e chorando quando acha que não estou vendo. A senhorita ainda está se punindo e não gosto disso. Algo tem que mudar, senhorita.

— Nunca lastimei — respondeu Prue, indignada.

Sally olhou para ela, sem expressão.

Prue bufou e largou a pena. — Ora, tudo bem. Posso ter lastimado, mas por um bom motivo.

— Bem, eu vou lastimar se a senhorita não vier ler para mim esta história — respondeu Sally, cortando uma fatia de bolo de ameixa para ela.

Nas últimas semanas, Prue estivera tão sozinha que a linha entre criada e amiga havia ficado mais tênue do que nunca, e Sally costumava tomar chá com ela à tarde. A alta sociedade sem dúvida nenhuma acharia isso escandaloso e consideraria que esse era outro sinal de sua óbvia excentricidade, mas Prue não se importava. Sally tinha sido uma boa amiga, não se esqueceria disso.

— Você mesma pode ler — disse Prue levantando-se, sabendo que não teria um momento de paz agora até que fosse tomar chá e ler a maldita história.

Sally fez uma careta. — Isso é difícil demais, senhorita. Eu só quero ouvir e me divertir.

Prue sorriu. Ensinar Sally a ler era uma coisa que estava fazendo para compensar por nunca ter lido para ela e por sua lealdade em acompanhá-la na fuga para o meio do nada. Estava indo muito bem também, mas ainda era uma tarefa árdua, embora Prue tivesse prometido que ela iria apreciar mais as histórias uma vez que pudesse lê-las sozinha.

— Bem — ela disse, aceitando uma xícara de chá quente e uma fatia de bolo. — Ao menos leia o título para mim enquanto tomo meu chá.

— Certo — disse Sally, pegando o periódico e folheando para encontrar a história. — Um... pe... di... do — Sally leu, soletrando as sílabas. Ela olhou para Prue, que assentiu.

— Um pedido...

— Um pedido de des... cul... pa... de... de um herói a um vila...

Prue franziu a testa, ouvindo Sally lutando com as palavras. — Um Pedido de Desculpa de um Herói a uma Vila?

Sally balançou a cabeça, sem olhar para cima. — Não, senhorita, uma vilã.

O coração de Prue deu um baque instável no peito. Uma vilã era exatamente como ela se sentia ultimamente, uma mulher cruel que atormentara um homem bom quando ele já havia sofrido demais à sombra de fofocas e linguarudos.

— Me dê isso — ela disse pegando o periódico da mão de Sally.

— Ora, agora o quer — ela disse erguendo as mãos.

— *Um Pedido de Desculpa de um Herói a uma Vilã*, por Anon — ela leu em voz alta. — Que título estranho.

— Parece-me algo que deva ler, senhorita, se não se importa que eu comente.

Prue ficou tensa. Sally nunca a censurara pelo que tinha feito, embora provavelmente pensasse o pior dela por isso. Era inevitável, mas o comentário foi doloroso, mesmo que merecesse.

— Me acha uma vilã, então — Prue disse, forçando as palavras, embora não quisesse ouvir a resposta, mas Sally apenas revirou os olhos.

— Claro que não —disse, agora impaciente — sinceramente, a consciência da senhorita carrega tanta culpa, supondo que eu pense mal da senhorita, isso não é verdade.

Prue soltou a respiração e deu a Sally um sorriso constrangedor. — Desculpa. Receio que isso seja verdade.

Sally bufou e levantou o bule para encher as xícaras. — Sei disso — ela respondeu imperturbável. — Só quis dizer que a senhorita se vê assim, o que é tão estúpido quanto ter pensado que o Duque era um vilão quando não tinha nada além de fofocas.

— Mas isso não é fofoca, *eu sei* o que fiz — protestou Prue, recusando-se a permitir a comparação. — Posso julgar as evidências porque conheço todos os detalhes.

— Ora, pelo amor de Deus! — Sally murmurou. — E a senhorita é um juiz agora? E o fato do seu pai ter sido um bruto, e o fato de a senhorita achar que o Duque também fosse, que humilhava e intimidava a esposa? A senhorita procurou dar o exemplo de um homem que abusou de uma posição de poder para defender aqueles que não podiam se defender. A única coisa é que a senhorita fez tudo ao contrário e escolheu o homem errado. Assim que a senhorita se deu conta, mudou as coisas e, assim que resolver enfrentá-lo e aceitar o seu erro, se sentirá muito melhor.

Os nervos de Prue vieram à tona com a ideia. Ela engoliu em seco e colocou a xícara e o pires sobre a mesa. — Eu sei que está certa — ela disse, torcendo as mãos. — Estou sendo covarde por ficar longe. Devo enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde. Eu deveria simplesmente ir e acabar logo com isso.

— Sim deveria — concordou Sally, dando um aceno decisivo antes de colocar um pouco mais de chá e beber.

Prue sorriu, sentindo uma onda de afeto pela amizade firme de Sally. — Muito bem, Sally — ela disse, reunindo as forças e ignorando o fato de que se sentia enjoada com apreensão. — Não existe tempo melhor que o presente. Se partirmos agora, chegaremos em Londres no meio da tarde. Sei que uma das minhas amigas me permitiria passar a noite. Ruth, talvez, embora seja uma imposição terrível aparecer sem aviso prévio — Prue mordeu o lábio por um momento, pensativa enquanto planejava a viagem na sua cabeça. — Suponho que, já que estarei lá, também posso aproveitar e enfrentar tia Phyllis. Não acho que ela me poria para correr. Sim, melhor se voltarmos e passarmos a noite com ela, se ela nos aceitar.

— Agora? — Sally perguntou de olhos arregalados.

— Sim — Prue ficou de pé. — Vamos, Sally. Devemos fazer as malas, apenas o suficiente para passar a noite. Acabarei com essa provação, só assim realmente poderei recomeçar de novo. Um novo começo —disse forçando um sorriso, embora sua garganta estivesse apertada de ansiedade e tristeza.

Sally bufou e largou a xícara e o pires. — Mas e a história?

— Ela ainda estará aí amanhã, Sally, ou pode ler na carruagem se estiver desesperada — disse Prue, um pouco impaciente agora enquanto subia as escadas. — Se apresse ou não chegaremos antes do anoitecer.

20

Querida Prue,

Estou escrevendo essa carta na esperança que me mande seu endereço em breve, para que eu saiba para onde enviá-la. Oh, Prue, Bedwin esteve aqui perguntando por você. Ele está claramente desesperado, querida, e eu não acredito que ele esteja zangado. Se você apenas voltasse, rezo para que volte.

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt para a Srta. Prunella Chuffington-Smythe... aguardando endereço.

12 de junho de 1814. Beverwyck, Londres.

— Acredito na possibilidade de ela ainda não ter visto.

O rosto de Helena estava transbordando simpatia e Robert evitou encará-la, em vez disso olhou para o fogo na lareira. O tempo estava úmido e frio, o clima ensolarado da primavera fora embora e estava encharcado pelo peso de nuvens cinzentas e poças d'água espalhadas pelas ruas. De alguma forma, parecia adequado.

Três dias. Três dias desde que o maldito artigo fora publicado e nem uma palavra. Nenhuma carta, nenhum contato e, claramente, nenhum sinal de Prue se jogando em seus braços e dizendo sim! Sim, ela também o amava, sim, ela se casaria com ele, sim, poderiam esquecer toda essa bagunça ridícula.

Continuou dizendo a si mesmo a mesma coisa, que ela talvez ainda não tivesse visto, mas realmente não teria? Ela costuma ler o periódico e, sendo uma autora publicada de tanto sucesso, certamente teria curiosidade sobre os outros colaboradores, não é?

Ou, talvez tivesse lido e não tenha se interessado. Talvez não tivesse fugido porque se sentisse mal, talvez não tivesse saído aquele dia para impedir que a história fosse publicada, mas... ela havia mudado o final do seu herói. Ela o resgatou aos olhos da alta sociedade. Se não se importava, por que faria isso? Não fazia sentido.

Perguntas e possibilidades circulavam na sua cabeça, fazendo cada vez menos sentido quanto mais tentava pensar nelas. Precisava vê-la, isso era tudo. Se ao menos soubesse onde ela estava, poderia esclarecer as coisas.

— É possível — disse Helena novamente.

Robert franziu a testa, esqueceu por um momento a presença da irmã.

— Ah, sim — concordou relutante e distraído ao pensar o que diria se Prue estivesse aqui agora. Como diria para ela o estava sentindo? Ou que queria que recomeçassem, se ela concordasse?

Estava pensando tão profundamente que não notou o mordomo, nem suas informações, passadas a Helena porque era a única que estava prestando atenção, que havia uma srta. Chuffington-Smythe na porta para ver Sua Graça.

— Robert! — Helena exclamou, apertando fortemente seu braço quando ele voltou para a realidade com a menção do nome dela. — Ela está aqui!

— Ela... ela está aqui —gaguejou, congelado por um momento enquanto se perguntava se ainda estava sonhando acordado.

— Pelo amor de Deus, Robert — disse Helena, puxando sua mão enquanto ele se levantava. — Corra para ela, diga que a ama, apenas... apenas não a deixe ir embora até que ela saiba disso!

— Não, certo — ele disse com o coração pulando na garganta. Para onde, em nome de Deus, tinha ido seu juízo? — Como estou? — perguntou ajeitando a gravata que parecia estar prestes a estrangulá-lo, quando alguns minutos atrás parecia estar perfeitamente confortável.

— Muito bonito, agora vá! — Helena disse, empurrando-o em direção à porta.

Por um momento não conseguira se mover, entrando em pânico. — E se... e se ela não me quiser?

A voz de Helena era baixa, suave e cheia de confiança. — Nunca saberá a menos que fale com ela, Robert. Descobrirá, mas acho que não tem nada com o que se preocupar.

Robert assentiu, ergueu os ombros e seguiu o mordomo pelo corredor até a mulher que amava.

Ela estava de costas para ele, olhando através da janela para os jardins. O tempo ainda estava ruim, a chuva açoitava o vidro, o vento uivava como uma alma atormentada enquanto afunilava em torno da mansão. Robert achou que poderia fazer o mesmo se os próximos minutos não fossem o que esperava.

— Prue? — Ele a chamou, sua voz suave enquanto o mordomo fechava a porta atrás dele.

Ela pulou de susto ao som de sua voz e depois se virou e fez uma reverência estranha. — Sua Graça — ela cumprimentou, a cabeça baixa, sem encontrar seus olhos.

O coração de Robert apertou. Esse não foi um começo auspicioso.

— Obrigada por me receber —, disse ela às pressas.

Sua postura estava rígida, as mãos enluvadas segurando a alça de uma pequena reticule, o rosto pálido. Parecia cansada, pensou, como se tivesse dormido tarde e muito mal.

Sabia como ela se sentia.

— Não ocuparei muito do seu tempo — ela se apressou a dizer, ainda evitando seu olhar. — Só queria vir encará-lo e dizer que sinto muito, então, perdoe-me pelo que fiz. Eu acreditei em tudo o que foi dito sobre o senhor. Ouvi as fofocas e acreditei que o senhor fosse um vilão e que merecia todas as coisas ruins que escrevi, mas depois o conheci percebi, quase que imediatamente, que nada daquilo era verdade.

Ela parou, engolindo em seco e olhando para os dedos dos pés. Robert esperou, sentindo que ela precisava dizer aquilo, que ela estava esperando para dizer as palavras que estavam saindo dela nesse momento. Observou quando ela respirou fundo e ficou um pouco mais ereta.

— Tentei impedir o pior, o capítulo mais condenatório de ser publicado. Deve entender, eu não sabia das circunstâncias da morte da sua esposa. Se soubesse, mas, de qualquer forma, eu deveria ter tentado impedi-lo mais cedo, mas estava tão difícil acreditar. Eu queria tanto acreditar em você, entende?

Ela olhou para cima, encontrando seus olhos e corando com força, a cor vívida contra sua palidez até que ela se virou, lhe dando as costas. Enquanto falava, ela olhou para a tempestade, que estava ficando cada vez mais forte, o céu escurecendo ainda mais a cada momento.

— Meu pai era um homem carismático, charmoso e engraçado, muito agradável e também muito mentiroso. Minha mãe acreditou nele, repetidamente ela acreditou nas mentiras dele, mas sempre foram isso, mentiras. Ele estava sempre sorrindo e prometendo o mundo para ela, que estaria segura, que poderia confiar nele, que seriam felizes. O mundo o considerava um homem bom, eles achavam que a minha mãe era uma mulher de sorte e, quando ele a enterrou, todo mundo sentiu pena dele por ter se casado com uma criatura tão fraca e apática.

O coração de Robert apertou com a tristeza em sua voz, seu peito estava doendo ouvindo a voz dela tremer, conseguiu ouvir sua força enquanto ela continuava.

— Mas ele fez isso. Ele partiu o coração e o espírito dela. Ela era inteligente, brilhante e amorosa, e ele tirou isso dela. Ele a tirou de mim. Eu jurei que ninguém jamais faria isso de novo, não comigo. Eu nunca me casaria, nunca acreditaria nas mentiras que os homens contam. Eu viveria minha própria vida, sozinha e mais forte por isso. Exceto que nem todos os homens são iguais, e me esqueci disso. Esqueci que todo mundo merece uma chance, todo mundo também merece uma segunda chance, e não lhe dei uma.

Robert esperou, mas ela não falou de novo, e ele se atreveu a dar um passo para mais perto.

— Sim, me deu — ele disse, desejando que ela se virasse para que pudesse ver seu rosto. Ele deu uma risada sem humor.

— Tarde demais — ela respondeu, as palavras pesadas. Podia ver o peso delas a esmagando.

— Não — respondeu Robert, dando outro passo, desejando apenas puxá-la para seus braços e beijá-la, mas ciente de que ela estava frágil e cheia de dor e culpa para permitir isso. — Não é tarde demais.

Ela assentiu, e ele a viu levantar a mão e limpar as bochechas com um movimento rápido. — Ótimo — ela respondeu decisiva. Ela se virou, os ombros retos, queixo erguido. — Fico feliz que o final tenha corrigido as coisas, como deveria ser. É um homem bom e espero que as pessoas possam ver isso agora.

Para sua surpresa, ela estendeu a mão para que ele pudesse apertá-la. Robert franziu a testa.

— Bom, isso foi tudo o que eu vim dizer. Não ocuparei mais seu tempo.

Ela ficou lá, pálida e trêmula, esperando que ele apertasse sua mão e a dispensasse. Como não fez nenhum movimento para pegá-la, ela abaixou a mão e ficou vermelha, mergulhando em uma reverência.

— Tenha um bom dia, Sua Graça.

Seu coração deu um baque desconfortável no peito, chutando suas costelas com a ideia de que ela poderia sair pela porta novamente, e saiu do choque.

— Não vá.

Ela parou, ousando olhar para ele.

— Você não viu? — ele perguntou, sua voz gentil, agora sorrindo para ela. — Achei que estivesse sendo tão esperto em contar como me sentia, mas não viu, não é?

— Não vi o que? — ela gaguejou, sua cor subindo, uma mão se movendo para pressionar contra seu coração.

— Eu... — Robert começou, mas foi interrompido quando uma comoção grande surgiu atrás da porta fechada. Ambos olharam quando as vozes se aproximavam. Seu mordomo parecia estar à beira de uma apoplexia.

— Senhora! Sua Graça está tendo com uma visita, a senhora não pode simplesmente...

— Sua Graça está tendo com minha senhorita e ela precisa saber...

A porta se abriu e as sobrancelhas de Robert se ergueram quando ele reconheceu a criada de Prue, a pessoa que o enfrentou quando foi pedir sua mão pela primeira vez.

— Oh, senhorita! — a mulher gritou, correndo em direção de Prue, acenando uma cópia bastante desgastada do *The Lady's Weekly*. — Senhorita, deveria ter lido essa história antes de vir aqui. É a história dele, senhorita, a sua e a dele, mas como um conto de fadas. Acabei de terminar agora e... — Ela apertou a revista no peito e suspirou. — É tão romântico. Ele quer se casar com a senhorita.

Prue ficou boquiaberta, seu olhar oscilando entre sua criada e Robert.

— O quê? Eu... eu não entendo.

— Ele está pedindo a mão da senhorita! — a mulher disse, erguendo as mãos em frustração.

— Bem — começou Robert, dividido entre divertimento e frustração. — Estava tentando de novo, mas parece que fui interrompido. Suponho que não deveria mais me surpreender. Meus pedidos nunca são recebidos com muito entusiasmo.

— Ora, esse será! — Assegurou a mulher, cruzando os braços e assentindo.

—Sally! — Prue exclamou. Robert sorriu para ela.

— Não deixe que ela saia desta sala até que diga sim — continuou sua criada abanando um dedo repreensivo para ele. — Ela te ama e estava com o coração partido nessas últimas semanas. Não suporto ver duas pessoas que deveriam estar juntas se despedaçando. Então, imaginei que seria melhor intervir e para o inferno com as consequências, Sua Graça — de repente, a mulher ficou em silêncio, como se tivesse dado conta que estava falando com um Duque como se estivesse repreendendo um garoto malcriado.

Robert assistiu, fascinado, como ficara vermelha, e todo o seu fogo e indignação parecia ter se dissipado e ido embora. Ela parecia mortificada. Ele estendeu a mão e pegou a dela, levando-a aos lábios e beijando seus dedos num gesto antiquado e cortês.

— Muito agradecido, senhorita...?

— Sally, Sua Graça — ela murmurou.

— Sally, muito obrigado do fundo do meu coração. A senhorita me poupou de muita ansiedade, mas, talvez pudesse nos deixar sozinhos agora para que eu possa tentar fazer o pedido novamente?

— Oh! — Sally exclamou, corando ainda mais forte e sorrindo para ele. — Sim, é claro!

— Jenkins — chamou Robert, dirigindo-se ao mordomo que havia testemunhado a cena sem mostrar uma pitada de surpresa ou interesse, como exigia sua elevada posição. — Por favor, prepare os quartos para nossas hóspedes.

Ele voltou-se para Prue, que ofegou com suas palavras. — Vai ficar, não vai, meu amor? Por favor, não fuja de mim de novo.

Seu coração acalmou as chamas que queimavam em seu peito quando ela deu um sorriso trêmulo e assentiu. Esperou até que estivessem sozinhos mais uma vez, sua respiração ainda estava rápida quando se virou para ela. Agora a sala estava silenciosa, exceto pelo som da respiração dos dois e do seu próprio pulso acelerando em seus ouvidos.

— Olá — ele disse suavemente, aproximando-se e depois estendendo a mão e tocando sua bochecha com a parte de trás do dedo.

— Olá — ela piscou para ele com admiração. Deus, queria vê-la olhar para ele assim para sempre. — Me escreveu uma história?

Ele fez uma careta, envergonhado. — Escrevi —confessou. — É horrível — acrescentou sorrindo enquanto ela dava uma risada descoordenada.

— Que lindo — ela disse agora sorrindo. — Ninguém nunca me escreveu uma história antes. Sou a vilã?

— Não — Robert respondeu, ousando colocar a mão na cintura dela e puxá-la um pouco mais para perto. — Só pensa que é, para começar.

O silêncio encheu a sala, pesado com palavras não ditas, com emoções que os atingia por todos os lados, mas era um silêncio cheio de esperança.

— Perguntei uma vez se queria se casar comigo, e me disse que sim.

Ela assentiu, os olhos brilhando enquanto a garganta trabalhava.

— E isso ainda não mudou?

— Não — ela sussurrou, seu lindo rosto corado.

Como chegou a pensar que ela era simples? Honestamente, não entendia isso. Ela era a coisa mais preciosa e bonita que já tinha visto em sua vida. Certa vez, pensara essas mesmas coisas de Lavínia, mas aquilo era superficial em comparação, um desejo superficial por algo que achava perfeito, sem nunca se incomodar em entendê-la. Essa bagunça horrível tinha sido tanto culpa dele quanto dela, e se arrependeu por sua infelicidade.

— Então — começou puxando tudo para fora, falando devagar, mesmo que seu sangue estivesse fervilhando em suas veias, seu coração doendo pelo momento em que ela permitiria que ele a abraçasse e a beijasse. — Se eu pedir a sua mão de novo...

— Sim! — ela respondeu antes que terminasse a pergunta. Ela largou sua reticule, fazendo-a cair sobre o tapete com um baque suave, e passou os braços em volta do pescoço dele, puxando-o para mais perto. — Sim, com todo o meu coração. Se consegue ser corajoso o suficiente para me perdoar por tudo o que fiz, posso ser corajosa o suficiente para confiar em você com o meu coração, com meu futuro.

Robert segurou o rosto dela entre as duas mãos, acariciando a pele macia com os polegares. Ele queria beijá-la, mas precisava dizer aquilo, um voto precisava ser feito.

— Nunca será minha propriedade — ele começou com voz firme. — Não posso mudar a lei, mas faço-lhe o meu voto solene de que nunca a magoarei. Sempre procurarei sua opinião e não tomarei decisões que possam afetar a sua vida sem o seu consentimento. Vamos estar juntos, nós dois, em todas as coisas, nunca serei seu mestre — ele observou as lágrimas se acumulando nos olhos dela e sentiu seu coração inchar, desejando tudo o que esperava para os dois, por um futuro onde pudessem ser felizes. Ele riu então. — Na verdade, é a mestre aqui, meu amor. Goste ou não. Meu Deus do céu, Prue, ainda não sabe? Eu faria qualquer coisa por você. Comande-me como quiser, meu coração é todo seu. Exija o que quiser de mim.

A respiração dela ficou presa e ela balançou a cabeça. — Nunca comandaria você, mas... Vou te amar, se me deixar.

Ela se aproximou e levantou a boca na direção da dele e Robert diminuiu a distância, tocando seus lábios nos dela. Uma respiração escapou dele, irregular e desigual, enquanto seus medos se afastavam com aquele toque suave.

Ele se afastou, admirando-a enquanto ela sorria para ele, um pouco tímida.

— Eu te amo — disse, aliviado por finalmente falar aquilo em voz alta. — Se importa?

Ela riu, um som que o encheu de esperança, que fez com que seu coração ficasse tão leve quanto uma bolha de sabão. — Contanto que não se importe se eu sentir o mesmo — respondeu, passando a mão sobre sua lapela. A palidez desapareceu do seu rosto e ela parecia rosada e feliz, com os olhos brilhando.

— Diga — ele disse, mal ousando acreditar no que havia entendido. — Diga em voz alta.

— Eu te amo, Robert — ela disse com convicção, seu lindo rosto iluminado com a verdade daquelas palavras.

Ele não conseguia parar de sorrir. Duvidava que fosse parar por um bom tempo. Bem, talvez se ele a beijasse...

Robert inclinou a cabeça, satisfeito quando ela o alcançou novamente, mas os dois logo se afastaram quando a porta abriu.

— Oh, Robert! Eu estou tão feliz por você.

Ele piscou quando sua irmã entrou na sala, abrindo a porta para mostrar que Sally, várias outras criadas, o mordomo envergonhado e seu tio, estavam todos reunidos do lado de fora da porta.

— Eu... eu — o mordomo gaguejou, estranhamente parecendo desconcertado.

Robert acenou com a mão, alegre demais para impedir sua família de compartilhar da sua felicidade.

— Muito bem, meu garoto, muito bem! — Charles disse, apertando a mão com vigor suficiente para deslocar seu ombro. Porém, isso não foi suficiente e foi puxado para um abraço. — Eu não poderia estar mais feliz — acrescentou o velho, fungando e pegando um lenço quando finalmente soltou Robert.

Ele assoou o nariz com força e depois se virou para Prue. — Bem-vinda à família, Prue, minha querida. Sinto como se já fizesse parte dela há bastante tempo — ele disse, caloroso. — Mas estou muito feliz por tornar isso oficial.

Prue sorriu e o fez corar quando ela o alcançou e beijou sua bochecha.

— Bem, então, Robbie? — ele disse, usando um apelido que Robert não ouvia desde que se tornara Duque. — Quando é o casamento?

Robert pigarreou e pegou alguma coisa do bolso do paletó. — Bem, se estiver de acordo, Prue... amanhã? — ele mostrou uma licença especial que estava fazendo um buraco em seu bolso há dias. — A menos que prefira esperar e fazer a coisa toda corretamente com centenas de convidados e...

— Não! — Ela disse, ficando ainda mais vermelha com a ideia. Ela balançou a cabeça vigorosamente e apontou para a licença. — Isso significa que podemos nos casar aqui?

Ele assentiu, aliviado por ela estar com tanta pressa quanto ele.

— E posso convidar algumas amigas?

Robert riu e a puxou para perto, ignorando os suspiros felizes da plateia. — Pode convidar quem quiser, desde que esteja lá.

— Eu estarei lá — ela disse, segurando as lapelas dele. — Não vou a lugar nenhum, prometo.

21

Minhas queridas amigas,

Sinto muito pelo meu desaparecimento e por preocupá-las. Por favor, fiquem tranquilas porque estou bem e muito, muito feliz. Por isso, gostaria de convidá-las todas para Beverwyck, amanhã às 14h.

Nós vamos nos casar!

- Trecho de uma carta para as Senhoritas Peculiares, aos cuidados da Srta. Ruth Stone, da Srta. Prunella Chuffington-Smythe.

Meia-Noite de 12 de junho de 1814. Beverwyck, Londres.

Prue estava sentada na elegante penteadeira do quarto mais bonito que já viu. As paredes eram cobertas de seda adamascada estampada nos tons de azul e verde. Pássaros e borboletas voavam entre flores e trepadeiras dando a sensação de se estar em um jardim num dia ensolarado. Uma cama grande de dossel dominava o quarto, com luxuosas cortinas de seda verde, penduradas sobre ela, e o piso de madeira polida com tapetes espessos e pesados. Prue nunca vira tanta extravagância.

Felizmente, o quarto pertencia à mãe de Robert. Sua última esposa, a anterior Duquesa de Bedwin, preferira um quarto com vista para a frente da casa, o que foi um alívio para Prue. O fato de que o título logo se aplicar a ela parecia ao mesmo tempo ridículo e mágico. Nunca desejou tal coisa, nunca sonhou com isso, e estava ridiculamente despreparada. Não tinha intenção de abandonar a escrita, e sabia que Robert nunca lhe pediria isso, mas ainda assim, teria muitas responsabilidades pelas quais nunca havia procurado ou desejado.

No entanto, o título vinha com Robert, e o amava e o queria com todo seu coração. O resto seria consequência. Ele a ajudaria, e ela o ajudaria, e juntos descobririam formas para encontrar seus lugares nesta vida nova e inesperada.

Sally lhe chamou a atenção pelo espelho enquanto escovada seus cabelos. A mulher estava cantarolando baixinho para si mesma e sorriu.

Prue agarrou a mão dela, segurando-a contra sua bochecha.

— Querida Sally, obrigada por tudo. Tem sido uma ótima amiga. Não sei o que teria feito sem você.

Sally piscou com força e balançou a cabeça. — Agora, pare com isso, senhorita, ou vai nos encharcar. Eu não poderia estar mais feliz, essa é a verdade — ela hesitou, a escova ainda na mão quando um olhar duvidoso apareceu em seus olhos.

— O que foi, Sally? — Prue perguntou alarmada.

— Nada não, senhorita — ela respondeu de uma vez. — Só que agora a senhorita vai precisar de uma criada adequada e de uma estilista elegante, não duvido. Sou apenas uma criada comum, como a senhorita bem sabe, embora tenha uma mão boa para pentear cabelos e não seja tão ruim com uma agulha, mas...

— Ora, Sally! — Prue exclamou, os olhos arregalados de consternação. — Não posso

acreditar que pense que eu a deixaria de lado?

— Oh, não, senhorita — disse Sally de uma vez, claramente chocada com a ideia. — É exatamente por isso. A senhorita nunca faria isso. A senhorita é muito carinhosa e eu não queria causar nenhuma dificuldade, agora que a senhorita será uma Duquesa, é certo que...

— Nem mais uma palavra, Sally — disse Prue, levantando a mão para desviar qualquer outra objeção. — Nós duas estamos de acordo que temos que aprender sobre minha nova posição, mas somos mulheres inteligentes e não somos covardes para fugir de um desafio, somos?

— Não, senhorita — Sally respondeu com firmeza, parecendo um pouco indignada.

— Bom, então — disse Prue com uma fungada digna de uma futura Duquesa. — Não quero ouvir mais nada sobre isso.

Impulsivamente, Sally se inclinou e deu um abraço feroz em Prue. — Obrigada, senhorita — ela sussurrou antes de soltá-la e lhe desejar boa noite.

Prue ficou sentada à penteadeira por um bom tempo, sonhando acordada e observando a luz das velas dançarem contra as paredes de seda, as sombras tremulando como se os pássaros pintados tivessem ganhado vida. Ela deu um pulo ao ouvir o som de uma batida suave e sentiu o coração disparar ao perceber que a batida vinha da porta que ligava o quarto da Duquesa ao do Duque.

Ela atravessou os tapetes felpudos e ficou de pé sobre o chão de madeira polida diante da porta. Com uma última respirada para acalmar as batidas no peito, abriu a porta e encontrou Robert esperando por ela. Sua respiração ficou presa quando olhou para ele, vestido apenas com uma camisa e calças largas, com os pés descalços. Nunca o tinha visto assim antes, parecia íntimo demais e maravilhoso, e apenas um pouco perverso. Principalmente quando percebeu o olhar travesso nos olhos dele.

— Eu sei que não deveria, mas... eu não conseguiria dormir sem antes te dar um beijo de boa noite, pelo menos — ele disse, parecendo adoravelmente envergonhado.

Prue sorriu para ele e abriu a porta. — Entre — ela convidou, imaginando se deveria se sentir mais envergonhada por encará-lo quando estava usando nada além de uma camisola, mas descobrindo que não se sentia nem um pouco tímida, apenas feliz, quase leviana com isso.

Robert hesitou. — Não sei se é uma boa ideia — disse ele enquanto esfregava a parte de trás do pescoço. — Sinceramente, quis dizer apenas um beijo, mas, mas se eu entrar...

Prue se aproximou e passou os braços pelo seu pescoço. — Vamos nos casar amanhã.

Ele balançou a cabeça, solene. — Eu sei, mas quero fazer a coisa certa, Prue. Quero que desta vez seja perfeito, para nós dois.

Ela sorriu e deu um suspiro dramático, colocando a cabeça no ombro dele. — Por que diabos eu tive que me apaixonar por um sujeito tão honrado? Eu deveria ter escolhido alguém perverso e vilão.

— Ah é mesmo? — ele disse rindo. — É assim que é, então? — Ele a levantou em seus braços, provocando um grito de protesto enquanto a carregava para a cama. — E que tipo de depravação esse sujeito desprezível teria em mente?

Prue apertou os lábios e deu de ombros. — Como vou saber? Sou apenas uma criada inocente — ela disse dramaticamente num tom ofegante. — Mais do que um beijo de boa noite, no entanto — ela acrescentou quando cruzou os braços e fez beicinho.

Robert arquejou e a deitou na cama, mantendo os braços em volta dela. — E que tal isso? — ele perguntou, inclinando-se e beijando-a.

Prue suspirou, deslizando os braços ao redor do pescoço dele mais uma vez, enquanto ele pressionava a boca na dela, provocando, persuadindo e acariciando, a língua dele deslizando

contra a dela em movimentos lentos que a fizeram tremer de desejo e impaciência.

Ele se afastou e ela segurou forte em seu pescoço. — Amanhã é muito tempo para esperar — ela resmungou, puxando-o de volta.

— Eu sei — ele disse, sentando-se na beira do colchão ao lado dela. A mão deslizando lenta e provocadoramente na cintura dela. — Muito, muito tempo.

Prue ofegou quando aquela mão grande apertou seu seio, seu polegar fazendo círculos ao redor do bico tenso, que doía desejando mais.

— Gosta disso? — ele murmurou no seu ouvido, e ela pôde ouvir o sorriso em sua voz.

— Sim — respondeu, parecendo sem fôlego mesmo sem estar fazendo nada.

Prue sentiu sua risada através dela e observou quando ele levantou a cabeça, olhando para o lugar onde seu polegar atormentava a carne tenra através do fino algodão transparente. Mentalmente poupou um momento para agradecer à irmã dele pelo empréstimo, já que sua melhor camisa não teria sido tão erótica. Como estava, podia ver o contorno mais escuro de seu mamilo, sentir o toque dos dedos dele quase como se não houvesse nada entre eles. Quando ele abaixou a cabeça e a chupou através do tecido, o calor de sua boca a envolveu, e arqueou na cama com um grito de surpresa.

Robert sentou-se, examinando-a com um olhar de profunda satisfação. Ele estava um pouco corado, com os cabelos despenteados, a camisa aberta até o umbigo mostrando tentadoramente um peitoral musculoso. Prue sentou-se, alcançando-o e Robert se afastou, tropeçando para longe dela e se levantando.

— Oh, não — ele disse tão ofegante quanto ela. — Não, não posso. Pare de me atormentar. Não devo. Eu tenho que ir ou todas as minhas boas intenções... — ele parou e a olhou, seu peito subindo e descendo como se ele tivesse acabado de correr por quilômetros.

— Tem certeza? — Prue perguntou, compreendendo e não discordando dele, mas sentindo-se um tanto desprovida de tudo.

— Não! — ele disse enfaticamente, e então se virou e saiu do quarto, fechando a porta atrás dele.

Prue recostou-se sobre os travesseiros e soltou uma respiração desapontada, mas sem conseguir evitar o sorriso lento que se curvava em sua boca e que permaneceu ali até ela adormecer.

13 de junho de 1814. Beverwyck, Londres.

Eles se casaram na tarde do dia seguinte numa cerimônia íntima, às pressas, em uma sala em Beverwyck. A equipe, se lançou na crise movendo os céus e a terra, e de alguma forma a sala estava cheia de flores, um café da manhã de casamento adequado para receber o rei, e certamente um Duque e sua nova Duquesa.

Naquela manhã, Prue foi apresentada à figurinista de Helena, a sra. Marigold, que era tão impressionante quanto Sally temia, mas muito mais gentil e acolhedora do que qualquer uma das duas podia esperar. Um dos vestidos de Helena fora habilmente ajustado ao corpo mais esguio e mais baixo de Prue, enquanto Sally se esforçava para pentear seus cabelos.

— Oh, está linda — disse Helena, gesticulando para Prue dar uma volta.

Ela fez o que Helena pediu, voltando ao seu próprio reflexo no espelho de corpo inteiro um momento depois, com tanta surpresa quanto na primeira vez. Estava bonita, pensou com um

sorriso.

O vestido era de cetim verde pálido, enfeitado com renda Mechlin e pequenas contas de vidro que capturavam a luz. Era simples, um pouco recortado na altura do ombro com mangas curtas e cobertas e sem muitos babados e toques sofisticados, pelos quais Prue estava agradecida.

Prue ainda estava se admirando, uma experiência bastante nova, quando ouviu uma batida suave na porta. Sally correu para abri-la e Prue virou-se e encontrou Minerva na soleira.

— Minerva! — ela exclamou, estendendo as mãos para a prima.

— Só queria lhe dar os parabéns antes que descesse — disse Minerva, parecendo um pouco envergonhada ao pegar as mãos de Prue. — Estou tão feliz que tudo deu certo. O pobre Bedwin ficou desolado quando desapareceu. Estou feliz por você, Prue, estou mesmo.

Prue olhou em seus lindos olhos azuis e sorriu, vendo ali a verdade daquelas palavras. — Você realmente nunca quis se casar com ele, não é? — Perguntou, percebendo que estava certa quando Minerva retornou uma expressão bastante triste.

— Na verdade, não. Quero dizer, a ideia de casar com um Duque é tentadora, suponho, como um sonho de ser uma princesa, mas apenas entrei no jogo, pois sabia o quanto mamãe queria. Só que não é o que eu quero, não de verdade.

— E o que quer? — Prue perguntou para ela, curiosa.

Minerva deu de ombros, rindo um pouco. — Não faço ideia — ela ficou séria por um momento e depois acrescentou. — Alguém bom — ela olhou para Prue e depois corou furiosamente. — Oh! Não que Sua Graça... eu não quis dizer...

Prue riu e balançou a cabeça. — Eu sei o que quis dizer e conversarei com Robert para apresentá-la a alguns jovens simpáticos, mas, o que é mais importante, depois do casamento, apresentarei algumas amigas minhas. Acho que está na hora de que se junte ao meu clube do livro.

Após a cerimônia, Prue olhou as amigas agrupadas a seu redor e sentiu uma onda de felicidade. Ela nunca se sentiu tão bem e completa. Viu Robert conversando profundamente com o Conde de St. Clair. O irmão mais novo do Conde, Jerome, estava com eles, rindo de algo que Robert havia dito. Ele olhou para cima então, seu marido, que parou sua conversa para sorrir para ela e mandar lhe um beijo.

— É tão romântico — Bonnie disse com um suspiro, chamando a atenção de Prue de volta para ver a jovem cobrindo seu coração com a mão. — Oh, se eu pudesse ter uma história de amor igual. Juro, Prue, eu poderia odiá-la, estou totalmente verde de inveja.

— Ficará verde se comer mais rissoles de lagosta — Matilda comentou com um sorriso, acenando com a cabeça em direção ao prato transbordando de Bonnie.

— São os meus favoritos — Bonnie respondeu. — E claramente subestima minha capacidade de comer rissoles de lagosta — ela mostrou a língua para Matilda enquanto ria e balançava a cabeça.

— Bem, sempre haverá o Gordon Anderson — disse Matilda casualmente, sabendo muito bem que isso provocaria um gemido de desespero em Bonnie ao lembrar das ameaças do seu guardião para que se casasse com seu primo desprezível.

— Sobre o meu cadáver —disse baixinho enquanto cruzava os braços. — O homem é pequeno, tem um hálito que pode matar uma vaca das terras altas e — acrescentou sombriamente — um mal comportamento.

Todo mundo riu admitindo não desejar ver essa criatura horrível, que ficava mais revoltante a

cada vez que Bonnie o mencionava.

Prue falou com todo mundo, recebeu abraços, beijos e felicitações de Ruth e Lucia, Jemima, Kitty e Harriet.

— Estou tão feliz por você, Prue — disse Alice, estendendo a mão e pegando a dela. — Ninguém merecia mais um “feliz para sempre” do que você.

— Bobagem — Prue respondeu — todas nós merecemos, todas.

— Sim — Matilda concordou, seu rosto sério. — Sim, nós merecemos, e vamos conseguir também. Mas não é sentada e esperando nas laterais. Nós vamos sair e encontrá-los. O que me diz, Alice?

Havia uma nota de desafio por trás daquelas palavras, e Alice corou um pouco, mas assentiu. — Digo que sim — ela respondeu.

22

Querida Alice,

Não consigo acreditar que isso seja verdade. Estou tão feliz que continuo pensando que tudo isso deve ser um sonho, ou talvez eu tenha caído nas páginas de uma das minhas próprias histórias. Oh, querida Alice, espero com todo o meu coração que possamos encontrar um par para lhe trazer a mesma alegria. Diga-me, já completou seu desafio?

- Trecho de uma carta para Srta. Alice Dowding, de Sua Graça, Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin.

13 de junho de 1814. Beverwyck, Londres.

— Tem certeza de que todo mundo se foi? — Robert perguntou, horas depois. — Não tem ninguém se escondendo atrás de um vaso ou esperando para saltar de trás das cortinas?

— Tenho certeza — Prue respondeu, inclinando-se para o marido, a cabeça sobre o ombro dele. — Isso significa que podemos ir para a cama agora?

Os olhos de Robert se arregalaram com uma expressão de fingido espanto. — Mas são apenas sete horas — ele disse, fazendo um show para verificar o horário no relógio. — Por que Sua Graça quer se recolher tão cedo assim?

— Pare de brincadeira ou vou pisar nos seus dedos.

— Já fez isso, quando dançamos no jardim à meia-noite.

Prue engasgou. — O senhor retire o que disse! Nunca pisei. Aquela noite foi perfeita, a mais romântica da minha vida. Não quero que a estrague tudo acusando-me de ser desajeitada o bastante para pisar nos seus pés, seu homem horroroso.

Ela soltou um grito de protesto quando ele a ergueu em seus braços e suas saias de seda balançaram.

— A noite mais romântica da sua vida é? — Ele repetiu com desdém. — Ah, meu Deus, não. Eu preciso fazer algo sobre isso.

— Precisa? — Prue perguntou, se iluminando e colocando os braços em volta do pescoço dele.

— Sim — ele disse, baixando a boca para pressioná-la contra a dela. — Eu preciso.

— Pois bem, vamos então — ela ironizou com um suspiro sonhador quando ele soltou sua boca — se precisa. Embora eu ainda negue ter pisado em seus dedos.

— Está certa — ele admitiu, virando-se de lado para guiá-la pela porta em direção as escadas. — Isso foi no baile dos Cavendish. Me acusou de ser uma tora em chamas e eu me ofereci para mostrar como estava certa.

Prue deu uma risada encantadora e divertida e escondeu o rosto na gravata dele. Ela ergueu a cabeça um momento depois. — Não me mostrou, no entanto — disse ela, tentando parecer desamparada.

— Não se preocupe, meu amor — disse Robert, respirando um pouco mais ofegante enquanto se virava para encostar na porta do quarto, forçando a maçaneta com o cotovelo e invadindo o interior. — Mostrarei agora... ou pelo menos, quando recuperar meu fôlego.

Ela gritou quando ele a jogou com tanta força na cama que ela quicou, depois ele subiu sobre ela, olhando para baixo e sorrindo como um lunático.

— Bom, Duquesa, o que a Sua Graça está achando da vida de casada até agora?

— Boa — disse ela, sorrindo para ele.

— Boa é? — Ele exclamou, inclinando-se para beliscar sua orelha e acariciar seu pescoço. — Tem certeza de que é a palavra correta?

Prue arqueou o pescoço para permitir um melhor acesso quando ele fez uma trilha de beijos até sua clavícula.

— Muito boa — ela ofereceu, ouvindo um bufar de indignação. — Bem, tente outra vez — ela sugeriu.

Robert levantou a cabeça, o desafio brilhando em seus olhos verdes. — A senhora está certa, Sua Graça — ele murmurou, sorrindo um pouco enquanto dava um puxão forte no vestido, removendo-o completamente dos ombros e expondo seus seios.

— Ah, aí estão — disse ele feliz. — Chega de se esconderem por trás desses vestidos — ele fez uma trilha com o dedo pelos seus mamilos, girando sobre o mamilo esquerdo, nunca o tocando, apenas fazendo espirais lentamente enquanto sua pele se arrepiava com antecipação, então apertou o bico suavemente até endurecer.

Prue sentiu sua respiração acelerar, segurando a língua contra o desejo de exigir que ele se apressasse e a beijasse como na noite anterior. Olhou para ele, desejando que ele fizesse isso e frustrada porque não fazia.

— Diga-me —ordenou, sua voz baixa e pecaminosa na penumbra do quarto. — Diga-me o que quer, como agradá-la.

— Não posso! — Ela exclamou, horrorizada com a ideia.

Ele riu, divertindo-se, e se deitou ao lado dela, a cabeça apoiada sobre o braço. — Deve aprender, querida.

Prue franziu a testa para ele. — Por quê?

Seu rosto ficou sério e ele pegou a mão dela, levando-a até os lábios e beijando seus dedos. — Porque eu nunca te farei nada que não queira ou não goste, e se não me disser, ou disser o que acha que eu quero ouvir...

Ele deu de ombros enquanto ela estudava sua expressão.

— Não serei um vilão novamente, Prue. Nunca de propósito, mas também não por ignorância. Nunca faria nada para machucá-la ou ofendê-la, mas deve me ajudar com isso. Deve ser honesta, principalmente aqui — acrescentou, inclinando-se para pressionar outro beijo em seus lábios.

— Muito bem — Prue disse, entendendo o que ele estava dizendo. — Mas, eu ainda não sei...

Ele sorriu para ela e a beijou novamente. — Eu sei, mas podemos nos divertir descobrindo, não podemos? Apenas nunca se acanhe em me dizer não, ou pare, ou ainda não. Não me ofenderei ou ficarei chateado, tem a minha palavra.

Prue estendeu a mão e traçou sua mandíbula com a ponta do dedo, sorrindo enquanto ele tremia sob seu toque. — Eu te amo — ela falou — e... e eu gostaria muito que me beijasse como... — ela engoliu em seco, corando um pouco, mas determinada — como me beijou ontem à noite.

O sorriso que trouxe aos lábios era amplo e presunçoso. — Seu desejo, Duquesa, é uma ordem — ele murmurou, abaixando a cabeça.

Prue ofegou quando o calor úmido de sua boca a cobriu e ele chupou e provocou sua carne delicada. Suas mãos foram para a cabeça dele, acariciando seus cabelos e pescoço enquanto o abraçava, não querendo que ele parasse. Cada puxão suave em seu seio parecia puxar algo mais

profundo dentro dela, quente e líquido enquanto sua respiração ficava irregular.

Erguendo a cabeça, Robert soprou uma corrente de ar fresco sobre sua pele, fazendo-a gemer de desejo. Fitou-a, um olhar interrogativo em seus olhos.

— Sim — disse ela, lutando para parecer séria quando na verdade só queria rir de prazer. — Eu gostei disso.

Com um bufo de diversão, Robert puxou seu vestido e fez uma careta. — Tem muita roupa envolvida nesse procedimento.

— Bem, tire-as então! — Prue disse, agora impaciente pelo que vinha a seguir.

Os minutos seguintes foram cheios de riso e frustração enquanto lutavam contra botões e gravatas, os dedos ansiosos trabalhavam contra os delicados fechos e puxavam e desamarravam as botas, blusas, meias e camisas.

Por fim, uma pilha de roupas desarrumadas estava amontoada ao lado da cama, e Prue finalmente pôde olhar para o marido em toda a sua glória. Ele deitou-se na cama, perfeitamente à vontade, um braço torto atrás da cabeça enquanto permitia que ela admirasse o quanto quisesse.

— Estou aprovado? — Perguntou, os olhos verdes brilhando divertidos.

— Silêncio, estou investigando — ela o repreendeu, os lábios se curvando. — Posso tocá-lo?

Ele riu. — Será uma noite muito longa e dolorosa se não fizer isso.

Timidamente, passou os dedos por seus pelos escuros do peito, achando-os crespos e ásperos. Trilhando a mão para baixo, seguiu o caminho que indicavam. O membro repousava pesado e orgulhoso sobre sua barriga e tremeu quando a mão dela se aproximou. Mal ousando respirar, e imaginando a sua própria ousadia, tocou a parte mais larga com a ponta de um dedo, e então se atreveu a deslizá-la por seu comprimento.

— Acho que sua pele é mais macia que a minha — ela se maravilhou quando se virou sorrindo para ele.

Seus olhos estavam escuros agora, seu olhar atento e sua respiração presa, a excitação fervia sob sua pele.

— Deite-se — ele pediu, sua voz áspera e suave ao mesmo tempo.

Fez o que ele pediu, observando o seu olhar, o desejo que estava ardendo ali. Prue nunca esperara ver isso, nunca esperara que pudesse obter tal resposta de um homem. Era um sentimento poderoso, mais ainda quando sabia que podia confiar nele. Dera seu coração, sua alma e seu corpo a esse homem, e ele nunca os maltrataria nem abusaria deles. Era mais do que jamais imaginara possível.

Se beijaram, suas mãos vagando, acariciando, gentil e quente, acalmando as tensões que ainda restavam. Ele brincou com o triângulo macio de cachos, mergulhando os dedos entre as pernas dela e buscando o pequeno botão do seu sexo. Com ternura, acariciou e provocou o nó de seda e Prue não pôde fazer nada além de suspirar, cativada pelos olhos que a encaravam, o verde cheio de calor e de desejo. Seus dedos inteligentes separaram suas delicadas dobras, explorando suavemente e encontrando-a molhada e ansiando por seu toque.

Prue lutou contra uma onda de timidez por sua descoberta, mas ele apenas sorriu e a beijou, um dedo se movendo dentro dela.

— É tão bonita, tão macia. Mal posso esperar para estar dentro de você. É tudo o que penso desde aquele dia na carruagem. Nós dois juntos, assim.

Não havia como se esconder diante de tanta honestidade e ela não tentou, arqueando quando o dedo dele se moveu mais profundo, deslizando e acariciando-a, esticando sua carne íntima.

— Eu também pensei nisso — ela sussurrou. — À noite, quando estava sozinha, sonhei com você.

Robert deu um gemido suave e se aproximou dela, beijando seus lábios, sua mandíbula, seu pescoço, beijos e beliscões quentes e tentadores enquanto se movia para baixo. A boca dele fez cócegas em seu estômago, fazendo-a rir de nervosismo e alegria. A trilha era de fogo e gelo, o pequeno caminho úmido esfriando enquanto ele seguia em frente, descendo. Acariciou a pele delicada que formava o vinco entre a coxa e o torso e a respiração dela ficou presa na garganta por sua proximidade da parte que doía por ele.

— Quero beijá-la aqui — ele disse, pressionando a boca na parte interna da sua coxa e depois olhando para ela. Não falava sobre sua coxa, ela percebeu, e suas bochechas arderam com a percepção.

— Isso é... normal? — Perguntou chocada, principalmente pela descoberta de que esperava muito que a resposta fosse sim.

— Sim, meu amor — ele respondeu, sorrindo para ela.

— Oh — *Deus do céu*. — E quer? — ela perguntou, achando que era uma pergunta pertinente.

— Por Deus, sim — ele murmurou com um suspiro pesado. O calor da sua respiração se espalhou por sua pele mais íntima e Prue desistiu de qualquer possibilidade de manter sua dignidade intacta. Suspeitava que dignidade era algo que precisava ser deixada de lado no quarto, onde a honestidade era muito mais gratificante.

Seus lábios se moveram um pouco mais perto de seu objetivo, macios e quentes e tão convidativos. — E então? — Ele perguntou, sua expressão curiosa, mas não insistente.

— Sim — ela disse às pressas — sim, por favor.

Para sua consternação, ele não se apressou, e ela estremeceu quando sua língua lambeu um caminho ao longo do vinco de sua coxa. Instalando-se mais confortavelmente entre as pernas dela, ele separou as dobras frágeis e depois a provocou com movimentos delicados que nunca eram firmes o suficiente, nunca estavam exatamente onde ela queria. Era um tormento do tipo mais delicioso enquanto seu sangue corria através das veias, sua respiração ofegante quando ela fechou os olhos e apenas se submeteu. Não parecia fazer sentido ficar tímida ou envergonhada, Robert certamente não estava. De fato, pelos grunhidos e murmúrios que dava, parecia tão satisfeito saboreando quanto ela estava sendo saboreada por sua língua diabólica.

Em um instante passou a agarrar o lençol abaixo dela, se contorcendo enquanto ele a segurava no lugar e rindo quando tentou se arquear em direção àquela língua deliciosa e insistente.

— Tenha paciência — ele riu, seu hálito quente aumentando o tormento. — Darei o que quer, mas esperar faz parte do prazer — disse ele, ilustrando suas palavras com um breve golpe de sua língua que a fez gritar. — A antecipação do que está por vir vai fazer com que tudo seja muito mais gratificante.

Prue abriu a boca para dizer que alguma coisa mais intensa provavelmente a mataria, quando ele cedeu e fechou a boca sobre ela, chupando e puxando gentilmente.

Arqueou para ele, palavras e explicações não eram mais necessárias, pois o prazer pulsou através dela em ondas ferozes e quentes. Robert ficou onde estava, o toque da sua língua mais brando agora, suavizando-a através dos pulsos do seu clímax quando a intensidade se tornara quase insuportável.

Prue deitou-se, imaginando se dissolveria sobre o tecido. Estava se sentindo desossada, saciada e repleta, como um gato preguiçoso ao sol.

Um suspiro escapou dela quando voltou a si, vagamente consciente de Robert se movendo sobre ela até que abriu os olhos para encontrá-lo fitando-a com um olhar de orgulho e preocupação. Um sorriso pesaroso se curvou em seus lábios quando piscou para ele, vaga e feliz.

— Gostei disso — ela falou, prestativa.

A expressão presunçosa dele aumentou, todos os traços de preocupação desapareceram em um instante, quando se inclinou para beliscar lóbulo de sua orelha. — Gostou é? — ele murmurou.

— Gostei muito — Prue respondeu inflexível agora. — Continuarei falando isso se quiser.

Ele deu uma gargalhada enquanto se estabelecia entre suas coxas e Prue ofegou com a sensação do seu corpo excitado, sedoso e quente, deslizando contra sua pele ainda latejante.

— Diga que me quer — ele sussurrou, apoiado nos braços em cada lado dela, os olhos escuros de necessidade.

— Eu te quero — ela disse, envolvendo os braços em volta dele, puxando-o para mais perto, levantando os quadris para encontrar os dele enquanto ele abaixava a cabeça e tremia, um gemido baixo rasgou dele quando entrou um pouco nela.

A respiração de Prue ficou presa com a sensação muito diferente do deslizar delicado de um dedo.

— Está bem? — Ele perguntou, as palavras irregulares quando olhou de volta para ela.

— Sim — ela respondeu sorrindo para ele, falando sério. — Estou um pouco nervosa — acrescentou lembrando-se da sua promessa de ser honesta. — Mas por favor, não pare.

— Se quiser, eu paro — ele disse e ela sorriu, passando as mãos sobre suas costas largas, emocionando-se com a sensação dos seus músculos se aglomerando e mudando sob seu toque. Com muita delicadeza, ele se moveu, entrando nela ainda mais e num movimento leve, deixando seu corpo se acostumar com ele e abaixando a cabeça para procurar sua boca antes de se mover novamente.

Prue agarrou seus ombros quando a sensação entre prazer e desconforto mudou, uma sensação de plenitude que não era totalmente agradável até que ele parou novamente, acariciando-a e relaxando-a até que a dor passasse.

— Está melhor? — ele perguntou ansioso enquanto olhava para baixo.

— Muito — ela respondeu ofegante quando ele se moveu novamente, mas desta vez já não havia desconforto, ela ainda estava tensa, mas era uma tensão diferente, a antecipação que ele falara reunia-se em ondas lentas enquanto ele se movia mais fundo. Era uma intimidade surpreendente, não apenas pela maneira como estavam unidos, mas por tudo o que aquilo significava, tudo o que os trouxera até aqui, para este lugar. Prue saboreou cada momento: a proximidade, a ternura que ele mostrava, o simples fato de estar aqui com ele enquanto ela relaxava e se movia com ele, encontrando seu ritmo.

Robert murmurou em seu ouvido, palavras suaves que a fizeram sorrir e corar um pouco quando disse que ela era boa, suave e linda. Sentiu a tensão se acumulando nele, sentiu a tensão dos seus músculos, o calor da respiração rápida sobre sua pele enquanto seus movimentos ficavam mais rápidos e irregulares.

Aquilo a deixara excitada e o desejo a perseguira novamente, sabendo que aquilo era por causa dela, era o nome dela que ele chamava sem controle. Ele a abraçou mais forte, enquanto se agarrava a ele, movendo-se mais rapidamente procurando seu próprio prazer.

Ele estremeceu, um grito áspero rasgou de sua garganta e suas mãos apertaram sua pele e ela ofegou, quase rindo de alegria quando seus gemidos guturais se tornaram uma onda de calor úmida contra seu pescoço.

Prue acariciou suas costas enquanto sua respiração se estabilizava, suas mãos deslizaram para baixo e ousou apreciar a curva das suas nádegas. Que fascinante era explorá-lo assim, sabendo que agora eles estavam unidos de várias maneiras.

Robert soltou um suspiro instável e ela virou a cabeça, encontrando seu olhar verde brilhante sobre ela.

— Está bem? Eu a machuq....

Prue colocou um dedo nos lábios dele e balançou a cabeça. — Foi maravilhoso, cada momento. Eu amei, eu te amo.

Ele suspirou e deixou a cabeça cair sobre o travesseiro. — Nunca mais vou deixar essa cama — ele disse com a voz sonolenta e saciada.

Ela se moveu com ele quando ele se virou de costas, o braço ainda em volta dela, segurando-a perto enquanto ela colocava a cabeça sobre seu ombro. Eles ficaram em silêncio por um tempo, apreciando a proximidade, a requintada novidade de estarem juntos dessa maneira.

— Me conte sobre sua nova história — ele pediu, uma mão brincando preguiçosamente com o cabelo dela.

— Quem disse que tenho uma? — Prue respondeu, levantando a cabeça para olhar para ele.

Robert bufou e balançou a cabeça. — Claro que tem uma.

Ela sorriu e apoiou o queixo sobre o ombro dele, uma mão puxando suavemente os pelos do seu peito. — Bem, eu tenho.

— É sobre mim?

— Não!

— Que decepção. Eu me acostumei a essa notoriedade. Não sei se estou pronto para cair na obscuridade.

Prue fez um som desdenhoso. — De certa forma, duvido que algum dia cairá. Mas enfim, esta história é mais sobre mim, ou pelo menos, uma moça como eu, que comete o erro de dar ouvidos às fofocas.

Ele a segurou mais forte e ela sorriu, sabendo que há muito tempo estava perdoada por isso. — Enfim — ela acrescentou observando sua expressão. — Quero ouvir sua história novamente.

— Oh, não — ele gemeu, recuando com a ideia. — Não, de novo não.

— Sim, de novo sim. É a minha história e é hora de dormir. Insisto que me conte de novo.

— Querida, qualquer coisa menos isso — ele implorou enquanto ela balançava a cabeça, implacável. — Já leu pelo menos dez vezes. Nunca fiquei tão envergonhado como quando leu com suas amigas, já deve saber de cor.

— Sim, eu sei — ela concordou, sorrindo e se contorcendo contra ele. — Mas eu quero que conte para mim e, quando tivermos filhos, poderá contar para eles.

— Oh, meu Deus — ele murmurou — eu nunca mais serei capaz de esquecer isso.

— Não — disse Prue alegremente. — Não será.

Robert levantou a cabeça para encará-la e depois deu um suspiro derrotado.

— Oh, muito bem — ele murmurou puxando as cobertas em volta dos ombros dela. — Está bem confortável?

Prue se inclinou e o beijou, aconchegando-se contra ele por um momento antes de responder: — Sim, estou.

— Então — ele disse, sorrindo para ela. — Vou começar. Era uma vez um bruto...

Prue suspirou quando a voz do marido a inundou, recitando as palavras do conto bobo que ele escrevera para ela, para lhe mostrar que os contos de fadas, ocasionalmente, se tornavam realidade.

A história que ela escreveu para ele tinha sido mais difícil, mais cruel, principalmente para quem viveu aquelas cenas, mas até mesmo essa história terminou como deveria. Talvez o herói não fosse tão perfeito quanto os leitores esperariam que fosse, mas terminou com sua heroína não muito perfeita e ainda conseguiu alcançar o final tendo o seu perfeito "*felizes para sempre*".

Pela primeira vez em sua vida, Prue tinha grande esperança de poder fazer o mesmo.

Leia em Roubando Um Beijo



DAMAS OUSADAS

Dentro de cada jovem tímida e isolada pulsa o coração de uma leoa, uma pessoa apaixonada disposta a arriscar tudo pelo seu sonho, se puder encontrar a coragem para começar. Quando essas jovens ignoradas fazem um pacto para mudar suas vidas, tudo pode acontecer.

Dez mulheres - dez desafios inesperados. Quem se atreverá a arriscar tudo?

O desejo de arriscar e arrebatar a felicidade.

Ser ousada e beijar um homem ao luar é uma boa ideia, mas os homens e o luar não caem do céu à vontade.

Até aconteça.

Sob instruções de uma amiga, a monótona Alice Dowding permanece sozinha numa varanda iluminada pelo luar. Não é o curso de ação mais sensato para uma jovem geralmente sensata. No entanto, sendo sensata, Alice ganhou um lugar entre as isoladas e sua única chance provável de se casar, é com um homem que acha repulsivo.

Tinha que fazer algo.

Uma consciência culpada e um homem mau.

Quando a irmã de Nathaniel Hunt implora por um favor, ele dificilmente pode recusar. Nathaniel, coproprietário de uma das mais escandalosas casas de apostas em Londres, é responsável pela reputação destroçada de Matilda, e ela sabe que ele não está em posição de lhe negar nada.

Ela implora para que ele beije sua amiga tímida em uma noite de luar. No entanto, uma série de eventos aos quais nenhum deles poderia ter previsto é desencadeada.

Quando um pequeno favor incendeia um inferno.

Incendiada por um beijo que lhe rouba a alma, a tímida, sensível e enfadonha Alice, está soltando faíscas por onde quer que seus pés passem, e tudo o que Nathaniel pode fazer é rezar para que ele não se queime.

Querida Prue,

Eu estou tão feliz por você. São uma combinação perfeita. Sentirei sua falta enquanto estiver fora. Escreva, se conseguir se afastar do seu belo marido por alguns minutos! Não, a propósito, nunca completei meu desafio. Pelo menos... ainda não.

- Trecho de uma carta da Srta. Alice Dowding paras Sua Graça, Prunella Adolphus, Duquesa de Bedwin.



13 de junho de 1814, Londres.

— Eles pareciam muito felizes, não acha? — Alice perguntou com um suspiro melancólico enquanto a carruagem rodava por Londres.

Alice estava voltando para casa com Matilda após o casamento da sua querida amiga Prunella com o Duque de Bedwin. O fato de Prue ser agora uma Duquesa era algo extraordinário e tão diferente do caráter da sua amiga que não pôde deixar de abrir um sorriso. Que jovem corajosa ela era. Não seria uma Duquesa convencional, isso era certo.

Alice se virou para olhar através da carruagem para sua amiga, que estava olhando pela janela com uma carranca franzindo a testa.

— O que é? — Matilda olhou em volta e sentou-se um pouco mais ereta, como se estivesse arrancando seus pensamentos de um sonho. — Oh! Sim — ela disse com um sorriso — sim, de fato. Sim, eles pareciam felizes. Acho que o casamento será um grande sucesso. Prue teve muita sorte.

Alice assentiu e deu um suspiro melancólico. Não estava com inveja. Não de verdade. Isso seria indigno dela. Prue merecia sua felicidade e Alice estava completamente feliz por ela.

Diabos.

Certo, talvez estivesse sim com um pouco de inveja.

— Cabeça erguida, Alice. Sua hora vai chegar — a voz de Matilda era suave, sua expressão carinhosa. Daria uma boa mãe, pensou Alice. A jovem certamente tratava as Senhoritas Peculiares como se fosse a mãe delas, carregando todas debaixo de suas asas. Principalmente Alice.

Com um som depreciativo, Alice direcionou seus pensamentos para a probabilidade dessa previsão.

— Oh, de fato — ela disse, surpreendendo-se um pouco com a amargura em suas palavras. — Sob a forma do Honorável Sr. Edgar Bindley.

Alice não se incomodou em esconder seu desânimo com a ideia. Matilda se tornara uma de suas amigas mais próximas nas últimas semanas e aliada na guerra para frustrar os planos de seus pais. Eram alpinistas sociais do tipo mais feroz e que viam a filha como um degrau para seu próprio progresso, independentemente do que ela pensava a respeito.

O *Honorável* Edgar Bindley, filho mais novo do Conde de Ulceby havia demonstrado interesse em Alice, e eles queriam que ela fizesse um casamento vantajoso. O fato de Alice achá-lo fisicamente repugnante, parecia não ter importância. Havia algo frio, algo faltando em Edgar Bindley, e Alice não queria descobrir o que era.

Matilda fez uma careta e balançou a cabeça.

— Não, não. Nós não estamos desistindo ainda, Alice. Eles te deram até o final da temporada.

Alice arquejou e balançou a cabeça. — Estamos no meio de junho, Tilda — um fato do qual se lembrava todas as noites em sua casa, quando riscava mais um dia do calendário. — O tempo está acabando. Não consigo ter a coragem nem de falar com um homem em público, muito menos tentá-lo para completar meu desafio. Que chance tenho de conseguir um pedido?

— Sem determinação — Matilda a repreendeu enquanto balançava o dedo indicador para Alice.

Como membro do Clube do Livro das Senhoritas Peculiares, um grupo para damas tímidas, peculiares e que não se casariam, Alice foi uma das primeiras a participar de uma série de desafios ultrajantes. Não que já tivesse completado seu desafio, apenas o retirou da cartola numa rara demonstração de coragem, ou talvez insanidade.

Suas ações a chocaram tanto quanto às outras moças do clube. Alice era tímida. Tão tímida que tinha dificuldade em falar com pessoas que não fizessem parte da sua família ou círculo de amigos sem gaguejar, corar e se fazer de boba. O fato de ter sido a segunda a retirar o desafio da cartola ainda era algo pelo qual estava um pouco perplexa. No entanto, estava desesperada: desesperada para mudar sua vida, mudar a si mesma, viver.

O desafio de Prue – *dançar num jardim à meia-noite* – culminara no seu casamento com o Duque de Bedwin, o homem com quem ela dançou. Por mais bobo que parecesse, Alice se apegou à esperança de que um destino tão romântico pudesse estar à sua espera.

O desafio de Alice era beijar um homem ao luar. Uma ideia linda, se tivesse um único homem que ela conhecesse, sem que fosse o revoltante sr. Bindley, disposto a fazer as honras. Como ela dificilmente poderia abordar um homem no meio de um salão de baile para pedir que a ajudasse a completar um desafio, mesmo que tivesse a mínima coragem para realizar tal feito, estava um pouco presa.

— Falou com sinceridade? — Matilda perguntou, atraindo a atenção de Alice para longe dos seus pensamentos sombrios.

— Sobre o que? — Alice franziu a testa tentando se lembrar, e então sentiu uma apreensão ao recordar de seu rápido comentário no momento antes do casamento de Prue.

— Disse que não ficaria mais sentada apenas observando, mas que sairia e procuraria o seu "*feliz para sempre*".

Alice ficava ansiosa ao pensar em fazer outra coisa senão sentar e esperar que seu destino mudasse, mas tinha tão pouco tempo. Seus pais haviam determinado que ela teria de aceitar o sr. Bindley se não houvesse ofertas melhores, e tinha até o início de setembro. Pouco mais de seis semanas. Tinha que fazer alguma coisa.

— Eu...eu — ela gaguejou, antes de respirar fundo. — Sim — ela disse, pensando se deveria parar a carruagem porque estava se sentindo um pouco enjoada.

— Excelente — disse Matilda, sorrindo. Estava com um olhar que ela não estava gostando nada, um brilho de determinação. — E está pronta para completar seu desafio?

Alice engoliu em seco. Estava pronta para fugir e se esconder, mas manteve essa ideia para si mesma por medo de Matilda achar que era uma covarde. Para ser totalmente honesta, ela era uma covarde. As covardes carregavam muito mais peso em seus caráteres.

— E então?

Faça. Faça. Faça - repetiu uma voz na sua cabeça, as palavras a tempo de atropelar seu coração.

Matilda se ofereceu para ajudá-la com o desafio semanas atrás, mas Alice tinha medo de concordar. A ideia de que Matilda arranjaria um homem para beijá-la... um completo estranho...

Alice tremeu de apreensão.

Não que não confiasse em Matilda, ela confiava. Sabia que a bela jovem tinha um coração bom e gentil e nunca a colocaria com um sujeito desagradável, ou alguém que a comprometesse ou se aproveitasse dela, mas..., mas Matilda fora arruinada.

Ela era rica e bonita e de uma família eminente, mas a queda do seu pai, a notoriedade do seu irmão e sua própria reputação a tornara inviável para qualquer cavalheiro decente. A família passou por momentos difíceis devido aos excessos do pai, e seu irmão havia estabelecido um clube de jogos notório para recuperar sua fortuna. E ele recuperou a fortuna em grande estilo. No entanto, não era uma ocupação respeitável para um cavalheiro, e depois... havia o problema de Matilda ter sido pega sozinha com um homem.

Tudo isso que aconteceu não fora culpa dela, era verdade, mas ainda assim, era realmente a pessoa em quem Alice deveria confiar para esse desafio em particular?

— Kitty só te deu até o fim desta lua cheia para completar seu desafio, Alice — alertou Matilda. — Já se passaram dois meses quando na verdade era para ter sido em apenas duas semanas.

— Eu sei, eu sei! — Alice lamentou, torcendo as mãos. — Eu gostaria...

Eu gostaria de nunca ter aceitado esse desafio estúpido.

Não.

Pelo amor de Deus, Alice, tenha força de caráter.

Faça alguma coisa.

Qualquer coisa.

Pois, se não fizesse, poderia muito bem se resignar a se tornar a sra. Edgar Bindley.

Alice estremeceu.

— Sim! — Ela chiou mais do que falou a palavra, forçando-a antes que o bom senso pudesse lembrá-la de todas as razões pelas quais essa era uma ideia ridícula, terrível e perigosa. No entanto, Prue tinha sido corajosa, e ganhou tudo o que sempre sonhou. Certamente Alice poderia fazer o mesmo.

Matilda sorriu para ela e se arrastou pelo banco da carruagem para pegar a mão de Alice.

— Excelente. Muito bem, Alice. Diga, irá ao baile dos Ransom?

Alice assentiu. Ela estava se sentindo tonta, sua pele pegajosa. Talvez estivesse pegando alguma doença. Algo que, com um pouco de sorte, a deixaria de cama até depois da lua cheia. Assim ficaria sem tempo e não poderia completar seu desafio sem ser culpada por isso. Não haveria vergonha nisso.

No entanto, sentiu vergonha. Alice não era boba, ela sabia que beijar um estranho ao luar não mudaria sua sorte. No entanto, tornou-se, de alguma forma, simbólico. Se Alice pudesse fazer essa coisa imprudente e ousada, certamente havia algo mais nela. Uma dama extremamente tímida nunca faria uma coisa tão terrível, então se fizesse isso, não seria mais uma dama extremamente tímida. Seria?

De alguma forma, isso fazia sentido para ela.

— Esse será o momento perfeita, então — Matilda disse apertando a mão de Alice. — Lua cheia, e a casa dos Ransom é grande, com muitas varandas e jardins românticos. Não se preocupe com isso, organizarei tudo.

Alice sentiu seu estômago revirar e ficou com vontade de rir ou possivelmente chorar com a ideia de que poderia parar de se preocupar. Poderia parar de pensar nos problemas por um tempo. Ficaria doente por causa disso, não dormiria nada e estaria com os olhos vermelhos e inchados na noite do baile. Uma perspectiva agradável para qualquer homem. Engoliu um gemido de sofrimento e, quando Matilda soltou sua mão, apertou-a contra o estômago, que ameaçava

revirar.

— Q... quem?

Não conseguia perguntar mais além do que isso, pois receava que fosse chorar, vomitar ou fazer algo repulsivo se tentasse falar mais alguma coisa.

Matilda deu um sorriso tranquilizador e estendeu a mão para puxar um dos cachos ruivos de Alice. — Alguém que eu confio, querida. Alguém que será doce, gentil e respeitoso. Tem a minha palavra.

Alice assentiu. Não conseguiria fazer mais nada se tentasse, estava mais preocupada em manter o conteúdo do estômago no lugar.

— Olhe para você — Matilda disse franzindo a testa e balançando a cabeça. — Por que nenhum cavalheiro a conquistou ainda? É perfeitamente linda.

Alice olhou para Matilda e viu sinceridade em seus olhos.

— É linda como uma boneca de porcelana, frágil e perfeita.

Alice fez uma careta. Seu pai muitas vezes a descrevera assim, achando que aquilo era um grande elogio, como Matilda obviamente achou. Alice não queria ser frágil e quebrável, no entanto. A ideia de que precisava de proteção e de alguém que a protegesse contra as duras realidades da vida era algo que enfrentava uma vez ou outra. Se um cavalheiro se aproximava dela, era isso o que o atraía. Era pequena e magra, do tipo esbelta, uma descrição que ouvia com muita frequência. No entanto, sua incapacidade de falar com pessoas que não conhecia, muito menos homens, e seu aborrecimento por ser tratada como criança, logo os faziam desistir e procurar companhias mais convenientes.

Ninguém percebia que um fogo ardia em seu coração, alimentado pela frustração e pelo desejo de mais, mesmo quando seus deploráveis nervos não lhe permitiam dizer o que pensava. Ela herdara os cabelos ruivos da avó, uma mulher de grandes paixões e determinação. Por que Alice não herdou mais do que apenas seus cachos de fogo? Por que não poderia ter herdado a faísca que a impulsionava e a transformou numa criatura escandalosa, conhecida por sua inteligência brilhante e uma série de amantes muito mais jovens? Alice desejou tê-la conhecido, mas ela morreu quando Alice era criança.

Bufou com a ideia de que uma descrição desse tipo pudesse ser aplicada a ela. Sem dúvida, acabaria como sua tia-avó Agatha. Uma criatura pequena e sem graça que falava baixinho, cheirava a hortelã-pimenta e estava sempre procurando seu lenço.

Por favor, Deus, não.

A mãe de Alice sempre se recusou a falar sobre seus parentes ultrajantes, sempre cerrava os lábios e lançava um olhar de profundo descontentamento quando o assunto surgia. A sra. Dowding era defensora do decoro e insuflara a filha com um terror doentio como forma de prevenir que fizesse o que não deveria. No entanto, o retrato de sua avó estava pendurado num dos quartos de hóspedes menos usados, acumulando poeira, e Alice olhava para ele com frequência, talvez na esperança de que a mulher lhe desse coragem.

— Venha para casa comigo — Matilda disse, dando a Alice um sorriso conspiratório. — Vamos elaborar o que deverá vestir para o baile. Tenho uma ideia de como deverá arrumar seu cabelo. Esses cachos pequenos fazem com que pareça ter doze anos. Pedirei a minha criada para que teste alguns penteados em você.

Com uma risada suave, Alice concordou. Isso não faria muita diferença. Nenhuma preparação prévia daria a ela a coragem de falar e se fazer ouvir, mas não fazia muito sentido tentar frustrar Matilda, uma vez que estava decidida. Ela era uma força da natureza. Então, com um aceno de concordância, permitiu que a amiga redirecionasse a carruagem e seguiram para a casa de

Matilda.

2

Minha querida Lucia,

Acha que Alice terá coragem de ir até o final? Faço votos para que consiga. Se alguma vez alguém precisou de um admirador para aumentar sua confiança...

É melhor meu irmão miserável fazer o trabalho.

- Trecho de uma carta da Srta. Matilda Hunt à Señorita Lucia de Feria.

Noite de 13 de junho de 1814. Half Moon Street, Mayfair, Londres.

Depois que Alice partiu, Matilda olhou para a lareira vazia e desejou que tivesse um fogo aceso ali. Era muito mais fácil pensar quando tinha um fogo alto onde pudesse focar sua atenção. O solstício de verão não era o momento adequado para aquecer a sala já abafada. A casa do irmão era elegante, toda decorada com bom gosto e no auge da moda, nenhuma despesa fora poupada. Matilda cuidou disso.

As paredes da sala eram de um azul oceano delicado, e as cortinas pesadas eram cinza-azuladas e caíam de forma luxuosa nas grandes janelas que davam para uma rua elegante e moderna. Um tapete ricamente estampado com tons dourados cobria o piso de madeira polida, as cores quentes traziam uma sensação mais suave aos azuis frios e acentuavam as muitas molduras douradas das obras de arte que enfeitavam as paredes. Todos os designs de móveis mais modernos dos fabricantes mais procurados, estavam espalhados naquela sala elegante.

Acima da lareira, havia um impressionante relógio francês de bronze dourado e mármore preto com um grande querubim segurando um pássaro. O relógio bateu uma hora e depois meia hora, e Matilda então passou a odiá-lo mais e mais a cada dia que passava. Tinha a impressão de que o querubim de rosto doce estava medindo sua vida a cada batida do relógio. Talvez fosse melhor substituí-lo. Nate não se importaria, apesar do fato de ter custado uma fortuna profana.

Seu irmão estava sempre disposto a vê-la gastar seu dinheiro, incentivando-a a comprar vestidos novos, joias, o que quisesse. Os dois sabiam o motivo disso, mas Matilda deixava passar e não comentava sobre o assunto. Não se aproveitaria da generosidade dele, mas também não sentia nenhum remorso quando precisava gastar. Ele devia isso a ela.

Ele lhe devia muito.

Se moveu para a janela, girando as travas e abrindo-as para deixar uma brisa circular pela sala. Um movimento ao longo da rua chamou sua atenção, e notou a carruagem brilhante pertencente ao irmão vindo por ela.

Ainda bem.

Como proprietário de um dos clubes de jogos mais exclusivos e notórios da cidade, os horários de Nathaniel Hunt eram insociáveis. Geralmente ficava fora a noite toda e dormia a maior parte do dia. Ele disse que voltaria cedo para casa aquela noite, mas o que Nate dizia e o que Nate fazia nem sempre eram compatíveis.

Ela tinha planos para o irmão, no entanto, e garantiria que ele entrasse no jogo. Não importa o que ele dissesse, se fosse preciso chantageá-lo para atingir seus objetivos, assim o faria.

Pobre, doce Alice. Uma ratinha assustada. Se não tomasse muito cuidado, acabaria se casando com o odioso sr. Bindley. Alice havia mostrado o homem para Matilda algumas semanas atrás e

o coração de Matilda apertou. Tinha um sexto sentido sobre os homens, e seus instintos diziam que Bindley era uma cobra, do tipo que intimida aqueles sobre quem ele tem poder.

A pequena Alice não teria chance.

Bem, seu próprio futuro podia estar em ruínas, mas ai de Matilda se permitisse que Alice entrasse num casamento ruim. A moça só precisava de confiança, isso era tudo. O tipo de confiança que poderia ganhar ao ouvir um homem bem apessoado dizer que era linda, desejável, que estava ardendo por ela. Um homem como o irmão de Matilda, por exemplo. Pois Alice era linda, e não entendia o poder que aquilo poderia lhe dar, se acreditasse em si mesma.

Matilda não se iludiria, Nate recusaria e ficaria furioso com a ideia, totalmente lunático, e depois Matilda o lembraria que lhe devia um favor e assim ele iria se render. Ele sentia muita culpa, e por esse motivo que nunca a usara contra ele.

Sabia que usá-la agora era desleal, mas ela nunca havia feito essa jogada antes, nem o faria agora se não fosse por algo que quisesse tanto. O motivo, não sabia. Apenas que a felicidade de Alice se tornou importante para ela. A felicidade de todas as amigas. As Senhoritas Peculiares era seu refúgio, um foco na sua vida que já parecia estar cheia de arrependimentos. Matilda não veria suas amigas se arrependerem como ela. Elas mereciam algo melhor. Melhorariam se ela tivesse algo a ver com isso. Ela as orientaria, instruiria e aconselharia da melhor forma que pudesse. Arranjaria para que todas se casassem e fossem felizes, assim talvez sua vida se tornasse menos vazia.

Além disso, Nate precisava de uma esposa.

Um sorriso curvou-se sobre sua boca com a ideia de Nate e Alice. Nate não enxergaria assim de primeira. Poderia estar enganada, é claro, mas...

Algo lhe dizia que Alice era uma caixinha cheia de surpresas. De vez em quando, via uma faísca nos olhos dela, algo quente e feroz como aquele cabelo ruivo que ela sempre arrumava para trás num estilo tão inconveniente e infantil. Alice só precisava de coragem para deixar essa faísca arder como suas mechas ardentes.

Um sujeito bonito como seu irmão, bem... talvez ele pudesse fornecer a isca? Embora Nate preferisse morrer antes de admitir, seu estilo de vida atual nunca foi o que ele desejava. Antes que o mundo desmoronasse, Matilda sabia que Nate se casaria com uma moça boa, se estabeleceria e formaria uma família. Ele era adequado para isso e, ao contrário de muitos dos seus amigos, nunca tentara escapar do seu destino. Ele aceitaria de bom grado.

Mas depois que seu pai desperdiçou sua fortuna e seu futuro, tudo mudou. Nate tinha mudado. Ficou mais severo, mais frio, forçado a esconder seus sentimentos num lugar sombrio onde não pudessem incomodá-lo, não tão obviamente, pelo menos. Ele se tornara o epítome do belo jovem canalha, e muitos jovens se esforçaram ao máximo para imitar sua graça indiferente e atitude diabólica. No entanto, Matilda tinha certeza de que o Nate que conhecia ainda estava lá, ainda queria um lar, uma esposa e uma família. Se ao menos ele reconhecesse isso.

Uma vida assim seria melhor para ele do que a vida que levava atualmente, isso era certo. Além disso, nunca havia tentado fazer o papel de casamenteira antes e, se quisesse garantir que todas as suas amigas estivessem devidamente estabelecidas, poderia muito bem começar com seu irmão. Afinal, sua própria vida não teria tal romance, então o mínimo que podia fazer era manobrar os outros para que conseguissem seus "*felizes para sempre*".

Matilda levantou os olhos quando o homem em questão entrou na sala.

— Boa tarde, Tilda — ele a cumprimentou com um sorriso torto antes de ir direto para a licoreira que havia sido deixada pronta para ele.

— Pelo amor de Deus, Nate — ela disse com reprovação. — Não consegue passar pela porta

primeiro antes de se servir uma bebida?

— Estou do lado de dentro! — Ele exclamou, apontando para a sala à sua volta. — Ou estou enganado e este é o jardim? Está um pouco frio.

Acenou com a cabeça para a janela aberta e Matilda revirou os olhos para ele.

— Está sufocante aqui dentro, como bem sabe. A cidade inteira está sufocante — ela acrescentou, balançando um delicado leque pintado à mão com mais vigor do que seu estilo discreto habitual permitiria. Afinal, era apenas seu irmão. Matilda olhou para a sala moderna – sem nada fora do lugar, sem sinais de desgaste ou velho – e uma saudade da casa onde passou a infância no campo esfaqueou seu coração. Fez com que ele esquecesse disso, não fazia sentido chorar por isso agora. O lugar havia sido vendido há muito tempo para cobrir as dívidas do pai.

— Ah, bem, isso explica a minha sede devastadora — respondeu o irmão enquanto erguia o copo para dar um grande gole. Com um suspiro de satisfação, atravessou a sala para ficar ao lado dela na janela e obedientemente deu um beijo na sua bochecha. — O que a está afligindo, irmã? — Perguntou, lançando um olhar que ela conhecia bem. Ele a conhecia muito bem.

Matilda deu uma bufada de um aborrecimento que na verdade não sentia. Esse era o problema com Nate. Era tão difícil ficar zangado com ele. Era alto, grande e loiro e seus olhos eram azuis cintilantes, era uma figura elegante. Acrescente uma abundância de charme e um sorriso diabólico, e ele poderia ter a maioria das mulheres comendo na palma da sua mão em pouco tempo. Matilda era imune aos charmes daquela natureza, pois era irmã dele e conhecia todos os seus piores traços, mas ainda assim, nunca foi fácil repreendê-lo quando parecia um cordeirinho.

— Está bebendo demais, não dorme bem e anda em más companhias — ela disse enquanto cruzava os braços sentindo-se como o pior tipo de pessoa, mas alguém tinha que lhe dizer aquilo.

— Ah, a vida de um proprietário de clube de jogos — ele respondeu com um encolher de ombros indiferente.

Matilda respirou fundo e balançou a cabeça. Não valia a pena protestar. Não faria diferença, e ele tinha razão. De que outra forma deveria viver, dadas as circunstâncias? Isso queria dizer que as circunstâncias precisavam mudar antes que ele mudasse, o que a levou de volta ao ponto em questão.

— Eu quero que faça algo por mim...

Sempre era melhor atacar Nate de frente. Ele era uma pessoa muito direta para lidar com sutilezas e subterfúgios.

— É claro, Tilda. Diga — ele disse, sentando-se ao lado da lareira apagada. Ele franziu a testa para a lareira. — Nunca é a mesma coisa sem o fogo aceso, não é? Não é tão acolhedor.

Matilda revirou os olhos. — Estamos no meio de junho — ela apontou, apesar de ter observado a mesma coisa.

— Do que precisa? — Ele perguntou, voltando à conversa. — Um vestido novo? Chapéus? Ou é decoração? Certamente já decorou todos os cômodos da casa, duas vezes, na verdade.

Matilda sentiu uma pontada de culpa por esse desastre, mas negou-se ficar irritada, sabendo que ele a estava provocando. — Sabe muito bem que só decorei a sala duas vezes, e isso porque a cor das cortinas não era a que pedi. Tive que redecorar a sala inteira para combinar. Foi muito enervante.

Nate emitiu um som suave que pode ter sido de diversão ou possivelmente incredulidade. Matilda ignorou.

— Muito bem. Não é vestido, nem joias ou decoração. Um cavalo? — Ele sugeriu.

— Oh, pare com isso, Nate. Estou falando sério. Quero falar contigo — ela se sentou na cadeira à frente dele enquanto ele mordia os lábios.

— Cavalos são um negócio sério, Tilda — ele disse com reprovação. — Nem pense em comprar um antes que eu o revise. Não aceito que lhe vendam um animal em péssimo estado. Eu tenho uma reputação a zelar.

— Quanto menos falar sobre sua reputação, melhor — Matilda disse, arrependendo-se imediatamente da acidez da sua voz e da culpa em seu rosto. Ela suspirou. — Não quero que me compre nada, Nate. Preciso que faça algo por mim. Isso vai tomar apenas alguns minutos do seu tempo, mas é muito importante para mim.

Os olhos de Nate se estreitaram e ele a estudou, girando o líquido do copo para frente e para trás.

— Um favor, então — ele disse e ela pôde ouvir a suspeita por trás da observação.

Bem, não fazia sentido prevaricar.

— Sim, um favor. Lembra que contei sobre minhas amigas e os desafios que elas fizeram?

Nate bufou e balançou a cabeça. Matilda fez uma careta para ele.

— Bem, se lembra que eu te falei sobre a Alice? Ela é uma moça doce, bonita, uma boneca, mas terrivelmente tímida. O tempo dela está se esgotando, Nate e... Oh, eu apenas quero que ela cumpra o desafio. Sei que é bobagem, mas acho que isso daria mais confiança a ela, acenderia um pouco o fogo no sangue dela.

Os olhos do seu irmão escureceram, e Matilda pôde ver a figura do qual os outros falavam, aquela que ela raramente via. Nathaniel Hunt era um homem cruel nos negócios, cortava créditos de duques e condes se tivesse a menor ideia de que eles não poderiam pagar. Ninguém o fazia de idiota e nem se aproveitavam dele... exceto sua irmã.

— E o quê que isso tem a ver comigo? —, Ele exigiu saber.

— Irá ajudá-la — Matilda disse, erguendo o queixo e segurando o olhar dele. Seus olhos azuis estavam cristalinos, brilhando cheios de indignação.

— O diabo que vou! — Ele exclamou e se levantou. — Essa é uma armadilha perfeita para me prender em casamento.

Matilda suspirou, ciente dos pensamentos de Nate sobre esse assunto em particular. Se pareciam com os seus pensamentos sobre se levantar antes do meio-dia com uma ressaca. Pelo menos essa foi a impressão que causou, como qualquer libertino que se preze. Como sua irmã, no entanto, ela tinha certeza de que sabia melhor. Esperava que sim.

— Ela não pretende se casar contigo, te asseguro. Ela está praticamente noiva do sr. Bindley, contra sua vontade, é claro, ele é uma criatura repulsiva e... ora, caramba, Nate. Não posso condená-la a passar o resto da sua vida com pessoas como Bindley sem, no mínimo, concluir seu desafio. Por que se importa? É só um beijo e nada mais.

Nate bufou e retornou um olhar sombrio. — Nunca é apenas um beijo e nada mais.

— Nunca vou saber — Matilda respondeu, odiando o tom azedo da sua voz antes que pudesse evitá-lo.

Seu irmão se encolheu e em seguida houve um silêncio ensurdecedor.

— Bindley? — Ele disse, franzindo um pouco a testa.

— O conhece? — Matilda perguntou, animando-se. Nate tinha se tornado um homem muito poderoso, não apenas por causa das dívidas que detinha sobre muitos dos nomes mais ilustres da alta sociedade, mas também por causa das fofocas e informações que circulavam pelo clube. Se tivesse algo sobre Bindley, algo que o tornasse menos prospectivo para os pais de Alice...

Nate balançou a cabeça negativamente. — Não. O nome apenas me parece familiar.

— Ele é o filho mais novo do Conde de Ulceby.

— Ulceby? — Ele repetiu, franzindo o nariz. — Por Deus, se ele for parecido com o pai, tenho

pena da moça.

— Eu também! — Matilda exclamou, frustrada. — É por isso que me escoltará para o baile dos Ransom amanhã à noite. Se encontrará com a Alice num terraço iluminado pela lua, dirá algumas palavras bonitas e depois vai beijá-la.

— Maldição que farei isso! — Nate explodiu, se levantando para completar o copo de bebida. — Está louca se acha que eu concordaria com isso.

— Ora, pelo amor de Deus — Matilda gritou de volta, exasperada. — Não estou pedindo para espetar alfinetes nos olhos. Não é como se ela não fosse atraente, ela é bem bonita. Com certeza vai gostar muito ou desistiu completamente das mulheres? Sua reputação sugere o contrário.

Nate olhou para ela com raiva.

— Eu não saio por aí beijando inocentes em varandas, Tilda. Não sei que tipo de homem pensa que sou.

— Oh, sim — Matilda disse, interrompendo-o e zombando um pouco. — O pouco carinho que te resta em está reservado para cantoras de ópera, ou foi uma dançarina nesta última semana? Eu me esqueci.

— Matilda — alarmou Nate, sua voz num tom de aviso de modo que ela não podia ignorar.

— Não, Nathaniel. Raramente peço qualquer coisa, como bem sabe, mas estou te pedindo isso — um fio de raiva atou as palavras, puxando-as com força. — Eu entendo que ache isso uma coisa boba, mas é algo importante para mim. Quero que Alice seja feliz, ou pelo menos tenha o mínimo de arrependimento possível.

Nate ficou parado e naquele momento ela sabia que o tinha.

Ao contrário de mim, foi o que ela não disse. Não precisava.

Matilda suspirou. — Por favor, Nate — ela disse suavemente, aproximando-se dele e colocando a mão no seu braço. — É apenas por alguns minutos. Basta ser encantador, fazê-la se sentir bonita, desejada, fazer uma cena romântica. Apenas um beijo, só isso. Ficarei de guarda e garantir que ninguém os interrompa para que não haja perigo.

Ela sentiu os músculos do braço dele ficarem rígidos de tensão. Ele estava odiando isso, estava furioso por sentir que não podia recusar. Talvez devesse se sentir culpada por manipulá-lo, mas ela mudou demais ao longo dos anos. Seu coração também estava mais severo.

— E se ela me reconhecer? — Ele perguntou, seu descontentamento era óbvio. — Não se sentirá humilhada quando descobrir que o seu irmão foi forçado a conhecê-la?

Matilda balançou a cabeça em negativa. — Ela nunca te viu antes, e vai estar escuro, exceto pelo luar. Com o horário que mantém, é improvável que a encontre novamente em breve. Além disso — ela acrescentou sorrindo, — se ela descobrir, vou dizer que não precisou ser persuadido. Na verdade, aproveitou a oportunidade. Não seria tão difícil de acreditar, seria?

— Naturalmente — disse Nate. Havia algo em seus olhos, algo sensível e machucado. Ele se afastou dela.

Tardiamente, uma pontada de culpa atingiu seu coração por usar seu irmão, mas não havia mais ninguém em quem confiasse.

— Eu só quero que ela seja feliz, Nate, é só isso.

Havia mais emoção naquelas palavras do que pretendera mostrar. Apesar de todas as suas ideias para chantageá-lo, não pretendia sobrecarregá-lo com sua infelicidade. De fato, se esforçava para parecer feliz e animada, tudo o que sempre fora antes... antes que seu pai, seu irmão e o marquês de Montagu tivessem roubado seu futuro.

— Eu sei, Tilda — disse Nate, virando-se para olhá-la, sua boca se curvando um pouco num sorriso torto. — Está bem — disse ele com um suspiro, claramente infeliz, mas resignado. —

Sua Alice terá seu beijo ao luar, tem a minha palavra, mas é melhor ficar com olhos bem abertos, pois não serei preso a um casamento. Nem mesmo por você.

Matilda segurou a língua, sabendo que ele nunca arruinaria Alice como ela fora arruinada, não importava o quanto desprezasse a ideia. Em vez disso, soltou uma gargalhada e assentiu.

— Justo — ela foi até ele e beijou sua bochecha. — Melhor dos irmãos.

Nate deu uma gargalhada por isso.

— Fui exagerada? — Ela perguntou, sorrindo um pouco.

— Muito, muito exagerada — ele concordou.

Sobre Autora



Pela autora:

Comecei essa incrível jornada em 2010 com *A chave para o Erebus*, mas não tive coragem de publicá-lo até outubro de 2012. Para quem já passou por isso sabe que publicar seu primeiro trabalho é uma coisa assustadora. Ainda fico nervosa quando um novo trabalho é lançado, mas, agora esse terror diminuiu um pouco. Hoje o meu pavor é quando minhas filhas tiverem idade o suficiente para lê-los.

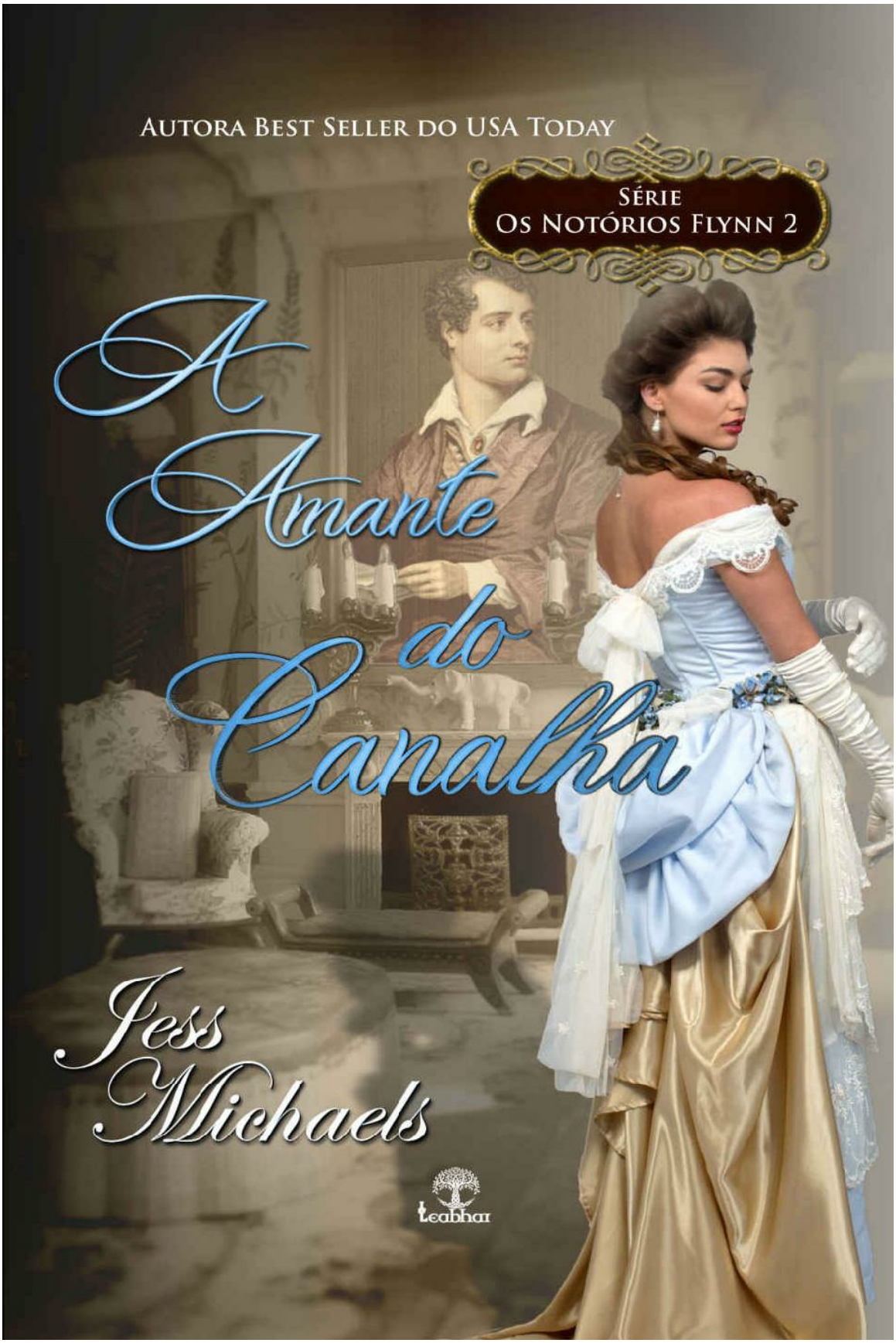
Que horror! (para ambas as partes, suponho)

2017 marcou o ano em que fiz minha primeira incursão em Romance Histórico e no mundo do Romance da Era Regencial, e meu Deus, que ano! Fiquei encantada com a resposta a esta série e

mal posso esperar para adicionar mais títulos Sou muito influenciada pelo belo interior da França onde vivo. Apesar de ser nascida e criada na Inglaterra, moro no sudoeste francês há vinte anos. Minhas três filhas lindas são todas bilíngues e a mais nova, de apenas seis anos, está mostrando sinais de seguir os meus passos após produzir *The Lonely Princess* totalmente sozinha.

Um passarinho me disse que o livro dois estará disponível em breve...

Próximo lançamento


AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY
SÉRIE
OS NOTÓRIOS FLYNN 2
A Amante do Canalha
Jess Michaels
Leabhar

Jess Michaels

9786599019869

Adquira aqui

Um romance histórico HOT da autora Best-seller do USA TODAY, Jess Michaels

Annabelle Flynn é a irmã dos dois maiores libertinos de Londres, e sua reação a isso, foi tornar-se a imagem da pureza. Mas não perdeu a natureza sensual de sua família e é perturbada por impulsos que não ousa seguir.

Ela ignora as demandas de seu corpo e, em vez disso, se lança em duas atividades diferentes: Buscar um casamento adequado na Sociedade e tentar salvar seu irmão libertino, seguindo-o até *Donville Masquerade*, um chocante inferninho e casa de jogos dirigido pelo misterioso Marcus Rivers.

Durante o dia, Annabelle é uma elegante dama e procura um marido sério para combater a reputação selvagem de seus irmãos. À noite, ela se infiltra nos negócios de Marcus... e, eventualmente, se vê seduzida na cama dele.

Mas uma dama não muito adequada e um canalha totalmente inadequado podem encontrar algo em comum fora do quarto? E Annabelle estará disposta a trocar paixão por "perfeição" fria e calculada?

Duração: Romance completo

Nível de sensualidade: HOT e erótico

Este livro pode ser lido como um romance independente, mas faz parte de uma série (The Notorious Flynns).

Adquira aqui

Conheça outros Títulos da editora



Caroline Mickelson

9786599019883

Adquira aqui

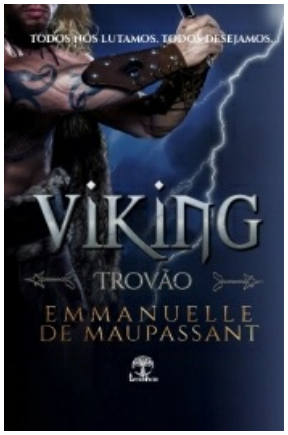
Londres - 1940

Enquanto as bombas alemãs caem sobre a cidade de Londres, Emma Bradley arruma apressadamente uma mala, embala o filho recém-nascido nos braços e embarca em um trem com duas crianças refugiadas que concordou acompanhar em troca de um emprego no sul de Londres, Inglaterra. Embora ela seja apenas uma das milhares que deixam a cidade, Emma está fugindo de mais do que os horrores da guerra. Seu maior medo é que o pai de seu filho a encontre e se vingue pelo que roubou dele.

O renomado pianista holandês Andrej Van der Hoosen é um homem que preza sua privacidade acima de tudo. Sua riqueza e privilégio lhe deram o luxo de evitar estar perto de crianças por causa de uma dolorosa perda em seu próprio passado. Então, quando ele conhece a mulher e as crianças com quem vai morar durante a guerra, fica instantaneamente em guarda. As crianças são barulhentas e cheias de vida, a casa de campo em que foi designada para viverem é pequena, e ele acaba intrigado com o segredo que Emma está claramente tentando esconder.

Apesar da relutância em confiar um no outro, Emma e Andrej logo se vêem unidos em um mundo dilacerado pela guerra.

Adquira aqui



Emmanuele de Maupassant

9786599019814

Adquira aqui

Capturada. Seduzida. Desejada.

À mercê de um bando de vikings selvagens, liderado por um formidável guerreiro. Mantida em cativeiro contra sua vontade.

Pela primeira vez, a força de vontade de um homem corresponde à de Elswyth.

Sob o domínio de seu cruel captor, Elswyth descobre que o desejo de um viking não deve ser negado.

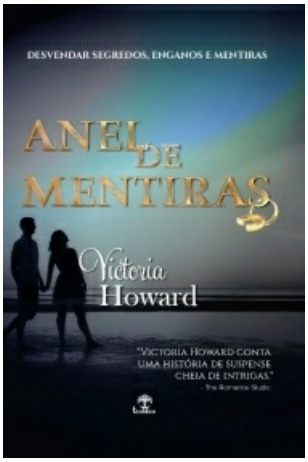
Ela será forte o suficiente para estabelecer seus próprios termos com o homem que deseja dominá-la, ou estará destinada a entregar tudo, inclusive o coração?

Descubra o desejo ardente e a paixão brutal, em um mundo ameaçado por ambição, ciúme e vingança.

Nível de calor: vulcânico

Viking Trovão é o prequel da série dark Guerreiros Vikings.

Adquira aqui



Victoria Howard

9786599019838

Adquira aqui

Quando o contador inglês Daniel Elliott morre em um acidente de carro em uma noite chuvosa, sua viúva, Grace, é tomada de tristeza ... e pânico. Daniel era controlador e o casamento deles sem amor, mas sempre cuidou da proteção de Grace.

Ou assim ela pensava.

Ela logo descobre que Daniel guardava segredos: um pseudônimo, laços com a máfia, uma lista de números, uma misteriosa casa de praia na Flórida ... e uma namorada que se parece com Grace.

Engolindo seu medo, ela voa para Miami para reivindicar a casa que Daniel deixou. Mas o preço de sua curiosidade é perigoso. Figuras do submundo a perseguem. A outra mulher deixa um rastro condenável de evidências apontando para ela. E bonito e problemático agente do FBI, Jack West, já se cruzou com Grace antes. Ele poderia ser seu salvador ou sua condenação. Tudo o que ela sabe com certeza é que deseja estar em seus braços.

Com pouco para continuar e correndo perigo a todo momento, Grace deve depender de Jack para ajudá-la a percorrer o mundo criminoso do sul da Flórida e encontrar a verdade por trás do Anel de Mentiras.

Adquira aqui



Elizabeth Johns

9786580754090

Adquira aqui

Rhys Godfrey, Lorde Vernon, e Lady Beatrice Chalcroft, filha do Duque de Loring, haviam sido prometidos desde a infância em um acordo feito por seus pais.

Ao contrário da maioria dos casamentos arranjados, Vernon amara Beatrice desde a primeira vez que a viu. Na temporada em que deveriam se casar, o relacionamento foi rompido por ciúme e orgulho.

Beatrice foi enviada para longe de casa com intuito de que reformasse seu comportamento maldoso, e Vernon, magoado, resolveu abandonar o amor.

Lorde Vernon decide seguir em frente com um casamento de conveniência e sem emoção.

Lady Beatrice se vê reduzida da filha de um duque a uma vida de serviço na Escócia, tendo que aprender os caminhos dos menos privilegiados.

Os dois irão se reencontrar? Ou Vernon escolherá outra noiva antes disso? Beatrice será capaz de se humilhar e parar de ser rabugenta e mimada?

Adquira aqui



Maggi Andersen

9786580754083

Adquira aqui

Um romance gótico vitoriano ***Uma nuvem escura paira sobre Wolfram, a antiga abadia que Laura chama de seu novo lar. Ela poderia confiar no homem misterioso com quem se casou?***

Depois de um namoro relâmpago, Laura Parr se casa com um Barão, lorde Nathaniel Lanyon, que a leva para morar em sua antiga casa no sul da Inglaterra. Laura chega à Cornualha animada para começar a vida com o homem ardente com quem se casou. Mas segredos espreitam nas sombras. A morte da primeira esposa de Nathaniel nunca foi resolvida e alguns moradores acreditam que ele foi o responsável. Lutando para entender seu novo marido, Laura tenta descobrir a verdade. A cada nova descoberta, ela se aproxima do perigo.

Lorde Nathaniel Lanyon decidiu nunca mais se casar. Mas, quando conhece a Srta. Laura Parr, filha de Sir Edmund Parr, numa tarde chuvosa, percebe quase imediatamente que tem que tê-la em sua vida. E a única maneira de poder fazer isso, era se casando com ela.

Nathaniel acredita que seu passado conturbado ficara para trás e que poderá oferecer uma boa vida a Laura em Wolfram, mesmo que ele nunca possa lhe oferecer seu coração. Mas assim que passam a morar na antiga abadia, o passado volta a assombrá-lo, revelando segredos que pensava terem sido enterrados para sempre. Enquanto tenta lutar contra as forças que o ameaçam, percebe que Laura, determinada, exigirá mais do que ele pode dar a ela.

"Um romance gótico no estilo clássico, a autora é uma mestra em criar uma atmosfera sinistra e personagens multifacetados." ***Coffee Time Romance e muito mais.***

"O enredo é interessante e o mistério adicionado me manteve fascinado. O romance me fez pensar até o fim." ***The Romance Studios****.*

"Foi difícil largar a história, pois o mistério permaneceu fora de alcance, atraindo o leitor para além do enredo. [Isso] me manteve acordado até tarde da noite, seguindo o quebra-cabeça da Abadia de Wolfram. Estou ansioso para ver mais de Maggi Andersen." ***Sirene Book Reviews****.*

Adquira aqui



Phillippa Nefri Clark

9786580754076

Adquira aqui

Thomas e Martha acreditavam que seu amor era invencível até que uma série devastadora de eventos os separou. Para seu encontro final, eles prometeram se reunir no cais onde se conheceram.

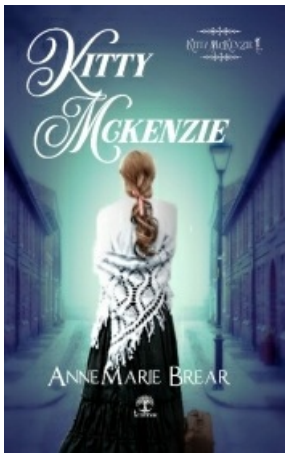
Cinquenta anos depois, Christie Ryan herda uma casa de campo em ruínas em uma cidade litorânea da qual nunca ouviu falar. Com a descoberta de um mistério comovente, se torna obcecada para desvendar velhos segredos de família.

O artista recluso Martin Blake cresceu com seu avô depois de perder os pais. A chegada em sua cidade de uma garota da metrópole com uma conexão para o passado desafia tudo o que ele sabe sobre si mesmo.

Em lados opostos de um mistério, dois estranhos têm algo em comum e correm o risco de ver seus mundos seguros destruídos. Cinquenta anos de segredos estão prestes a ruir.

Uma história fascinante de amor perdido, coragem e redenção, e de como as consequências da manipulação de uma mulher se espalha por três gerações.

Adquira aqui



AnneMarie Brear

9786580754069

Adquira Aqui

1864

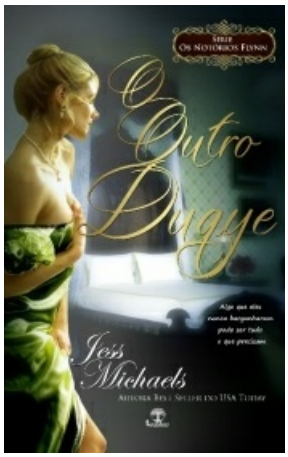
De repente, Kitty McKenzie é deixada como chefe da família e deverá encontrar sua força interior para mantê-la unida contra todas as probabilidades.

Despejada, após a morte de seus pais, de sua resplandecente residência na parte elegante de York, Kitty precisará combater o legado da falência e da falta de moradia para garantir um lar para ela e seus irmãos Com determinação e pura força de vontade, ela se agarra às oportunidades, desde trabalhar com roupas e barracas no mercado até abrir uma loja de chá para os ricos.

Seu caminho para a felicidade é repleto de obstáculos, dificuldades e desespero, mas Kitty se recusa a deixar morrer seu sonho de uma vida melhor para sua família.

Ela logo descobre que amor e lealdade trazem sua própria recompensa.

Adquira Aqui



Jess Michaels

9786580754038

Adquira Aqui

Durante anos, Serafina McPhee está comprometida a se casar o duque de Hartholm e, por quase o mesmo tempo, ela luta para encontrar uma maneira de sair desse noivado. Quando ele morre repentinamente, ela não chora, mas se emociona com a ideia de que estará livre. Infelizmente, os melhores planos dão errado quando o próximo na fila para o título, o primo do duque, Raphael "Rafe" Flynn, é forçado a assumir o compromisso. Mas Serafina conhece a reputação de Rafe como libertino e também não quer nada com ele, mesmo ele sendo devastadoramente bonito.

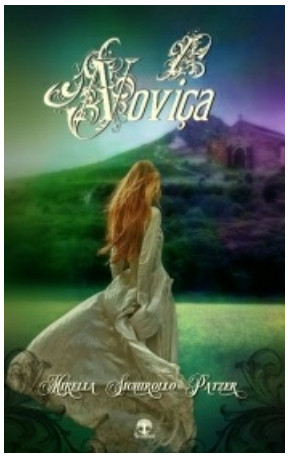
Ela lhe propõe um acordo: ela concorda com o casamento e fornece a Rafe seu herdeiro e um sobressalente. Depois que cumprir seu dever, ele a deixará ir.

Rafe está intrigado tanto por sua beleza quanto por seu total desgosto com a ideia de ser sua noiva. As mulheres normalmente caem aos seus pés, não o temem.

Como o casamento arranjado não é algo do qual Raphael "Rafe" Flynn possa escapar, ele concorda com os termos de Serafina McFhee.

Mas quando, na noite de núpcias, descobre a verdade sobre a tortura que ela sofreu nas mãos de seu antecessor, se vê impelido a não apenas cumprir sua barganha com sua nova esposa, mas a apresentá-la ao desejo. Enquanto eles se aproximam, se rendendo a prazeres perversos, emoções perigosas podem violar todos os acordos que fizeram.

Adquira Aqui



Mirella Sichirollo Patzer

9786580754021

Adquira Aqui

Uma mulher prestes a fazer seus votos religiosos.
Uma fuga desesperada de um massacre assassino.
Um homem vem em seu socorro.
Outro se torna seu inimigo e captor.
E uma busca mortal para se reunir com seu único amor verdadeiro.

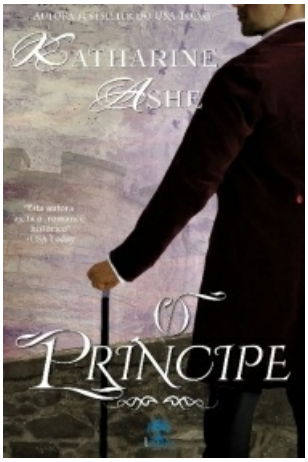
No século X em Nápoles, os sarracenos correm desenfreados, aniquilando aldeias, assassinando mulheres e crianças. Morte e desespero estão por toda parte. Sozinha no mundo, Sara é uma jovem noviça atormentada com dúvidas sobre os votos finais para se tornar freira. Quando seu convento é atacado, ela foge para salvar sua vida caindo direto nos braços de um grupo de sarracenos que a deixam para morrer sozinha na floresta.

Um Cavaleiro honorável chamado Nicolo vem em seu socorro e se oferece para levá-la em segurança para Nápoles. Enquanto viajam juntos, são irresistivelmente atraídos um pelo outro. Acreditando que Sara é freira, o honorável Nicolo está dividido entre o amor e o dever de respeitar seus votos. Desolado, ele faz o que a honra exige e a liberta antes que ela possa lhe dizer a verdade, de que ela não é freira.

Em sua busca de se reunir com Nicolo, ela encontra Umberto, um homem sombrio e perigoso que tem obsessão por possuí-la. Com seu intelecto afiado e seu coração, Sara deve confiar em sua própria coragem e força para escapar de seu agressor e encontrar o único homem que ela amará.

Uma história que brilha com intensidade, intriga e paixão.

Da autora do romance Órfã da Oliveira, grande sucesso internacional e nosso futuro lançamento **Adquira Aqui**



Katharine Ashe

9786580754014

Adquira aqui

A tentação de seus lábios...

Libby Shaw se recusa a aceitar os ditames da sociedade.

Ela está determinada a se tornar um membro do Royal College de Cirurgiões – uma Academia exclusivamente masculina de Edimburgo.

Disfarçando-se de homem, ela frequenta a sala de cirurgia e engana a todos - exceto o homem que nunca esqueceu a forma de seus lábios deliciosamente sensuais.

...fará um príncipe dizer sim a todos os seus desejos.

Forçado a deixar sua casa quando menino, o famoso retratista Ziyaeddin é secretamente o príncipe exilado de um reino distante.

Desde que conheceu Libby, memorizou todos os detalhes de seu rosto e desenhou-a. Mas seus lábios perfeitos deram trabalho a ele - aqueles mesmos lábios que agora deseja beijar.

Quando Libby pede sua ajuda para esconder sua identidade feminina do mundo, Ziyaeddin concorda com uma condição: Deveria posar para que ele a pintasse - como uma mulher.

Mas esse esquema ousado poderia fazer com que ambos fossem arremessados ao perigo... e a um amor inigualável.

Adquira aqui



Kathleen McGurl

9876580754007

Adquira aqui

1829

O belo e bem-sucedido Henry Cavell, acaba de retornar à Inglaterra depois de servir ao exército na Índia, se instala na cidade de Worthing, em frente ao mar. Ele está de posse de um grande diamante, dado a ele na Índia, que promete dar à mulher que ama - quando encontrá-la.

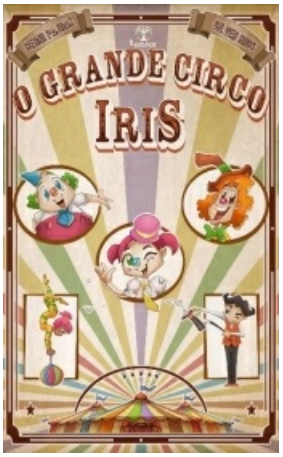
Jemima Brown, uma jovem de dezesseis anos e de bom coração, passa a trabalhar para ele como criada de serviços gerais. Quando o Sr. Cavell a defende das atenções indesejadas de alguns trabalhadores que prestavam serviços em sua casa, percebe imediatamente o quanto ele é íntegro e respeitável.

Mas foi Caroline Simpson, filha de um desses trabalhadores de Henry, quem chamou a atenção dele. Podia ser socialmente inferior, mas era bonita, sabia flertar e como usar seus encantos. Ela manipula Henry para que se case com ela, e apenas a fiel Jemima sabe que ele fora enganado.

Como Jemima poderia lutar contra seus sentimentos crescentes pelo Sr. Cavell, manter sua moral e permanecer no emprego, apesar do comportamento cada vez mais errático de sua patroa?

Adquira aqui

Título Infantil



Berni Pajdak e Silver Rios

9786580754052

Adquira aqui

Toni, o protagonista de O Grande Circo Iris é um garoto tímido, apaixonado e muito talentoso. Sua irmã Sara o apoia dia após dia e o encoraja em um momento oportuno, para que Toni realize um de seus grandes sonhos e possa se tornar o protagonista de uma performance de circo. O Grande Circo Iris é uma história infantil que exala humor, sensibilidade e respeito que aborda sutilmente o problema da deficiência infantil. É um livro dedicado a crianças com diversidade funcional, a seus irmãos, que os apoiam dia após dia e a seus pais, que às vezes não têm em casa as ferramentas necessárias para trabalhar com seus filhos, emocional e fisicamente frágeis.

Adquira aqui

Thaig Books



Gilberto Nascimento

B085B9F38W

Adquira Aqui

Em 23 de maio de 1848, uma carta anônima é enviada ao Delegado com a informação de uma mulher mantida presa por 15 anos por sua mãe, em um sótão sórdido, entre o lixo e vermes.

Mariana tinha sua vida planejada, se casar, escrever um livro e ter uma família. Até que um homem inesperado muda o rumo de todo seu destino.

Miguel, um jovem de classe média se apaixona perdidamente por Mariana, mas a mãe da jovem, que é conhecida em toda cidade, proíbe esse romance, que ao ver a desobediência de sua filha descarrega sua ira sobre ela, lhe causando muitas dores, lágrimas, perdas e medos constantes.

Após uma breve fuga, Mariana é forçada renunciar ao seu amor. Sem medir esforços, Constância chegará ao extremo para manter seu nome e seus méritos na sociedade. Até mesmo retirar seu neto das entranhas da filha.

A jovem antes cheia de vida e sonhos só podia desejar a morte, sem conseguir sobreviver ao caos que seus dias se transformaram após ser trancafiada no sótão pela própria mãe, desejava paz para seus dias solitários e sem esperança... Durante 15 anos.

Adquira Aqui

Informações Leabhar Books®



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books®